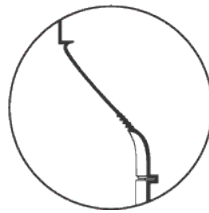


FAUP

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Ano 2013 2014

Orientador
Prof. Rui Braz Afonso

Territórios Paralelos

Os espaços residuais da Area Urbana do Porto

Estudante
Nicolò Zingoni

Abstract

The thesis concerns residual spaces: those spaces that are discarded, which are not in actual use and are characterised by an absence of meaning and as a consequence are not considered as relevant. Having said that, these places that have suffered the consequence of time, which are the result of various transformations and bare the evidence of their history, they can still become substance for new projects. Based on a careful study of the existing literature, this research is structured in three main axes.

1 Contemporary context

Attention is spent on understanding how the territory in which we live transforms as well as on how the latter influence the city and its inhabitants. In understanding the relation between three apparently separate sets, such as cities, territory and landscape, through the following analysis we intend to identify the directions in which they evolve, examining the on-going fragmentation that is inherent in them. This process of fragmentation leads consequently to the increase of residual waste in the urban area. Ultimately, we justify how fragmentation and utilisation of the ground could be reabsorbed in order to create coherently a unique and cohesive space.

2. The residue

From an etymological standpoint, we shall define what it represents and thus outline the characteristics of the residue in order to locate and to understand its different forms; distinguish the residue from what it is not, i.e. emptiness and ruin; understand the effects of time on the material. The present research concludes with a typological analysis on the nature of the residue, putting together sets of similar waste, discarded material and comparable (but always substantially different) elements. Waste indexing is preliminary instrumental in order to understand them, and therefor to control and use them as subject for new projects.

3 The project

Starting from the intrinsic meaning of the term “project”, we intend to develop a flexible methodology that will allow developing accordingly an integrated strategy based on the residue. Time and its influences on the various phases of project will be always taken in consideration. Moreover, complementary to the research on the topic, we shall examine temporary project and recycling practices in use. The present research ends with a project proposal for the urban area extending between the rivers Tinto and Torto including the adjacent space, in which we shall apply and verify the analysis developed so far.

Keywords

Incremental Urbanism | Image of the City | Fragment | Residue | Deambulation | Urban Regeneration | Porto - Campanhã

Resumo

Esta tese trata dos espaços residuais: os espaços do desperdício, restos, que não têm uma utilização em vigor, símbolos de uma ausência de sentido e portanto não são considerados relevantes. Estes lugares, que sofreram os efeitos do tempo, que são o resultado das várias transformações e trazem com eles o testemunho da sua história, podem voltar a ser o campo de projeto. Com base num estudo literário atento, a pesquisa é estruturada em três fases primordiais.

1. O contexto contemporâneo

A atenção está direcionada para a compreensão das transformações a que o território, em que vivemos, está sujeito, e apreender o que essas mutações envolvem para a cidade e seus habitantes. No entendimento da relação entre três conjuntos aparentemente distintos, como cidades, território e paisagem, pretende-se identificar as direções em que eles se desenvolvem, examinando a fragmentação contínua inerente a eles. Esta fragmentação conduz consequentemente ao aumento de resíduos, de restos na área urbana. Supõe-se que esta fragmentação do solo e de utilizações, pode ser reabsorvida pelos diferentes espaços de modo a criar um único e coeso sistema.

2. O resíduo

A partir do estudo etimológico da palavra, delinea-se as características do resíduo, a fim de entender e identificar as diferentes declinações do termo. Distingue-se o resíduo do que não é, como o vazio e a ruína. Compreender a ação do tempo sobre os materiais. Termina-se com uma pesquisa tipológica sobre a natureza do resíduo, constituem-se conjuntos de resíduos por similaridade, de elementos que podem ser reunidos mas nunca são iguais. A catalogação dos resíduos é um instrumento útil ao conhecimento, e ao controle e, portanto, há um possível projeto.

3. O projecto

Tomando o significado intrínseco da palavra projeto, pretende-se definir metodologias flexíveis de projeto, capazes de desenvolver estratégias para fazer do resíduo o seu campo de estudo. Sempre presente está o tema do tempo e a influência que isso implica nas várias fases de planeamento. Em seguida deseja-se examinar as práticas de projeto temporário e reciclagem, a fim de complementar a pesquisa sobre o tema. O trabalho termina com o projeto proposto na área urbana entre o interflúvio dos rios Tinto e Torto e o território adjacente, onde se aplica e se verifica a análise e as pesquisas feitas sobre o tema.

Palavras-chaves

Urbanismo Incremental | Imagem da Cidade | Fragmento | Resíduo | Deambulação | Regeneração Urbana | Porto - Campanhã

Conteúdos

08	Introdução
11	1. Paisagem Cidade Território
13	1.1 Uma nova escala
20	1.2 O individuo contemporâneo
23	1.3 A imagem da cidade
41	1.4 Cenários
47	2. Resíduo
49	2.1 Etimologia
55	2.2 Vazio Ruína Resíduo
65	2.3 Identificação
71	2.4 Catálogo Tipológico
145	3. Novas Terras
147	3.1 Projectar o resíduo
157	3.2 Reciclar
167	3.3 Práticas temporárias
177	3.4 Um projecto de Regeneração Urbana
251	Considerações finais de percurso e de perspectiva de trabalho
253	Referências

Introdução

O desperdício é inevitável, mas necessária é a consciência das ações que fazemos e as consequências que envolvem.

Quer-se entender o território em que vivemos percorrendo as diferentes camadas da cidade; questionar-se sobre todos aqueles espaços que têm mais relevância, que já não têm um uso.

“Non si voglio scoprire o scrivere nuove parole ma trovare nuove terre in quelle che ci sono già, leggendole come enunciati di costruzioni e processi.”

S. Marini, *Nuove terre. Architetture e paesaggi dello scarto*, Quodlibet Studio, Macerata 2010

Precisam-se entender as estratificações dos espços que articulam o nosso quotidiano; é necessário identificar os resíduos e determinar se esta condição esconde uma nova oportunidade. Devemos estar conscientes das mudanças que já ocorreram e aquelas em vigor na nossa sociedade e no nosso terriorio e as suas consequências, em seguida aprender a denominar as novas configurações urbanas e as articulações resultantes.

O objetivo é reivindicar os espaços que não têm mais valor, densificar o nosso território, interrompendo a sua fragmentação.

A vontade é a criação de novos métodos de projeto para a elaboração de estratégias capazes de dialogarem com o resíduo, em vez de excluí-lo a priori. A atenção deve ser colocada sobre todos os níveis do projeto. A integração dos diferentes elementos para formar um todo é necessária, a fim de evitar uma maior produção de resíduos.

Pela primeira vez, nós produzimos mais do que consumimos; um desperdício necessário na lógica de produção. A arquitetura e a indústria de construção não estão imunes a este processo. Desde a Segunda Guerra Mundial que construímos mais do que todas as gerações anteriores. O solo é consumido e está sujeito à especulação continua. Temos de parar este processo consumista, voltar a nossa atenção para novas terras nas que já existem.

O trabalho apresentado aqui ergue-se sobre uma visão de um mundo coeso, com base na colaboração entre indivíduos e respeito ao território em que se vive. O interesse da tese está em todos os espaços que parecem adquirir vida própria, esquecidos ou deliberadamente descartados; muitas vezes conotações negativas são atribuídas a estes espaços, também pelas atividades ilegais que aí ocorrem. Imaginamos esses resíduos escuros, sombrios, confusos, misteriosos, assustadores. Ao escrutinar esses espaços, temos medo de mergulhar

neles, embora ainda seja possível identificar a sua função anterior. Esquecemo-nos do seu passado; agora são um mundo aparte. Eles estão ao lado dos nossos edifícios, mas não podemos nem queremos entrar. Nós não somos capazes de lhes atribuir um nome. Não sabemos identificá-los. Somos forçados a usar adjetivos e conjuntos de palavras. Esses espaços constituem territórios paralelos.

Então, é necessário aprender a identificá-los.

Começamos por responder a uma pergunta: O que é um resíduo?

Identificam-se todos os espaços que podem ser revelados como resíduos. O estudo é prático; o trabalho passa por atravessar o espaço urbano. A partir daqui segue-se a formação de um catálogo tipológico, constantemente atualizado, a fim de fornecer um apoio concreto para o entendimento das várias interpretações possíveis do termo resíduo.

A arte é a primeira que se interessa por estes espaços. A curiosidade vence e leva o homem a descobrir esses lugares transitórios que já se tornaram outros. Estes espaços em constante mudança são vias para a imaginação artística. Da filosofia à literatura arquitectónica, nos últimos 40 anos estes espaços têm atraído cada vez mais a atenção geral, resultante de um estudo contínuo e consequente consciência sobre o território que nos rodeia, e sobre a evolução da cidade. A pesquisa etimológica representa a base sobre a qual são estruturados os textos aqui apresentados; referências de arte, arquitetura, filosofia..., acompanham a minha tese. São apresentados e interpretados materiais literários onde se examinam, estudam, e se debruçam sobre o significado do resíduo. Foram estudadas e tomadas como exemplo diferentes experiências de projeto arquitetónico e de investigação.

Desde a pesquisa sobre o significado das palavras, até à exposição dos vários lugares dos resíduos, a tese procede para a identificação de formas de projeto, com exemplos de experiências. A conclusão é a exposição de um projeto pessoal que pode representar um exemplo gráfico das teorias apresentadas.

O resíduo não é considerado como um problema a ser resolvido, tão só pelas suas conotações negativas.

O resíduo é interpretado como um potencial intrínseco ao nosso território, do qual somos inconscientes e não o queremos reconhecer.

Temos de voltar a estar interessados no nosso território, para cuidar dos nossos lugares.

Esta tese articula-se ao longo de um caminho que pretende levar o leitor a uma tomada de consciência da existência destes espaços marginais; quer-se chamar a atenção para estes fragmentos e fornecer ferramentas capazes de identificar para projetar a sua possível reutilização.

Não há uma única maneira de expor o tema.

As citações literárias são um exemplo de como existem várias visões relativas ao resíduo.

Deseja-se expor uma narrativa livre e plural que não siga apenas uma única direção.



1. Vista da Foz do Douro, Portugal

1. Paisagem Cidade Território

“Una grandissima parte di quello che noi chiamiamo naturale, non è; anzi è piuttosto artificiale: come a dire i campi lavorati, gli alberi e le altre piante educate e disposte in ordine, i fiumi stretti infra certi termini e indirizzati a certo corso, e cose simili, non hanno quello stato e quella sembianza che avrebbero naturalmente. In modo che la vista di ogni paese abitato da qualunque generazione di uomini civili, eziandio non considerando le città, e gli altri luoghi dove gli uomini si riducono a stare insieme; è cosa artificiata, e diversa da quella che sarebbe in natura.”

G. Leopardi, Operette morali, Elogio degli uccelli, Rizzoli, Milano 1994

Em 2006 a Convenção Internacional Europeia reformula o conceito de paisagem, e a sua definição passa a incluir tudo quanto se vê, incluindo as áreas de degradação.

O homem passa a fazer parte da paisagem, e torna-se o protagonista da experiência espacial, visto que a atividade humana, em muitos casos, afectou e modificou as dinâmicas da paisagem.

Hoje em dia, o tema da paisagem assume uma importância crescente sobre as reflexões acerca da sociedade e da cultura.

Esta consciência levou o projecto urbanístico a ter de se relacionar e comparar em campos múltiplos, ao fazer isso estabeleceu a necessidade de realizar abordagens multidisciplinares, onde os temas da paisagem se devem desenvolver em conjunto com as reflexões urbanas e territoriais e a projectação arquitectónica.

A separação entre o território, a paisagem e a cidade em três assuntos distintos e bem definidos é um pouco irrealista e improdutivo no contexto Europeu atual.



2. Vista do Território de Gaia, Portugal

1.1 Uma nova escala

Territorio é sinónimo de paisagem; eles são o resultado de vários processos espontâneos e construídos.

Em “*Walkscapes*”, o Francesco Careri leva-nos por um caminho que, no reformular experiências arqueológicas e atividades artísticas no tema da paisagem, representa a prática de caminhar como um verdadeiro manifesto.

Eu acho que o que está subjacente à prática de caminhar é a chave para manterem-se unidos temas aparentemente diferentes, quais a cidade, o territorio e a paisagem; porquanto por esta simples ação ocorreu (foram realizadas) as relações mais importantes que o homem estabelece com o território.

Apesar de hoje o ser humano poder permanecer sentado confortavelmente na cadeira e ao mesmo tempo estabelecer relações com a maior parte do globo, caminhar é a única prática que permite, ao homem, a expressão e a utilização de todos os sentidos, e a estes eu incluo a razão.

Caminhando o homem começa a construir o territorio que o rodeia e caminhar permite que o homem vivia no mundo.

“L’erranza come architettura del paesaggio, intendendo con il termine paesaggio l’azione di trasformazione simbolica, oltre che fisica, dello spazio antropico.”

F. Careri, *Walkscapes*. Camminare come pratica estetica, Einaudi, Torino 2006

Esta errância que constitui e articula o espaço está associada à imagem de um navio criativo que navega numa cidade líquida; uma cidade em que os espaços de permanência são as ilhas do grande mar que é o espaço de itinerância. O ir é representado como um grande vazio, onde é revelada a necessidade de pontos de referência, fora do céu. O Homem começa a ler, interpretar, e ocupar o território; e esse acto criativo dá forma à paisagem.

A paisagem entendida como a arquitetura do vácuo é uma invenção da civilização e da sua errância. É só nos últimos dez mil anos de vida sedentária que passamos desde a arquitetura do espaço vazio até a arquitetura do espaço preenchido.

Neste intervalo de tempo o território mudou e, devido a sua característica de espaço finito, foi estratificando.

“I paesaggi passano da una fruizione all’altra, vengono abbandonati, tornano a stati precedenti, e talvolta vengono cambiati in maniera irre recuperabile. I residui delle successive fasi di occupazione si accumulano e diventano parte della natura della terra.”

K. Lynch, *Deperire. Rifiuti e spreco nella vita di uomini e città*, Tradução de V. Andriello, Cuen, Napoli 1992.

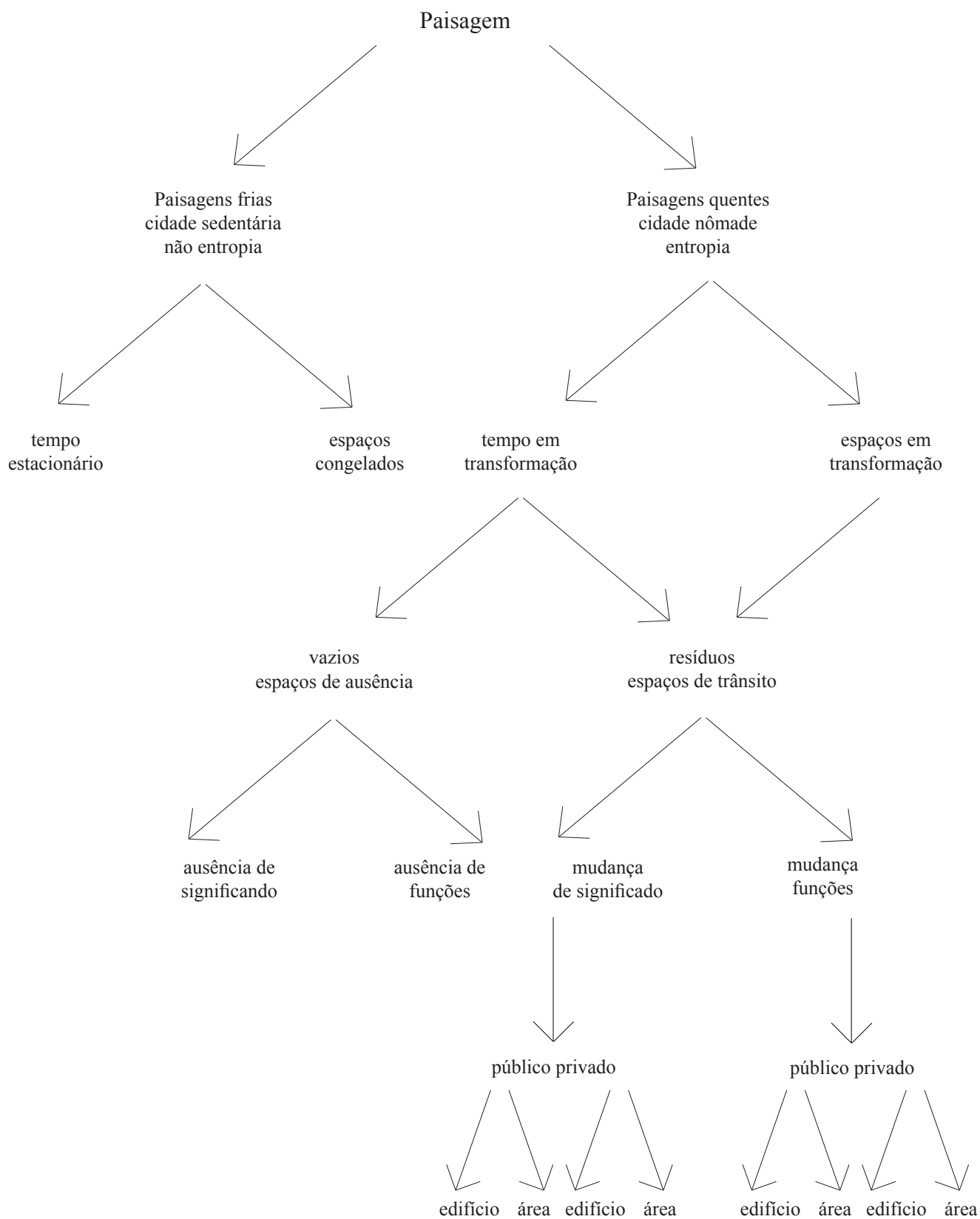


Diagrama interpretativo sobre o significado e as tipologias da paisagem

Experimentamos a interpretar o território como um palimpsesto, sobrecarregado com indícios de leituras passadas. Se começar a estudar, a escavar o espaço, o que se segue é uma semantização do território. Não há território sem imaginário do território. Por isso, não se compreende na sua totalidade, porque o território oferece apenas vistas parciais. A conclusão é a necessidade de conhecer a estratificação lenta que se estabeleceu; o interesse em como as pessoas vivem os espaços e as regras que se vão estabelecendo.

Só depois se pode trabalhar para a subtração das faixas anteriores e a adição de uma nova escrita que estabelece novos padrões.

“Costruire significa collaborare con la terra [...] contribuire a quella lenta trasformazione che è la vita stessa della città [...] Ricostruire significa collaborare con il tempo nel suo aspetto di “passato”. ”

M. Yourcenar, Memorie di Adriano, Tradução de L. Storoni Mazzolani, Einaudi, Torino 1981

A reflexão é sobre as regras que governam a construção de espaços; conhecendo as regras, pode-se compreender o significado das transformações e das mudanças em curso no território, prevendo a possibilidade da sua escrita; o projecto.

A organização da sociedade é um parâmetro de juízo e de medida do espaço e do tempo.

“Più l’organizzazione di una società è complessa, più è grande la quantità di entropia prodotta. Più una data struttura sarà prodotta, più sarà segnata dalla disintegrazione. Così le società primitive o fredde producono molta poca entropia; mentre le società calde ne generano una quantità enorme.”

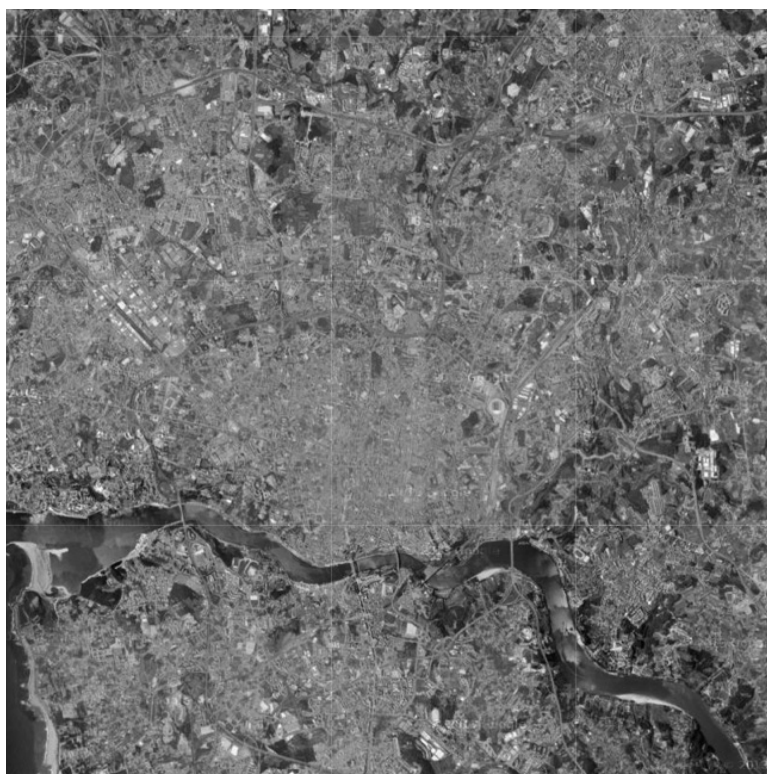
R. Smithson, Une retrospective. Le paysage entropique, Seuil 1993

O território quente é um espaço em que percebemos a natureza transitória da matéria, do tempo e do espaço, caracterizado pela presença de locais ambíguos, e antropogénicos que, escapando-se do controle humano passam a ser reabsorvidos pela natureza; resíduos.

Principalmente áreas marginalizadas, em suspensão, à espera de definição, são zonas no meio, zonas neutras, sem um papel, e constituem margens, ou seja, lugares onde as trocas são mais fortes e podem tirar proveito dos diferentes ambientes limítrofes.

Por quanto concreta e realista, esta visão permanece ligada a um ponto de vista exclusivamente colocado dentro da sociedade. Se a paisagem deixasse de ser vista como o resultado da atividade humana, se encontrar-se-ia imediatamente uma quantidade de espaços desprovidos de função difícil de denominar.

Este conjunto está localizado na borda.



3. Vista por satélite da Área Metropolitana Porto, Portugal

0 1km



4. Vista por satélite da Área metropolitana Mestre/Venezia, Veneto, Italia

0 1km



0 200m

5. Vista por satélite do Porto, Portugal



0 200m

6. Vista por satélite de Mestre, Veneto, Italia

“Dove i boschi si sfrangiano lungo le strade e i fiumi, nei recessi dimenticati dalle coltivazioni, là dove le macchine non passano. Copre superfici di dimensioni modeste, disperse, come gli angoli perduti di un campo; vaste e unitarie, come le torbiere, le lande e certe aree abbandonate in seguito ad una dismissione recente. Tra questi frammenti di paesaggio, nessuna somiglianza di forma. Un solo punto in comune: tutti costituiscono un territorio di rifugio della diversità. Ovunque, altrove, questa è scacciata.”

G. Clément, Manifesto del terzo paesaggio, Tradução de F. De Pieri, Quodlibet, Macerata 2005

No “*Manifesto del Terzo Paesaggio*”, o Gilles Clément não cede à simplicidade e banalidade do contraste entre cidade e paisagem, mas articula uma cuidada e direcionada relação entre os espaços geridos e os espaços não geridos pelo homem. Lugares de natureza diferente, primários e secundários, construídos e não construídos, são analisados nas suas relações mútuas, como partes de um todo.

Nos territórios contemporâneos é cada vez mais difícil traçar e determinar a distinção entre cidade e cidade. Ainda podemos definir-nos cidadãos?

Eu sou da opinião de que deixámos de habitar a cidade; a terra é a nossa casa. À medida que a paisagem eo território parecem estar a ser sinónimo, o tema da paisagem está a formar mais presente nas questões sociais e culturais das políticas nacionais. Mas os aspectos técnicos da legislação são secundários se não forem acompanhados da identificação de instrumentos culturais capazes de produzir estratégias para a gestão do território. A cultura é identidade e memória, metrônomo e garante da qualidade de vida; não é um resultado final, mas é dinâmica, e desenvolve-se. O espaço cultural é a paisagem, a partir do qual se pode inserir o que está escrito.

Assim, tendo a paisagem como espaço, e a cultura como identidade; então, se uma se transforma, a outra também.

Qual é a cultura contemporânea?

Se o consumismo é a resposta, também significa que o território é sujeito a este sistema?

Pode ser que a dificuldade em decifrar os limites entre a paisagem e o território da cidade seja encontrada nestas questões anteriores?

Não há dúvida que o território sofreu uma transformação rápida.

A paisagem é um sistema composto por tonalidades e cada espaço da nossa vida está sujeito no processo de trabalho e estudo da paisagem. É a expressão de um sistema de fluxo e de relações, em que desaparece a fronteira entre o sujeito e o contorno e não é possível reconhecer os limites da escada, entre as margens de trabalho. Inspirar-se do ordinário e, ao mesmo tempo pensar sobre o pequeno, o micro.

“Il paesaggio è una scena “non fissa”, a più sfumature, è un’immagine dal contorno incerto, contesa tra ambiti disciplinari;

la sua proiezione da un punto fisso non ci restituisce un'immagine 'pietrificata', ma un'immagine in movimento, una sequenza pari a quella che noi percepiamo nelle nostre percorrenze. Inoltre la velocità con cui attraversiamo la città contemporanea ha trasformato il paesaggio urbano in una vertiginosa mescolanza di sequenze, frammenti di realtà scomposti e ricomposti in caleidoscopiche visioni, che assumono e mutano di senso in relazione a logiche combinatorie di percorsi.”

V. M. Ardita, Nuovi scenari di progetto/nuovi luoghi per la città contemporanea, Università degli Studi di Catania, 2004

Os diferentes modos de distâncias tecnológicas deformam o espaço e o tempo, os tamanhos são reduzidos, os pontos de partida e de chegada estão próximos; existe uma nova paisagem.

Um território antrópicas, uma paisagem fragmentada.

1.2 O indivíduo contemporâneo

Vivemos num conjunto de relações.

“Viviamo nell’epoca del simultaneo, nell’epoca della giustapposizione, nell’epoca del vicino e del lontano, del fianco a fianco, del disperso. Viviamo in un momento in cui il mondo si sperimenta, credo, più che come un grande percorso che si sviluppa nel tempo, come un reticolo che incrocia dei punti e che intreccia la sua matassa.”

M. Foucault, Eterotopia. Luoghi e non-luoghi metropolitani, Millepiani, Milano 1994

Vivemos em uma época de crise; crise econômica, crise política, crise social; a crise do indivíduo.

O mundo ocidental passou por várias crises e de cada uma saiu mudado e diferente ficou também a cidade: na estrutura espacial, no seu papel, na sua imagem e no seu modo funcional.

No centro da escala desta crise estão as desigualdades: a cobiça dos ricos, o desmantelamento progressivo do “estado de bem” e a degradação da qualidade de vida dos grupos sociais mais pobres.

Vivemos numa área onde a pressão é cada vez maior para a individualização, e onde as desigualdades sociais são dos aspectos mais relevantes e de modo algum uma causa secundária da crise atual.

O planeamento urbano tem forte responsabilidade na criação deste cenário, lembrando, no entanto, que o território não é o espelho da sociedade e muito menos a sociedade é espelho da economia.

O território contemporâneo é a presença simultânea de densidades da populacionais e intensidades de usos bastante diferentes e extremos. O congestionamento e a escassez caracterizam-no.

“Il territorio post-metropolitano è una geografia di eventi, una messa in pratica di connessioni che attraversano paesaggi ibridi. Il limite dello spazio post-metropolitano non è dato che dal confine cui è giunta la rete delle comunicazioni.”

M. Cacciari, Nomadi in Prigione, Casabella, n.º 705, Novembre 2002

As constantes e rápidas mudanças sujeitam-no a uma perpétua crise.

O território em que vivemos produz um desenraizamento verdadeiro na vida da comunidade.

O viver não acontece onde dorme-se e às vezes come-se, onde assiste-se televisão e brinca-se com o computador; o lugar do viver não é a acomodação. Vive-se na cidade só; mas não pode-se viver na cidade, se a cidade não tem que viver, ou seja não dá lugar.

Cada lugar, no próprio interior, parece destinado a enrolar, a perder sua forma e intensidade até se tornar nada mais do que uma paisagem em espera, um momento de mobilização universal. A individualidade assume

o controle em uma área que parece anti-espacial; parece ser a negação de qualquer possibilidade de lugar; parece não saber mais da lei, daí a questão de saber se ainda se pode programar a ocupação do território.

A partir deste cenário, nasce um novo indivíduo: apolítico, móvel, conflituoso, consumista, sem valores, descaracterizado. Uma identidade frágil, leve, superficial.

E' um indivíduo no limbo entre o centro e a margem, tribo e individualismo, produtividade e parasitismo, consenso e conflito.

Um indivíduo que é dominado pelo sistema de produção que usa a criatividade e sua capacidade de inovação cultural em função do lucro, e para sobreviver, não pode prescindir desses recursos, portanto, limita-se; perde a liberdade. Este indivíduo, rico ou pobre, é cada vez mais dominado pela intolerância.

A fragmentação espacial da cidade contemporânea encontra parte das suas raízes nestes sistemas de intolerância. A expansão urbana fornece-nos um exemplo claro; a dispersão, que é característica da cidade generalizada, e pertence à parte da sociedade mais fortemente individualizada e individualista. Isso produz sistemas de exclusão e, em seguida, a fragmentação.

Os ricos têm muitas vezes preferido construir a sua cidade em áreas não previamente urbanizadas, e sempre tentaram usar um conjunto de dispositivos para manter longe aqueles que não fazem parte. Construir um solo ainda não urbanizado é um sistema de exclusão. Isso sustenta o argumento de que a injustiça social cada vez mais se revelam na forma de injustiça espacial.

Surge, como consequência, uma topografia social cada vez mais contrastada.



7. Vista do Nucleo Historico do Porto, Portugal

1.3 A imagem da cidade

Não cidade, caos, cidade generalizada, expansão urbana, mega-cidades, a cidade contemporânea, cidade genérica, o espaço urbano,...

“Non siamo in grado a fare ricorso, parlando della città, a parole semplici. La proliferazione di termini largamente metaforici con i quali viene oggi chiamata la città contemporanea ne è una prova. Il ruolo delle metafore, come è noto, è dare senso a ciò che non siamo in grado di comprendere appieno.”

B. Secchi, La città dei ricchi e la città dei poveri, Laterza, Bari 2013

A complexidade da cidade deve-se principalmente, por um lado, aos problemas derivados da relação entre as suas dimensões espaciais e os factores de transformação e mobilidade sócio-cultural, e, por outro, os desejos conflituosos que investem a cidade: pedimos-lhe a segurança e a paz, por outro lado reivindicamos eficácia e rapidez; queremos a cidade como casa e espaço de estar, e simultaneamente o meio e o complexo de funções .

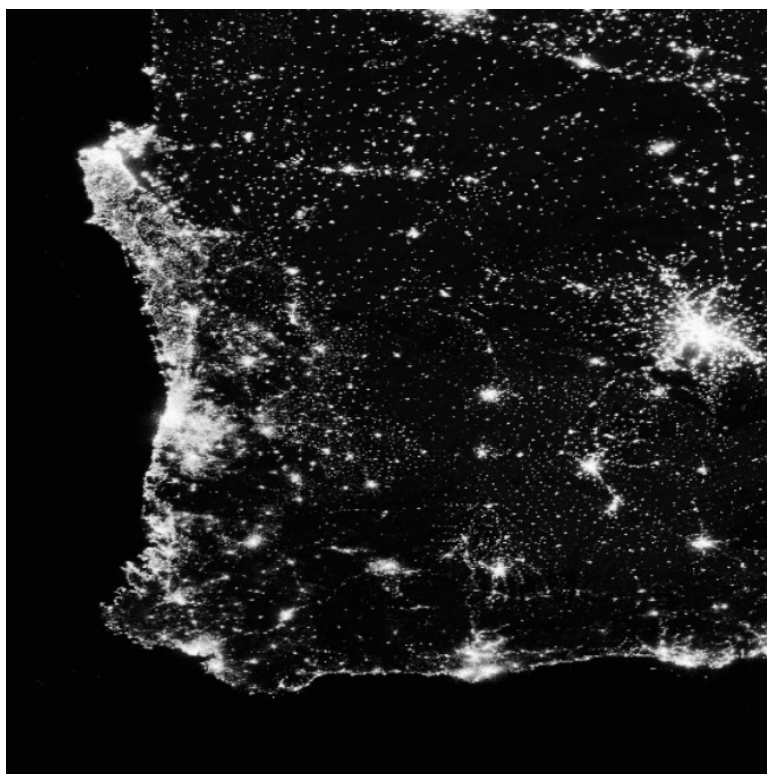
Mais recusamo-nos a compreender e superar essas contradições, e ainda acentuamos esses fatores; talvez na análise devesse haver uma aceitação da situação atual, sem parábolas nostálgicas sobre o que foi e ainda possa ser.

Se começarmos com a afirmação lógica, a cidade está em toda parte, acontece não haver mais cidades; a única razão pela qual insistimos chamar cidade é apenas ocasional. Devemos tirar proveito de uma articulação de palavras, metáforas, para possível descrever e compreender que esta narrativa fosse apenas parcial. A dimensão orgânica está da desaparecer, o desenvolvimento parece ter um objetivo, a perda de valor é cada vez maior; isso é o que nos aparece quando tentamos compreender a unidade. É a partir dos seus fragmentos que temos de começar; correta é uma visão global, se for complementada por um estudo mais detalhado das suas partes.

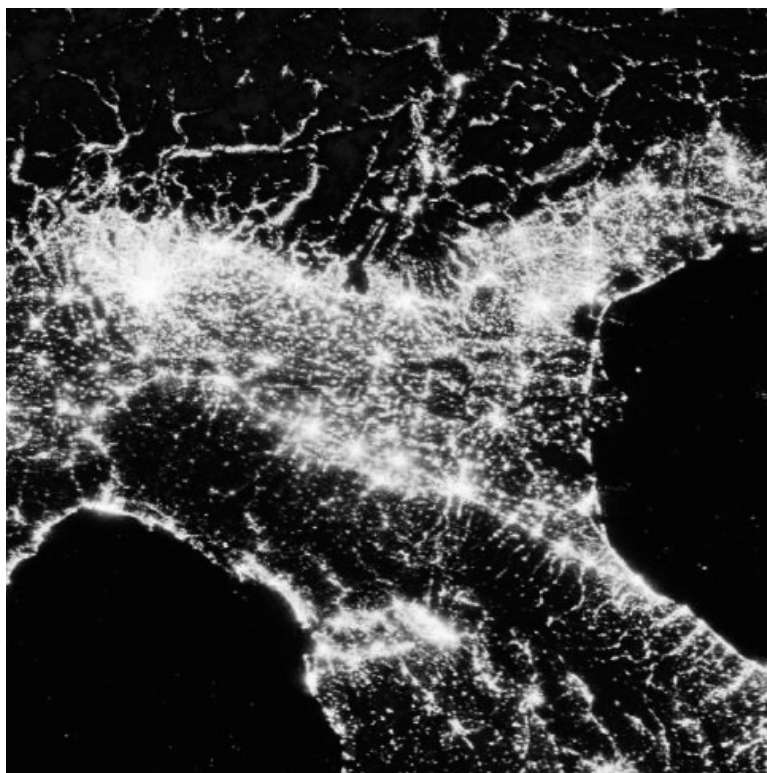
“La storia delle città è la storia di diverse forme di organizzazione dello spazio.”

M. Cacciari, Nomadi in Prigione, Casabella, n.º 705, Novembre 2002

Telecomunicações e teleprodução não exigem cidades bem feitas. A megalópole estende-se por todo o planeta, desde Singapura à Los Angeles. Emitir e receber mensagens de um cockpit, este é cada vez mais o habitat comum; quando a presença no local de trabalho se torna supérfluo, então tudo é urbano. Uma única área



8. Península Ibérica, Imagem noturna por satélite



9. Norte da Itália, Imagem noturna por satélite

inteira entre o nada e o nada, onde podemos viajar facilmente, sem sair do nosso confortável sofá. Não existe mais um exterior, pois tudo se torna tangível, mas, consequentemente, a cidade é desprovida de um interior. A cidade aparece-nos como o reino do possível, mas o virtual aparece ser o verdadeiro. Acreditamos que estamos diante de um universo de muitos mundos, livres para escolher onde viver tão pacificamente quanto possível. Nada poderia estar mais longe da verdade. O mundo é um só, com suas infinitas variações e mudanças, mas referem-se a um único tema, o da produção, o conhecimento técnico-científico, de consumo de massa.

In “*Thomas et le Voyageur*”, Gilles Clément explica que ele a cidade tem de ser comparada a uma doença; uma Perth de edifícios de escritórios banais, domingueira, esvaziada de habitantes, a cidade como uma grande máquina sem sentido, que roda em marcha lenta, cujo vocabulário não parece que consiste em exigências funcionais, cuja força acentar apenas nas suas proibições. Seria bom encontrarem-se seres humanos lá. Mas não é claro que o modelo urbano o permita.

Volta para o fantasma de um único indivíduo, sujeito apenas à lógica funcionalista do consumo, relegado para viver sempre mais intolerante.

A cidade, os seus edifícios e os seus espaços públicos não expressam os valores de uma sociedade democrática, uma política de integração cuidadosa de vários grupos sociais, a representação de diferentes culturas. Se o espaço físico da cidade não tem mais margens, aquele social está sobrecarregado de fronteiras e de barreiras.

A imagem da cidade é aquela da máquina potente que suspende os direitos do indivíduo e seus conjuntos.

Vida longa à ideologia do mercado e da retórica da segurança.

“Lo spazio della città attuale è uno spazio interstiziale tra reti e infrastrutture.”

Ignasi de Solà Morales, *Archeologia del moderno*, Tradução de M. Bonino, Allemandi, Torino 2005

Estamos na presença de um território composto por espaços urbanos e espaços intersticiais ligados por elementos lineares, as infra-estruturas.

As infraestruturas, vias, estradas, ferrovias, gás, água, electricidade, linhas telefónicas, embora lineares, acrescentam-se e redimensionam-se formando, no seu conjunto, emaranhado, não tão linear.

A cidade linear é imaginada como um instrumento de colonização e repovoamento dos territórios.

A nova infra-estrutura rápida causa a quebra da escala que altera a relação urbana convencional entre o construído e a estrada.

Do ponto de vista da cidadania estes traçados rodoviários com tráfego intenso são percebidos como limites



10. Vista de um cruzamento rodoviário, Gaia, Portugal



11. Vista do Porto Marghera, Venezia, Veneto, Italia

insuperáveis, que criam um clima inseguro, por impedirem atividades diárias intrínsecas à estrada entre um e o outro lado da mesma, como caminhar, comercializar ou mesmo o fluxo da fauna que habita o território que estes traçados atravessam.

O crescimento da cidade em torno desses artefatos tem criado muitas vezes espaço a mais, entre a fita de estradas e as fachadas dos edifícios mais ou menos alinhado. Feridas entre o espaço público e o privado, nunca cicatrizadas, que muitas vezes reforçam negativamente a sensação de barreira e de descolagem interna do tecido urbano.

O interstício e a margem entre as redes de infra-estrutura são áreas que caracterizam grande parte das periferias, criadas e imediatamente esquecidas em consequência a estrada, são territórios abandonados pelo projeto e constituem o “negativo” da cidade construída, são espaços vazios que inevitavelmente se transformam em resíduos urbanos, aniquiladas pela degradação, verdadeiros enclaves. Locais estáticos e instáveis, não construções, mutantes e ao mesmo tempo virgens. Território desconhecido, onde o projeto contemporâneo pode e deve ter um novo papel para devolver qualidade.

Marcado por várias razões de áreas devolutas a cidade contemporânea parece um palimpsesto confuso e sem limitação, pontilhada de edifícios, que muitas vezes não são mais úteis para os requisitos funcionais para os quais foram feitas. Estes fragmentos insinuam-se entre os bairros, sem lógica formal, num crescendo que não conhece remédio.

Alguns desses fragmentos foram construídos pelos arquitetos, outros são obra de especuladores, outros ao invés foram intervenções vindas das escalas regionais, nacionais e multinacionais. Tudo isso forma um sistema territorial real, às vezes chamado de expansão urbana.

A imagem é a de um sistema filamentosos que se acumula em alguns pontos e assim formam-se grumos mais ou menos densos; um grande sistema policêntrico de ilhas todas ligadas uma à outras, em vários níveis, de escala variável e a uma velocidade que preenche a área.

Um mosaico de fragmentos de grupos distintos, às vezes, cada um com sua própria forma, esta é a cidade contemporânea, que está sujeita a processos rápidos e pesados, demasiado rápidos para serem absorvidos.

A capacidade descritiva de indicadores, tais como a distância entre o centro e a periferia deixou de existir, enquanto aumenta a relevância do nível, do valor ou da qualidade de habitações ou dos fatores ecológicos distribuídos sem referência à estrutura dos centros urbanos já existentes.

Capturam-se novas desigualdades que a imagem da realidade pós-industrial, plural, esconde como novas formas de marginalidade e pobreza, como as novas minorias ricas e exclusivas.

Em poucas áreas, como esta, continuidade e inovação, conservação e alteração parecem viver com sobriedade e integradas; em nenhuma parte do território europeu, como esta, o passado foi apagado e ao mesmo



12. Vista por satélite de um cruzamento rodoviário, Campanhã, Porto, Portugal 0 200m



13. Vista por satélite de um cruzamento rodoviário, Mestre, Veneto, Italia 0 200m

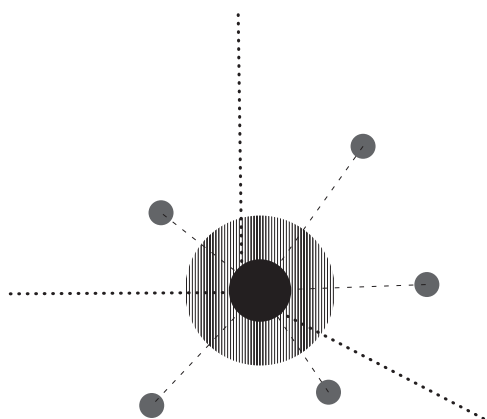
tempo conservado.

A dicotomia centro-periferia perdeu seu significado original. A periferia não pode ser sintetizada num trivial aspecto espacial, mas conota partes da cidade e condições humanas excluídas, desvinculadas de perspectivas de transformação e desenvolvimento do território. Periferia é principalmente uma condição; periferia é marginal em comparação com áreas “fortes”, em que se concentram actividades directivas, culturais e económicas. A marginalidade não é necessariamente proporcional à distância física de locais centrais, mas pode ser entendida como uma extensão espacial que apresenta em primeiro lugar os problemas de acessibilidade e intercâmbio. Desordem, aleatoriedade, monofuncionalidade prevalente, descontinuidades e não-coesão do tecido edificado.

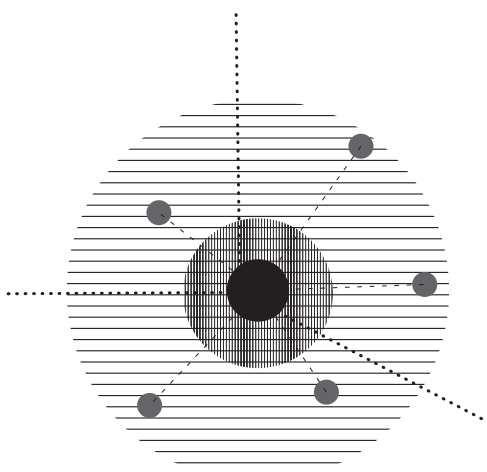
A maioria da população europeia vive dentro de um espaço que não é realmente a cidade, muito menos rural. É muito difícil estimar o alcance e a extensão desse vasto espaço urbano. Uma isolada geléia de moradias homogêneas em lotes que se apresentam por pedaços mais sólidos e densos, massas caóticas de materiais soltos, que incorporam a periferia, quase escondem e limpam a grade das cidades históricas. Delimitados por tudo isso, peças rurais, vastos espaços verdes dentro da expansão urbanizada; agricultura, que é capaz de resistir à construção em algumas partes da Europa; áreas na expectativa de futuras expansões urbanas aqui e ali erudita pelo singulo objecto.

Dentro desse espaço urbano podem aproveitar novas polarizações; ainda existem actividades em que podemos definir o centro, e que se orientam em torno das formas de comunicação, mobilidade. Mas cada vez mais essas polaridades podem ser organizados em qualquer lugar. Os eventos produzidos pelas decisões de investimento de produção, comercialização, administração, agora podem ser localizados sem ter em conta os eixos tradicionais de expansão da cidade. Centro e periferia podem compartilhar continuamente os próprios papéis. Mas tudo isso acontece ocasionalmente, ou com base na lógica comercial e especulativa, que rejeitam a rede das funções pré-concebidas.

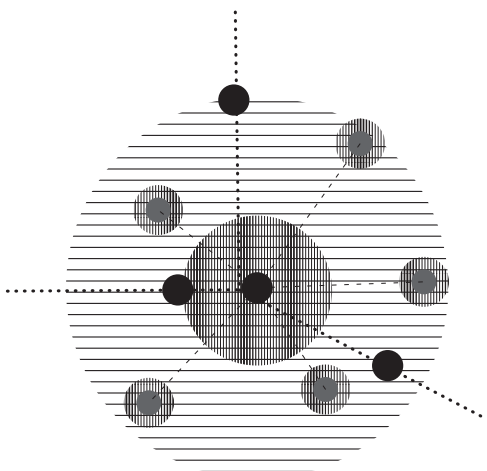
“Insistere su centro come nucleo di valore e di senso, fonte di ogni significato, è doppiamente distruttivo... La Città Generica è la città liberata dalla schiavitù del centro, dalla camicia di forza dell'identità... La Città generica è profondamente multirazziale, ma anche multiculturale... La grande originalità della Città Generica sta semplicemente nell'abbandonare ciò che non funziona, spezzando l'asfalto dell'idealismo con il martello pneumatico del realismo, e nell'accettare qualunque cosa cresca al suo posto... La Città Generica rappresenta la definitiva morte della pianificazione urbanistica. La pianificazione non fa alcuna differenza... La Città Generica non ha strati. Il suo prossimo strato si colloca da qualche parte, subito accanto oppure in qualche altro luogo. L'archeologia del ventesimo secolo ha bisogno di un abbonamento aereo perpetuo, non di una pala. Esportando/espellendo i suoi miglioramenti la Città Generica perpetua la propria amnesia. La sua archeologia sarà quindi la prova della sua progressiva



Expansão
Relação entre o centro da cidade / periferia e localidades vizinhas



Dispersão
Relação entre os lugares no centro da cidade / periferia, localidades vizinhas
Expansão urbana



Hierarquização
Relação entre o centro da cidade / periferia, localidades vizinhas,
Expansão urbana e novos pólos multifuncionais

Esquema interpretativo sobre a Evolução da Cidade

Rem Koolhaas dá-nos uma visão tragicamente realista e ao mesmo dogmática da cidade contemporânea, que ele renomeou “cidade genérica”. A partir da leitura dos seus textos, os meus olhos resignam-se com a veracidade das declarações emitidas por o Archistar. Rem Koolhaas traz a questão dos resíduos como uma das muitas peças que compõem a cidade. Ele também argumenta que o que não funciona na cidade seja abandonado; resulta que, em outro lugar, entretanto, novos edifícios mais úteis mais novos foram construídos. A intensificação do projeto no território e na cidade, a dupla exposição que estes podem conhecer, tem como espelho da produção o esmagamento do solo, a geração de zonas residuais, retalhos, vazio de significado. A cidade que emerge da visão do Koolhaas parece manifestar uma incapacidade genética para reutilizar, reciclar, renovar, e uma relação altamente conflituosa com o tempo e com a sua acção.

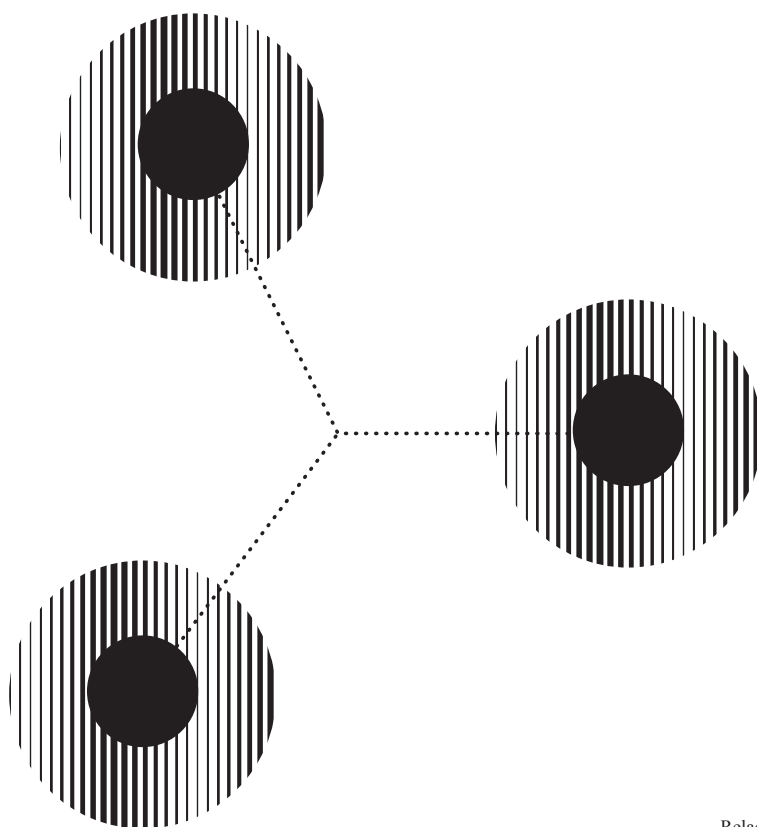
A cidade genérica é uma ode ao consumismo, com um ciclo de vida semelhante ao dos objetos.

A atenção disciplinar, depois de ter trabalhado durante anos em questões relacionadas com os centros históricos das cidades, hoje recai sobre fragmentos urbanos, de dimensões macro e micro, em que as condições de desvantagem e exclusão tornam-se acidentes, não só na qualidade de vida, mas também sobre a identidade da sociedade que vive lá.

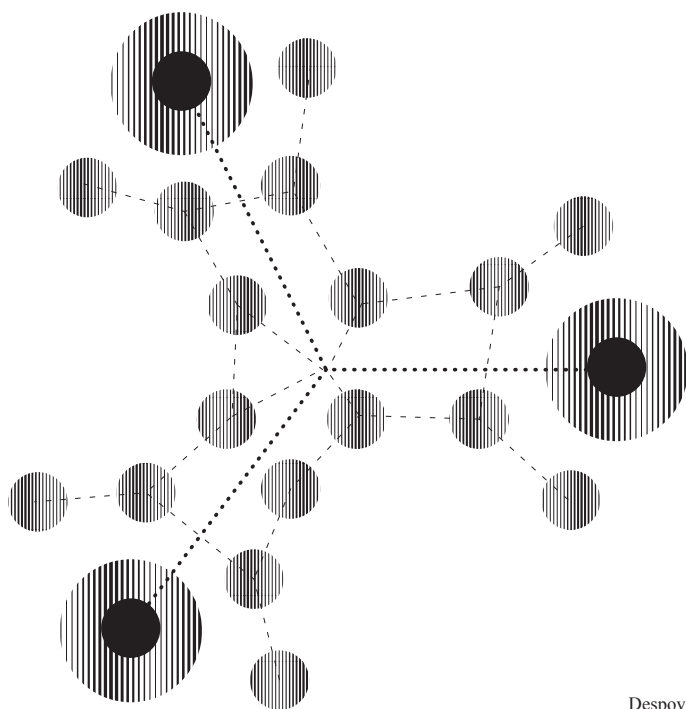
São locais de incerteza, com a capacidade para promover a transformação da paisagem. Estes espaços de desperdício, em diferentes escalas, constituem um sistema ramificado, cujas bordas são irregulares, sempre em transformação, e misturam-se entre si e com o seu oposto e apresentam suas características de similaridade entre eles.

O sistema de expansão de áreas urbanas não só tende a saturar, mas também a expandir-se. Enquanto o centro original apresenta menos probabilidade de se desenvolver e muda mais lentamente, à beira do sistema em que as transformações são mais prováveis e mais rápidas. Na borda do sistema estão aquelas paisagens definíveis quentes, ou seja mais sujeitos as mudanças.

O espaço-tempo urbano tem velocidades diferentes: da estática dos centros para a transformação contínua das margens. No centro o tempo foi parando, as transformações foram congeladas e quando ocorrem são tão evidentes que não cobrem qualquer imprevisto: ocorrem sob a estreita supervisão, sob o controle vigilante da cidade. Na margem, encontramos um certo dinamismo e podemos ver o devir de um organismo vivo que se transforma, deixando em torno e dentro dele partes do território em abandono e mais difíceis de controlar. É nestas “bolhas urbanas”, que são caracterizadas por limites descontínuos e ocultos, que devem ser mantidas a nossa atenção e planeamento social.



Expansão
Relação entre a cidade clássica centro / periferia



Dispersão
Despovoamento das áreas centrais e do interland populacional

Esquema interpretativo sobre o Despovoamento dos Centros urbanos

A seguir analiso dois casos de estudos, um em Portugal e o segundo na Itália, como exemplos do que tenho apoiado anteriormente.

Uma das duas grandes aglomerações metropolitanas em Portugal, além do caso de Lisboa, é o chamado Arco Metropolitano do Porto, que inclui um ponto de urbanização caracterizado pela forte presença de edificação entre cidades.

O sistema de metro do Porto é caracterizado pela presença de dois principais tipos: o típico centro / periferia; e o modelo de urbanização extensiva, sujeitos a um processo de polarização que por sua vez responde ao deslocamento no território de diferentes atividades, mais ou menos importante e especializada.

Portanto, estamos diante de um núcleo duro e compacto que se expande a partir da margem norte do Douro para a área leste e oeste de Leça da Palmeira até à serra de Valongo.

A área mais sujeita à urbanização é a zona litoral de Leça da Palmeira.

Para o norte desenvolve uma área muito importante na produção agrícola, especialmente na área da costa; as restantes áreas são um pouco fragmentadas, tanto no que diz respeito a terrenos agrícolas, tanto para a construção.

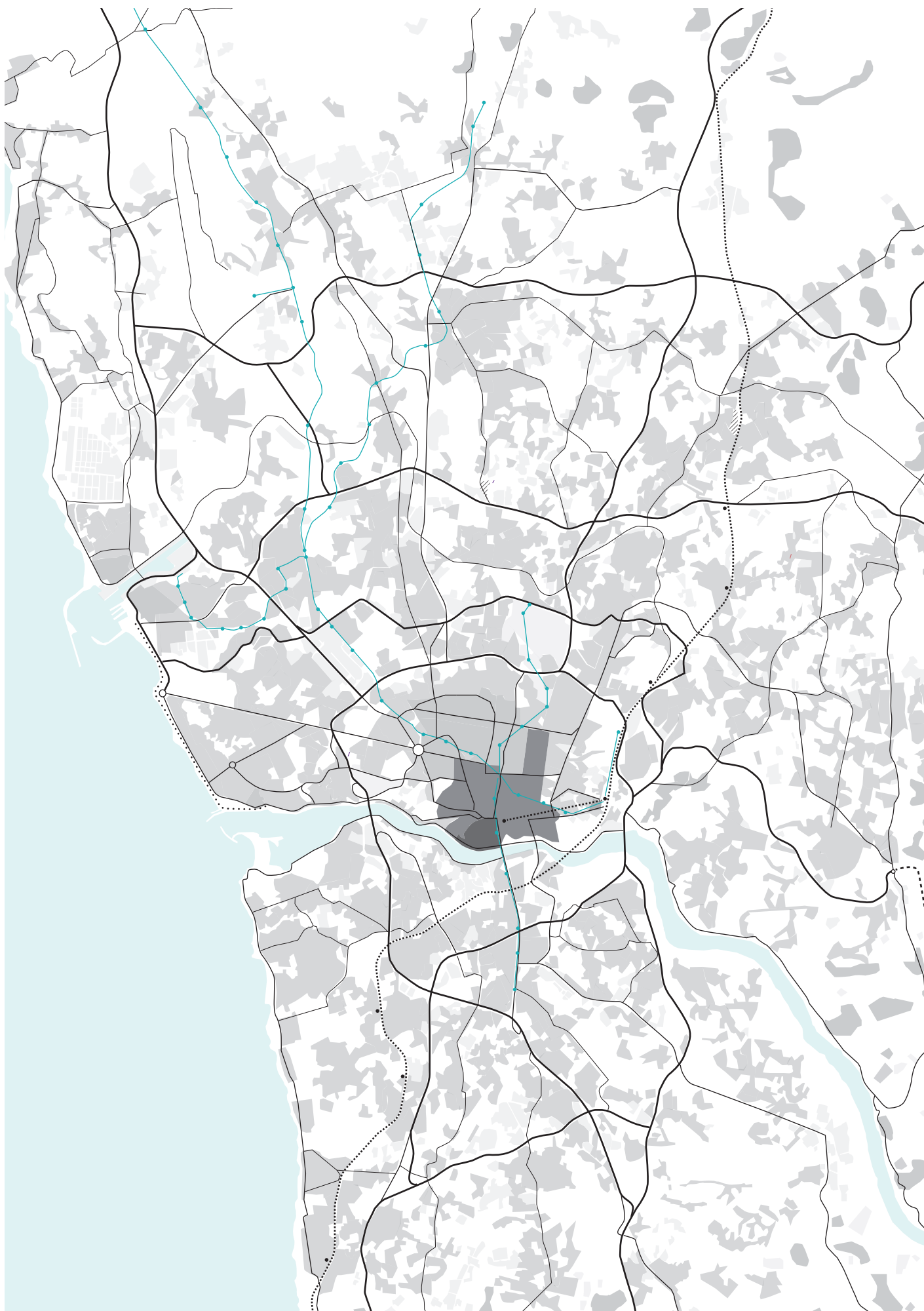
Os traçados viários e rodoviários adensam-se na metade norte da região metropolitana, coincidindo com as principais plataformas logísticas e com a concentração das atividades. Como resultado, há nesta parte do território, uma densa concentração de nós de acesso à infra-estrutura que coloca muita pressão sobre as travessias do Douro.

O eixo principal da concentração da mobilidade é encontrado no litoral, onde se localizam as principais atividades e os respectivos sectores.

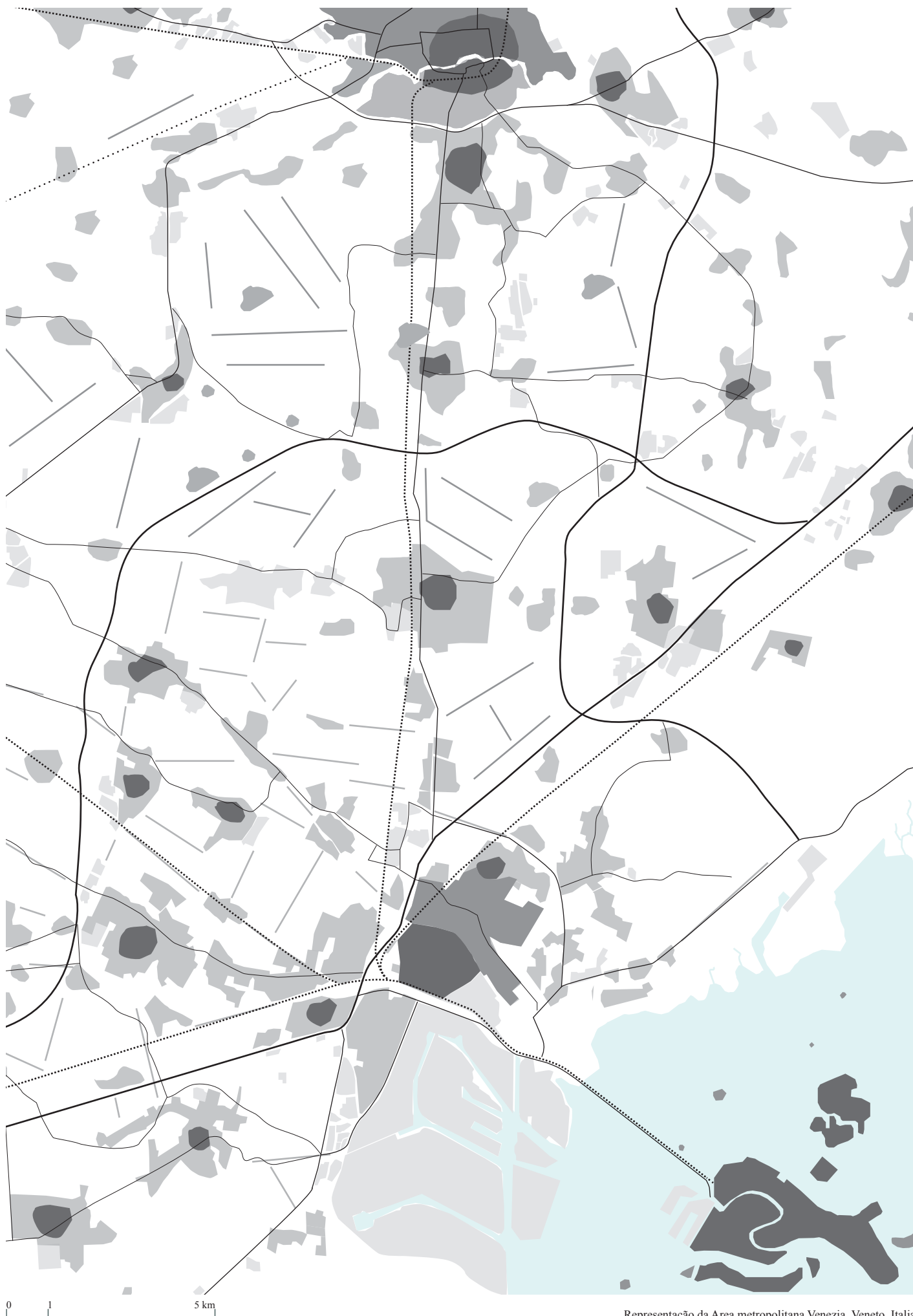
Tudo isso responde a políticas diferentes adotadas em relação ao desenvolvimento económico e demográfico no contexto urbano. Entre 1911 e 1970, a população do Porto registou um aumento populacional de 57,2%, o que levou a uma primeira alteração significativa da distribuição no território. Entre as décadas de 1950 e 1960 testemunha-se um aumento substancial do número de moradores em todas as freguesias periféricas da cidade, que corresponde à densificação da malha da estrada, o aumento da construção e uma diminuição sensível das áreas agrícolas.

A segunda metade da década de 1990 foi caracterizada por um ritmo acelerado da construção de novos apartamentos nas áreas vizinhas do Porto, onde a expansão da infra-estrutura e a abertura de novas frentes urbanizáveis possibilitou um grande crescimento da oferta residencial.

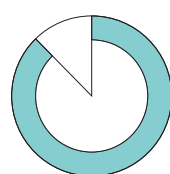
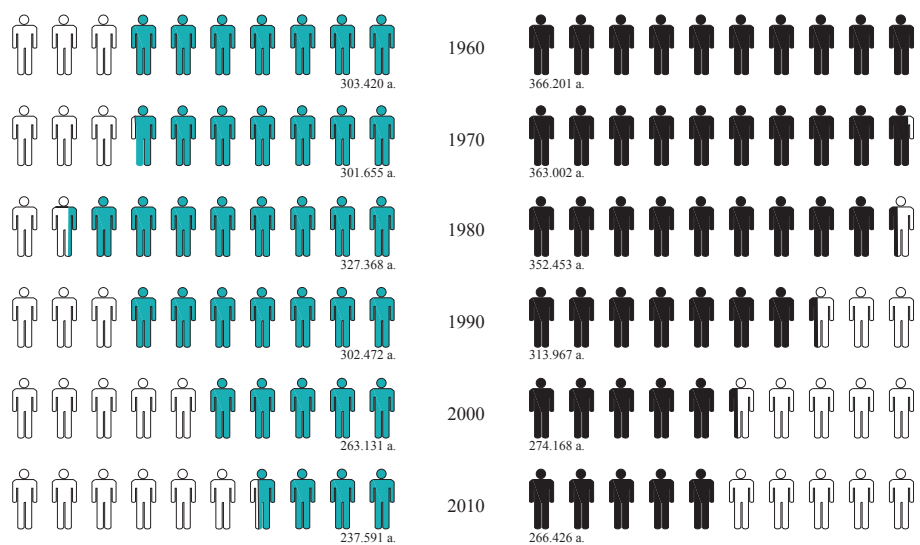
Ao mesmo tempo, há um esforço reduzido e vão na regeneração urbana.



Representação da Area metropolitana Porto, Portugal

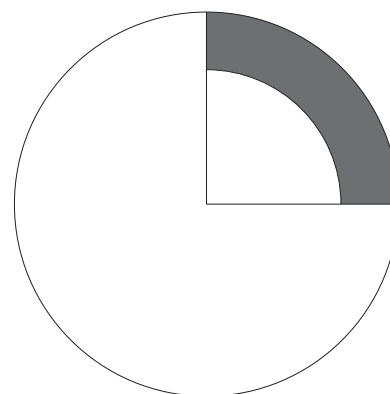


Representação da Área metropolitana Venezia, Veneto, Italia

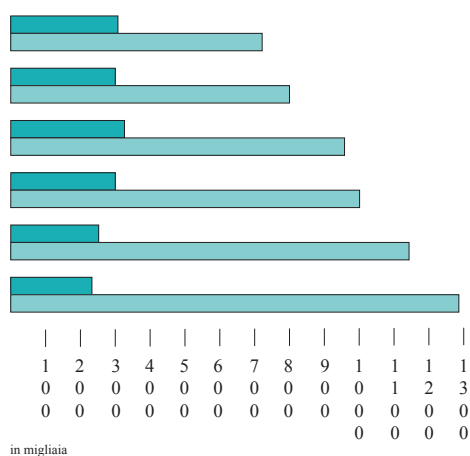


2010

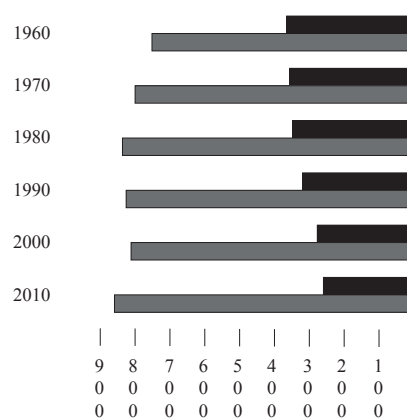
1024 km² 1287276 hab. 1257,1055 h/km²



2462 km² 857841 hab. 348,43 h/km²



in migliaia



in migliaia

Porto

Grande Porto

Provincia di Venezia

Venezia

Graficos e diagramas demograficos, Fonte Camera Municipal do Porto e Comune di Venezia

O papel fundamental é a distribuição geográfica da infra-estrutura que permitiu a distribuição da habitação e a criação de novas polaridades, centradas principalmente sobre o consumo, contribuindo significativamente para a transformação da área metropolitana.

O principal problema, no que diz respeito à infra-estrutura do transporte rodoviário, é a ausência de uma rede intermediária, de âmbito inter-municipal, que reata a estrutura das rodovias com a rede de estradas urbanizada.

A articulação das políticas urbanas é dificultada pela contínua sectorização das obras públicas. Tudo é pulverizado numa soma de efeitos locais de intervenções, enquanto a política de infra-estruturas de mobilidade deve ser baseada em uma estratégia a nível metropolitano, em trabalhar melhor na intermodalidade. É preciso trabalhar as relações entre as funções de elevada polarização e da rede rodoviária.

Escolhi a comparação com o caso do Porto para mostrar a zona que afeta as áreas da província de Veneza e da Província de Treviso, como um exemplo de análise relacionado com o caso da expansão urbana em Veneto.

Os padrões de urbanização que se podem individualizar são semelhantes aos já identificados para o caso da Área Metropolitana do Porto; então um sistema radial de centro / periferia, e o modelo de urbanização, chamado “cidade generalizada”.

A paisagem urbana é composta por grandes núcleos, a cidade com sua própria expansão bastante densa, como Veneza-Mestre e Treviso, em centros menores, e por um grande número de edifícios que se articulam, de baixa densidade, ao longo da rede rodoviária das áreas uma vez chamado intersticial, ou seja, todas as áreas que estavam entre os núcleos urbanos, principalmente agrícolas.

Isto revela-se no sistema de dispersão no interior do território.

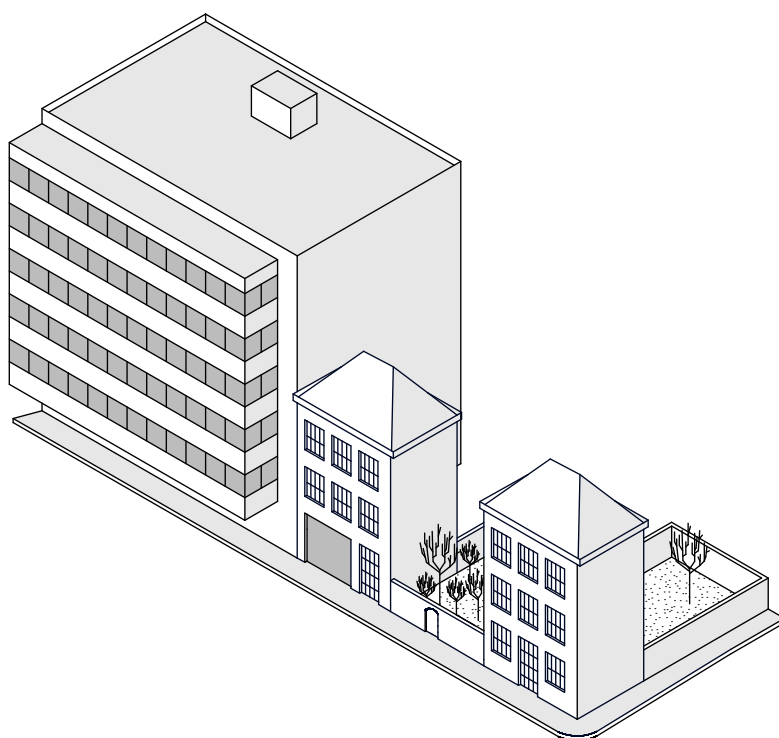
São principalmente casas unifamiliares, com seu lote agrícola, que, na sua maior parte, foi substituído por um galpão para fins industriais; pequenas empresas espalhadas numa grande escala.

Segundo o Observatório Veneto a atividade de construção na região é a mais alta na Itália.

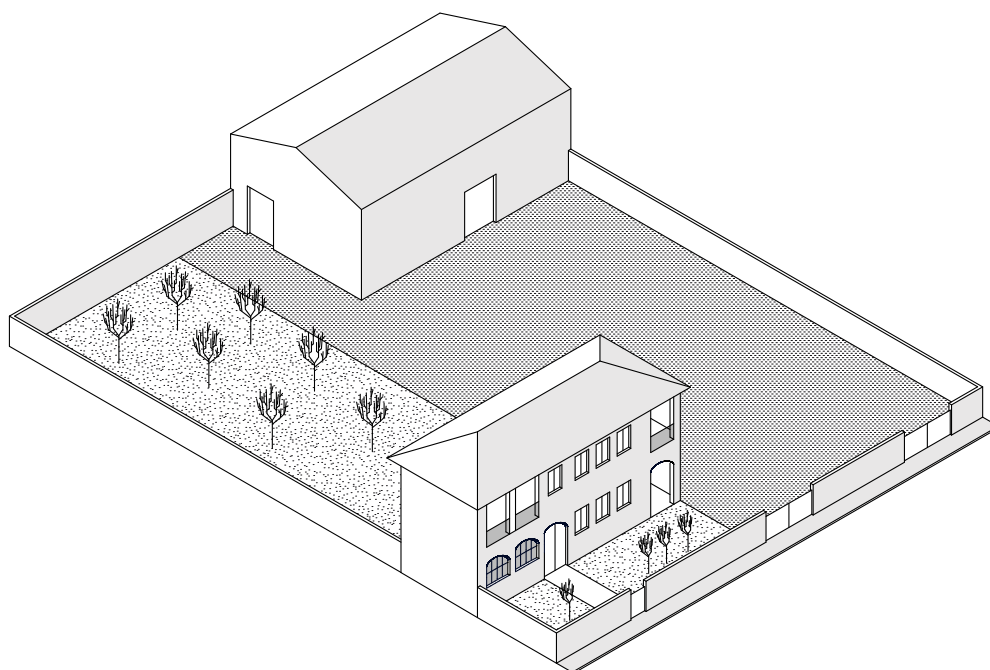
Na década de 2000, em Veneto, havia mais de 450 mil empresas, das quais 97% têm menos de quinze funcionários e 2% de desemprego, a partir de onde saíam o 22% das exportações italianas.

Este modelo foi criado por volta dos anos 1950 e 1960 na zona rural do Veneto. A propriedade agrícola encontra-se subdividida e quem possui uma pequena casa com parcela de campo plangia, além da agricultura, outra actividade mais rentável, como indústria ou comércio. A riqueza que é derivada da indústria não é comparável ao trabalho prestado no campo, e assim se vai perdendo a relação com a terra. O crescimento dá-se em fragmentos, e a população dispersa-se e abandona os centros.

Os pequenos países perdem importância, e os tecidos periféricos da cidade ramificam-se e estendem-se pelo



Tipologia de edificação, Edifícios plurifamiliar, Area Metropolitana di Porto, Portugal



Tipologia de edificação, Villa e fabrica, Città diffusa, Veneto, Italia

campo, onde os custos são mais baixos e são possíveis licenças de construção. Só em 1998 foram projetados na região 9 milhões de metros cúbicos de edifícios residenciais e 11 milhões de não-residenciais.

Neste sistema de casas e galpões não há centro, nem uma praça; está estruturado em linha reta entre um país e outro, com os estabelecimentos que estão localizados nas estradas estatais, que se tornaram de grande tráfego, mas ainda modestas em tamanho. Uma vez que a cidade generalizada é construída aleatoriamente, e o modelo é a empresa de pequeno e de médio tamanho, no entanto capaz, no seu conjunto, de alta produção, a infra-estrutura de rede na qual se desenvolve não é mais capaz de suportar o tráfego constante de bens. A quase totalidade do comércio efectua-se sobre rodas e não sobre trilhos, apesar da boa rede ferroviária regional.

O espaço é saturado, de difícil circulação.

Nos últimos anos, houve uma construção acelerada na infra-estrutura rodoviária principal, ou seja estradas reservadas ao tráfego rápido. Mas isso não parece ser suficiente para resolver os problemas, o que exige uma maior hierarquia, ramificação e velocidade da rede rodoviária.



14. Vista do Distrito 22@, Barcelona, Espanha

1.4 Cenários

“La città ha la capacità di rigenerarsi al suo interno, di superare un ciclo di vita e di declino reinterpretando se stessa.”

P. Vigano, Riciclare città, Em Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta, Electa, Milano 2011

Se aceitamos a hipótese de que a cidade é um recurso o qual se pode reciclar por peças, por episódios ou no seu conjunto à conclusão de diferentes ciclos de vida, então a cidade é um recurso renovável e o acto de reciclar cidade aparece uma estratégia fundamental que atravessa escalas e temas da questão urbana contemporânea: a crise ambiental e os eventos extremos se tornam mais frequentes, o progressivo afastamento entre ricos e pobres, a mobilidade forçada ou negada que atrai novas exclusões.

Reciclar cidade é um processo muito delicado, nem sempre com um final feliz, que não pode ser simplificado ou banalizado.

É hora de considerar as mudanças que ocorreram no estilo de vida, a necessidade de mistura funcional e espacial, transformar a questão energética em uma ótima oportunidade para repensar a cidade e introduzir novas dinâmicas em suas partes; a porosidade devem ser lida juntamente com o resíduo, com o abandono, tentando imaginar as sinergias que podem se gerar através das formas extremas de proximidade e de mistura funcional.

O conceito de porosidade é hoje um instrumento útil para descrever e as cidades e o território contemporâneo. A porosidade se refere à densidade e à distância entre as varias partes do território, e tem em conta os elementos de racionalidade ecológica, mas também tem profundas implicações sociais.

Muitas vezes, a porosidade abre-se no final de um ciclo económica ou social, como resultado de uma ruptura nas formas de uso do espaço e permite repensar a cidade, começando com a extensão e com a importância da fratura que ocorreu.

Assim, a construção de um novo solo urbano torna-se uma oportunidade para resolver o problema dos desequilíbrios sociais, económicos e culturais entre a cidade e o campo, ou entre os territórios, e traz acima a dimensão geográfica, o novo papel, funcional e simbólico, do espaço aberto. O espaço está sendo reorganizado, fecha-se as lacunas e abre-se novos espaços públicos; fragmentos, enclaves sociais e ecológicos são reconectados; nova densidade e nova economia emergem.

“Lo spazio pubblico è il tipo di spazio che meglio definisce la vita nella città.”

F. Muñoz, Dopo il modello Barcellona, Em Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta, Electa, Milano 2011

Devemos considerar as questões ambientais como elementos essenciais da vida pública; mais que assegurar a integralidade, interessa produzir permeabilidade; mais que remendar em contigüidade, impõe-se a ligação de proximidade. Mais que manter a densidade, deve-se gerir a intensidade.

Precisamos pegar, reconhecer e compreender as partes da cidade; considerar as partes sólidas, densas e complexas, aglomerações e filamentos e placas da cidade policêntrica, as cidades históricas e seus subúrbios imediatos, bairros da cidade pública, estradas-mercado, áreas industriais, como parte social, funcional e morfologicamente instáveis, das quais podemos e devemos pegar, por meio do projeto, os novos papéis e oportunidades.

Precisamos abraçar e considerar as diversidades e singularidades, sem reprimi-las, definindo os temas relevantes do projeto nas diferentes escalas.

Talvez o centro deste projeto resida na possibilidade de estas peças se transformarem numa outra, de um ponto de vista morfológico, funcional e social.

Estou a falar de um projeto que está numa posição ambígua. Trata-se de configurar e ligar fragmentos da cidade, sem visões unitárias nostálgicas e sem medo de escrever por cima, e re-ler a ligação com o contexto, para a criação de novos lugares.

Acabamos com os projetos monofuncionais, colocados num pedaço de terra sem o mínimo interesse nas conseqüências, sem prestar atenção ao papel que desempenham na paisagem urbana.

O resíduo, a escória, esses fragmentos podem representar novos cenários para o projeto contemporâneo; são terreno fértil para a mudança, para a experimentação, para a arquitetura contemporânea.

Nessas áreas, é necessário recriar uma identidade coletiva; novos espaços públicos para o atendimento de toda a cidadania, constituir as condições do tecido urbano e porosidade social, e garantir a permeabilidade, a acessibilidade para todos.

“La cultura che coltiva le relazioni è la forza capace di contrapporsi alla frammentazione del nostro mondo.”

P. Brook, Les trois cultures de l'homme, in “Cultures”, Les Presses de l'UNESCO et la Baconnière, vol 3, n.4, Paris 1976

Deve ser dada atenção nas práticas quotidianas comuns.

Definir as relações entre o caráter e o tamanho de cada área urbana, e entre a quantidade e a tipologia dos equipamentos públicos, estabelecer os parâmetros que unem os diferentes materiais de que a cidade é feita – casas, escolas, creches, hospitais e espaços verdes –, a longa reflexão sobre o tráfego e a infra-estrutura da mobilidade, pertencem a essa pesquisa de prestações, basicamente válidas para todos, sem distinção. É preciso reconhecer o papel necessário da infra-estrutura capilar de forma a conferir ao território uma maior

porosidade, permeabilidade e acessibilidade.

Precisamos pensar sobre as dimensões do coletivo.

As cidades e os grandes centros urbanos ainda são um recurso: um recurso renovável e reciclável.

Um exemplo, como um possível cenário, é o caso fascinante do Distrito 22@.

Em junho de 2000 a administração de Barcelona, em Espanha, começa o maior projeto de desenvolvimento urbano da cidade dos últimos anos. O interesse é focado na área de Poblenou, uma antiga zona industrial, agora localizada no coração denso do tecido urbano, com o tamanho de cerca de 100 hectares. O governo investiu cerca de 192 milhões de euros e decidiu refazer totalmente o distrito, de cima para baixo. O objetivo é criar um projeto de renovação urbana e novo modelo de cidade, relacionando e distribuindo actividades de sectores aparentemente distantes, como a indústria e habitação, o comércio e a educação.

Com a tomada de posição e o investimento pela administração de Barcelona, vieram os fundos privados com mais de 1.787 milhões de euros.

Era un quartiere degradato e da soli i privati non avrebbero mai preso l'iniziativa!

Josep Piqué, Ufficio crescita economica comune di Barcellona

Em cada cruzamento pode-se observar uma função diferente. A partir de uma antiga fábrica foi fundada uma universidade; Ao lado dela está uma central energética; nas proximidades a sede da televisão espanhola ao lado de um prédio de pesquisa; também se encontram museus, lojas, casas e escolas.

Foi projetado que mais ou menos metade dos edificios de habitação eram sociais, com preços calibrados; a presença de pessoas no distrito é fundamental, produz trocas.

Para atrair o investimento privado, o governo permitiu um aumento da edificação, que lhe permite construir edificios mais altos. Em troca, a cidade pediu investidores privados a ceder 30% das terras. Isto permitiu-nos para trazer as atividades públicas ao centro da cidade.

Ao fazê-lo criou-se um ecossistema que funciona dentro de alguns blocos, permitindo o relacionamento e a troca direta de informações entre os diferentes setores.

Tudo fornecido e estruturado num excelente sistema de infra-estruturas, e transportes públicos.

Referências bibliográficas

Leituras principais

- A. Domingues, *Cidade e Democracia. 30 Anos Transformação Urbana em Portugal*, Argumentum, Lisboa 2006
- B. Secchi, *La città dei ricchi e la città dei poveri*, Laterza, Bari 2013
- F. Careri, *Walkscapes. Camminare come pratica estetica*, Einaudi, Torino 2006
- G. Clément, *Manifesto del terzo paesaggio*, Tradução de F. De Pieri, Quodlibet, Macerata 2005
- M. Biraghi, G. Damiani, *Le parole dell'architettura. Un'antologia di testi teorici e critici: 1945-2000*, Einaudi, Torino 2009
- P. Ciorra, S. Marini, *Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta*, Electa, Milano 2011
- P. Vigano, *I territori dell'urbanistica. Il progetto come produttore di conoscenza*, Officina Edizioni, Roma 2010
- R. Braz, M. Di Sivo, *Conservare mantenere e valorizzare il paesaggio. Contributi di cultura tecnologica*, Alinea, Firenze 2012
- R. Koolhaas, *Jinxscape*, Quodlibet, Tradução de G. Matrigli, Macerata 2006
- S. Marini, *Nuove terre. Architetture e paesaggi dello scarto*, Quodlibet Studio, Macerata 2010

Leituras Complementares

- A. Corboz, *Ordine sparso. Saggi sull'arte il metodo la città e il territorio*, Tradução de P. Viganò, Franco Angeli, Milano 1998
- A. Domingues, *A Rua da Estrada*, Dafne, Porto 2009
- A. Domingues, *Vida no campo*. Dafne, Porto 2012
- B. Secchi, *Prima lezione di urbanistica*, Laterza, Roma-Bari, 2000
- B. Secchi, *La città del XX secolo*, Laterza, Bari, 2005
- F. Indovina, *La città diffusa*, Iuav-Daest, Venezia, 1990
- G. Leopardi, *Operette morali, Elogio degli uccelli*, Rizzoli, Milano 1994
- I. de Solà Morales, *Archeologia del moderno*, Tradução de M. Bonino, Allemandi, Torino 2005
- J. A. V. Rio Fernandes, *Porto. Cidade e comercio*, Camera Municipal do Porto, Porto 1997
- K. Lynch, *L'immagine della città*, Tradução de Gian Carlo Guarda, Marsilio, Padova 1964
- K. Lynch, *Deperire. Rifiuti e spreco nella vita di uomini e città*, Tradução de V. Andriello, Cuen, Napoli 1992.
- M. de Solà-Morales, *La urbanización marginal*, Laboratório de Urbanismo - Barcelona : E.T.S.A., Barcelona 1976
- M. de Solà-Morales, *Las formas de crecimiento urbano*, Laboratório de Urbanismo - Barcelona : Ediciones UPC, Barcelona 1997
- M. Foucault, *Eterotopia. Luoghi e non-luoghi metropolitani*, Millepiani, Milano 1994
- M. Ilardi, *La città senza luoghi. Individuo, conflitto, consumo nella metropoli*, Costa & Nolan, Genova 1990
- M. Yourcenar, *Memorie di Adriano*, Tradução de L. Storoni Mazzolani, Einaudi, Torino 1981
- P. Brook, *Les trois cultures de l'homme*, in "Cultures", Les Presses de l'UNESCO et la Baconnière, vol 3, n.4, Paris 1976

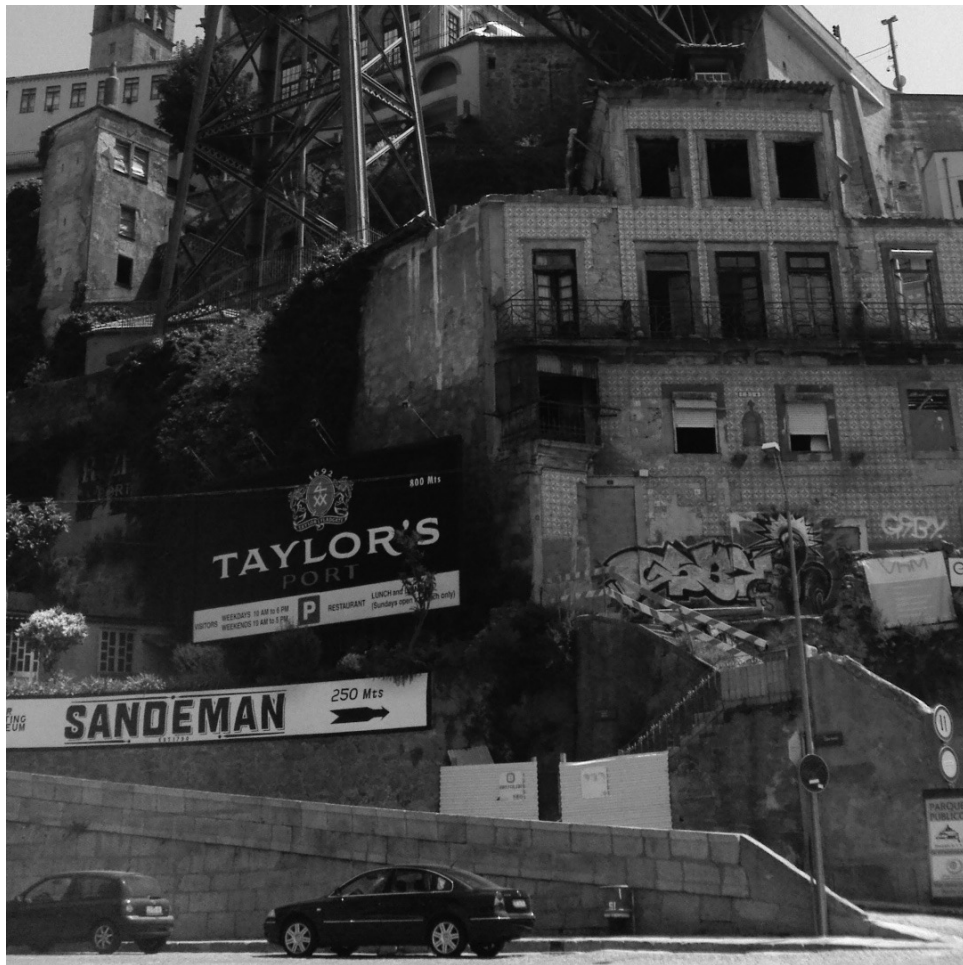
- P. Viganò, *New Territories*, Officina, Roma, 2004.
- S. Munarin, M. C. Tosi, *Tracce di città. L'area veneta*, Angeli, Milano, 2001
- R. Smithson, *Towards the development of an air terminal site*, Artforum, 1967
- R. Smithson, *Une retrospective. Le paysage entropique*, Seuil 1993
- V. Pizzigoni, *Ludwig Mies van der Rohe. Gli scritti e le parole*, Piccola Biblioteca Einaudi, Torino 2010

Artigos

- B. Secchi, *La Periferia*, Casabella, n.583, Ottobre 1991
- D. Scott Brown, *Il Pop insegna*, Casabella, n.359-360, 1971
- M. Cacciari, *Metropoli della mente*, Casabella, n.530, 1986
- M. Cacciari, *Nomadi in Prigione*, Casabella, n.705, Novembre 2002
- Planum. The journal of Urbanism, *Urbanistica per una diversa crescita*, Atti Conferenza Nazionale SIU, Napoli 9-10 maggio 2013, n.27, vol.2/2013
- Planum. The journal of Urbanism, *Città e crisi globale: clima, sviluppo e convivenza*, Atti Conferenza Nazionale SIU, Roma 25-27 febbraio 2010, n.27, vol.2/2013
- R. Ferlinghetti, *Paesaggi minimi e spazi urbani*, 2006
- V. M. Ardita, *Nuovi scenari di progetto/nuovi luoghi per la città contemporanea*, Università degli Studi di Catania 2012

Dissertações

- G. Gallo, *Planeamento em tempo de crise*, Prof. responsável Á. Domingues, Maestrado em Arquitectura, FAUP_Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012-2013
- J. Gennari Feslikenian, *Territórios marginais : a ilha das Flores*, Prof. responsável N. Travasso, Maestrado em Arquitectura, FAUP_Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012-2013
- T. M. Dias Henrique, *A habitação social portuense do processo SAAL. Uma leitura do experimentalismo tipológico a partir de Operadores Projectuais*, Prof. responsável A. Madureira, Maestrado em Arquitectura, FAUP_Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010-2011



15. Vista da Base da Ponte Luiz I, Gaia, Portugal

2. Resíduo

Refugo

S. m. (Deriv. regres. de refugar):

- 1. objecto sem valor; menosprezado por não apresentar os requisitos necessários;*
- 2. parcela meno valiosa de um todo;*
- 3. o que sobrou e não presta;*
- 4. o que perdeu o valor; o merecimento, o prestígio*

Resíduo

S. m. (Do lat. residuum “resto”):

- 1. o que resta, restante;*
- 2. substância que resta depois de uma operação química e pode ainda ser utilizada;*
- 3. o que é inactivo, ocioso.*

Resto

S. m. (Deriv. refres. de restar):

- 1. o que resta de um todo ou de um conjunto depois de separadas uma o mais partes;*
- 2. o que fica do que é considerado sem préstimo ou de valor menor;*
- 3. o que se mantém ou perdura como sinal de um acontecimento ou situação.*

Lixo

S. m. (Do lat. lixa “agua da lixivia”):

- 1. aquilo que se deita fora porque está gasto, sujo, ou já não é útil;*
- 2. coisa ou pessoa sem valor, importância, qualidade ou utilidade.*

Desperdício

S. m. (Do lat tardio desperditio):

- 1. gasto exagerado e inutil;*
- 2. desaproveitamento ou má aplicação;*
- 3. resto de matéria, manipulada ou fabricada, que não têm aplicação sem serem reciclados.*



16. Vista de um edificio por a A28, Perto de Viana do Castelo, Portugal

2.1 Etimologia

O residuo é o que é considerado inútil.

Na sociedade actual, o uso coincide com o usado; isso envolve a eliminação que deixa espaço para uma necessidade repetida. Então o resíduo faz sentido só em termos da necessidade que a própria ocorrência induz; o residuo não faz sentido por si só, mas apenas em relação a outra coisa.

Não é tal a priori; mas apenas em função de parâmetros que determinam o que é útil e o que não é, designadamente quando se faz uma escolha.

Descartar já é etimologicamente sinónimo de escolher, o que é útil do que não é, o que tem valor do que não tem, ou que tenha perdido ao longo do tempo, trata-se precisamente de decomposições.

A escolha implica a exclusão, a eliminação do que não parece ser importante; a diferença é uma forma de negação, lembrando que não está mais presente, é o resultado negativo de um processo.

A chi gli chiedeva come facesse ad ottenere la meravigliosa armonia delle sue sculture, si dice che Michelangelo rispondesse: "Semplice. Basta prendere un blocco di marmo e togliere tutto il superfluo." La separazione e la distruzione dei rifiuti era destinata ad essere il segreto commerciale della creazione moderna: togliendo e gettando via il superfluo, il non necessario e l'inutile, si sarebbe scoperto il bello, l'armonioso, il piacevole, e il gratificante.

Z. Bauman, Vite di scarto, Tradução de M. Astrologo, Laterza, Bari 2005

Na arquitetura, a matéria compõe-se ao definir uma fábrica, a fim de construir, então compor; isto implica uma escolha, de espaço e de materiais; segue-se a produção de desperdício.

No momento em que se desenha um espaço tomam forma as fronteiras entre dentro e o que está fora do lugar, constituem-se ações baseadas em regras que exigem escolhas e excluem locais. Criam-se dois espaços opostos, resultante da separação entre o que é supérfluo e o que é necessário: o primeiro é indeterminado, enquanto o segundo assume as características da ordem.

No grego o substantivo Kosmos significa ordem, disposição; arranjo ordenado; mas também pode significar ornamento. Então Kosmos adiciona à ordem qualidades estéticas e o que é excluído assume conotações desqualificantes.

O desperdício é, por definição, negativo; na nossa cultura assume conotações depreciativas.

La parola inglese waste abbraccia un campo semantico molto ampio: in quanto aggettivo, significa desolato, arido, sia inutile di scarto. Come sostantivo indica spreco, sciupo, ma anche più specificatamente scoria, residuo mentre al plurale connota un



17. Marvão, Alentejo, Portugal



18. Perto de Mirandela, Porto e Norte, Portugal

terreno incolto, o distesa sterile.

J. Scanlan, Spazzatura, Donzelli, Roma 2006

A etimologia da palavra Inglês Waste mostra como o esquecimento é uma consequência da perda do papel e do significado de um objeto, de um espaço, de uma área e de como essa inutilidade alheia outros modos de uso dos objectos inúteis. Mesmo nos edifícios, os lugares são consumidos vorazmente como os objetos. Deste modo o residuo apresenta-se também como um esquecimento, um abandono.

Na Europa, no contexto urbano, atualmente, essas amnésias, em termos de espaço, estão em ascensão ao ponto de ser possível afirmar que constituem uma verdadeira cidade com dinâmicas paralelas e estruturas próprias que ainda têm de ser entendidas. Mais, o tecido da cidade é disperso e muitos mais espaços abandonados são produzidos. Geralmente eles são escuros e pequenos em áreas densamente construídas, e mais vastos em áreas de construção menos densas. Estão presentes em todos os lugares, em todos os sectores, desde a indústria à agricultura, desde o residencial ao pastoreiro. Nas áreas urbanas estes espaços e terrenos estão à espera de um destino ou da execução de projectos suspensos por razões financeiras ou por decisão política. O resíduo é um espaço, edificado ou não edificado, com um destino urbano mal definido.

Estes espaços de abandono virar as costas à urbanização estabelecida para organizar uma vida independente e paralela. Eles são os produtos do projeto e da ausência de controle; são os lugares que representam a nossa civilização no seu tornando-se outro.

...sono parte fondamentale del sistema urbano e sono spazi che abitano la città in modo nomade, si spostano ogni qual volta il potere tenta di imporre un nuovo ordine.

F. Careri, Walkscapes. Camminare come pratica estetica, Einaudi, Torino 2006

São espaços em trânsito e em contínua transformação no tempo e no espaço.

Mas são habitados. É lá que são cultivadas hortas abusivas, vai-se levar o cão, organizar um piquenique, fazer amor e procurar atalhos para passar de uma estrutura urbana para a outra. É lá que se procuram espaços de liberdade e de socialização. Eles formam a base sobre a qual a cidade se auto-define.

Uma constante em todos os estudos feitos sobre estas questões é a dificuldade relatada na denominação de todos estes espaços indecisos, sem funções.

A seguir nomeio vários sinónimos da palavra resíduos: resto, desperdício, espaço devoluto, espaço livre, espaço desocupado, terrenos baldios, terrains vagues.

Ao analisar os diferentes aspectos entendemos como eles podem evocar situações gerais, por um lado, en-

quanto do outro evocam assuntos específicos e que têm a ver com a questão do tempo. Cada termo carrega consigo um estado de incerteza e de informalidade, num fundo de ansiedade temporal.

Il residuo deriva dall'abbandono di un terreno precedentemente sfruttato. La sua origine è molteplice: agricola, industriale, urbana, turistica ecc. Residuo e incolto sono sinonimi.

G. Clément, Manifesto del terzo paesaggio, Tradução de F. De Pieri, Quodlibet, Macerata 2005

Para Gilles Clément o resíduo deriva do princípio da organização racional do território, e cada organização racional do território produz resíduos. Mas ele não está interessado em analisar e compreender as razões para esse processo de produção desses espaços residuais e nem na sua definição, ao contrario traça no seu manifesto, um estatuto, que se pode tornar norma e lei de preservação e respeito da nossa paisagem. Os espaços que são comumente rejeitados, marginalizados, representam territórios, para Clemente, de refúgio para a diversidade, importantes reservas culturais e botânicas; um resíduo evolui em direção à florestação. Os seus limites podem ser confundidos com os de uma floresta manejada pelo homem.

Se no “*Manifesto da Terceira Paisagem*”, Clément usa exclusivamente o termo residual, Rem Koolhaas, na sua “*Jankspace*”, fala somente de resto.

...resto prende il sopravvento e rende indeterminato il tutto.

R. Koolhaas, Jinkspace, Quodlibet, Tradução de G. Matrigli, Macerata 2006

A relação entre o resto e o que produziu é ambígua. O resto não tem contrários. Se essa relação é ambígua, então o resto leva a ambigüidade de um espelho, ele devolve as características do seu envolvente e, ao mesmo tempo esconde as suas.

Lo specchio, dopo tutto, è un'utopia, poiché è un luogo senza luogo. Nello specchio mi vedo là dove sono, in uno spazio irreal che si apre virtualmente dietro la superficie, io sono là, là dove non sono, una specie d'ombra che mi rimanda la mia stessa visibilità, che mi permette guardarmi là dove sono assente: utopia dello specchio.

M. Foucault, Eterotopia. Luoghi e non-luoghi metropolitani, Millepiani, Milano 1994

O espelho realmente existe, é um objeto tangível, que cria uma espécie de efeito de retorno ao lugar onde ele está. É uma espécie de contra lugar, que Foucault chama heterotópico ou seja, lugares que não necessitam de referências geográficas, e são lugares de espaços de cruzamento, espaços de crise. São lugares que estão fora

de todos os lugares. Este é um espelho, um espaço relacionado com tudo o que está em volta dele, que adia a imagem refletida, que ocupa um lugar tangível, mas ao mesmo tempo um espaço é absolutamente irreal. O resíduo é um espaço privado da sua função anterior, e vive através do seu envolvente; é definido pelo contexto em que se insere.



19. Évora, Alentejo, Portugal

2.2 Vazio Ruína Resíduo

Ruína

S. f. (Do lat. rŭīna):

1. *desmoronamento, desabamento, acto ou efeito de ruir;*
2. *resto ou destroço de um ou mais edificios desmoronados ou degradados;*
3. *o que resta do que foi destruído ou degradado;*
4. *estado de degradação, de destruição.*

Vazio

S. m. (Do lat. vacivus, de vacare “estar vago”):

1. *espaço vazio, que não é ocupado por matéria;*
2. *espaço onde não existe nada apreensível pelos sentidos;*
3. *ausência de ocupações, interesses, projectos, objectivos;*
4. *área sem habitantes.*

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, Verbo, Lisboa 2001

A seguir interessa-me esclarecer as diferenças que têm esses dois termos em relação aos conceitos relacionados ao resíduo, explicados no capítulo anterior.

Nos textos analisados, e, na maior parte da literatura que trate destas questões, o vazio e a ruína estão entre os sinónimos mais utilizados para o termo resíduo. A dificuldade em decifrar e explicar com domínio absoluto e total clareza o que está subjacente à palavra resíduo é a principal razão pela qual recorreremos ao uso de muitos sinónimos.

Tentarei reconstruir uma etimologia destes termos, relacionados com a área de arquitetura e do urbanismo.

La rovina è infatti il tempo che sfugge alla storia: un paesaggio, una commistione di natura e di cultura che si perde nel passato ed emerge nel presente con un segno senza significato, o, per lo meno, senza altro significato che il sentimento del tempo che passa e che dura contemporaneamente.

M. Augé, Rovine e macerie. Il senso del tempo, Tradução de A. Serafini, Bollati Boringhieri, Gravidona Toce (VB) 2004



20. Estremoz, Alentejo, Portugal



21. Evora, Alentejo, Portugal

A chave para entender a relação que se desenvolve entre o que está subjacente ao conceito de ruína e a nossa sociedade é o tempo.

A visão das ruínas lembra-nos um tempo puro, não datado, um tempo perdido, ligado ao mundo dos contos de fadas e lendas, que a arte, por vezes, consegue encontrar, mas que está ausente nas nossas imagens cotidianas. Tudo isso idólatra aquele espaço, aquele resto do edifício, dando-lhe uma dimensão fora do tempo, peremptória, tornando-se para sempre eremitado à decadência.

Não estamos mais diante de detritos.

Na literatura as ruínas, muitas vezes, são tratadas como reais descobertas de memórias cujo papel é, basicamente, despertador da melancolia e ao mesmo tempo libertador da imaginação; as ruínas são colocadas num passado tão distante e incompreensível, impossível de datar, para dar-lhe um estado mágico, irreal.

O nosso quotidiano é povoado por ruínas românticas ou modernas, históricas ou industriais, verdadeiras ou falsas, reais ou representadas.

As temáticas das ruínas atravessam transversalmente a cultura contemporânea.

As ruínas são símbolos visíveis e marcas da nossa sociedade e da sua transformação, pequenos pedaços de história em suspensão.

Este estado temporal e emocional que nos leva às ruínas é principalmente um processo artificial, criado com objectivos e vontades precisas.

Dal momento in cui abbiamo superato l'errore di supporre che il dimenticare cui siamo abituati significhi distruggere la traccia mistica, sia cioè annullamento, propendiamo per l'ipotesi opposta, ossia che nella vita psichica nulla può perire una volta formatosi, che tutto in qualche modo si conserva e che, in circostanze opportune, attraverso per esempio ad una regressione che si spinga abbastanza lontano, ogni cosa può essere riportata alla luce.

S. Freud, Il disagio della civiltà, Tradução de E. Ganni Einaudi, Torino 2010.

A consciência que temos de uma ruína é o de uma permanência, uma longa vida que nos faz medir, por contraste, a natureza efémera dos destinos individuais. A paisagem das ruínas quanto mais imersa e coberta com vegetação mais assume um sentido de eterno, aludindo a uma multiplicidade de passados e funcionalidades que já estão perdidas, mas da qual ainda se pode ver um vestígio.

Le rovine esistono attraverso lo sguardo che si posa su esse.

M. Augé, Rovine e macerie. Il senso del tempo, Tradução de A. Serafini, Bollati Boringhieri, Gravellona Toce (VB) 2004



22. Mourão, Alentejo, Portugal



23. Estremoz, Alentejo, Portugal

Elas também podem ser incluídas no conjunto de não-lugares; não-lugares da imagem em que a imagem se substitui à imaginação por meio de simulacros.

As ruínas, restauradas ou não, simultaneamente são sítios e monumentos, uma espécie de síntese ou compromisso; são objecto de documentatissime informações e inscrevem-se num cenário que não pode ser dissociado, sobretudo natural, onde os tempos múltiplos da história se misturam com os tempos heterogéneos da reprodução vegetal.

Se a paisagem pode ser definida como o espaço descrito a homem para os outros homens, o poder das palavras resulta crucial, no caso daqueles que já visualizaram voltam-se para aqueles que não viram ainda. Assim, as palavras devem despertar a imaginação dos outros, libertando o poder de criar, por sua vez, paisagens.

Hoje, a experiência da descoberta da paisagem é cada vez mais difícil, causada pela expansão do tecido urbano que se estende no horizonte e pelo poder da informação da internet cada vez mais ramificado.

A paisagem da cidade é endurecido pela restauração que vive em uma realidade virtual. Com o restauro deseja-se criar realidades distantes, imagens de paisagens agora desaparecidas que não pertencem à nossa sociedade.

O restauro, nestes casos, é uma forma de idolatria do edifício, a fim de cristalizar uma imagem que pode durar para sempre, de modo a esquecer o ciclo natural, em que também está sujeita a cidade.

A arquitetura e a cidade sempre se reciclaram. Exemplos como o Teatro de Marcellus em Roma; não se trata de restauro: a idéia da conservação tende a embalsamar a imagem do espaço.

Reciclar significa repor em circulação, reutilização de materiais de desperdício, que perderam valor e / ou significado.

O objetivo é produzir cultura, beleza e qualidade urbana.

O conceito de reciclagem envolve uma história e um novo curso.



24. Perto de Porto Covo, Alentejo Portugal



25. Serra de Geres, Parque Natural de Geres, Tras - os - Montes, Portugal

Vazio é um adjetivo frequentemente usado para indicar a falta ou a desvalorização.

Vazio urbano é uma expressão com alguma ambigüidade: até porque a terra pode não estar literalmente vazia mas encontrar-se simplesmente desvalorizada com potencialidade de reutilização para outros destinos, mais ou menos cheios... No sentido mais geral denota áreas encravadas na cidade consolidada, podendo fazer esquecer outros “vazios”, menos valorizáveis, os das periferias incompletas ou fragmentadas, cujo aproveitamento poderá ser decisivo para reurbanizar ou revitalizar essa cidade-outra.

N. Portas, Do vazio ao cheio, Publicações da pós-graduação da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2004

Normalmente estamos acostumados a pensar em termos de vazio de utilização funcional, deixando de lado a questão do vazio de significado; existem diferentes tipos de “vazio”: o vácuo social nas formas de pobreza e desemprego, o vácuo intelectual na forma de soluções operecidas, o vácuo político na incapacidade de propor alternativas para a conversão funcional, e ainda o vazio de significado a atribuir e o deserto psicológico e a desumanidade.

Embora o conceito de vácuo seja associável, na sua maioria, às visões e situações negativas, pode também ser o portador de valores positivos e ser ambivalente. A palavra alemã para vazio “brache”, foi originalmente associada à economia rural e em agricultura designava terras agrícolas deixadas em repouso (pousio) - quebradas e abandonadas entre a sementeira e a outra, para regenerar. A terra foi deixada em parte para regenerar o seu metabolismo, de modo a preparar uma produção melhor no próximo ciclo.

Outro exemplo é dado pela Land Art, que nos ensina e nos conduz através da exploração de paisagens naturais, ainda não antropico, onde o homem até este momento pode observar e desvendar um território intacto.

I terreni vuoti sono spazi di paesaggi in cui sono assenti i segni della storia e della civiltà; un paesaggio arcaico e atemporale.

F. Careri, Walkscapes. Camminare come pratica estetica, Einaudi, Torino 2006

Interpretamos, portanto, como vazio, um espaço suspenso fora da história, excluído da civilização, em que não há nem passado, nem presente, nem futuro, onde os vestígios humanos estão ausentes, onde a vegetação domina e chega ao seu máximo esplendor e, exuberante, cobre as superfícies desta área.

São espaços onde a ação humana não é registada, onde vence a natureza.

São os espaços das peregrinações da Land Art, que uma vez ultrapassado adquirem significado, eles perdem a sua intemporalidade irreal para se tornar o objeto e sujeito de exposições.



26. Perto de Peniche, Estremadura, Portugal



27. Perto de Mertola, Alentejo, Portugal

Estes espaços são chamados por Gilles Clément os Conjuntos Primários.

Gli insiemi primari sono spazi che non sono mai stati sottoposti a sfruttamento.

La somma degli insiemi primari rappresenta l'unico territorio di resistenza alla mescolanza planetaria.

G. Clément, Manifesto del terzo paesaggio, Tradução de F. De Pieri, Quodlibet, Macerata 2005

O espaço vazio adquire uma idéia de liberdade; a falta de uso, de fins humanos, o poder evocativo da natureza, que nos traz de volta ao que era fabuloso, mítico, das ruínas, dominado pela falta de tempo, e a imaginação do homem torna-se livre para sonhar.

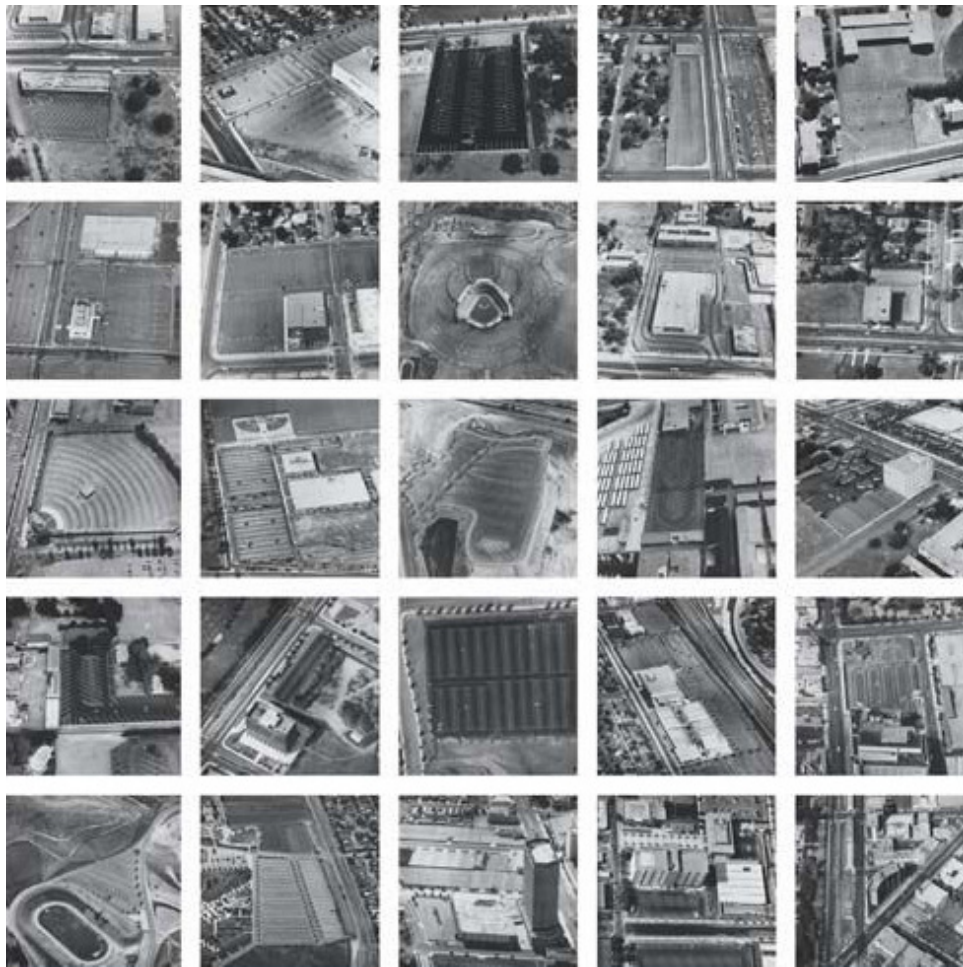
Mas ele também tem conotações mais escuras, que podem ser lidas de uma forma negativa, como espaço indeterminado, impreciso, incerto. É sempre o poder dominante da natureza, perante a dimensão ínfima do homem, assustar-nos e intimidar-nos.

Em qualquer caso, também esses espaços, especialmente no contexto europeu, são nos apresentados porém em modesto tamanho e representam ilhas disseminadas ao longo dos nossos territórios. Atualmente a maior parte da paisagem ocorre principalmente antropizada, sujeita ao controlo do homem que preserva e delimita as fronteiras.

Embora existam áreas onde a noção de tempo desaparece, também, são territórios ainda pendentes; inconscientes e indefesos, estão sujeitos a sistemas de consumo humano, direto ou indireto. Não me refiro apenas à produção de CO₂, à poluição e o esgotamento de matérias-primas, mas também a diferentes usos que se aplicam à natureza, como a preservar determinadas áreas para o espetáculo.

Il pianeta è saturo è un'affermazione che riguarda la sociologia e le scienze politiche. Si riferisce non allo stato della terra, ma ai modi e ai mezzi adottati dai suoi abitanti per vivere. Segnala la scomparsa delle no man's lands, o terre di nessuno, cioè di quei territori che possono essere definiti e/o trattati come vuoti di abitanti umani, nonché privi di un'amministrazione sovrana, quindi aperti alla colonizzazione e all'insediamento, che anzi reclamano a gran voce. Questi territori, oggi largamente assenti, per gran parte della storia moderna hanno svolto il ruolo cruciale di discariche per i rifiuti umani sforinati in quantitativi sempre crescenti nelle parti del pianeta investite dai processi di modernizzazione.

Z. Bauman, Vite di scarto, Tradução de M. Astrologo, Laterza, Bari 2005



28. Thirty-four parking lots in Los Angeles, Edward Ruscha

2.3 Individualização

Abordar a questão do residuo implica analisar e compreender as lógicas que sustentam os processos, a sua produção e até entender a sua posição em relação ao contexto. Localizar vai muito além do simples gesto de indicar; somente através da consciência das ações que ocorrem e os objetivos a que aspiramos é possível descobrir e descrever os resultados.

Caminhar pelo nosso território diariamente, explorar, não ter nada por garantido e certo; examiná-lo como se fosse obscuro para nós, desconhecido; escrutinar cada pequeno detalhe, sem esquecer o nosso objetivo, que é identificar todos esses espaços descartados pela nossa sociedade, cujo território já se encontra cheio. Praticamente não trazemos mais atenção para as mudanças rápidas e contínuas que afetam sobre os nossos espaços da vida cotidiana, os quais estão sujeitos a esta lógica do mercado global, que molesta e transforma continuamente os cenários urbanos.

Para retomar a posse do nosso território deve-se primeiramente tomar nota do que se está a tornar as transformações sofridas. Não é suficiente uma investigação literária, uma vez que se podem aprofundar.

Levantamos-nos das cadeiras! Saímos dos edifícios!

Andamos pelas nossas ruas!

Aprendemos sobre o nosso território!

A primeira e principal ferramenta é a observação.

Primeiro ponto: a aplicação do olho do observador; segundo ponto: o interesse na geometria dos lugares; terceiro ponto: o tempo de varredura. Depois de ter identificado os objetos, ou espaços, para nós interessantes, a questão do projeto passa por compreender a mudança destes espaços ao longo do tempo. O método mais adequado, eficaz e a forma direta de captar a evolução ao longo do tempo do tema escolhido é o uso da fotografia. A fotografia permite-nos capturar o nosso assunto naquele instante preciso, de modo a ser capaz de haver sempre um exemplo a ser observado, sempre que for necessário o seu uso. O primeiro campo em que se começa a descobrir o tema do residuo, em relação à sua individualização e a sua exposição ao público é a arte.

Nell'arte il racconto va dal ready-made alla modalità degli spazi d'arte di occupare e trasformare la città. La ricerca di spazi informali, non finiti, disponibili ad accogliere l'opera fanno dell'arte una vera e propria entità parassita in continuo movimento nel tessuto urbano, in cerca di rarità.

S. Marini, Architettura parassita. Strategie di riciclaggio per la città, Quodlibet, Macerata 2008



29. Saint-Julien-le-Pauvre, Dada



30. The Monuments of Passic, Robert Smithson

Em 1917, Duchamp propôs o ready-made Woolworth Building, em Nova York, mas ainda era um objeto arquitectónico e não um espaço público.

Em 14 de abril de 1921, em Paris Dadá reúne-se em frente à igreja de Saint-Julien-le-Pauvre. Com esta acção pretende inaugurar uma série de excursões urbanas nos lugares banais da cidade. Passou-se dos salões do espetáculo para o ar livre. O Dada não realizar qualquer operação material, não deixa rastros no terreno se não a documentação relacionada com a operação (flyers, fotos, artigos, relatos). A obra está na visita. Ao fazê-lo confere-se um valor, neste caso estético, para um espaço residual; o ready-made comuta no espaço urbano, público, diário. Não é mais um objeto fechado dentro de quatro paredes. No período em que a arquitetura desenha as cidades do futuro, Dada vive os espaços banais e, assim, inicia um processo que fará a arte estar mais interessada nos territórios que nos rodeia, em diferentes olhares e objetivos.

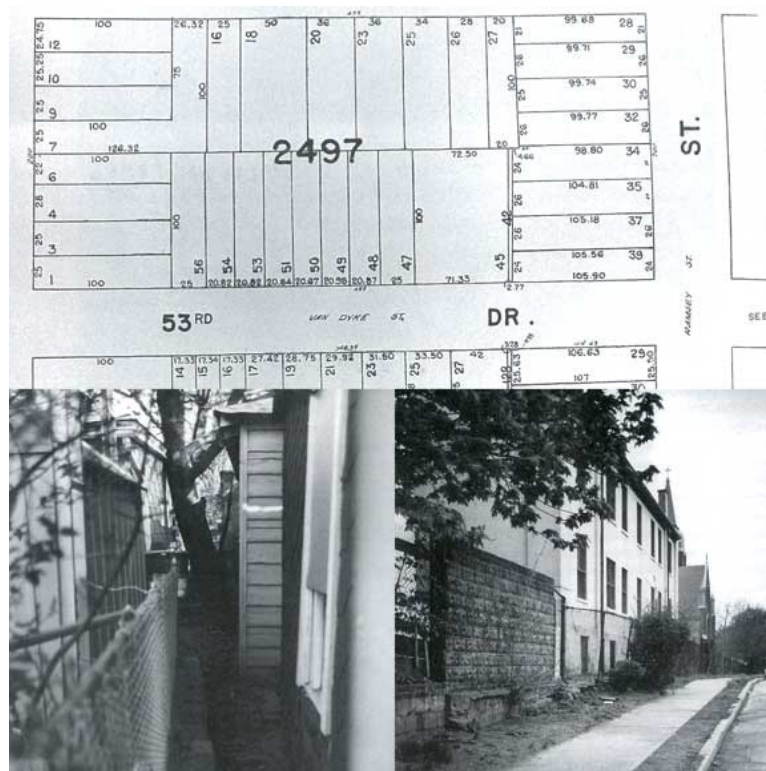
A partir de Dada muda-se para as perambulations Surrealiste, o conceito de deriva.

La derive: un'attività ludica che non solo mira alla definizione delle zone inconse della città ma intende investigare gli effetti psichici che il contesto urbano agisce sull'individuo. Nel 1957 Guy Debord pubblica una mappa, The Naked City. La città è nuda, la deriva l'ha spogliata, ne ha strappato le vesti che ora fluttuano spaesate. I quartieri decontestualizzati sono continenti alla deriva in uno spazio liquido, sono terreni passionali che vagano attraendosi e respingendosi reciprocamente per il continuo prodursi di tensioni affettive disorientanti. Le delimitazioni delle parti, le distanze tra le placche e gli spessori dei vettori sono frutto di sperimentati stati d'animo.

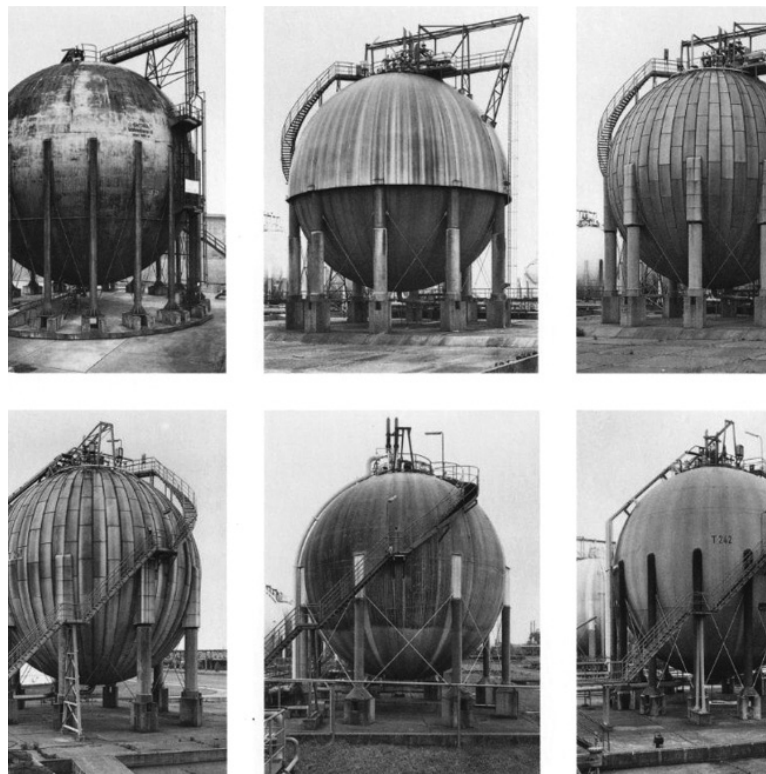
F. Careri, Walkscapes. Camminare come pratica estetica, Einaudi, Torino 2006

Em 30 de setembro de 1967, Robert Smithson saiu de casa para fazer sua turné na direcção de Passaic, New Jersey. O trabalho foi realizar este caminho, levar outras pessoas ao longo do rio Passaic, expor as fotografias na galeria. Para ele, as viagens são uma necessidade instintiva de pesquisas e de experimentação da realidade do espaço que o rodeia. A exploração urbana é um meio para deduzir categorias filosóficas e estéticas com a qual se possam comparar, a partir do território. O discurso começa com a aceitação da realidade como ela se apresenta. Nos territórios esquecidos pelos habitantes reconhece-se o território do oblivion.

Outro grande artista, digno de nota, é o americano Gordon Matta-Clark. Nos resíduos de um conjunto habitacional no Queens, o artista norte-americano realiza uma documentação como gesto artístico. Capta fragmentos, ações, mapas cadastrais, fotos e os reúne; o resultado é a ausência de ordem que deu origem a fragmentos espaciais não utilizados, produtos de operações de divisão, subtração, com valor de mercado. A obra de Gordon Matta-Clark faz-nos perceber qual é o impacto da norma e do desenho na criação destes espaços residuais. O manifesto que está no centro de sua pesquisa é a individualização dos lugares abando



31. Fake-estates, Gordon Matta Clark



32. Gastanks, Bernd e Hilla Becher

nados.

L'intensificarsi del disegno sul territorio e sulla città, la doppia esposizione che questi possono conoscere, hanno come specchio della produzione la frantumazione del suolo, la generazione di zone residue, avanzi vuoti di senso.

S. Marini, Nuove terre. Architetture e paesaggi dello scarto, Quodlibet Studio, Macerata 2010

Outros exemplos podem ser encontrados nas obras de Edward Ruschi, Trinta e quatro estacionamentos em Los Angeles, uma investigação fotográfica sobre os estacionamentos ao ar livre na cidade, e em Berna e Hilla Becher, Arqueologia Industrial da Ruhr.

Para o primeiro caso, o resultado deste trabalho de catalogação é um atlas de lugares vazios, introduzidos no desenho urbano em contínua busca de ocupação. Neste documento, a produção das sessões fotográficas oferece diferentes variações do tema e, ao mesmo tempo permite ler o catálogo na sua repetição.

Bern e Hilla Becher fotografam por 50 anos a arqueologia industrial, organizam a exposição das imagens para tipos: silos, gasodutos, fornos, minas, tanques de água. A obra é construída na atenção ao ordem, na catalogação, na adoção de um olhar sobre essas realidades abandonadas.

A fotografia torna-se o meio que permite observar o estranho, chama a atenção para a dispersão da metrópole e seu esmagamento do solo. Os artistas são seduzidos por esses pontos de resíduo, de fronteira, viscerais, escuros.

O entusiasmo para estes espaços residuais, à espera, é a resposta ao estranho de sua cidade.

Queste esperienze sullo scarto marciano come il processo d'ordine che governa i territori può essere il principale artefice di aree marginalizzate o inutili e allo stesso tempo sottolineano come strutture di lettura e catalogazione dei residui dell'opera possono evocare una serialità informe su cui è possibile sostanziare un ribaltamento di senso del sistema.

S. Marini, Nuove terre. Architetture e paesaggi dello scarto, Quodlibet Studio, Macerata 2010



33. Vista da Area Urbana do Porto, Portugal

2.4 Catálogo Tipológico

Índice

72	Objetivo
73	Metodologia
75	O contexto do Porto
78	Area urbana de edificação densa
88	Area urbana de edificação densa
100	Area urbana de edificação à baixa densidade
118	Area urbana de edificação porosa
141	Conclusões

Objetivo

A pesquisa vem como o ponto de partida desta tese; posteriormente revisitada sempre que exigir o uso, torna-se o elemento essencial da estratégia do projecto do quinto ano.

A principal questão a que tento dar uma resposta é que tipo de definição atribuir ao conceito de resíduo. Durante a primeira conversa com o meu supervisor desenvolvo um interesse em observar a área à nossa volta, neste caso, Porto, a fim de encontrar uma resposta; ao estabelecer uma investigação visual encontro a possibilidade de concretizar as teorias decorrentes da leitura. Eu começo a entender, diretamente, como os espaços diários em que eu vivo, representam uma biblioteca de exemplos de onde tirar inspiração e esclarecimento. Enquanto caminho e observo a cidade, encarno a necessidade de diferenciar todas as áreas a que atribuo o adjetivo residual; não é suficiente simplesmente identificar o resíduo, é preciso investigar mais a fundo, encontrar as diferenças e semelhanças, hierarquizar tecidos urbanos.

Foi uma contínua tomada de consciência e percepção do território em que vivemos; não através de investigações metodológicas realizadas em livros ou pelos ecrãs; não quis usar uma visão do olho do pássaro, uma observação de cima, sem estabelecer um contato direto com o tema. Desde o princípio eu senti a necessidade de desenvolver uma relação sensorial direta, onde o meu corpo foi o elemento e os meios de recepção de informações e, ao mesmo tempo em que poderiam interagir, então dar, doar algo a um lugar de trânsito, de estudo, simplesmente através o caminhar.

Diante desses espaços residuais diversificados, ao observa-los, surgiram perguntas espontâneas. Que tipo de espaço residual tenho na frente? Em que contexto eu me encontro? Quais foram os papéis desempenhados no passado por estes espaços? Em que estado de decomposição se encontraram? Eles ainda são frequentados? De que forma; direta ou indireta? Qual é o seu potencial intrínseco?

O objetivo é tornar-se consciente desses espaços, aprender a identificar e estabelecer um procedimento, então uma relação que leva a um mais profundo seu conhecimento.

Eu escolhi constituir um catálogo tipológico, o mais rico possível, com o qual possa confrontar-me, de modo a obter uma base sólida, mas sempre em atualização continua.

La percezione precede la concezione quando si tratta di selezionare o definire un sito. Non si deve imporre ma esporre un sito, essere al suo interno o al suo esterno.

R. Smithson, Towards the development of an air terminal site, Artforum, 1967

Metodologia

O meu corpo é o instrumento de medida do espaço.

Il corpo è uno strumento di misura dello spazio e del tempo. Misurare significa individuare dei punti, segnalarli, allinearli, circoscrivere degli spazi, intervallarli secondo un ritmo e una direzione; la geometria come misura del mondo.

R. Long, *Walking in Circles*, Catalogo della mostra, Braziller, New York 1991

A análise é sensorial; as interações que se desenvolvem entre mim e o ambiente são os principais meios de investigação utilizados. O ponto de observação onde eu me vou colocar é o espaço público, ou seja, a rua. Atravessar caminhando o espaço para participar da sua dinâmica, sem tentar definir imediatamente os objetos encontrados, mas experimentar uma pesquisa nómade numa paisagem composta por muros, vedações e caminhos que articulam os edifícios. Um território denso, sólido, dependendo da intensidade do uso que se encontram ali. Nómada enquanto o que eu faço é um percurso, o seu signo é uma linha sinuosa; esta deambulação articula-se ao longo do espaço público urbano, ruas, praças amplas, com o objetivo de identificar todos os espaços que tenham sido abandonados, rejeitados pelo sistema social e económico, espaços que vivem em um transitorio estado, então nómadas.

Con il termine percorso si indica allo stesso tempo l'atto dell'attraversamento (il percorso come azione del camminare), la linea che attraversa lo spazio (il percorso come oggetto architettonico) e il racconto dello spazio attraversato (il percorso come struttura narrativa). Noi intendiamo proporre il percorso come forma estetica a disposizione dell'architettura e del paesaggio.

F. Careri, *Walkscapes*. Camminare come pratica estetica, Einaudi, Torino 2006

Considero que o caminhar revela-se útil para a arquitetura como uma ferramenta para a compreensão e planeamento, como um meio através do qual inventar novas formas de intervir em espaços públicos urbanos, para investigá-los, para torná-los visíveis. Caminhando para disposição de ouvir, perceber o ambiente, a fim de ter uma consciência da atualidade. Este é um ato criativo, constituir as relações entre mim e o envolvente, compor as contradições do espaço num único caminho de conhecimento para entender a mudança de território. Os percursos tomados, apesar de manter os graus de flexibilidade e aleatoriedade decorrente de improvisação e de curiosidade, respondem aos interesses de examinar o tecido urbano do Porto seguindo uma lógica de densidade de construção. Desde a área mais densamente construída, que é o centro histórico da cidade, até mais dispersa e fragmentada, colocada além do anel viário. Ao fazer isso, escolhi caminhar por

quatro diferentes áreas do tecido urbano do Porto; áreas que já cruzei, então não obscuras e desconhecidas, mas que fazem parte, quase todas, da minha vida quotidiana. Além do meu corpo, e das praticas relacionadas, como olhar, caminhar e tocar, o instrumento privilegiado é a fotografia. A nossa imagem do território é construída e pré-figurada através da fotografia; não vemos a cidade, mas apenas a sua imagem. Mas o que vemos é sempre capaz de nos dar indícios e pulsos capazes de estabelecer um imaginário de um lugar, idéias e opiniões, talvez alterados, no entanto refere-se à uma imagem estática resultante da sua vontade de que sempre se pode fazer um uso simples e direto. A fotografia pode contar histórias e transmitir emoções desses espaços residuais, ao fazê-lo não só recebemos as percepções deles, mas estabelecemos um juízo de valor. Outro instrumento que usei é a representação interpretativa das áreas urbanas. Após a conclusão da minha pesquisa de campo, revelou-se necessário representar as dinâmicas das minhas deambulações, a fim de fixá-las, revivê-las indiretamente, de modo a compreender melhor a lógica, os movimentos e as relações entre os espaços. Ir além da experiência direta no campo para revisitar tudo com uma visão geral e independente, com o objetivo de examinar o trabalho realizado. O mapa permite-me representar, através das linhas, os caminhos feitos, os quais, por serem entrelaçados dão forma e distribuem os vários elementos do território.

Il primo bisogno di fissare sulla carta i luoghi è legato al viaggio: è il promemoria della successione delle tappe, il tracciato di un percorso... La necessità di comprendere in un'immagine la dimensione del tempo assieme a quella dello spazio è all'origine della cartografia... La carta geografia insomma, anche se statica, presuppone un'idea narrativa, è concepita in funzione di un itinerario, è Odissea.

I. Calvino, Il viandante nella mappa, Mondadori, Milano 1984

O mapa não é apenas uma mera representação de uma área, mas é a interpretação que o autor faz, é criação; o mapa constitui um instrumento expressivo. Por fim, a vontade de ir além de uma simples individualização dos resíduos levou-me a formular uma classificação. O primeiro passo foi diferenciar o que é uma construção residual do que em vez de apresentar as características de espaço. Depois eu desenvolvi uma tipificação, estilo árvore genealógica, que, para edifícios, possa responder à função de uso, ou seja, habitação, negócios. Quanto aos espaços identifiquei sempre três categorias; o primeiro é o resíduo agrícola, ou seja, todas aquelas parcelas de terreno que foram utilizadas para a agricultura; o segundo é o resíduo de projecto, os resíduos resultantes de um ordenamento do território equivocado ou superficial. Na última categoria apresento os restos de edifícios, ou seja, edifícios ausentes, devolutos, cujo lote apresenta-se desprovido do edifício e qualquer outra função. Quase todos os resíduos analisados são espaços e edifícios de expectativa, à espera de uma condição económica mais rentável.

O contexto do Porto

A partir de apenas caminhar pelas ruas do Porto, na área vulgarmente designada como centro, nota-se um número indecifrável de edifícios devolutos, abandonados; é uma sucessão contínua de alternância de edifícios utilizados e não. Quem não está acostumado a esse tipo de paisagem urbana, à primeira vez fica chocado e impressionado; por exemplo: todos aqueles que nos últimos anos me visitaram-me.

Estamos em 2014, a meio de uma crise económica que será lembrada e estudada pelas gerações futuras; Porto e a administração local parecem responder e reagir investindo principalmente numa único setor, o turismo.

As ruas do centro histórico do Porto são atravessadas pelo maior número de turistas registados na cidade. Além da massa de pessoas que saem às ruas todos os dias, as mudanças mais aparentes podem ser vista nas aberturas de vários restaurantes, pousadas, albergues, hotéis, no aumento exponencial de barcos de turismo no Rio Douro e na construção do novo porto turístico para navios de cruzeiro.

As datas que marcaram a história recente da cidade, e atraiu a atenção pelo menos europeia, são 1996, quando o Porto foi classificado como Património Mundial pela UNESCO, e 2001 Capital Europeia da Cultura. Iniciativas paralelas têm surgido para a reconversão do contexto urbano Portuense; um exemplo é o projeto com financiamento público, Manobras no Porto, datada de 2011-2012 destinado à cidadania com o objetivo de se animar, falar, questionar, ouvir e transformar o centro histórico da cidade.

Um outro caso é Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana, uma empresa de recursos públicos, do Estado e da Câmara Municipal do Porto, para estimular iniciativas privadas, criada em Novembro de 2004; o objetivo é promover a reabilitação das áreas da cidade, que se estendem pela Cidade Velha e seu envolvente. Apesar da intervenção por parte da administração pública, os resultados ainda não são aparentemente visíveis.

Vamos assumir o fato de a densidade urbana ser essencial para o potencial de uma cidade e que a densidade da população vivifica e fomenta o dinamismo e a riqueza urbana. Observando os dados sobre a evolução demográfica do Porto e da sua Área Metropolitana (pag. 36), e observando a quantidade óbvia de moradias vazias, pode-se entender como é necessário um planeamento político e urbanístico.

As razões que levaram a esta situação podem ser compreendidas através da análise do desenvolvimento económico e social da cidade.

Desde a Idade Média o Porto assumiu um papel de liderança no tráfego de mercadorias no norte de Portugal. O mercado estendia-se desde o norte da Europa até às colónias, e são estes que têm desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento económico da cidade. Sempre que os comerciantes, e as empresas,

não tem a capacidade de exportar e competir com outros estados, os seus produtos acabam nas colónias, garantindo assim a venda e a acumulação de capital. Na maior parte estes recursos não foram investidos, nem em qualquer outro sector, nem no desenvolvimento da empresa, mas utilizados na aquisição de bens imobiliários; assim formou-se uma baixa competitividade e um reduzido tamanho da unidade empresarial. O capital não flui, e o investimento em terrenos e edifícios criou as condições para a aproveitamento das rendas geradas.

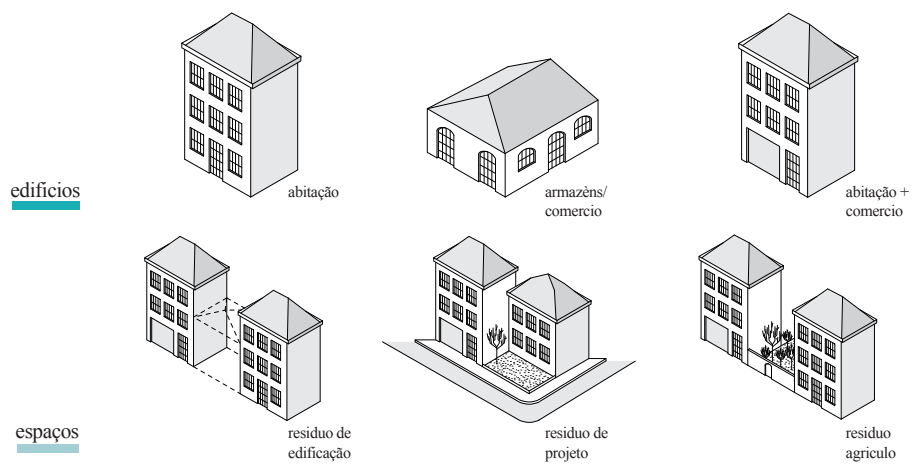
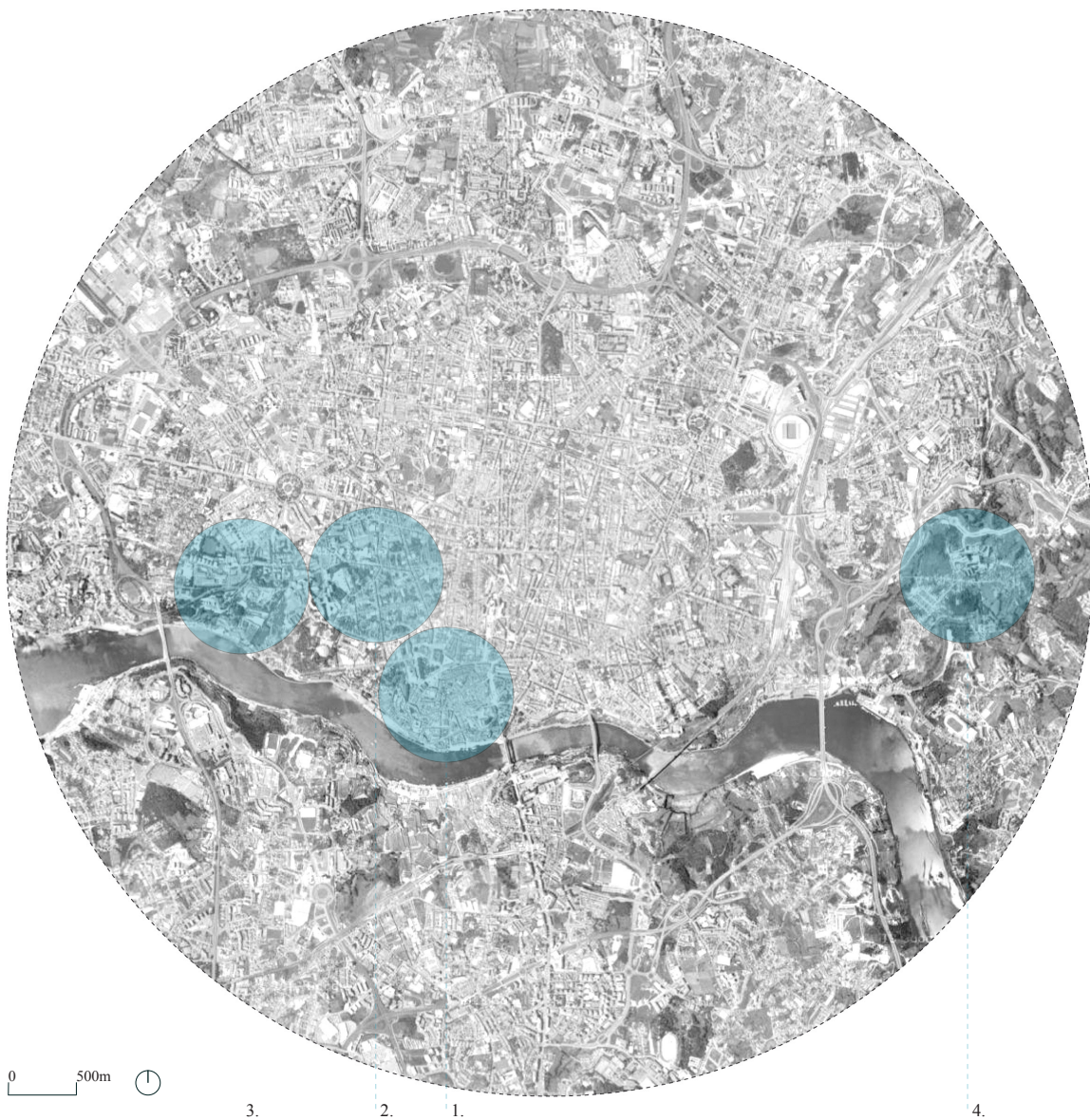
Para agravar a situação económica, uma lei promulgada em 1933, condicionou a abertura de novas unidades para a posse de uma licença cuja liberação dependia das necessidades do mercado, o que, na prática, restringia a concorrência entre as unidades da mesma indústria. Resultou que, até à liberalização de 1974 as indústrias tem vivido sob a proteção artificial que lhes permitiu sobreviver em condições de obsoletas, assim adiaram a reestruturação que já existia no resto da Europa. A certeza da exportação foi assegurada pelas colónias africanas.

Com a queda da ditadura tem uma devolução industrial de todas as indústrias que não tinham sofrido processos de modernização. Os proprietários das áreas industriais estavam relutantes em vender suas terras para evitar ter que baixar os preços. Ainda se podem ver os resultados dessas políticas económicas em muitos edifícios abandonados, especialmente na área de Campanhã.

Como resultado dos investimentos em terrenos e imóveis da classe burguesa no centro da cidade, durante décadas e até agora, tem existido formas de exploração sobre a propriedade urbana já parcelada; Um exemplo é o das Ilhas: pequenas casas construídas nos jardins interiores das casas burguesas, depois alugadas às pessoas do interior do país em busca de um emprego.

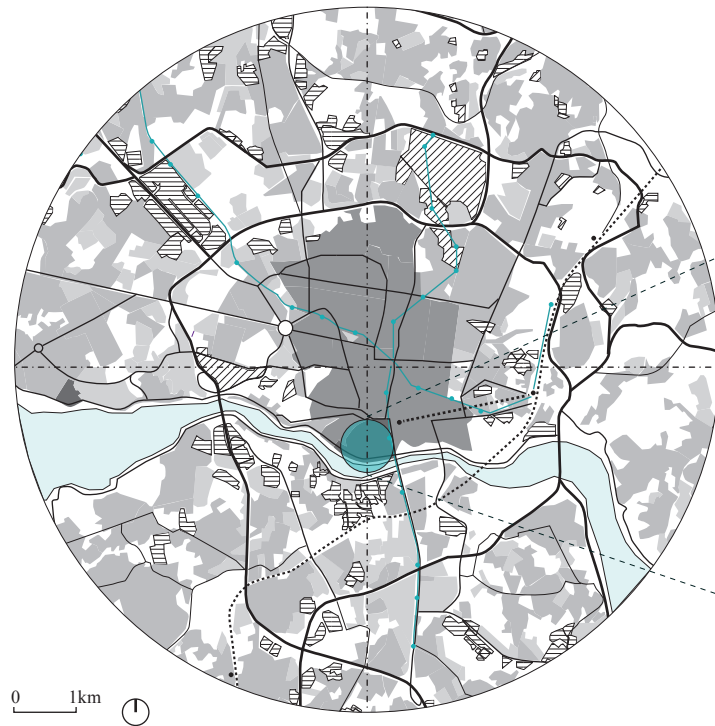
Nos anos 1950 e 1960, a cidade tem promovido iniciativas para substituir as Ilhas em favor da habitação social; com a Revolução dos Cravos a administração começou a construir no anel externo da cidade. Até à data, os problemas não foram resolvidos.

A incapacidade da expropriação dos edifícios pelo município, a contínua proposta de intervenções específicas e fragmentadas, a gestão do capital privado que controla a dinâmica do mercado atrapalham o desenvolvimento do território do Porto.



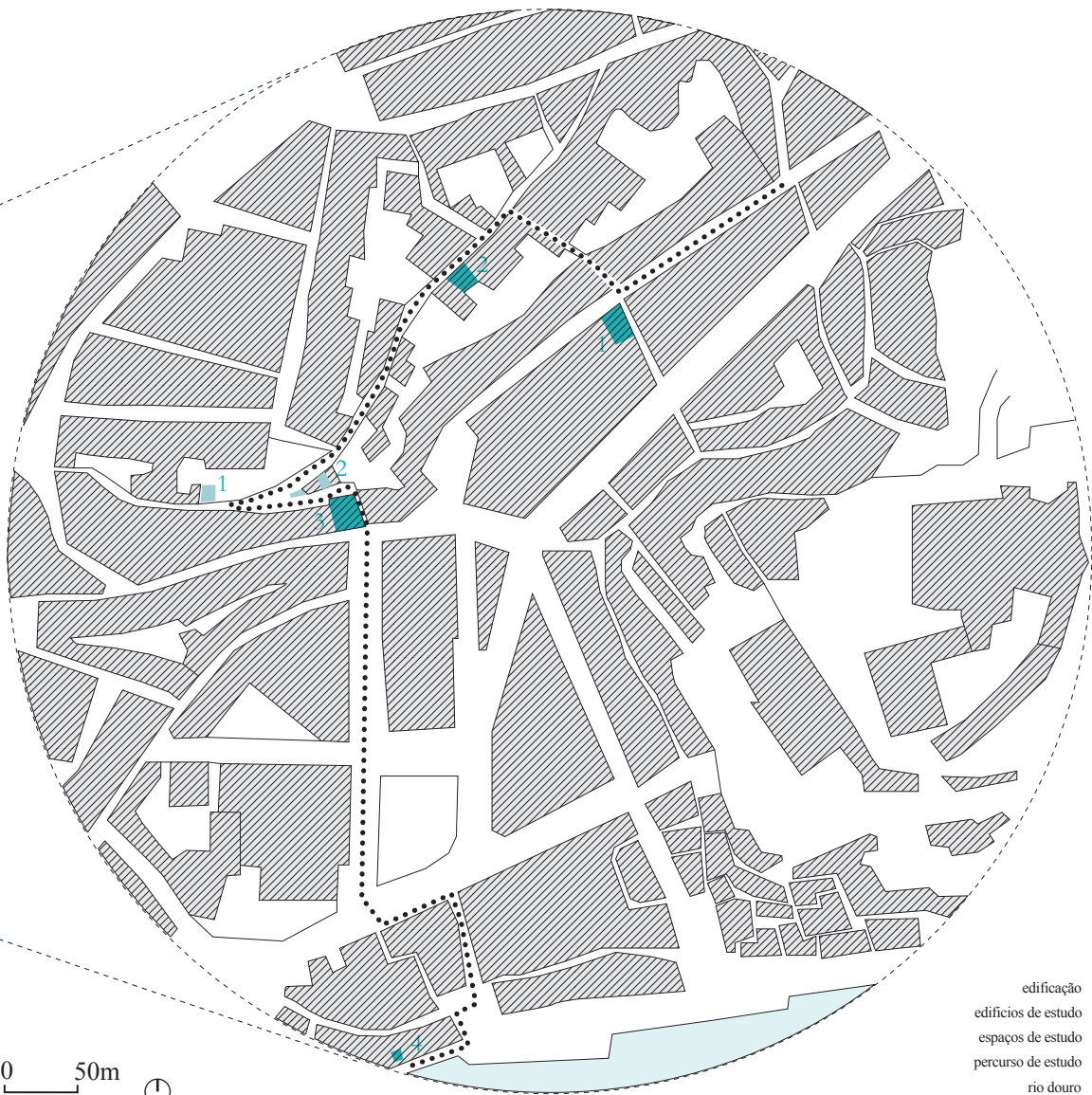
Mapa das 4 areas de estudo

Area urbana de edificação densa

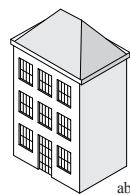


- centro storico
- ilhas
- habitação
- habitação plurifamiliar de grande edificios
- universidades
- area industriais e comerciais
- rio douro
- rodovias
- ruas principais
- ruas secundarias
- caminho de ferro
- linha do metro
- cortes





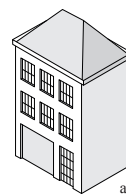
edifícios



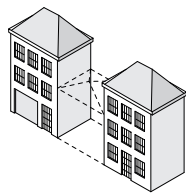
abitação



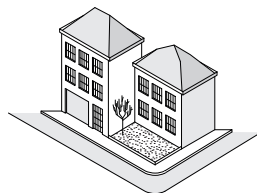
armazéns/
comercio



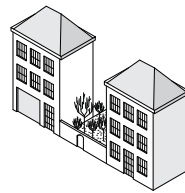
abitação +
comercio



residuo de
edificação

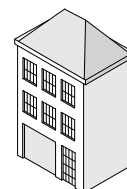


residuo de
projeto



residuo
agricolo

espaços



1 Edifício

Localização

Cruzamento: Rua das Flores com
Rua Ponte Nova
Número de Policia: 102 - 100

Nº de pisos

R/c + 2

Estado de conservação

Bom res - do - chão
Bom 1º piso
Razoável cobertura

Utilização actual

Comercio - café r/c

Utilização passada

Comercio r/c
Habitação pisos superiores

Acessos

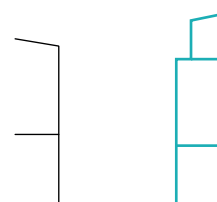
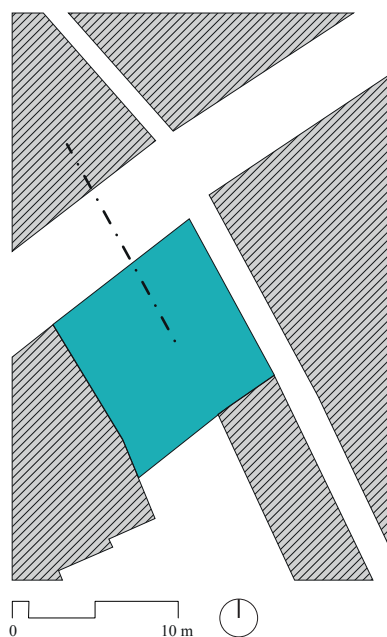
Ào r/c: unico
Àos pisos superiores: duplo

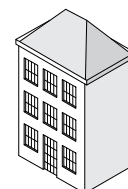
Período de construção

Anterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possível

Habitação
Atelier
Loja





2 Edifício

Localização

Rua: Rua das Flores
Numero de Policia: 153

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Mau

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação

Acessos

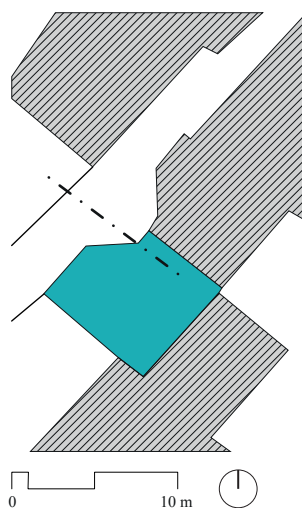
Ào r/c e
pisos superiores: unico

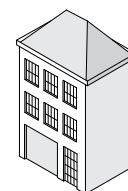
Periodo de construção

Posterior 1959
Cartografia aerea

Uso possível

Habitação - garagem





3 Edifício

Localização

Rua: Rua de Belomonte
Numero de Policia: 21

Nº de pisos

R/c + 4

Estado de conservação

Ruina

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Comercio r/c + 1º
Habitação pisos superiores

Acessos

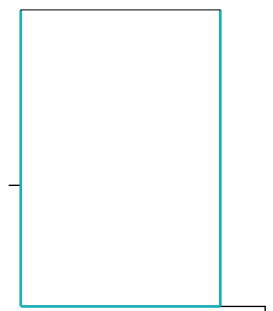
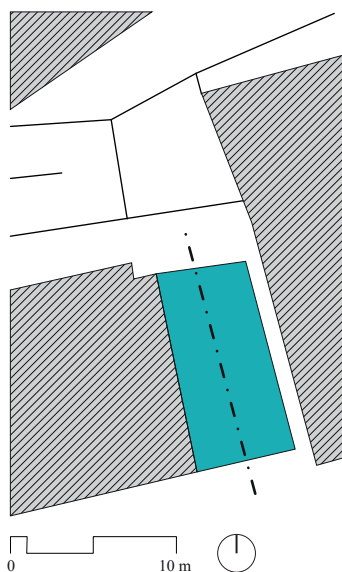
Ào r/c: unico
Àos pisos superiores: unico tardoz

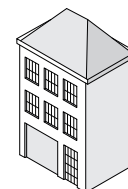
Periodo de construção

Anterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possivel

Habitação
Atelier
Comercio
Residencia
Hostel





4 Edifício

Localização

Rua: Cais Estiva
Numero de Policia: 33

Nº de pisos

R/c + 4

Estado de conservação

Razoavel res - do - chão
Bom os outros pisos

Utilização actual

Nenhuma r/c
Habitação
pisos superiores

Utilização passada

Comercio r/c
Habitação pisos superiores

Acessos

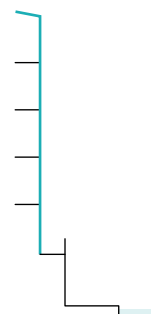
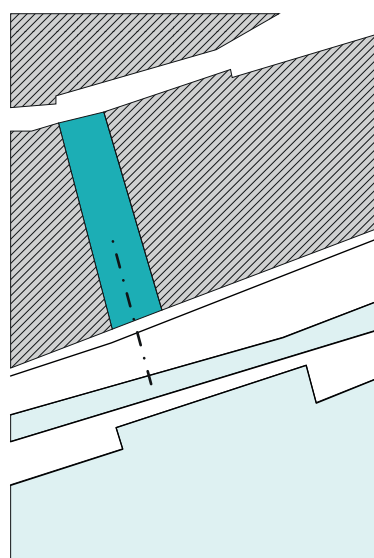
Ào r/c: unico
Àos pisos superiores: unico tardoz

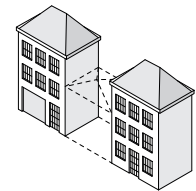
Periodo de construção

Anterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possivel

Habitação
Atelier
Comercio
Casa estudantes





1 Espaço

Localização
Rua: Rua da Vitoria

Utilização actual
Nenhuma

Utilização passada
Habitação
Cultivo urbano

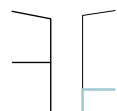
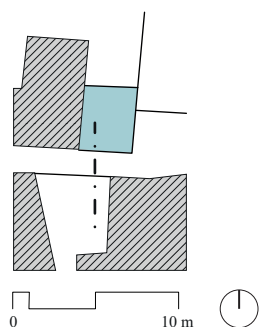
Envolvente
Habitação

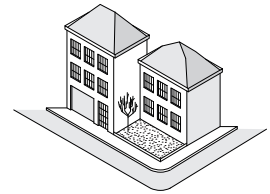
Vedação
Nenhuma

Acessos
Nenhum

Vegetação interna
Ervas daninhas

Uso possível
Habitação
Cultivo urbano
Espaço de lazer





2 Espaço

Localização
Rua: Rua da Vitória

Utilização actual
Estrutura de sustentamento

Utilização passada
Estrutura de sustentamento

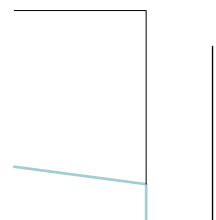
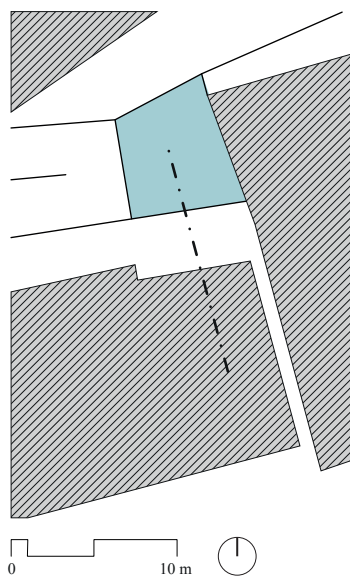
Envolvente
Habitação

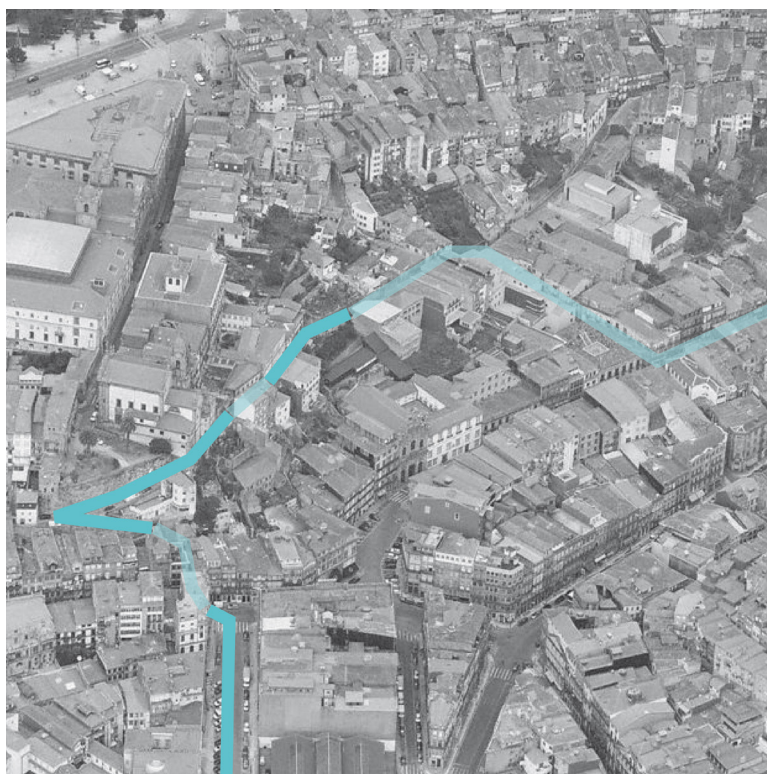
Vedação
Nenhuma

Acessos
Nenhum

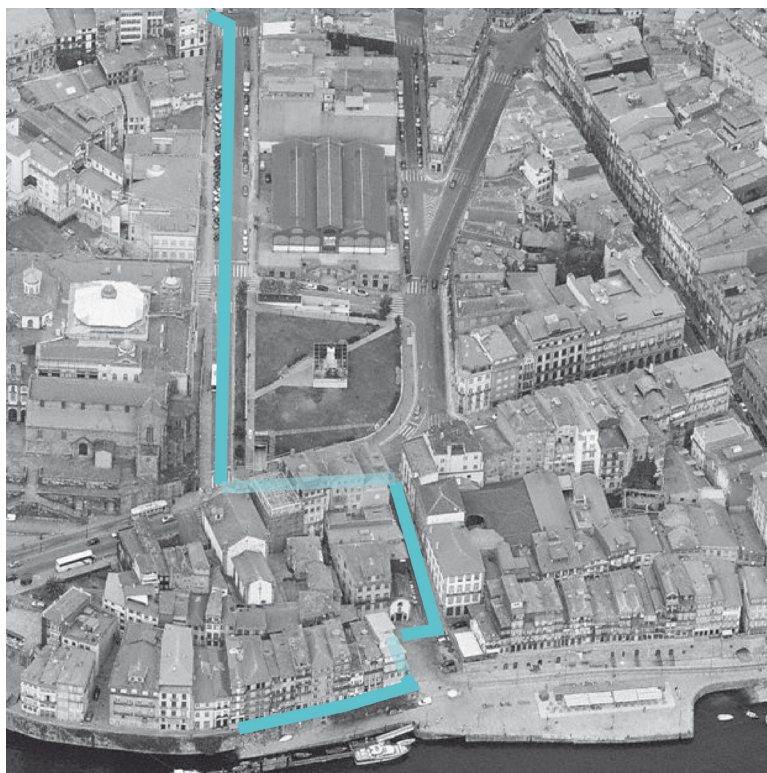
Vegetação interna
Ervas daninhas

Uso possível
Cultivo urbano
Espaço de lazer

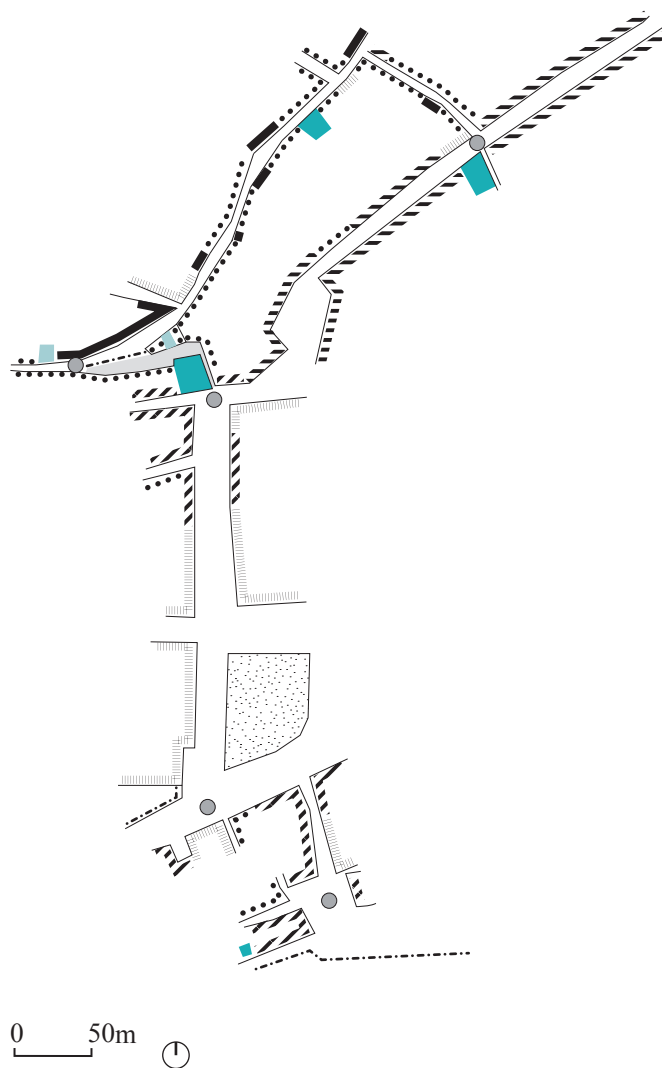




34. Vista panoramica da area de estudo



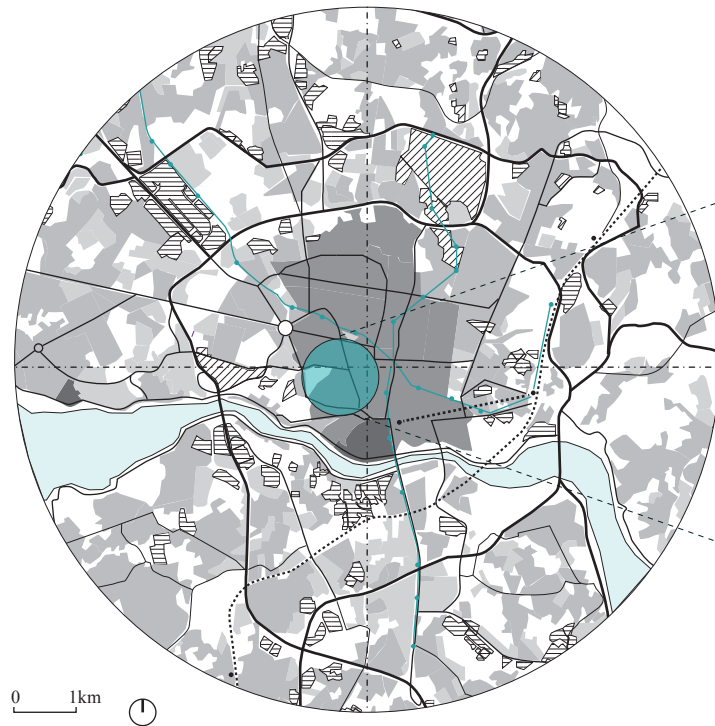
35. Vista panoramica da area de estudo



- quarteirão 
- edifícios de estudo 
- espaços de estudo 
- edifício serviço privado 
- edifício serviço público 
- edifício de habitação 
- muro 
- desnível 
- nodo 
- jardim público 
- espaços público pedonal 

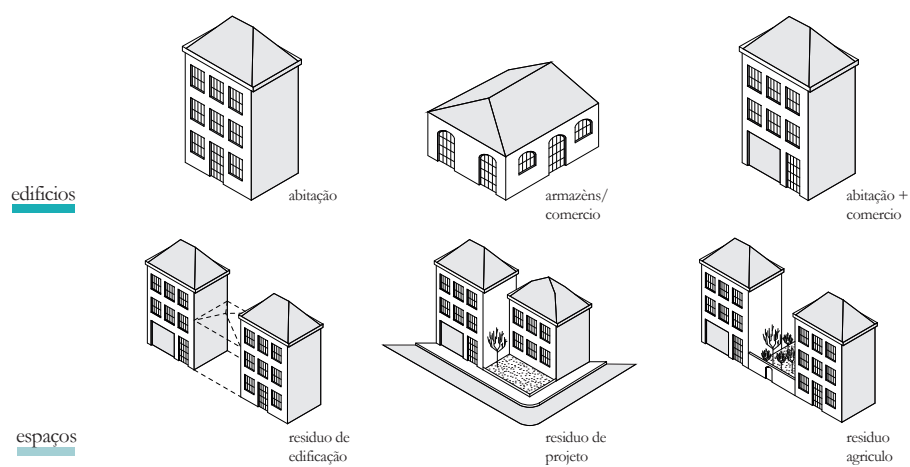
Representação interpretativa da área de estudo

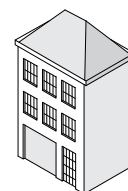
Area urbana de edificação densa



- centro storico
- ilhas
- habitação
- habitação plurifamiliar de grande edificios
- universidades
- area industriais e comerciais
- rio douro
- rodovias
- ruas principais
- ruas secundarias
- caminho de ferro
- linha do metro
- cortes







1 Edifício

Localização

Cruzamento: Rua de Cedofeita com
Rua Miguel Bombarda
Número de Polícia: 55 - 59

Nº de pisos

R/c + 3

Estado de conservação

Bom res - do - chão
Razoável pisos superiores

Utilização actual

Comércio r/c

Utilização passada

Comércio r/c
Habitação pisos superiores

Acessos

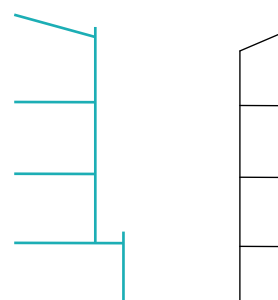
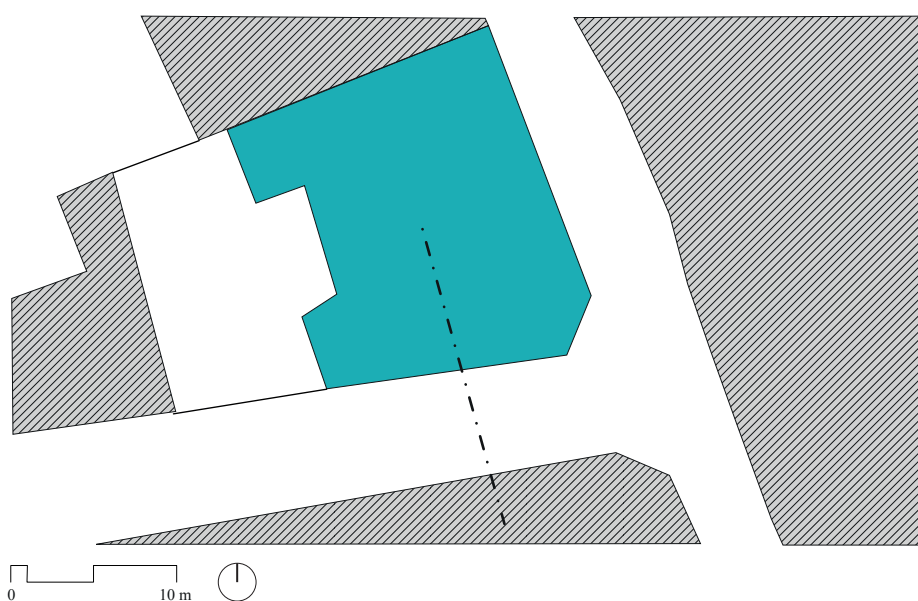
Ào r/c: triplo
Àos pisos superiores: duplo

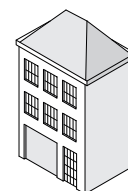
Período de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possível

Habitação
Residência
Hostel
Atelier
Loja - comércio
Escola
Espaço público
polifuncional





2 Edifício

Localização

Rua: Rua Miguel Bombarda
Numero de Policia: 169 - 171

Nº de pisos

R/c + 3

Estado de conservação

Bom r/c e pisos superiores

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Comercio r/c
Habitação pisos superiores

Acessos

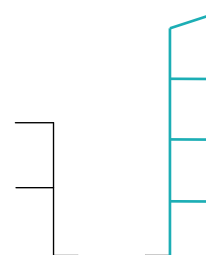
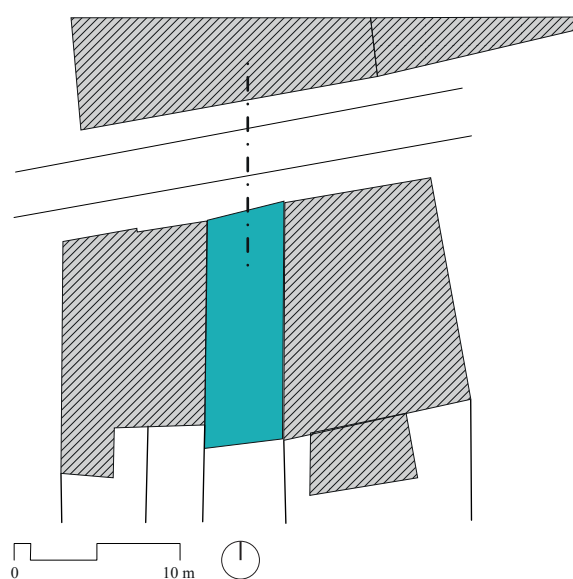
Ào r/c unico
Àos pisos superiores: unico

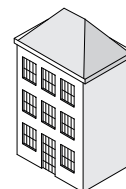
Periodo de construção

Posterior 1959
Cartografia aerea

Uso possível

Habitação
Residencia
Atelier
Loja - comercio
Espaço publico
polifuntional





3 Edifício

Localização

Rua: Rua Miguel Bombarda
Numero de Policia: 201

Nº de pisos

R/c + 2

Estado de conservação

Bom r/c e pisos superiores

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação

Acessos

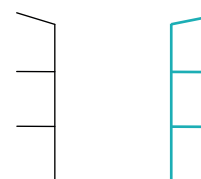
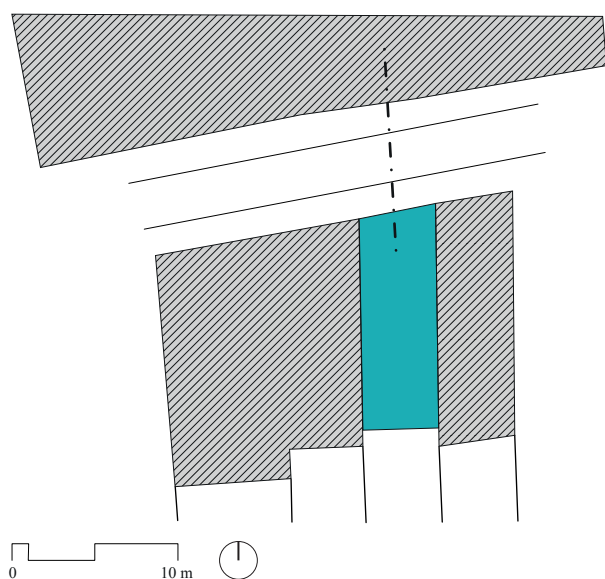
Ào r/c unico
Àos pisos superiores: unico

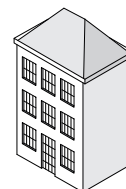
Periodo de construção

Posterior 1959
Cartografia aerea

Uso possivel

Habitação
Residencia
Atelier
Loja - comercio
Espaço publico
polifuntional





4 Edifício

Localização

Rua: Rua Miguel Bombarda
Numero de Policia: 243 - 245

Nº de pisos

R/c + 2

Estado de conservação

Razoavel r/c e pisos superiores

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação

Acessos

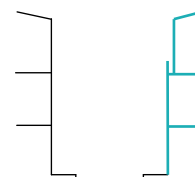
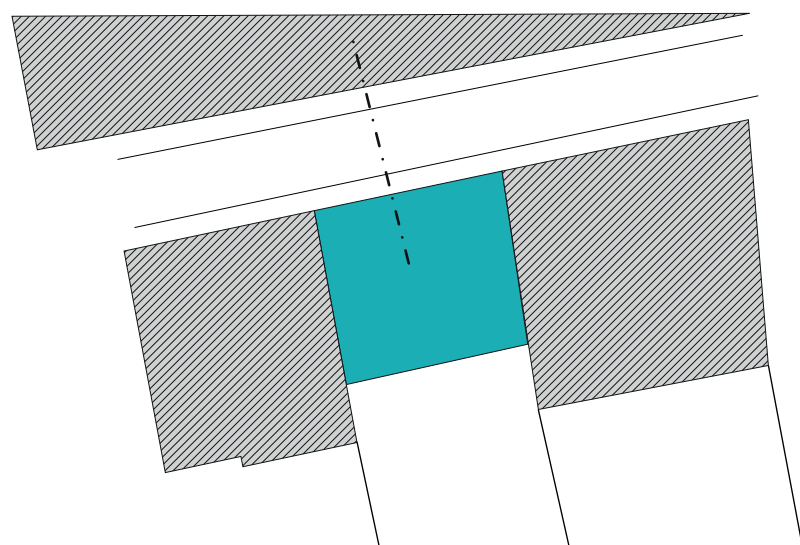
Ào r/c e pisos superiores: duplo

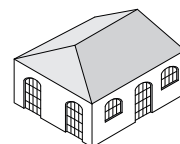
Periodo de construção

Anterior 1959
Cartografia aerea

Uso possível

Habitação
Residencia
Hostel
Atelier
Loja - comercio
Espaço publico
polifuntional





5 Edifício

Localização

Rua: Rua Miguel Bombarda
Numero de Policia: 276 - 278

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Bom

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Comercio

Acessos

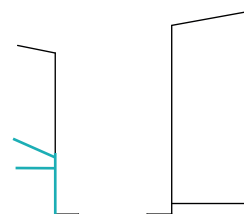
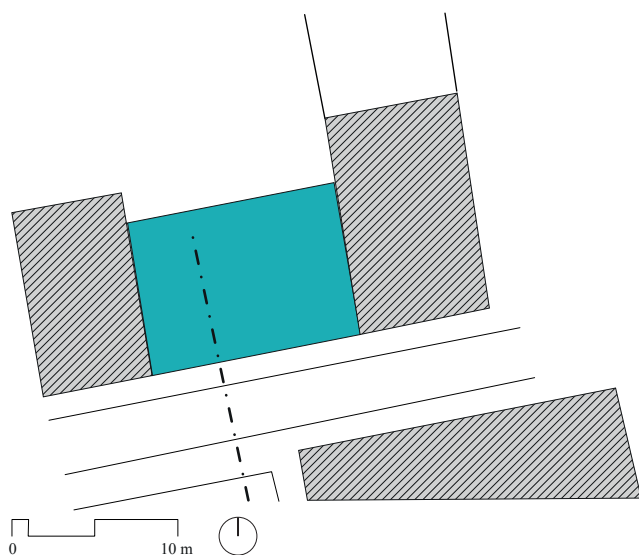
Ào r/c e piso superiore: duplo

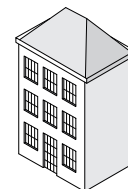
Periodo de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possivel

Atelier
Loja - comercio
Garagem
Espaço publico
polifuntional





6 Edifício

Localização

Rua: Rua Miguel Bombarda
Numero de Policia: 557

Nº de pisos

R/c

Estado de conservação

Razoavel

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação

Acessos

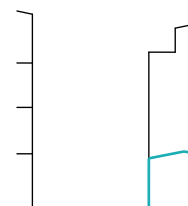
Ào r/c: duplo

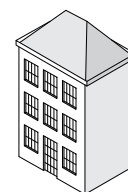
Periodo de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possivel

Atelier
Loja - comercio





7 Edifício

Localização

Rua: Rua Miguel Bombarda
Numero de Policia: 575 - 579

Nº de pisos

R/c

Estado de conservação

Razoavel

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação

Acessos

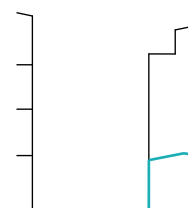
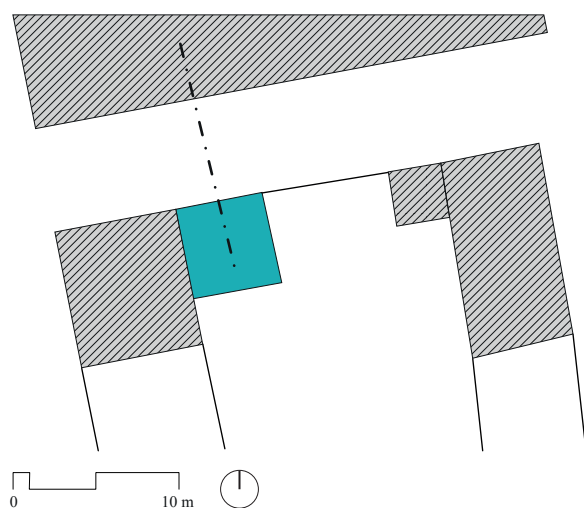
Ào r/c: duplo

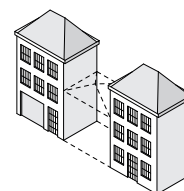
Periodo de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possivel

Atelier
Loja - comercio





1 Espaço

Localização

Rua: Rua Miguel Bombarda
Numero de Policia: 254

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação

Envolvente

Habitação
Comercio

Vedação

Rede metalica

Acessos

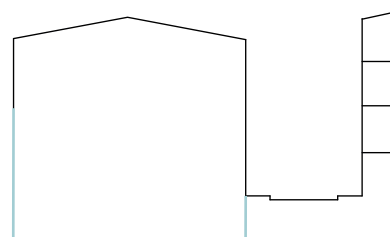
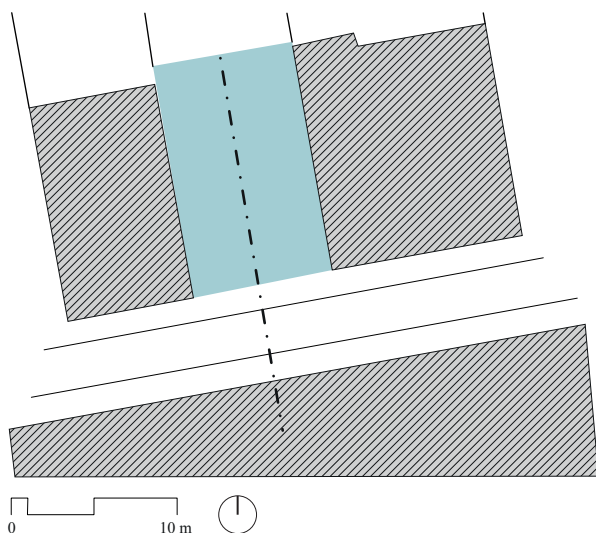
Nenhum

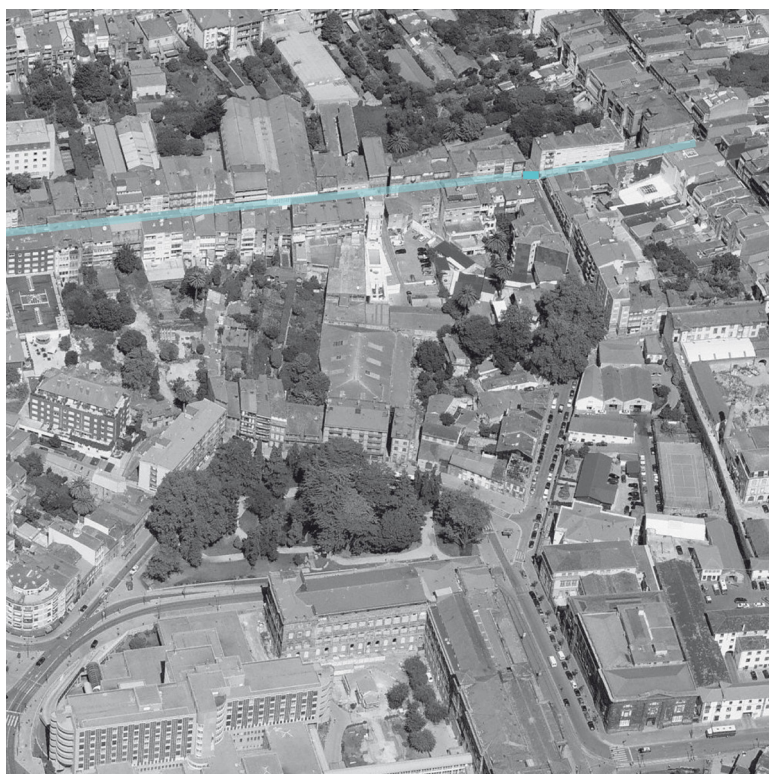
Vegetação interna

Não percebível

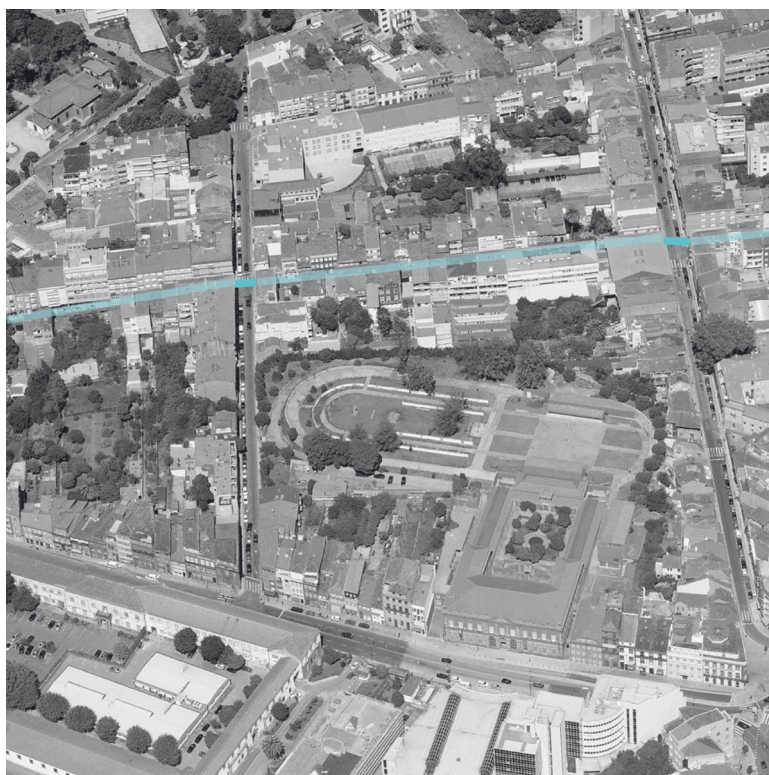
Uso possível

Cultivo urbano
Espaço de lazer

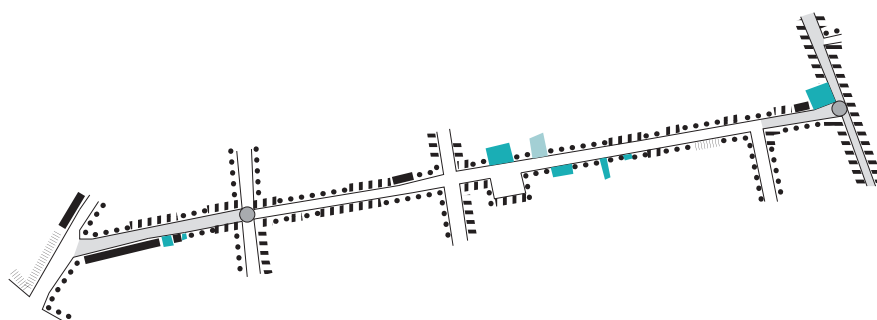




36. Vista panoramica da area de estudo



37. Vista panoramica da area de estudo

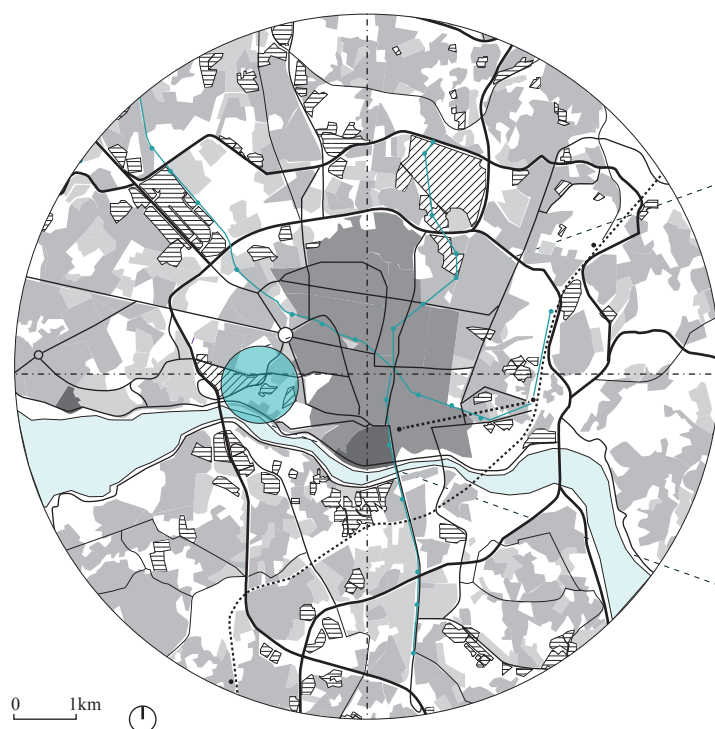


- quarteirão 
- edifícios de estudo 
- espaços de estudo 
- edifício serviço privado 
- edifício serviço público 
- edifício de habitação 
- muro 
- espaço público pedonal 
- nodo 

0 50m 

Representação interpretativa da área de estudo

Area urbana de edificação à baixa densidade

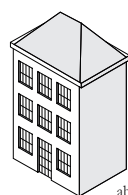


- centro storico
- ilhas
- habitação
- habitação plurifamiliar de grande edifícios
- universidades
- area industriais e comerciais
- rio douro
- rodovias
- ruas principais
- ruas secundarias
- caminho de ferro
- linha do metro
- cortes





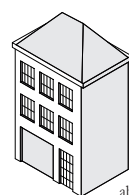
edifícios



abitação

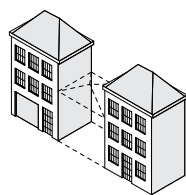


armazéns/
comércio

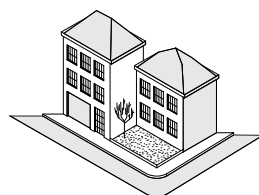


abitação +
comércio

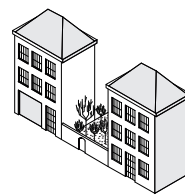
espaços



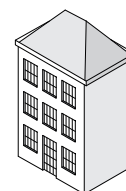
resíduo de
edificação



resíduo de
projeto



resíduo
agrícola



1 Edifício

Localização

Cruzamento: Rua de Vilar com Rua
Abade Baçal
Número de Policia: 3

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Mau

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação com jardim

Acessos

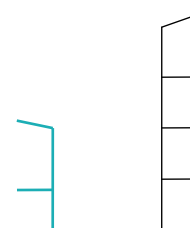
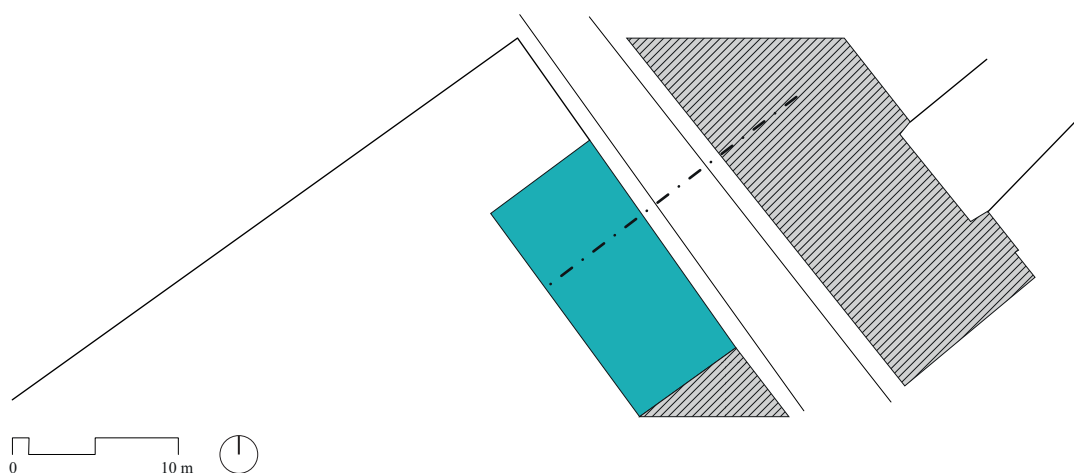
Ào r/c e pisos superiores: unico

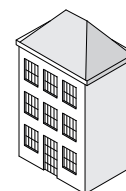
Periodo de construção

Anterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possível

Habitação
Residencia
Atelier
Loja
Escola
Espaço publico
polifuntional





2 Edifício

Localização

Cruzamento: Rua de Vilar com Rua
Abade Baçal
Número de Policia: 13

Nº de pisos

R/c

Estado de conservação

Razoavel

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação com jardim

Acessos

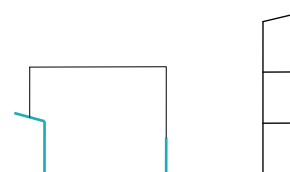
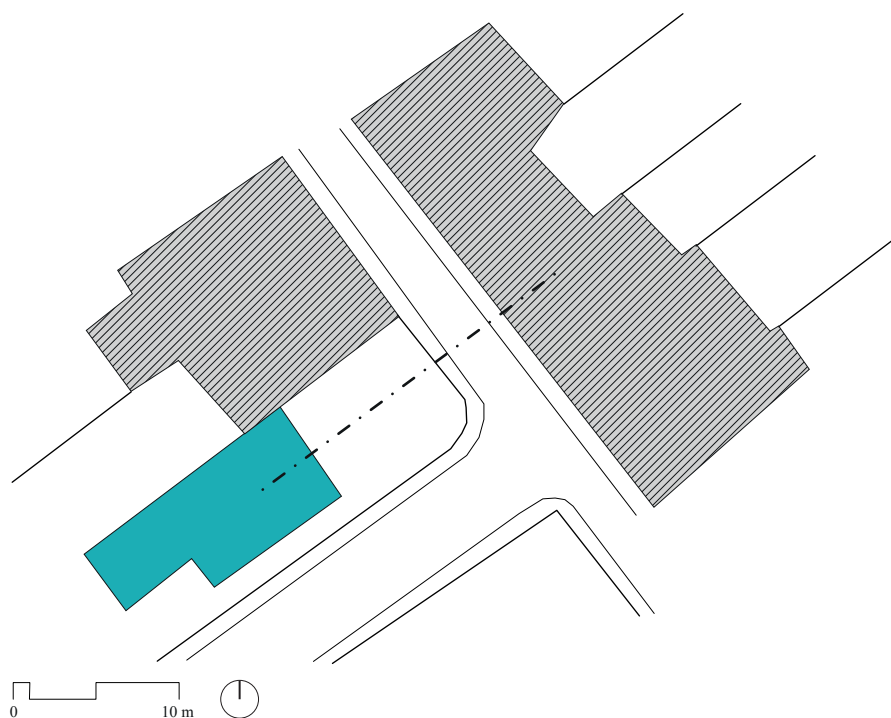
Ào r/c: unico

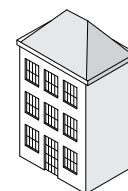
Periodo de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possivel

Habitação
Atelier





3 Edifício

Localização

Rua: Rua de Vilar
Numero de Policia: 180

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Razoavel

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação com jardim

Acessos

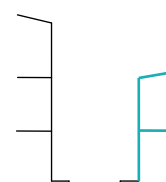
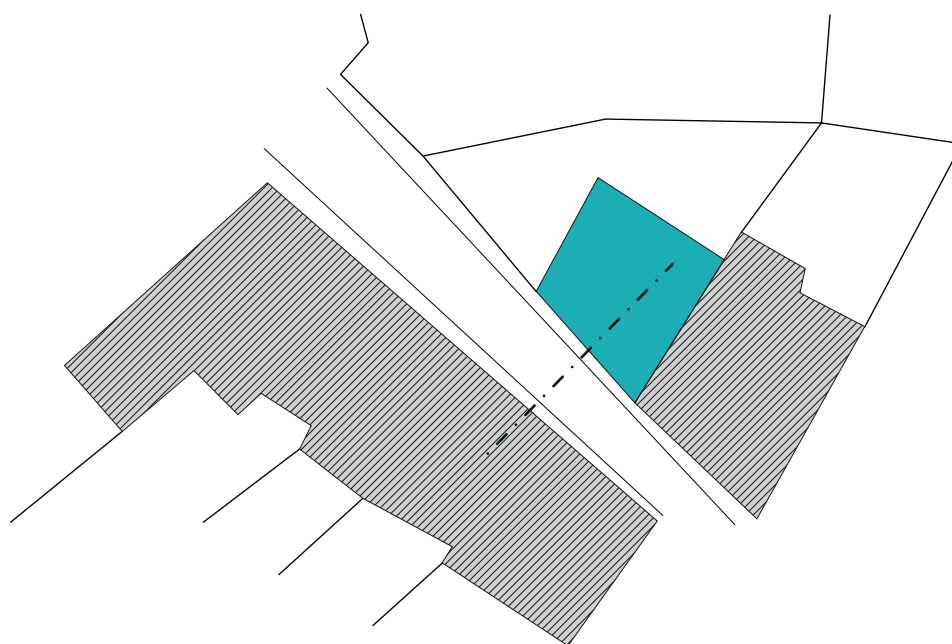
Ào r/c e piso superiore: unico

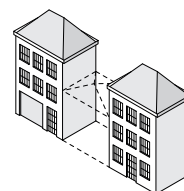
Periodo de construção

Anterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possivel

Atelier
Loja - comercio
Espaço publico
polifuntional





1 Espaço

Localização
Rua: Rua de Vilar
Numero de Policia: 66

Utilização actual
Nenhuma

Utilização passada
Habitação

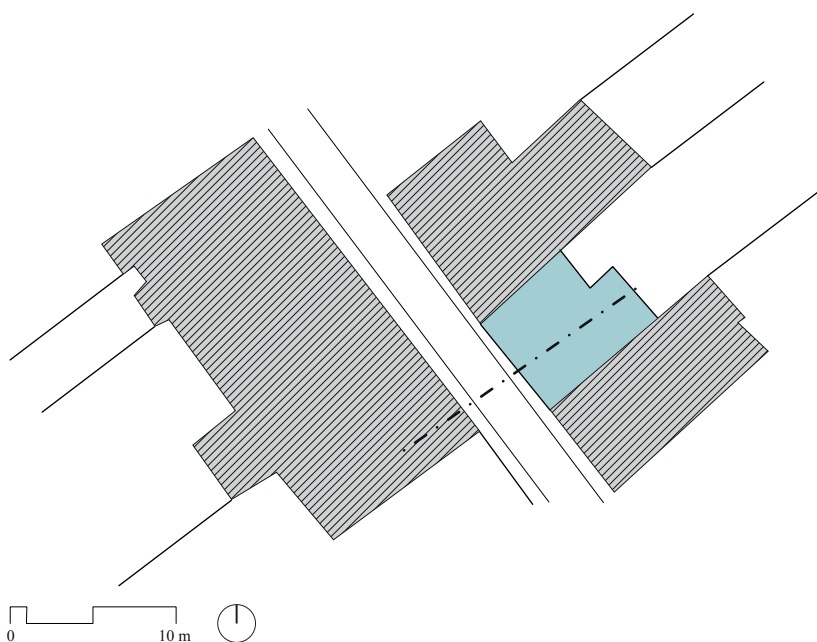
Envolvente
Habitação
Comercio

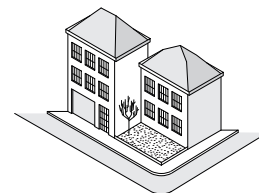
Vedação
Parede 2,5 m altura

Acessos
Unico privado

Vegetação interna
Não percebível

Uso possível
Cultivo urbano
Espaço de lazer
Habitação





2 Espaço

Localização
Rua: Rua de Vilar

Utilização actual
Nenhuma

Utilização passada
Nenhuma

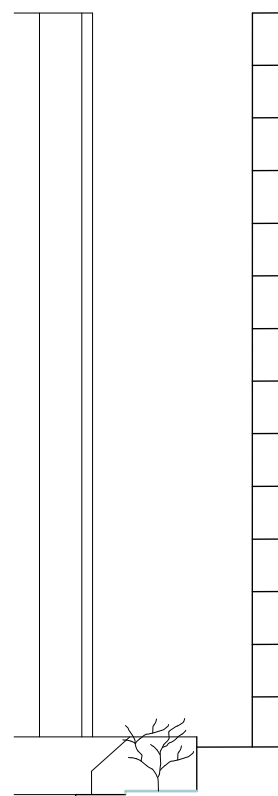
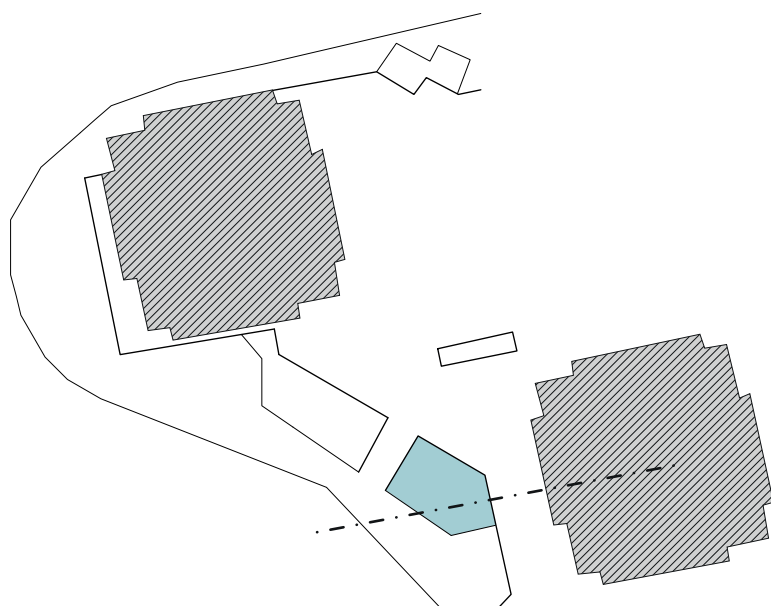
Envolvente
Habitação
Comercio

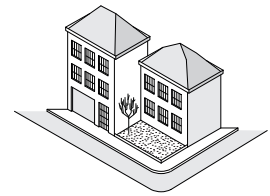
Vedação
Nenhuma

Acessos
Livre

Vegetação interna
Relva e um alvore

Uso possível
Espaço para os
caecãs





3 Espaço

Localização
Rua: Rua de Vilar

Utilização actual
Nenhuma

Utilização passada
Nenhuma

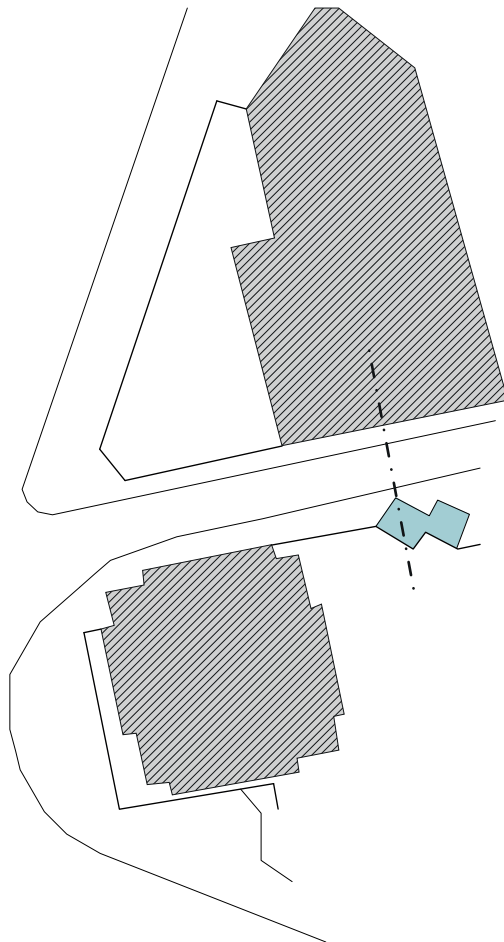
Envolvente
Habitação
Comercio

Vedação
Nenhuma

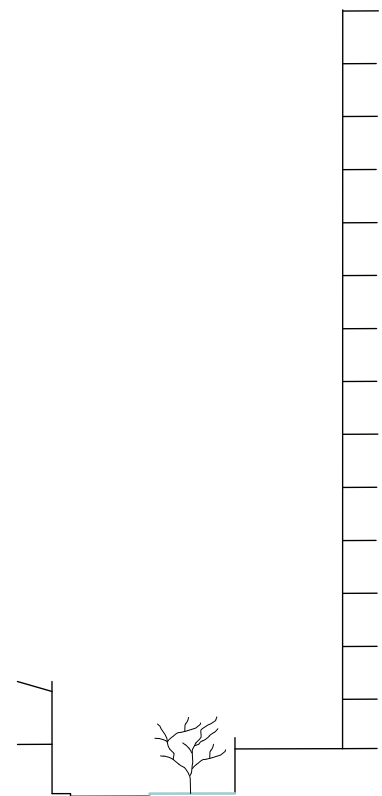
Acessos
Livre

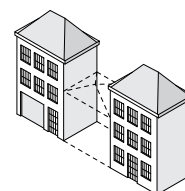
Vegetação interna
Relva e um alvore

Uso possível
Espaço para os
caecãs



0 10 m





4 Espaço

Localização

Cruxamento:
Rua Bom Sucesso com
Rua da Piedade

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Comercio - mecanico

Envolvente

Habitação
Comercio

Vedação

Parede 1,5 - 2m altura

Acessos

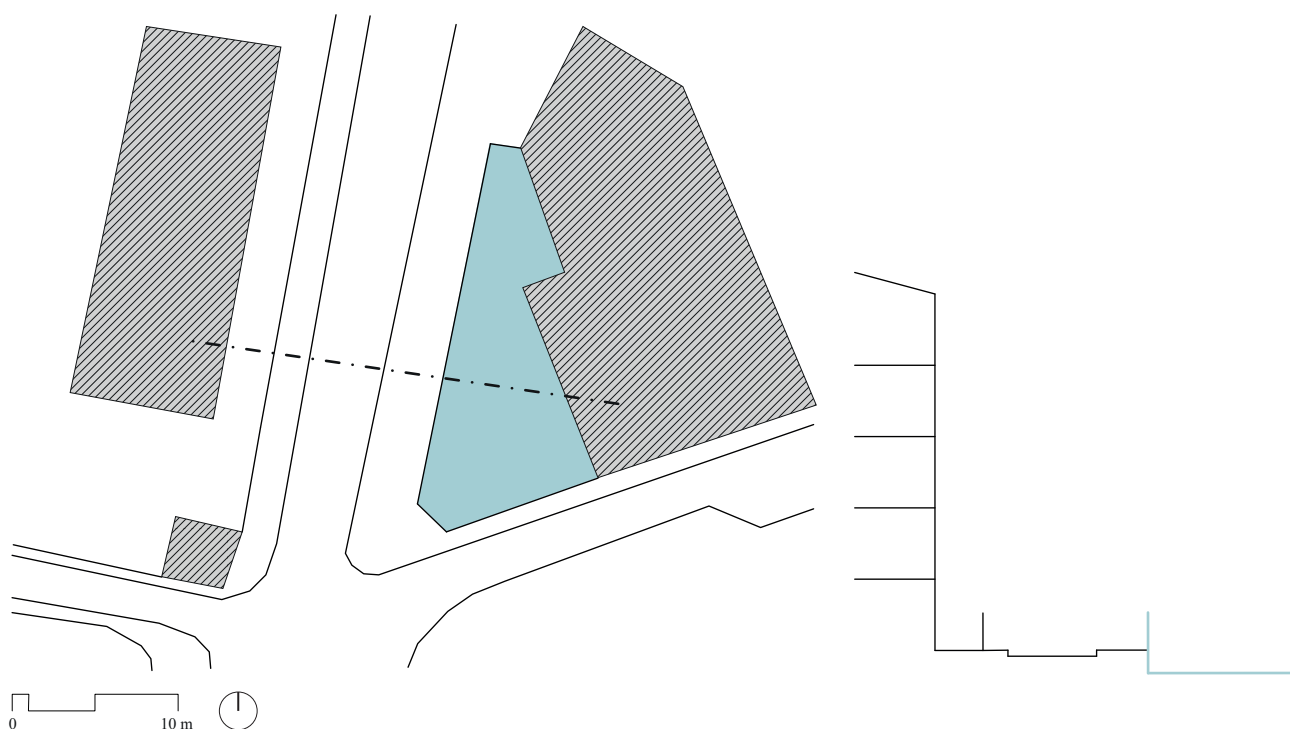
Unico privado

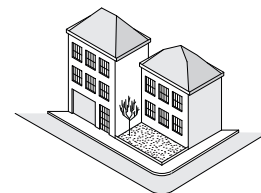
Vegetação interna

Ervas daninhas

Uso possivel

Espaço de lazer
Garagem -
estacionamento
Comercio





5 Espaço

Localização

Cruxamento: Rua Bom Sucesso com
Rua do Campo Alegre

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Nenhuma

Envolvente

Habitação
Comercio

Vedação

Nenhuma

Acessos

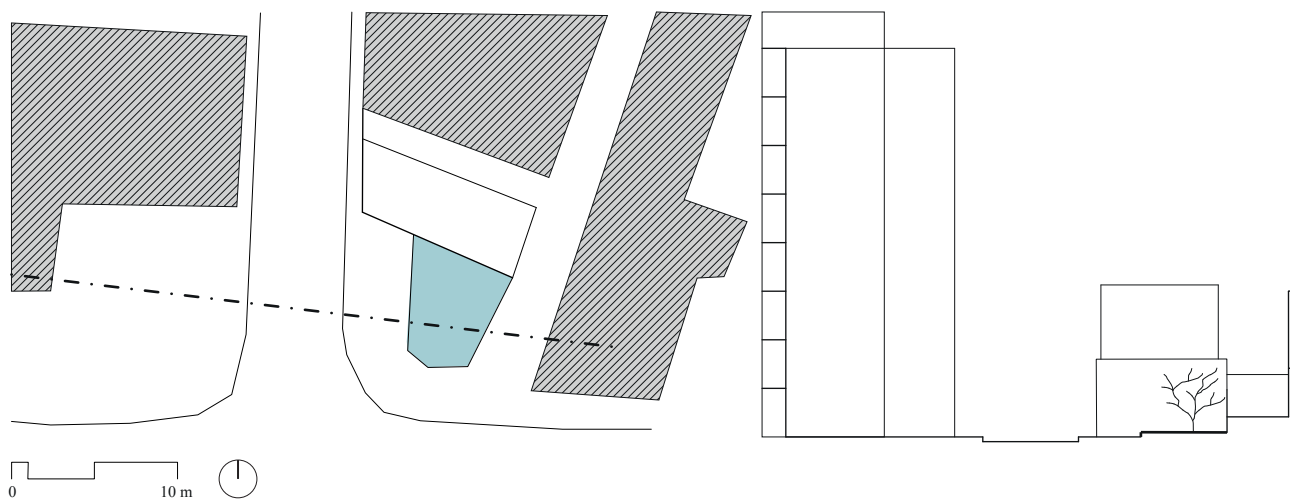
Livre

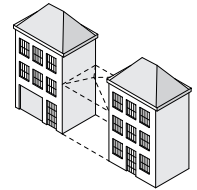
Vegetação interna

Relva e vegetação rasteira

Uso possível

Espaço para os
caçãs
Quiosque comercial





6 Espaço

Localização
Rua: Rua do Campo Alegre

Utilização actual
Passeio

Utilização passada
Passeio e bomba de gasolina

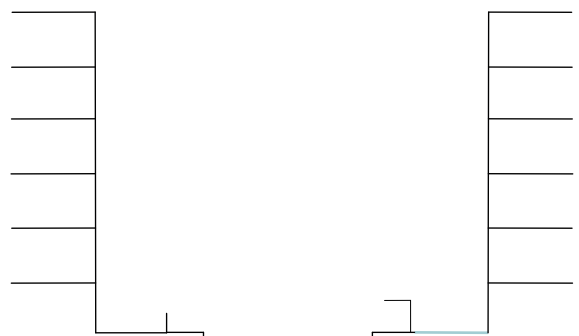
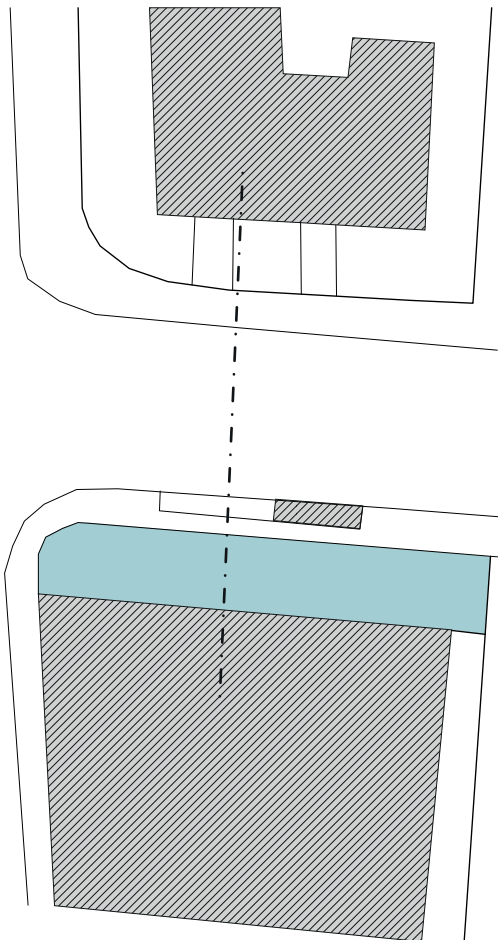
Envolvente
Habitação
Comercio

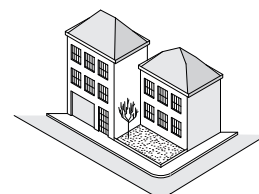
Vedação
Nenhuma

Acessos
Livre

Vegetação interna
Nenhuma

Uso possível
Passeio -
frente dos edifícios





7 Espaço

Localização

Rua: Rua do Campo Alegre
Numero de Polícia: 189

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Nenhuma

Envolvente

Habitação
Comercio

Vedação

Hedges 1m altura

Acessos

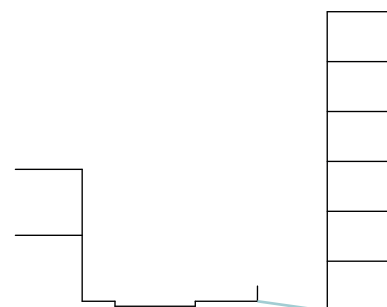
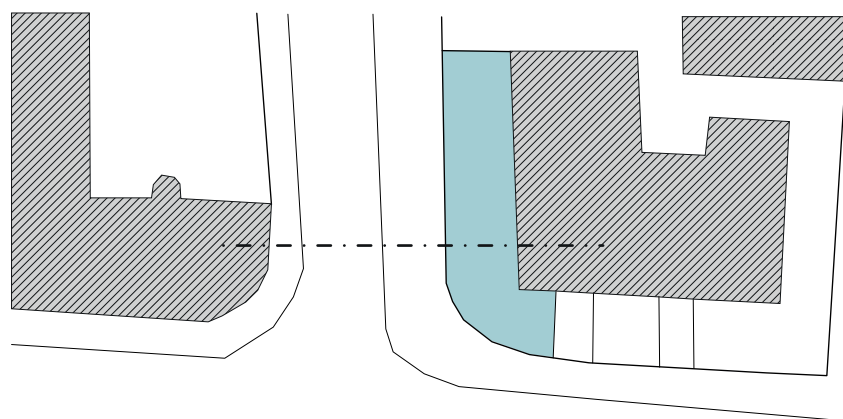
Unico - privado

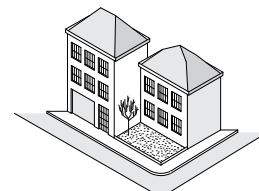
Vegetação interna

Nenhuma

Uso possível

Deposito
Estacionamento
bicicletas e moto





8 Espaço

Localização

Rua: Via paronamica
Edgar Cardoso

Utilização actual

Separator fluxos ruas

Utilização passada

Mato

Envolvente

Universidades
Estacionamentos

Vedação

Nenhuma

Acessos

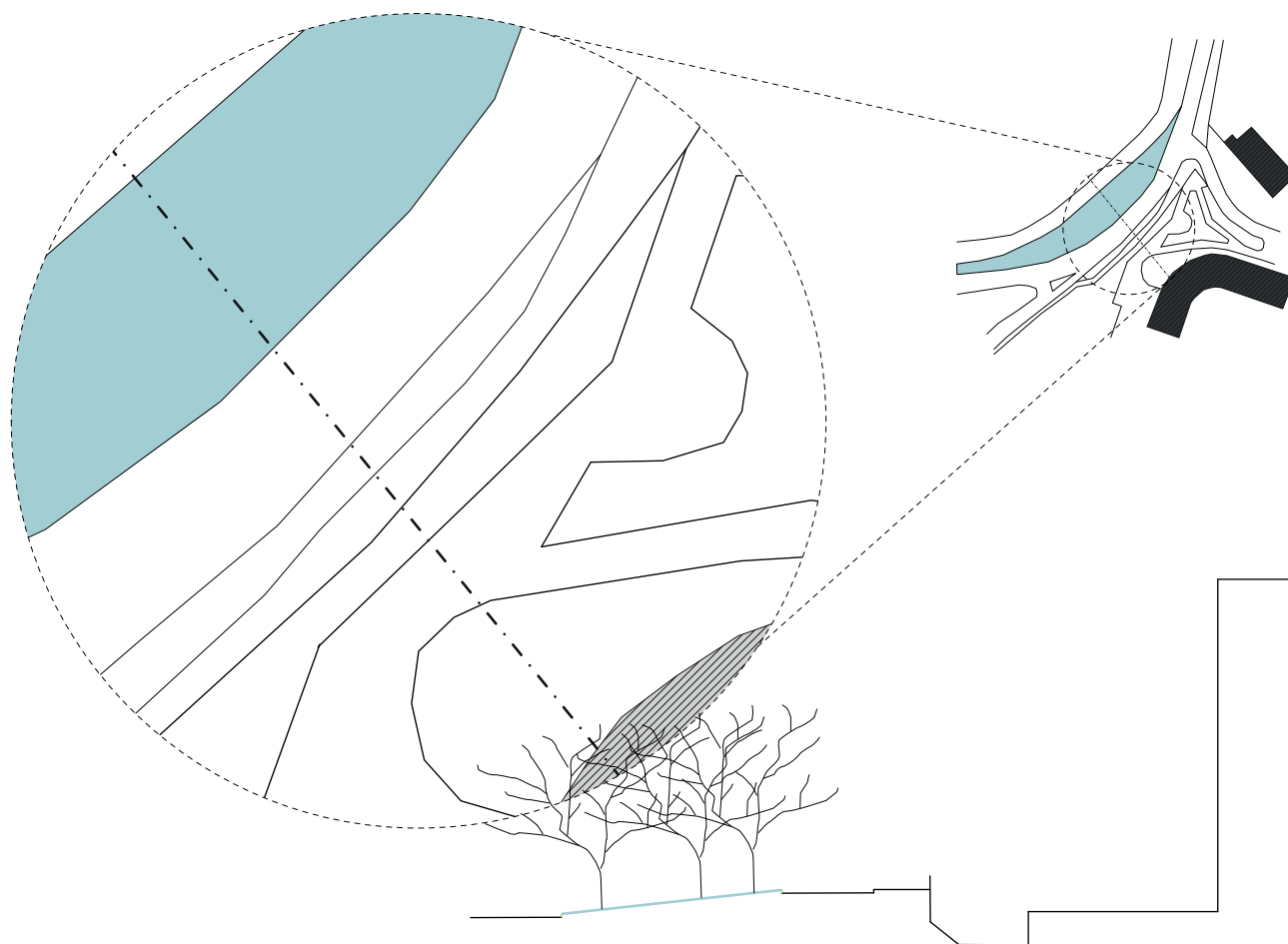
Livre

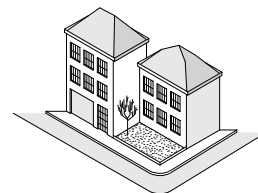
Vegetação interna

Relva e alvares

Uso possível

Preservar a vegetação
existente





9 Espaço

Localização

Rua: Via paronamica
Edgar Cardoso

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Mato

Envolvente

Universidades
Estacionamentos

Vedação

Nenhuma

Acessos

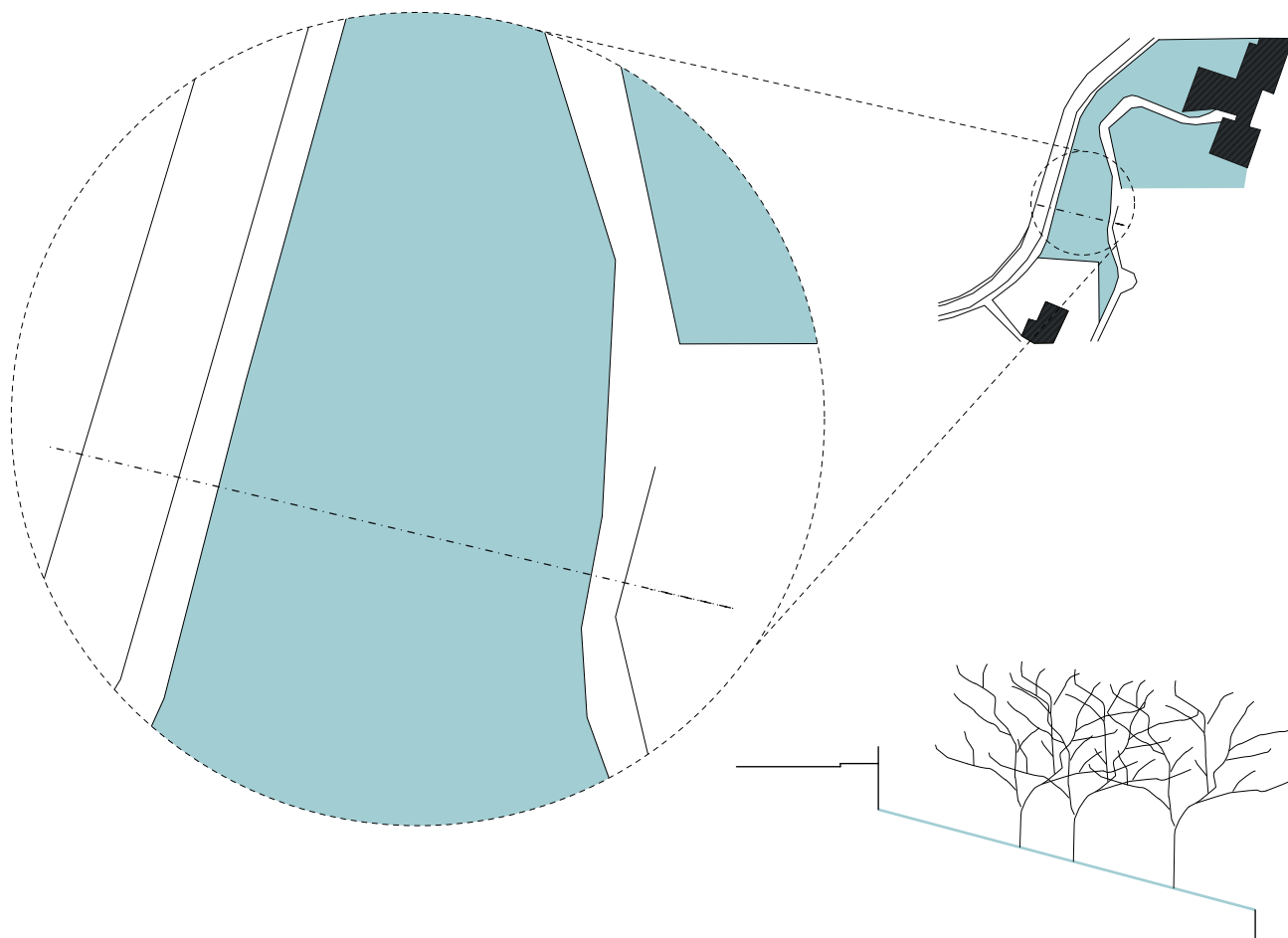
Livre

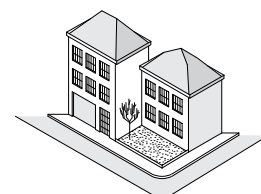
Vegetação interna

Vegetação rasteira e alvares

Uso possível

Preservar a
vegetação existenter





10 Espaço

Localização

Rua: Via paronamica
Edgar Cardoso

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Mato

Envolvente

Universidades
Estacionamentos

Vedação

Nenhuma

Acessos

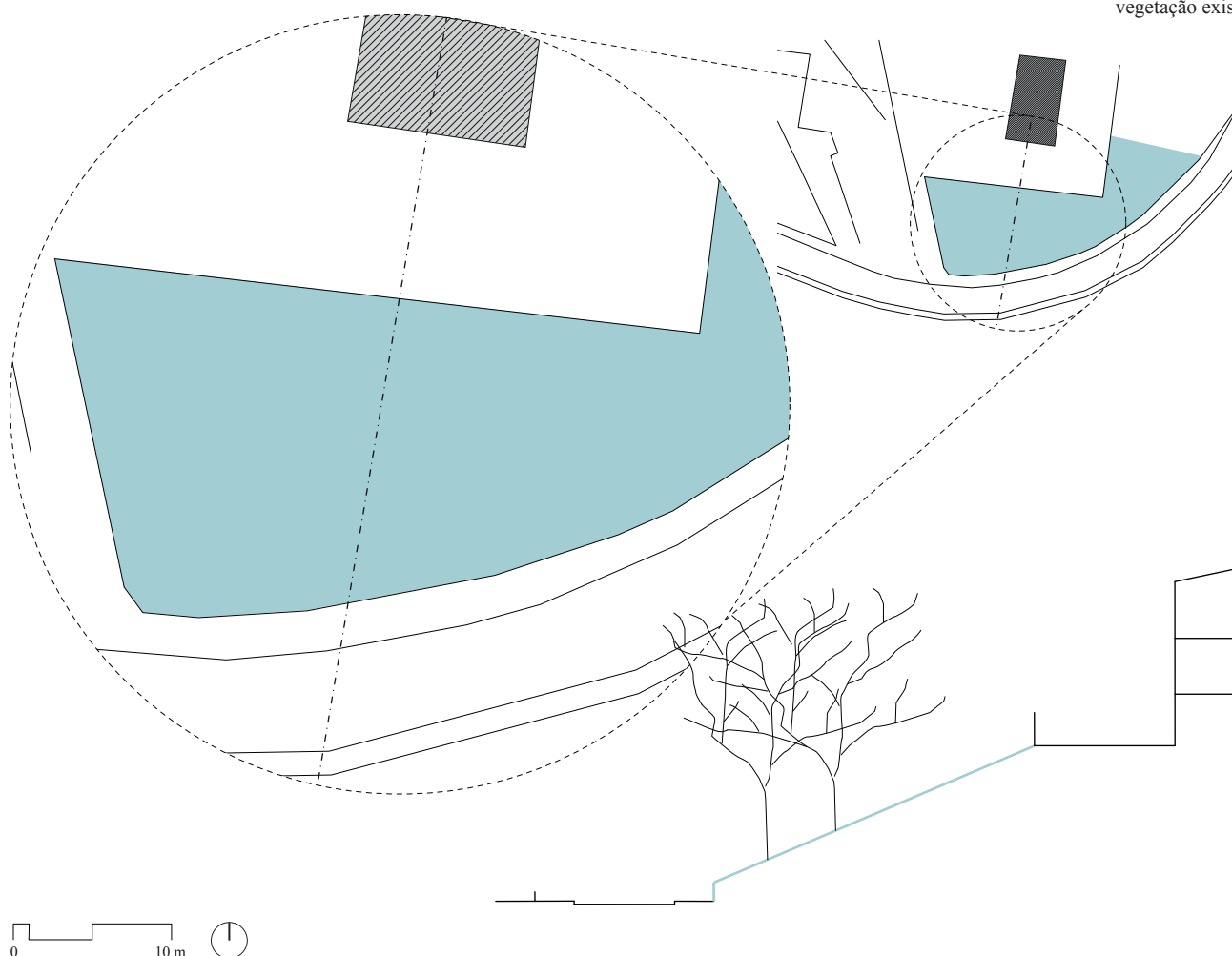
Livre

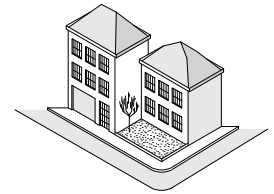
Vegetação interna

Vegetação rasteira e alvares

Uso possível

Entrada à Universidade
Preservar a
vegetação existenter





11 Espaço

Localização
Rua: Tardoz da FAUP

Utilização actual
Espaço Writers

Utilização passada
Mato

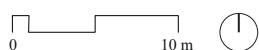
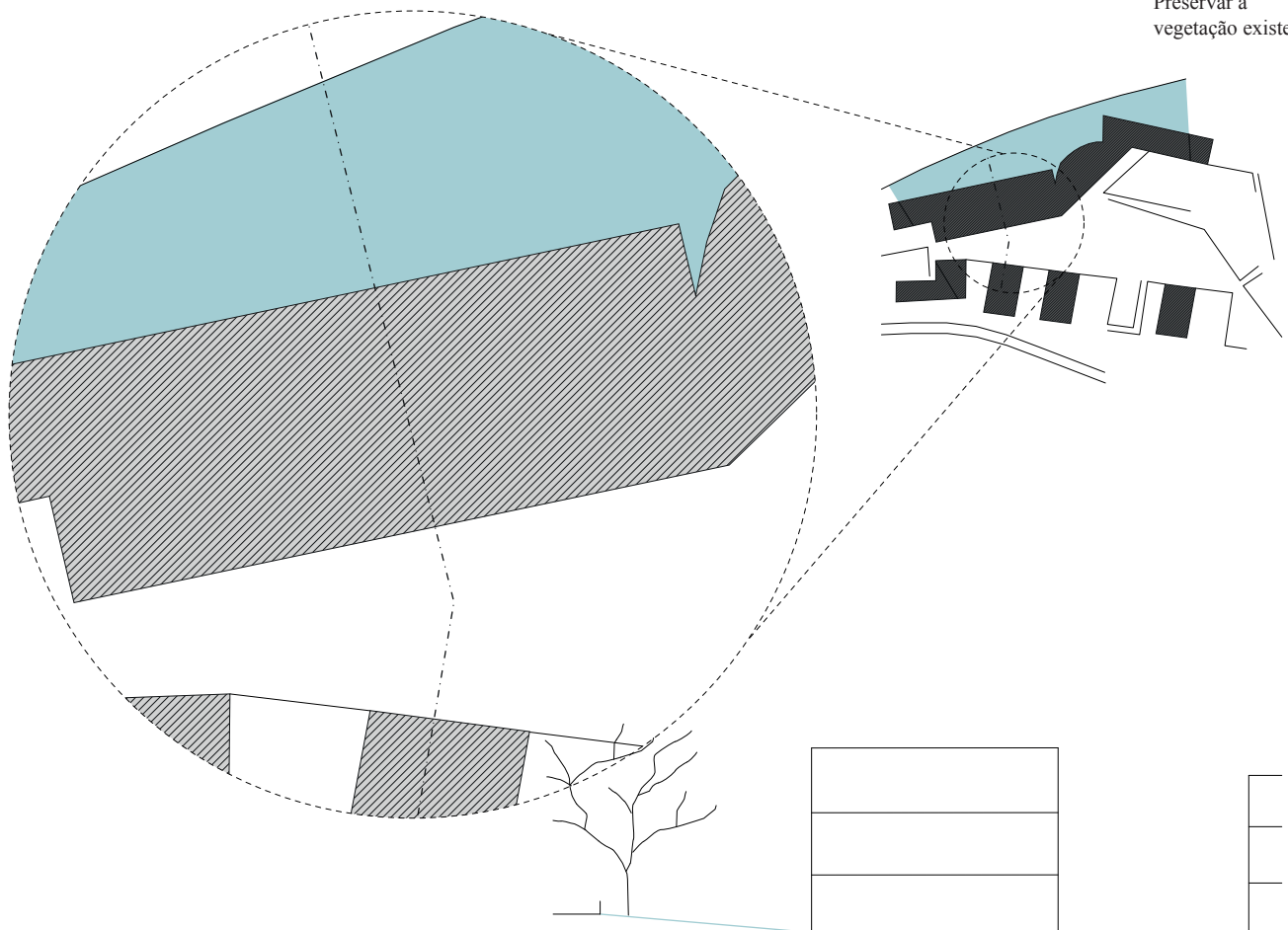
Envolvente
Universidades
Estacionamentos

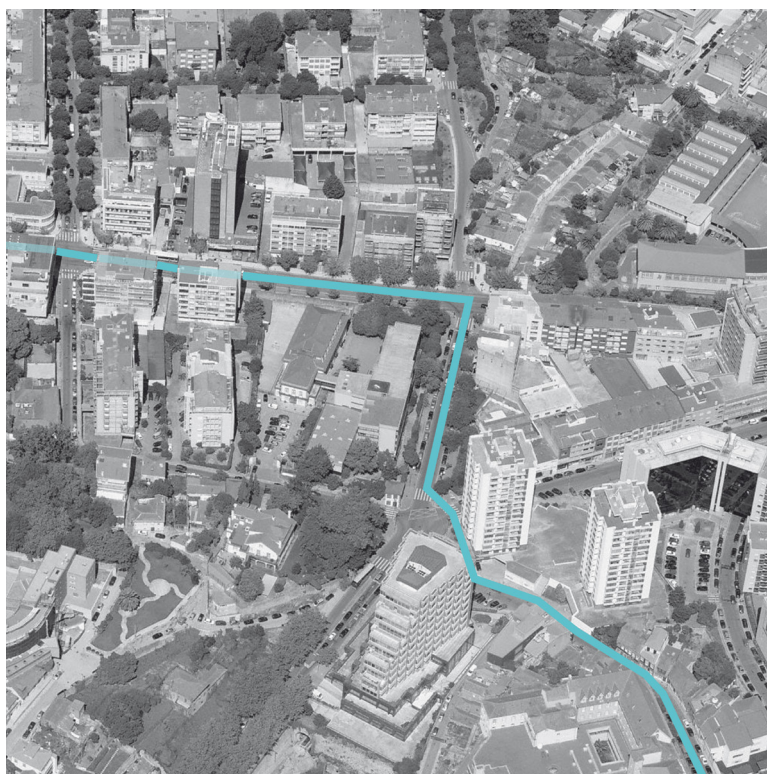
Vedação
Nenhuma

Acessos
Livre

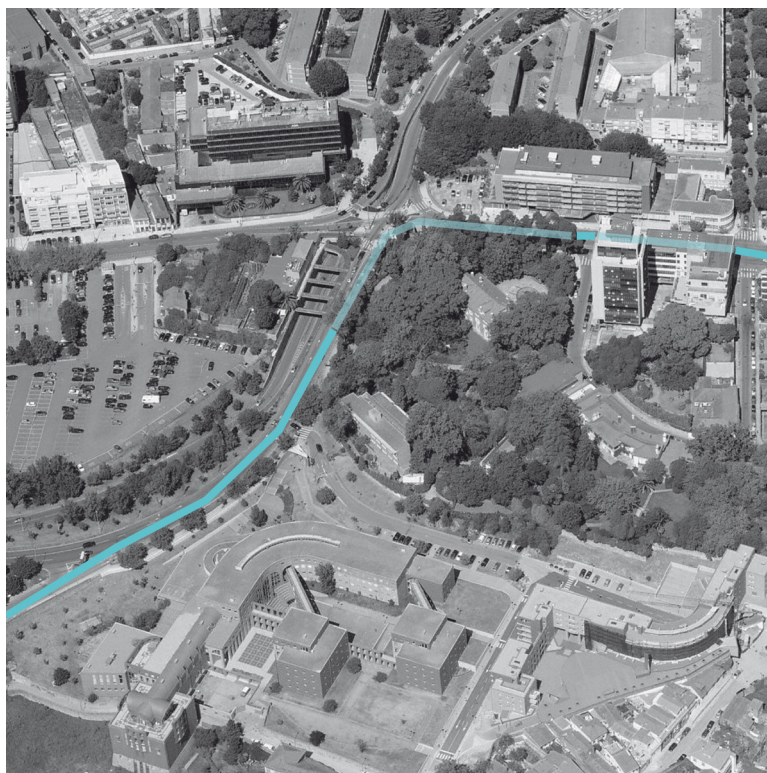
Vegetação interna
Vegetação rasteira e alvares

Uso possível
Espaço Writers
equipado
Preservar a
vegetação existente

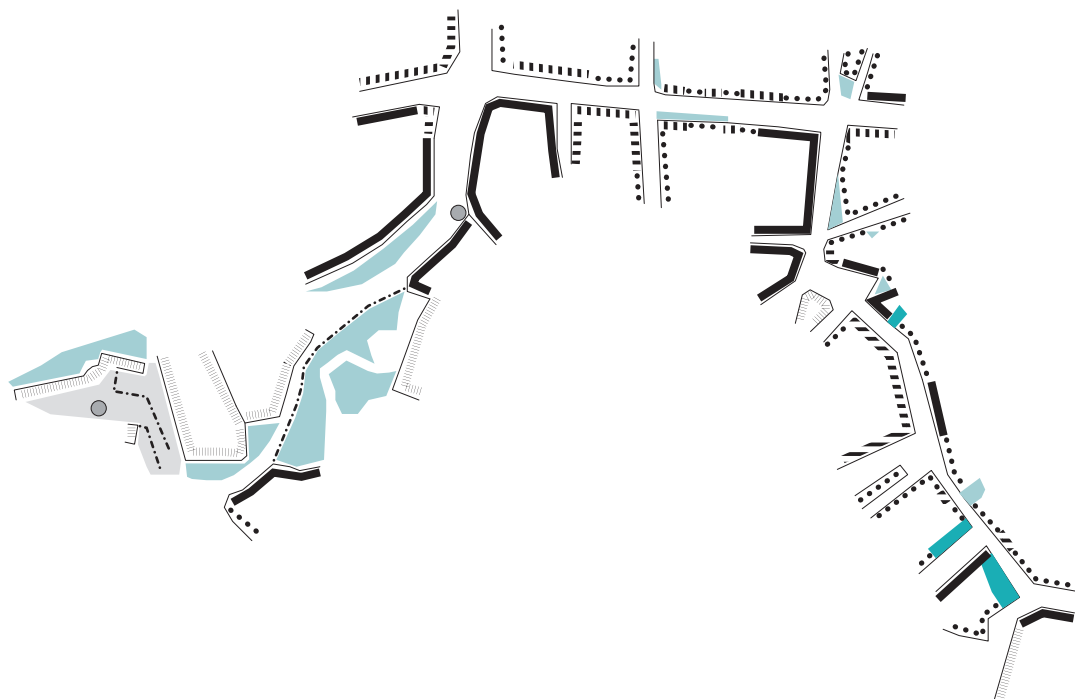




38. Vista panorâmica da área de estudo



39. Vista panorâmica da área de estudo



- quarteirão 
- edifícios de estudo 
- espaços de estudo 
- edifício serviço privado 
- edifício serviço público 
- edifício de habitação 
- muro 
- desnível 
- nodo 
- espaço público pedonal 

0 50m 

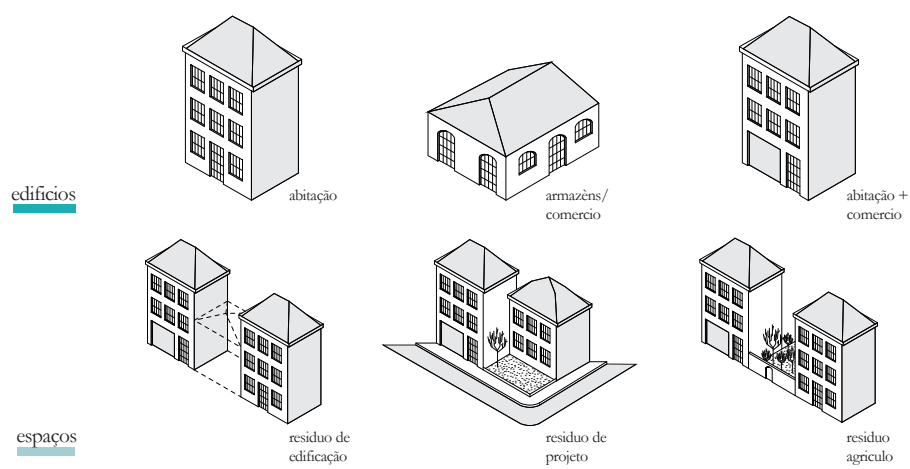
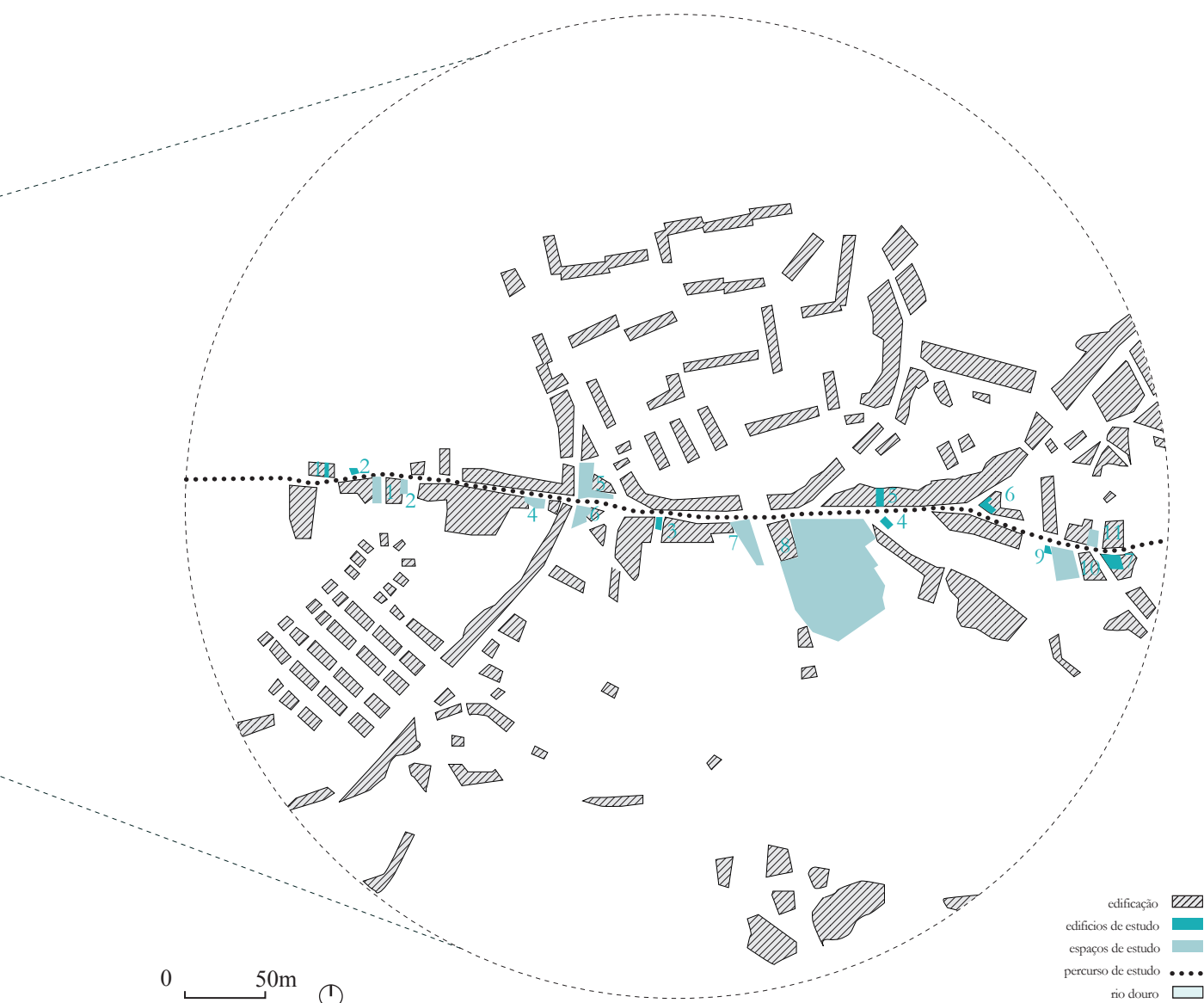
Representação interpretativa da área de estudo

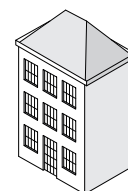
Area urbana de edificação porosa



- centro storico
- ilhas
- habitação
- habitação plurifamiliar de grande edificios
- universidades
- area industriais e comerciais
- rio douro
- rodovias
- ruas principais
- ruas secundarias
- caminho de ferro
- linha do metro
- cortes







1 Edifício

Localização

Rua: Rua de Azevedo
Numero de Policia: 529

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Mau

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação

Acessos

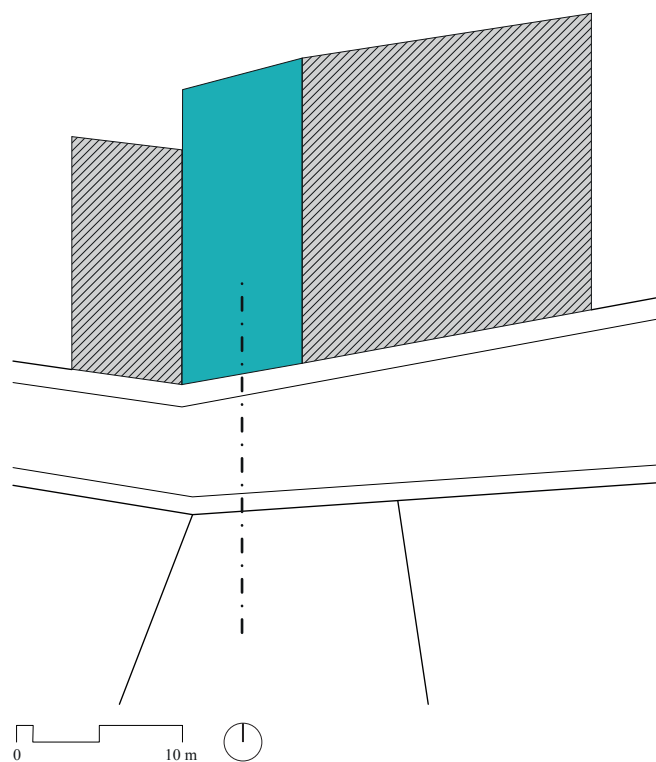
Ào r/c e piso superiore: unico

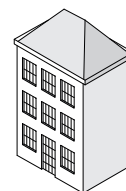
Periodo de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possível

Habitação





2 Edifício

Localização

Rua: Rua de Azevedo
Numero de Policia: 502

Nº de pisos

R/c

Estado de conservação

Mau

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação com jardim

Acessos

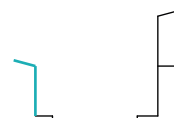
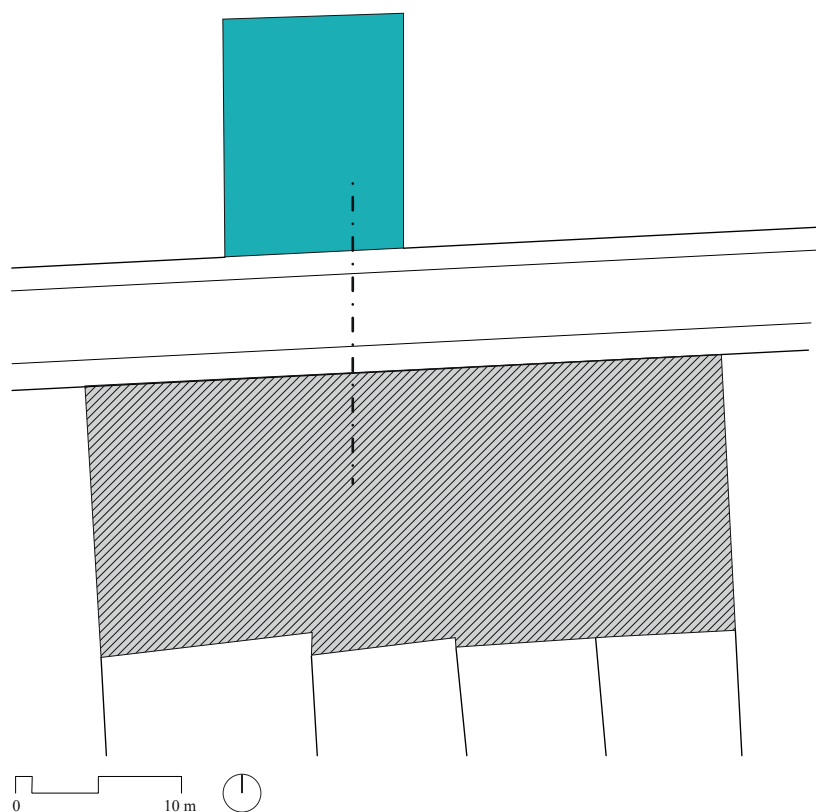
Ào r/c: unico

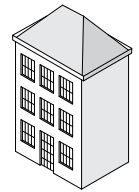
Periodo de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possível

Habitação - jardim
Comercio
Armazem para cultivos





3 Edifício

Localização

Rua: Rua de Azevedo
Numero de Policia: 201

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Mau

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação com jardim

Acessos

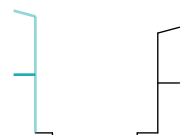
Ào r/c e piso superiore: unico

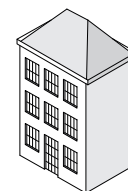
Periodo de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possivel

Atelier
Loja - comercio
Espaço publico
polifuntional
HAbitação





4 Edifício

Localização

Cruzamento: Rua de Azevedo com
Travessa Azevedo e com Rua Ponte
do Gato
Número de Polícia: 465

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Mau

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação com jardim

Acessos

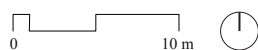
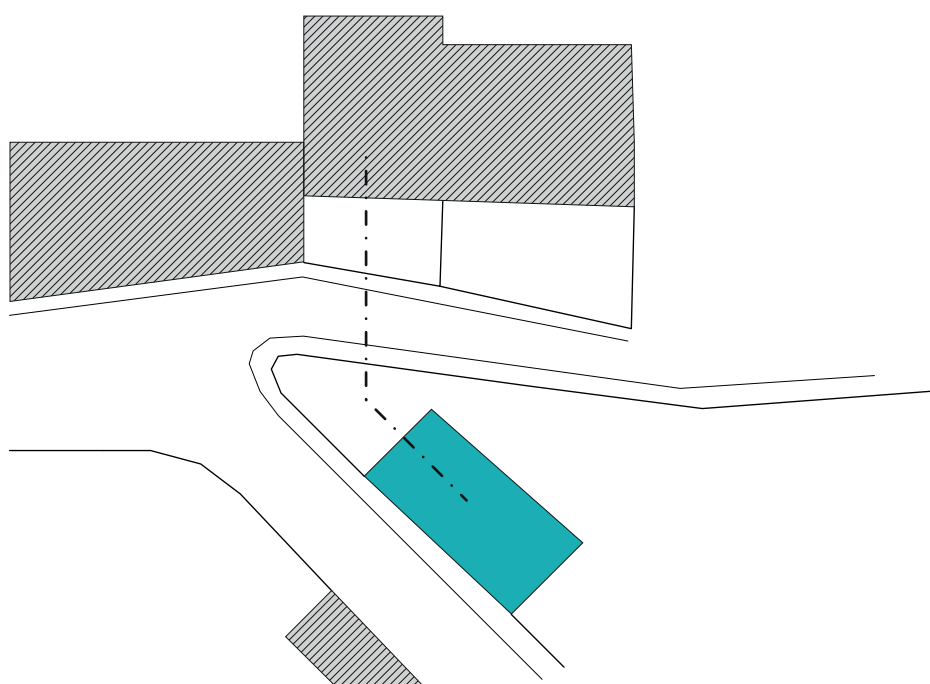
Ào r/c e piso superiore: unico

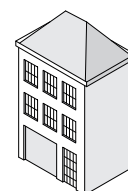
Período de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possível

Atelier
Espaço publico
polifuntional
Habitação
Centro de Dia
Centro de Juventude
Espaço colectivo
Centro de Saude
Centro de Ação Social





5 Edifício

Localização

Rua: Travessa Azevedo
Numero de Policia: 503

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Razoavel

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação comercio

Acessos

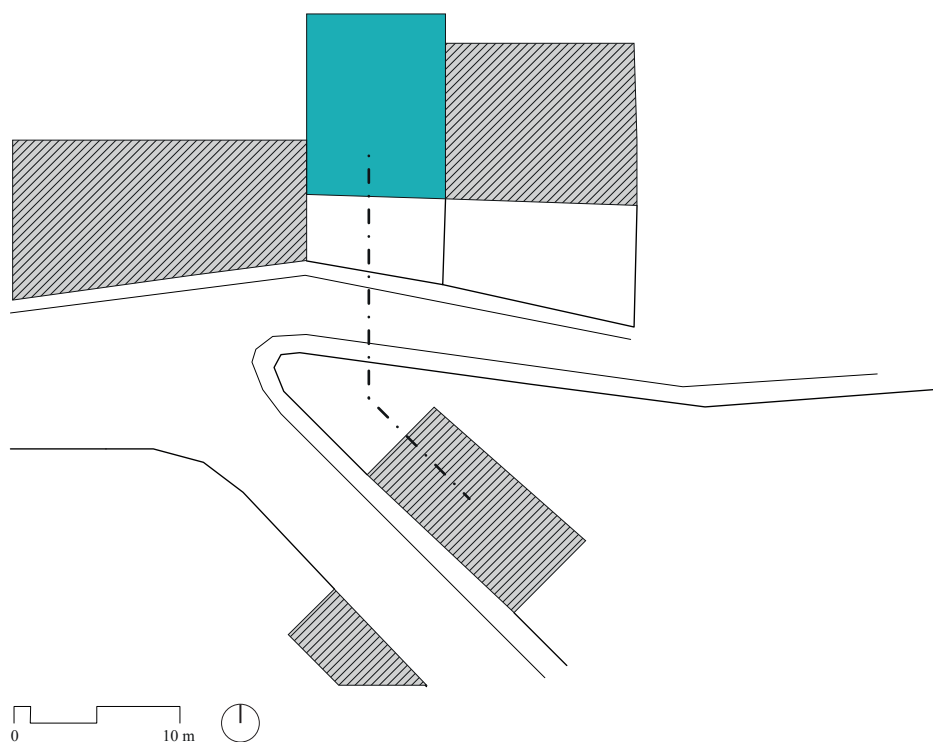
Ào r/c e piso superiore: duplo

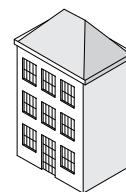
Periodo de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possível

Habitação - jardim
Habitação - comercio
Comercio





6 Edifício

Localização

Rua: Travessa Azevedo
Numero de Policia: 483

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Mau

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação

Acessos

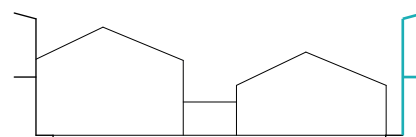
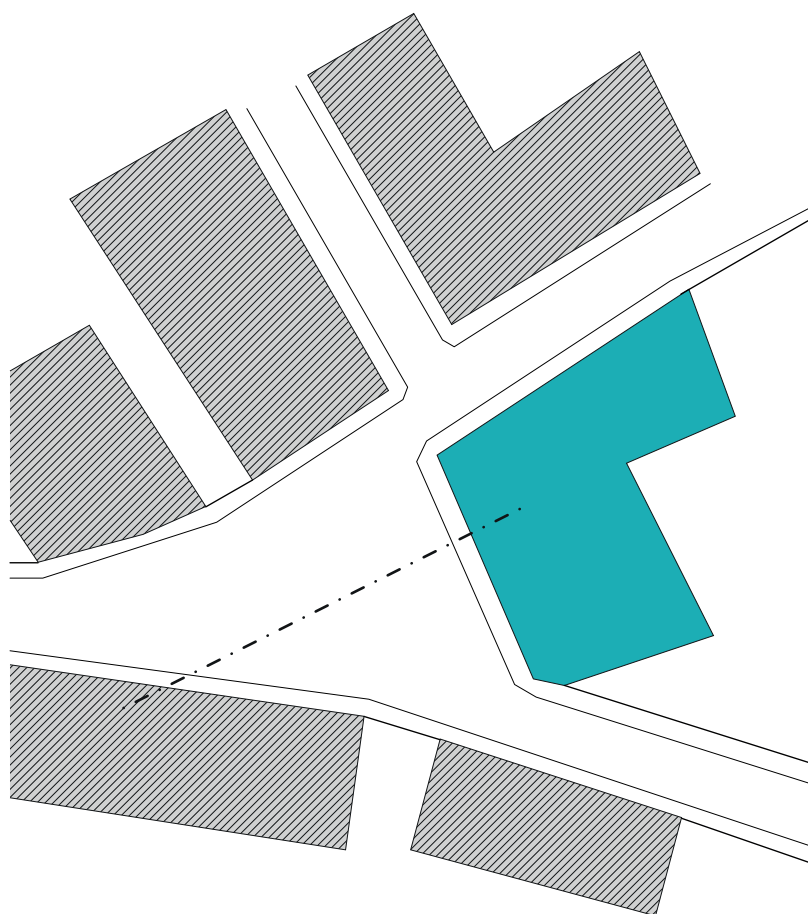
Ào r/c e piso superiore: unico

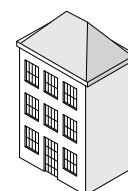
Periodo de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possível

Habitação - comercio
Habitação - jardim
Comercio
Atelier
Espaço publico
polifuntional
Espaço colectivo
Centro de Dia
Centro de Juventude
Centro de Saude
Centro de Ação Social





7 Edifício

Localização

Cruzamento: Travessa Azevedo com
Travessa Ponte do Gato
Número de Polícia: 173

Nº de pisos

R/c + 1

Estado de conservação

Ruina

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Habitação

Acessos

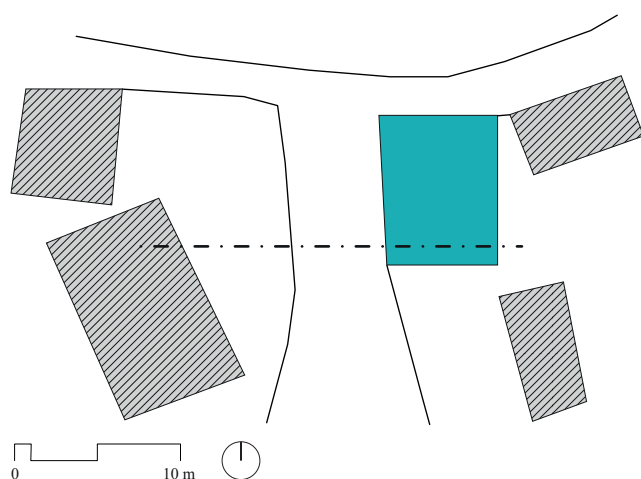
Ào r/c e piso superiore: duplo

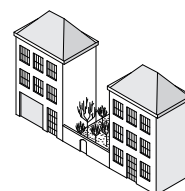
Período de construção

Posterior 1892
Planta de Telles Ferreira

Uso possível

Habitação





1 Espaço

Localização

Rua: Rua de Azevedo

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Cultivo
Deposito
Armazém

Envolvente

Habitação

Vedação

Parede 1m altura

Acessos

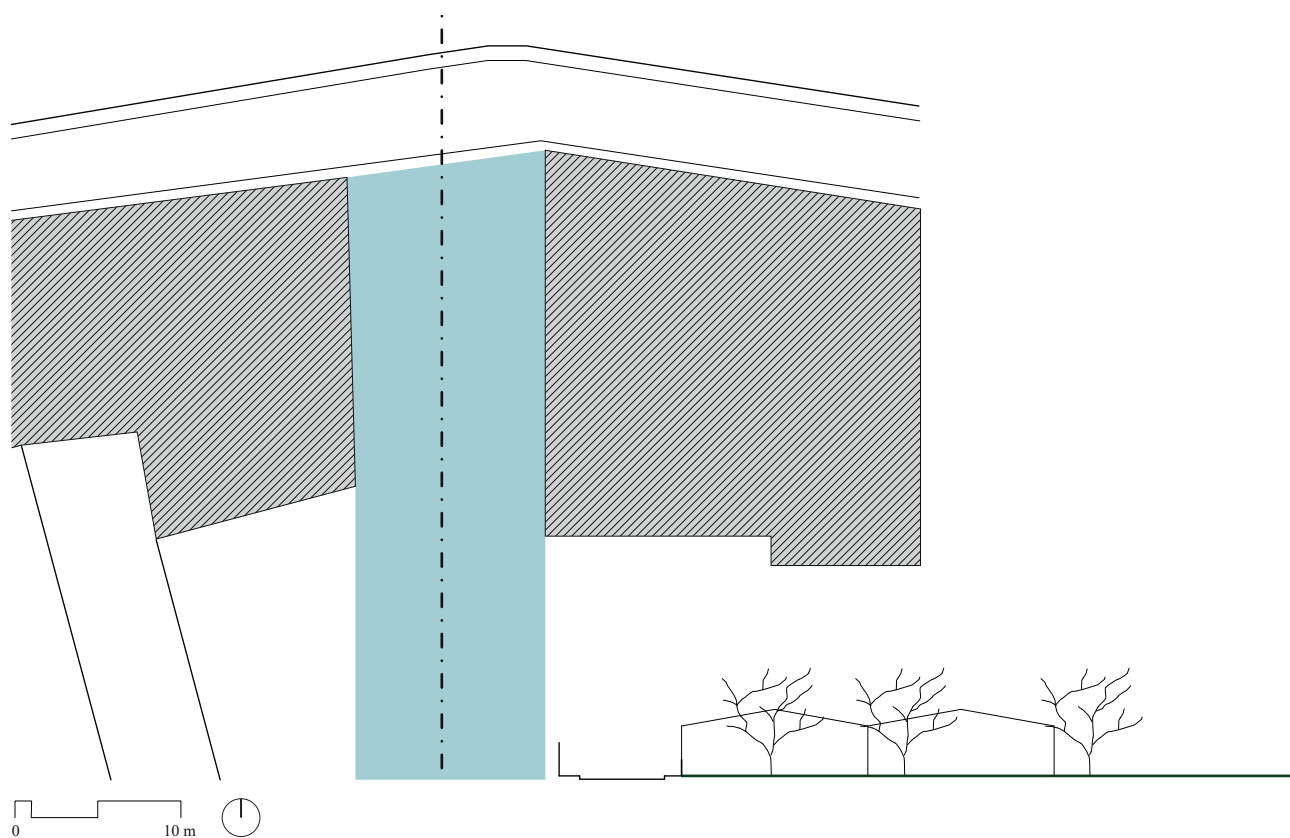
Unico privado

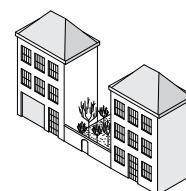
Vegetação interna

Vegetação rasteira e alvares

Uso possível

Espaço de lazer
Cultivo privado
collectivo





2 Espaço

Localização

Rua: Rua de Azevedo

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Cultivo
Deposito
Armazeim

Envolvente

Habitação

Vedação

Parede 2m altura

Acessos

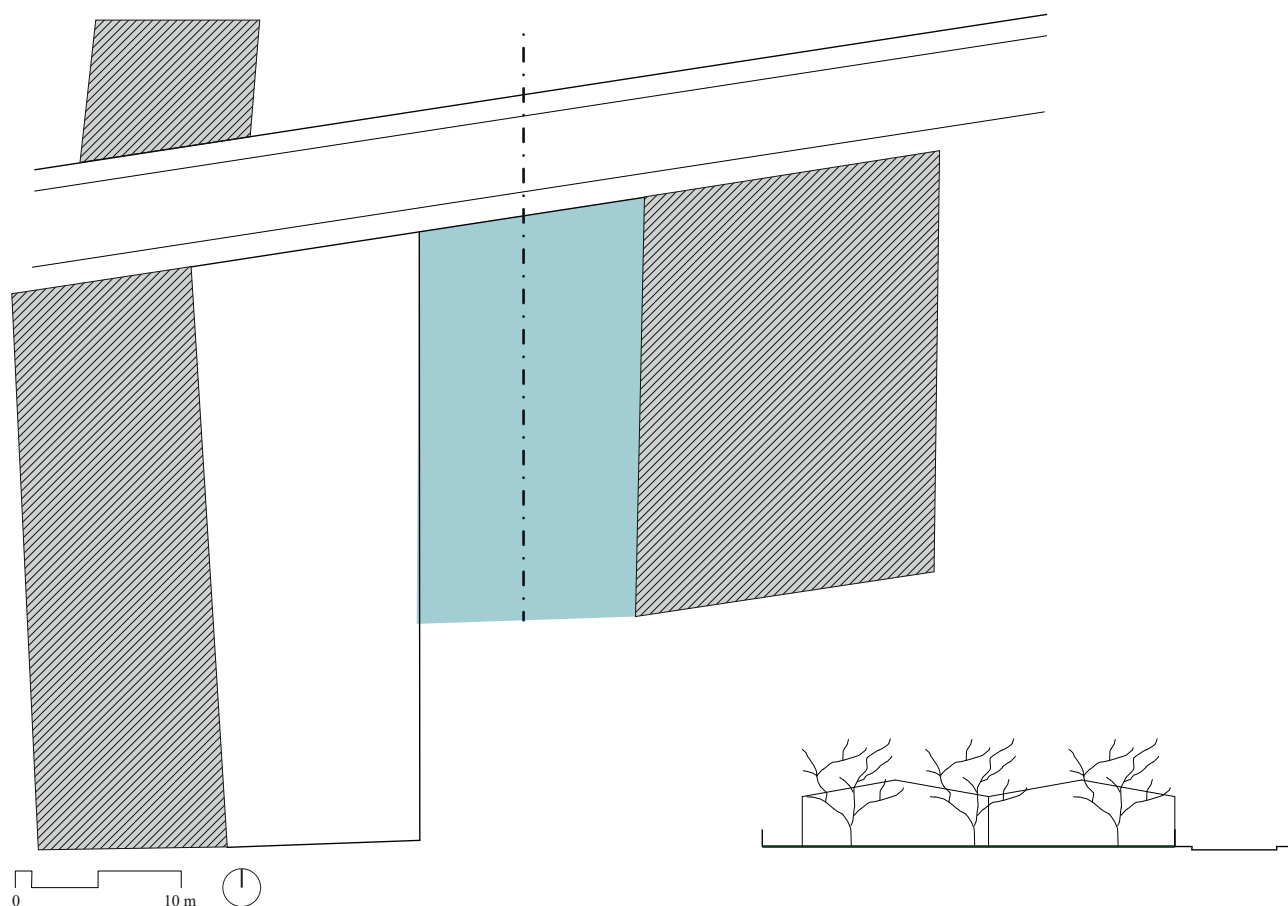
Unico privado

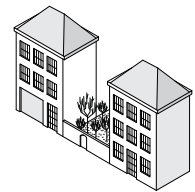
Vegetação interna

Vegetação rasteira e alvares

Uso possivel

Espaço de lazer
Cultivo privado
collectivo





3 Espaço

Localização

Rua: Rua de Vilar
Numero de Policia: 66

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Cultivo - mato

Envolvente

Habitação
Comercio

Vedação

Parede 1,5 m altura

Acessos

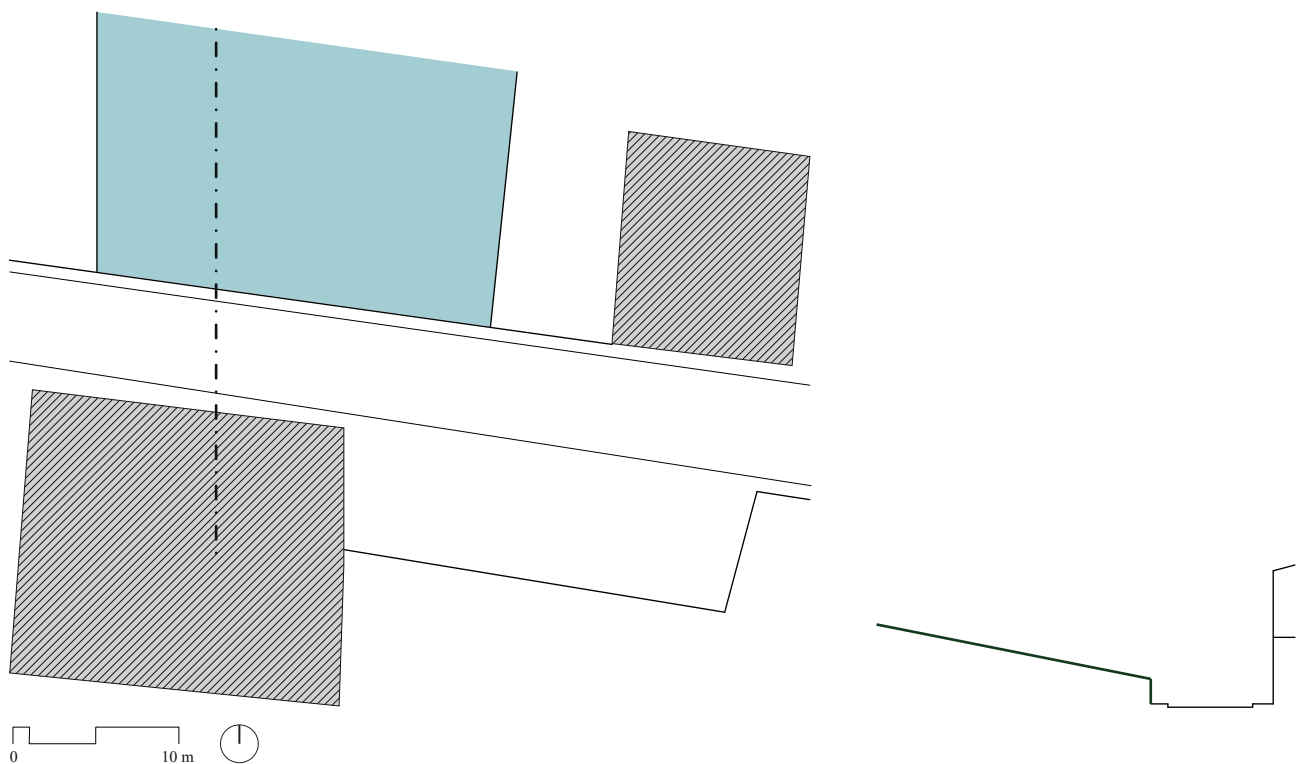
Livre

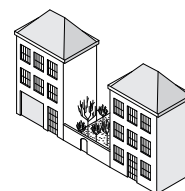
Vegetação interna

Vegetação rasteira

Uso possivel

Espaço de lazer
Cultivo privado
collectivo





4 Espaço

Localização

Rua: Rua de Azevedo

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Cultivo
Deposito
Armazem

Envolvente

Habitação
Comercio

Vedação

Parede 2m altura

Acessos

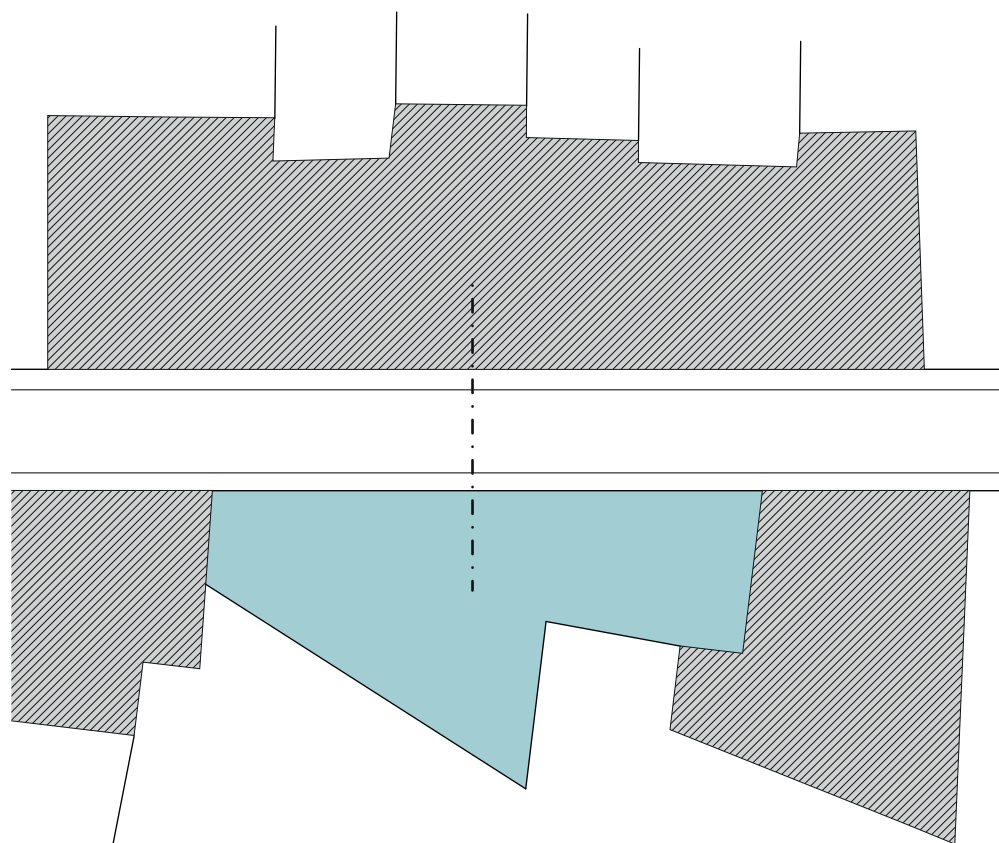
Unico privado

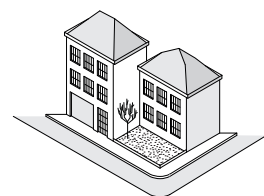
Vegetação interna

Vegetação rasteira

Uso possivel

Espaço de lazer
Cultivo privado
collectivo





5 Espaço

Localização

Cruxamento: Rua de Azevedo com
Rua Meiral e com Rua Lagarteiro

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Jardim privado

Envolvente

Habitação
Comercio

Vedação

Parede 1m altura

Acessos

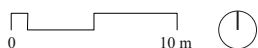
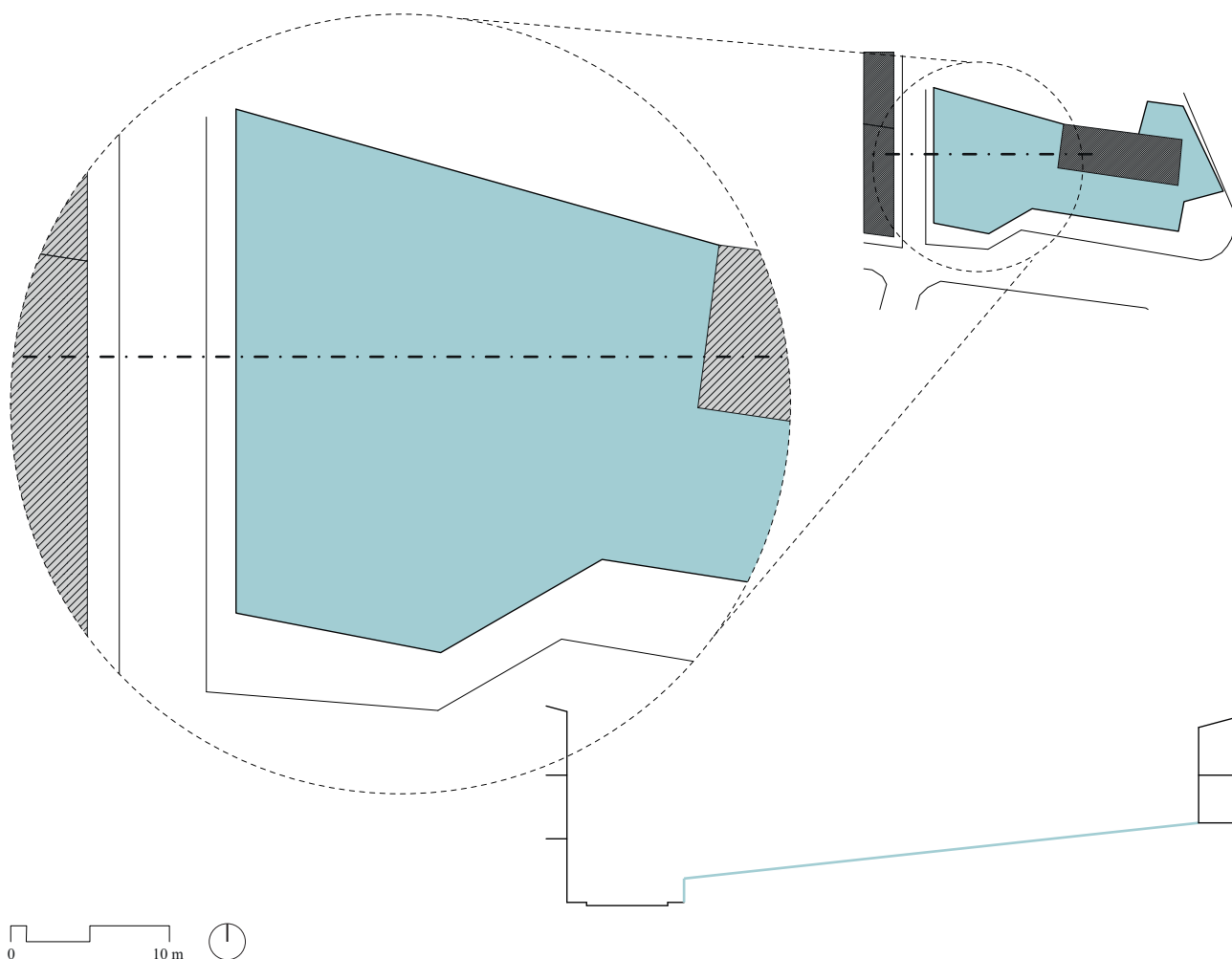
Unico - privado

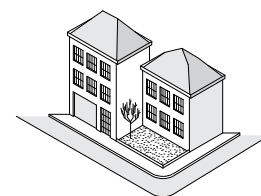
Vegetação interna

Vegetação rasteira - flores

Uso possível

Espaço de lazer
Jardim privado





6 Espaço

Localização

Cruxamento: Rua de Azevedo com
Rua Meiral

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Jardim privado

Envolvente

Habitação
Comercio

Vedação

Parede 2m altura

Acessos

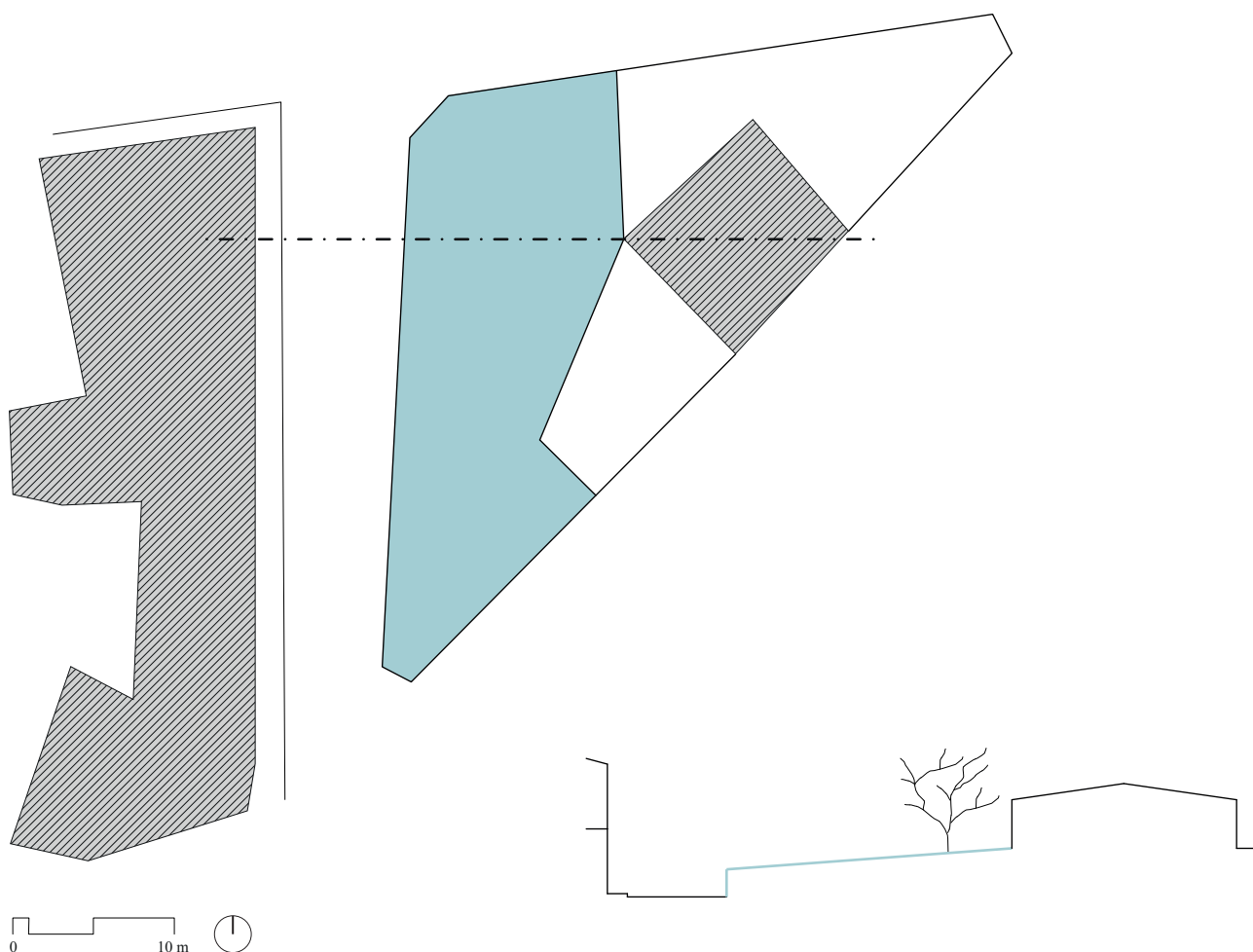
Privado

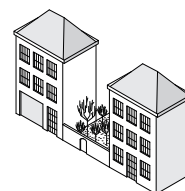
Vegetação interna

Vegetação rasteira e uma alvore

Uso possível

Espaço de lazer
Jardim privado





7 Espaço

Localização
Rua: Rua de Azevedo

Utilização actual
Nenhuma

Utilização passada
Cultivo
Deposito
Armazem

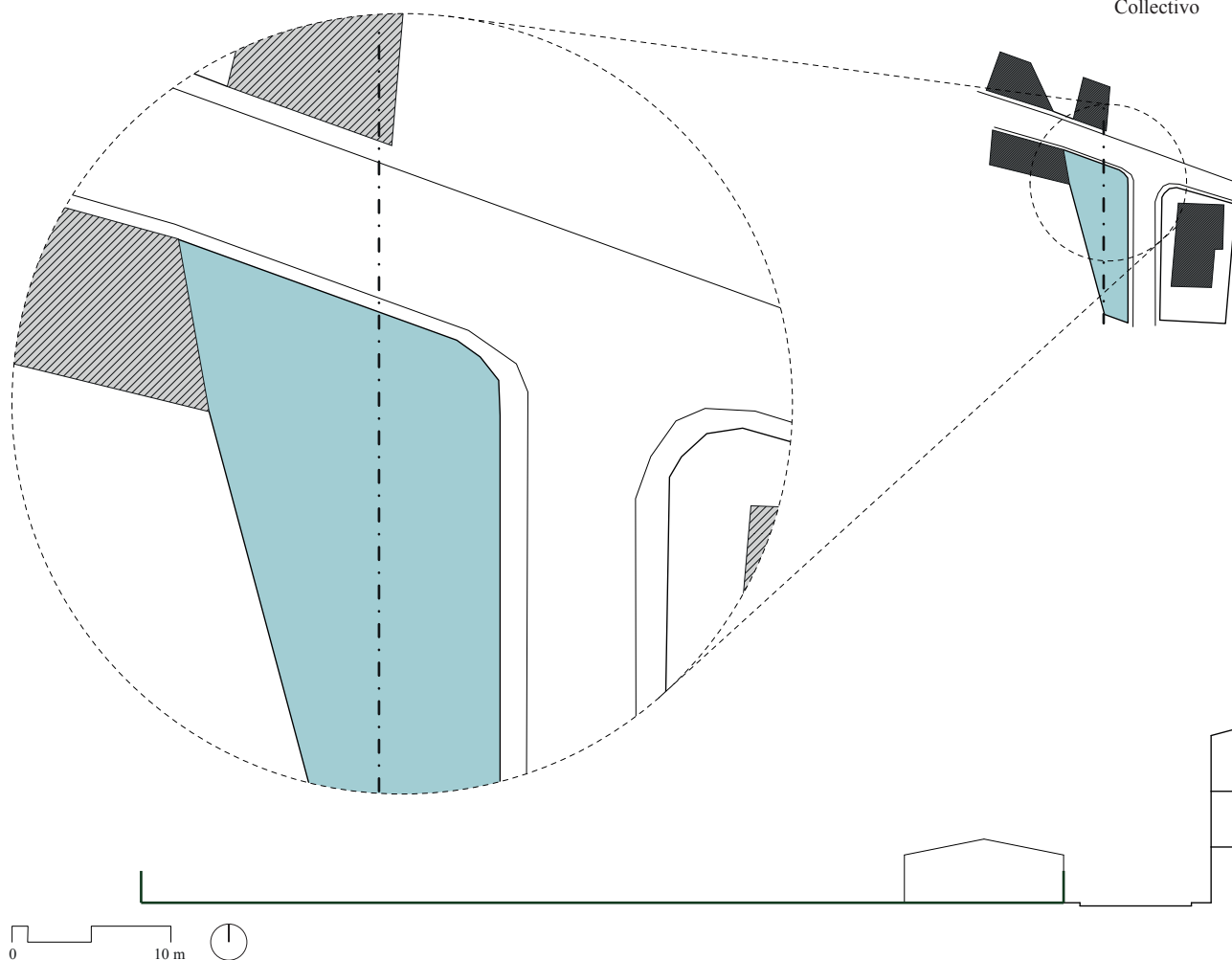
Envolvente
Habitação
Comercio

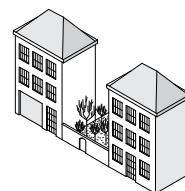
Vedação
Parede 2m altura

Acessos
Privado

Vegetação interna
Vegetação rasteira

Uso possível
Espaço de lazer
Cultivo privado
Collectivo





8 Espaço

Localização
Rua: Rua de Azevedo

Utilização actual
Nenhuma

Utilização passada
Cultivo

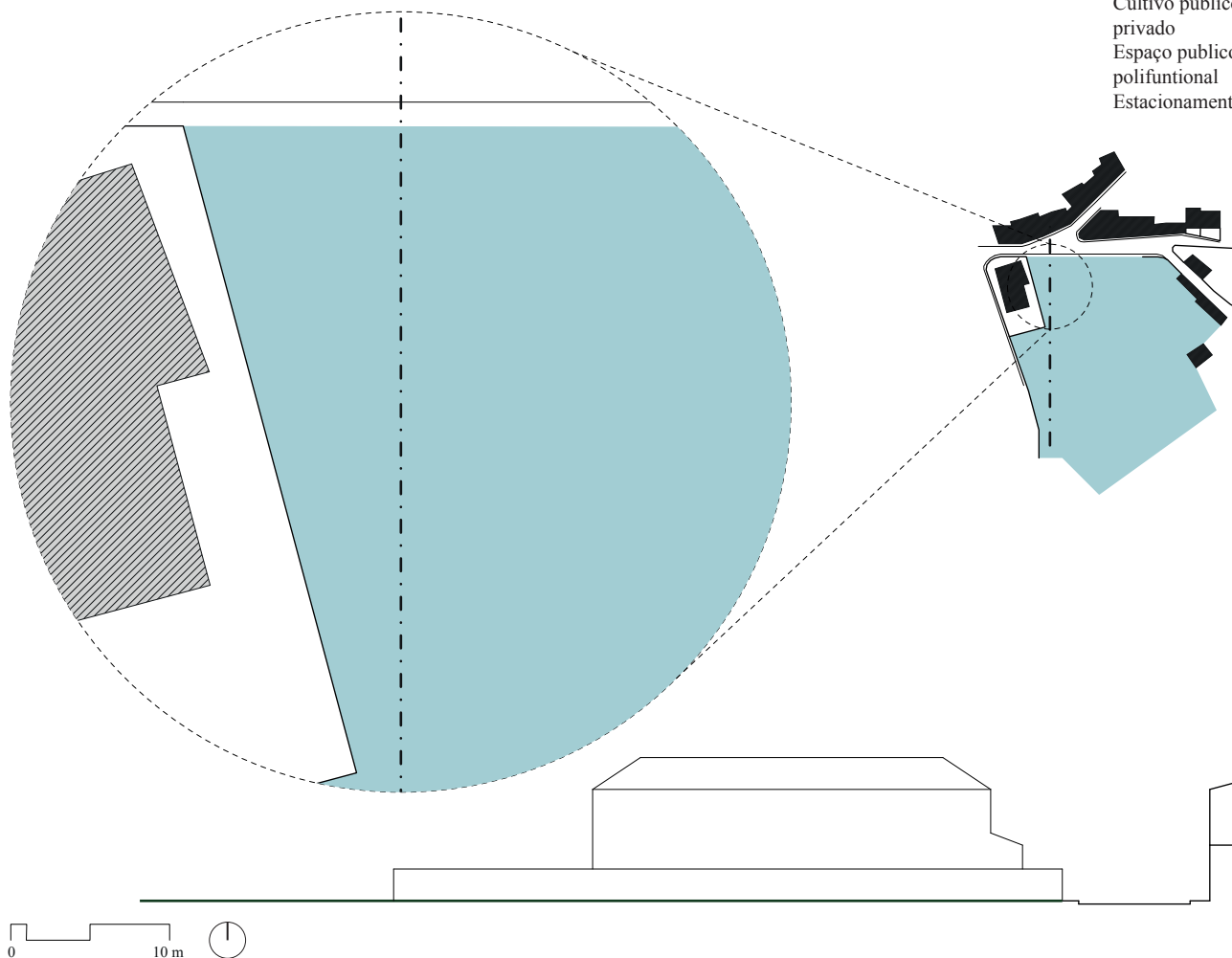
Envolvente
Habitação
Comercio

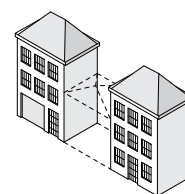
Vedação
Nenhuma

Acessos
Livre

Vegetação interna
Vegetação rasteira

Uso possível
Espaço de lazer
Cultivo publico
privado
Espaço publico
polifuntional
Estacionamento





9 Espaço

Localização
Rua: Travessa Azevedo

Utilização actual
Nenhuma

Utilização passada
Habitação

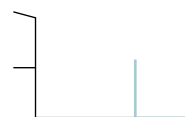
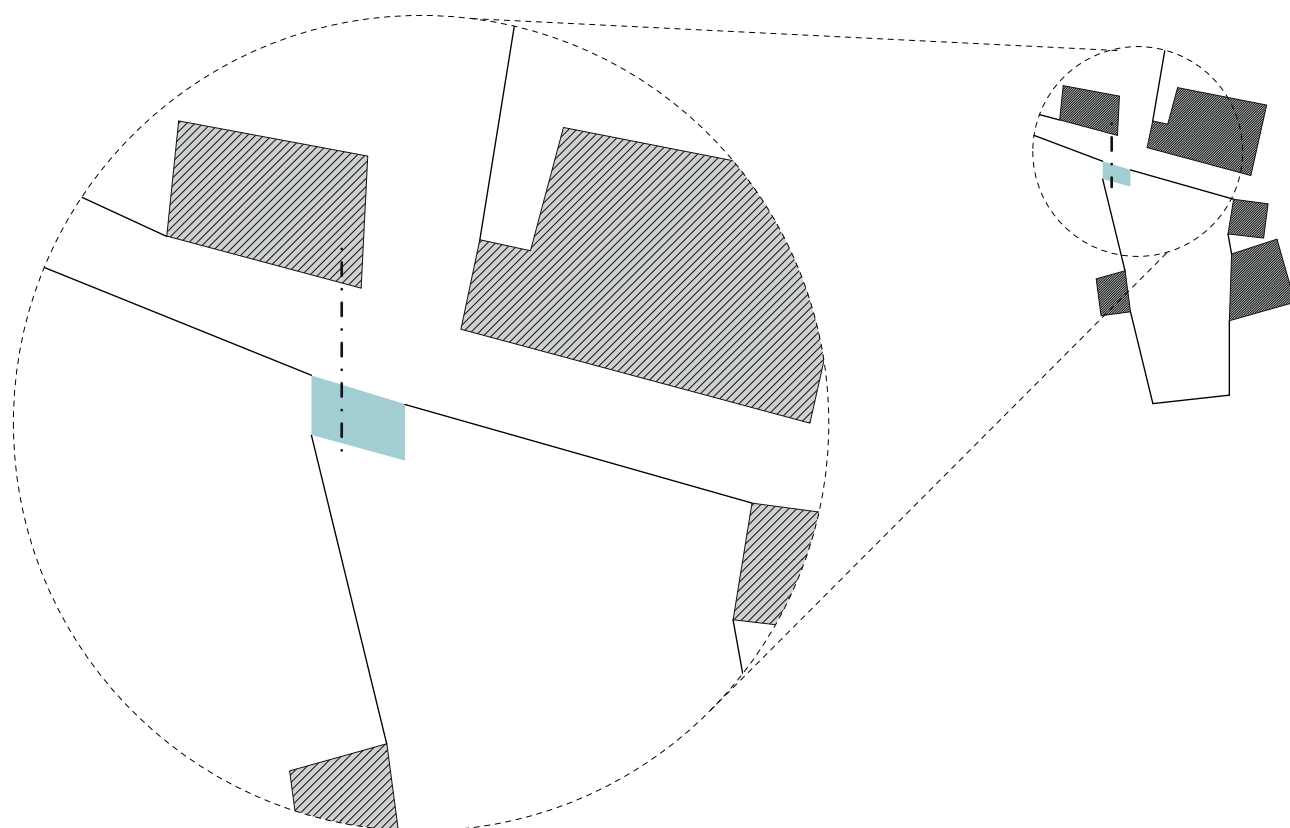
Envolvente
Habitação

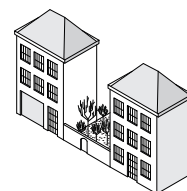
Vedação
Parede 2,5m altura

Acessos
Livre

Vegetação interna
Vegetação rasteira

Uso possível
Armazém para cultivos





10 Espaço

Localização
Rua: Travessa Azevedo

Utilização actual
Nenhuma

Utilização passada
Cultivo

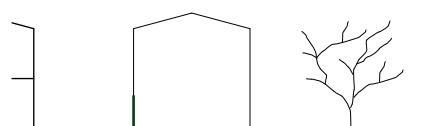
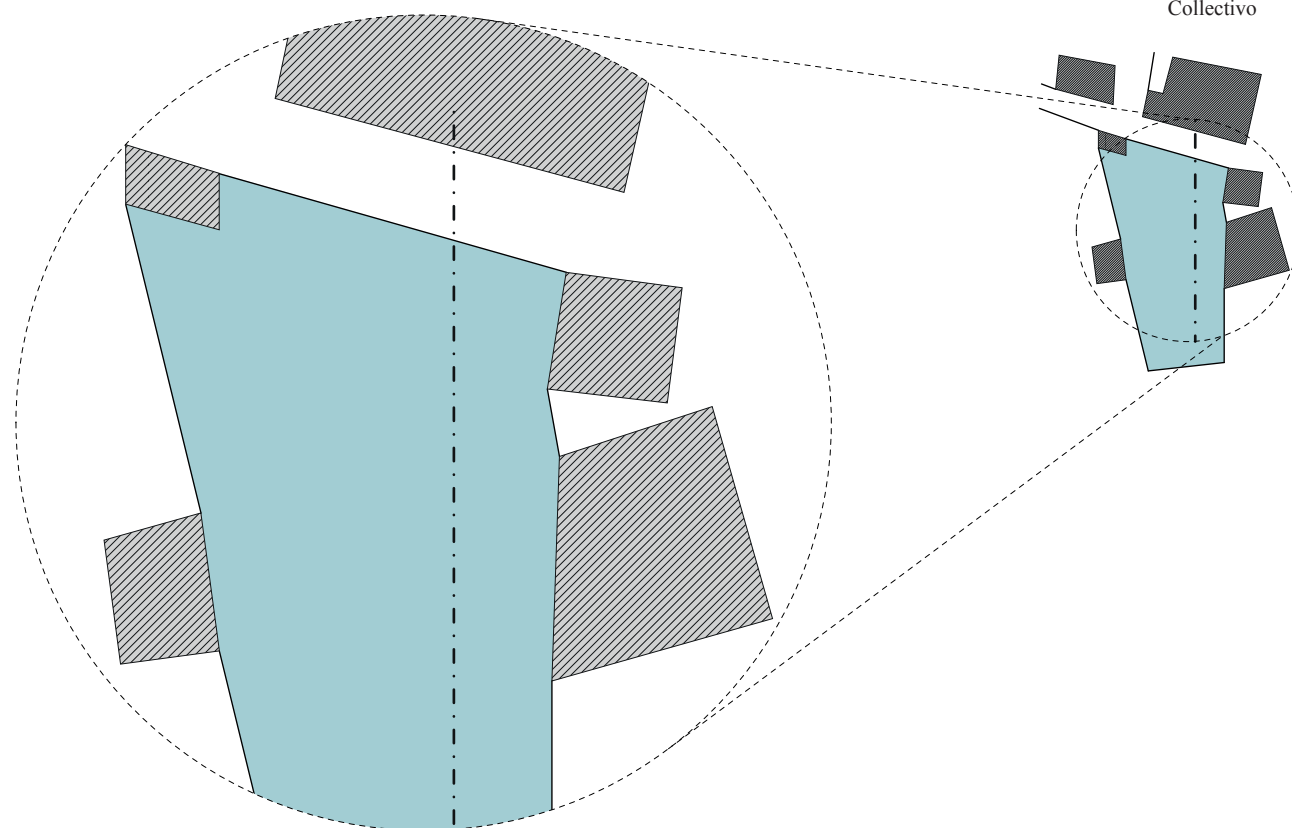
Envolvente
Habitação

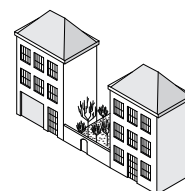
Vedação
Parede 1,5m altura

Acessos
Unico - privado

Vegetação interna
Vegetação rasteira e alvares

Uso possível
Espaço de lazer
Cultivo privado
Collectivo





11 Espaço

Localização

Rua: Travessa Azevedo

Utilização actual

Nenhuma

Utilização passada

Cultivo

Envolvente

Habitação

Vedação

Parede 2m altura

Acessos

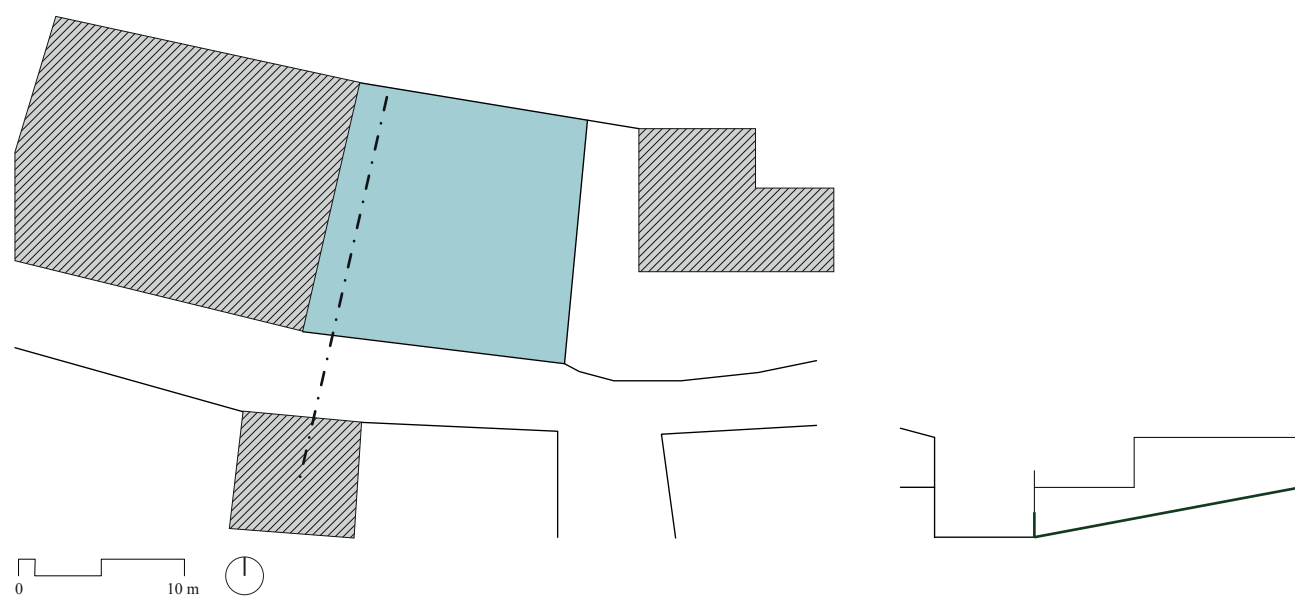
Privado

Vegetação interna

Vegetação rasteira

Uso possível

Espaço de lazer
Cultivo privado
Collectivo

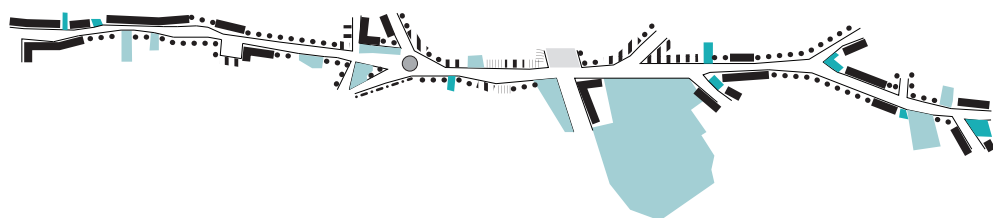




40. Vista panorâmica da área de estudo



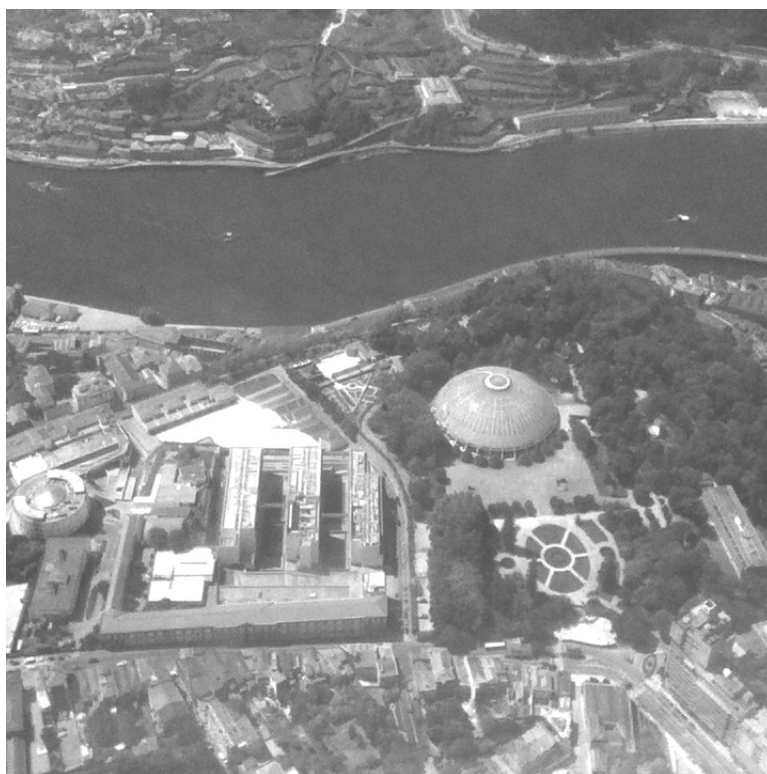
41. Vista panorâmica da área de estudo



- quarteirão 
- edifícios de estudo 
- espaços de estudo 
- edifício serviço privado 
- edifício serviço público 
- edifício de habitação 
- muro 
- desnível 
- nodo 
- espaço público pedonal 

0 50m 

Representação interpretativa da área de estudo



42. Vista da Area Urbana do Porto, Portugal



43. Vista da Area Urbana do Porto, Portugal

Conclusão

Ter desenvolvido essa pesquisa ao longo dos percursos diários, para mim conhecidos, que me permitiram captar os detalhes e situações que procurava, com mais atenção ainda. Se eu havia caminhado por vias desconhecidas, a minha curiosidade estaria focada em detalhes diferentes, a fim de entender melhor o espaço. O fato de que eu estava consciente da direção do percurso, permitiu-me não desviar a minha concentração do objetivo da experimentação.

Eu posso dizer, muito simplesmente, que caminhar através de espaços conhecidos me permitiu poupar tempo e energia. Isso foi fundamental, por a novidade dos gestos que eu estava a executar.

Este trabalho tem como única finalidade entender e definir o termo resíduo. A observação durante a prática de caminhar é um ato comum, embora possa ser desconhecido.

A minha experiência de vida, a sorte de ter vivido em Veneza, uma das últimas cidades pedestres, levaram-me a aperfeiçoar esta prática. Os objetivos não foram os mesmos da experiência realizada agora, mas a prática sim; trata-se simplesmente de prestar atenção ao espaço que se atravessa, tendo em atenção os vários sinais a que se refere. Sempre que eu voltar à minha cidade natal, embora agora já não sou capaz de me perder, um desejo enraizado em mim, eu vou revelar segredos, detalhes que fazem perguntas. Posso ir para as ruas e praças bem conhecidas, no entanto, concentrar-me em novos particulares de elementos desconhecidos.

Em comparação com o trabalho anteriormente exposto, é também por estas razões que escolheu para examinar áreas bem conhecidas por mim, de modo a observá-los continuamente, e repetir a experiência.

Referências bibliográficas

Leituras principais

- F. Careri, *Walkscapes. Camminare come pratica estetica*, Einaudi, Torino 2006
- G. Clément, *Manifesto del terzo paesaggio*, Tradução de F. De Pieri, Quodlibet, Macerata 2005
- M. Augé, *Rovine e macerie. Il senso del tempo*, Tradução de A. Serafini, Bollati Boringhieri, Gravelona Toce (VB) 2004
- N. Portas, A. Domingues, J. Cabral, *Políticas Urbanas II. Transformações, Regulação e Projectos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2012
- P. Vigano, *I territori dell'urbanistica. Il progetto come produttore di conoscenza*, Officina Edizioni, Roma 2010
- R. Koolhaas, *Jinxscape*, Quodlibet, Tradução de G. Matrigli, Macerata 2006
- S. Marini, *Nuove terre. Architetture e paesaggi dello scarto*, Quodlibet Studio, Macerata 2010

Leituras Complementares

- A. Domingues, *A Rua da Estrada*, Dafne, Porto 2009
- G. de Franciscis, *Rigenerazione urbana: il recupero delle aree dimesse in Europa: strategie, gestione, strumenti operativi*, Eidos, Castellamara di Stabia 1997
- I. Calvino, *Il viandante nella mappa*, Mondadori, Milano 1984
- J. A. V. Rio Fernandes, *Porto. Cidade e comercio*, Camera Municipal do Porto, Porto 1997
- J. Scanlan, *Spazzatura*, Donzelli, Roma 2006
- M. Foucault, *Eterotopia. Luoghi e non-luoghi metropolitani*, Millepiani, Milano 1994
- M. Ilardi, *La città senza luoghi. Individuo, conflitto, consumo nella metropoli*, Costa & Nolan, Genova 1990
- R. Long, *Walking in Circles*, Catalogo della mostra, Braziller, New York 1991
- R. Smithson, *Towards the development of an air terminal site*, Artforum, 1967
- R. Smithson, *Une retrospective. Le paysage entropique*, Seuil 1993
- R. Venturi, *Learning from Las Vegas*, Tradução de M. Sabini, Cluva, Venezia 1985
- S. Freud, *Il disagio della civiltà*, Tradução de E. Ganni Einaudi, Torino 2010.
- S. Marini, *Architettura parassita. Strategie di riciclaggio per la città*, Quodlibet, Macerata 2008
- S. Richard, *Usi del disordine*, Costa e Nolan, Ancona - Milano, 1999
- Z. Bauman, *Vite di scarto*, Tradução de M. Astrologo, Laterza, Bari 2005

Artigos

- A. domingues, *Ruinofilia. Percorso critico pelas imagens das ruínas portuguesas*, Arqa, n.112, Março - Abril 2014

- L. Scarpa, *Spazi urbani e stati mentali: come lo spazio influenza la mente*, 2007
- M. Cacciari, *I frantumi del tutto*, Casabella, n.684-685, 2001
- P. Pedrocco, F. Pupillo, I. Cristea, *I vuoti urbani e le infrastrutture dismesse. Un'occasione per la classificazione de i beni demaniali sul territorio*, 2011
- S. Ferreira de Almeida, M. Saldanha, *Ruína como resistência. Um lugar estranho num promontório de desejos*, Arqa, n.112, Março - Abril 2014
- Varios autores, *Dada*, Catalogo del Centre Georges Pompidou, Parigi 2005

Dissertações

- A. Minero, *Architettura Parassita. Passato presente futuro*, Prof. responsável M. Robiglio, Dissertação di Laurea Specialistica, Politecnico di Torino, Facoltà di Architettura, 2011-2012
- G. Calisti, G. Domeniconi, G. M. Laguzzi, *The Unconventional City. Strategie per un progetto di riuso come sperimentazione urbana*, Prof. responsável N. Marzot, Corso di Laurea Specialistica in Architettura, niversità degli Studi di Ferrara, 2012-2013
- I. Inti, *Spazi urbani residuali e azioni temporanee: un'occasione per ridefinire i territori, gli attori e le politiche urbane*, Dissertação de doutorado, IUAV_ Istituto Universitario di Architettura di Venezia, DrPPT_Dottorato in Pianificazione Territoriale e Politiche Pubbliche del Territorio, 2005-2006
- J. M. Amorim Varajão, *Espaço social : reflexão, representação, transformação*, Prof. responsável G. Furtado, Maestrado em Arquitectura, FAUP_Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012-2013
- P. Carvalho Moreira, *O S.A.A.L., as “ilhas” e a Cidade*, Prof. responsável C. Machado, Maestrado em Arquitectura, FAUP_Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2003-2004

Le cose non vengono rivoluzionate facendo delle rivoluzioni.

La vera rivoluzione consiste nella soluzione dei problemi esistenti.

3. Novas Terras

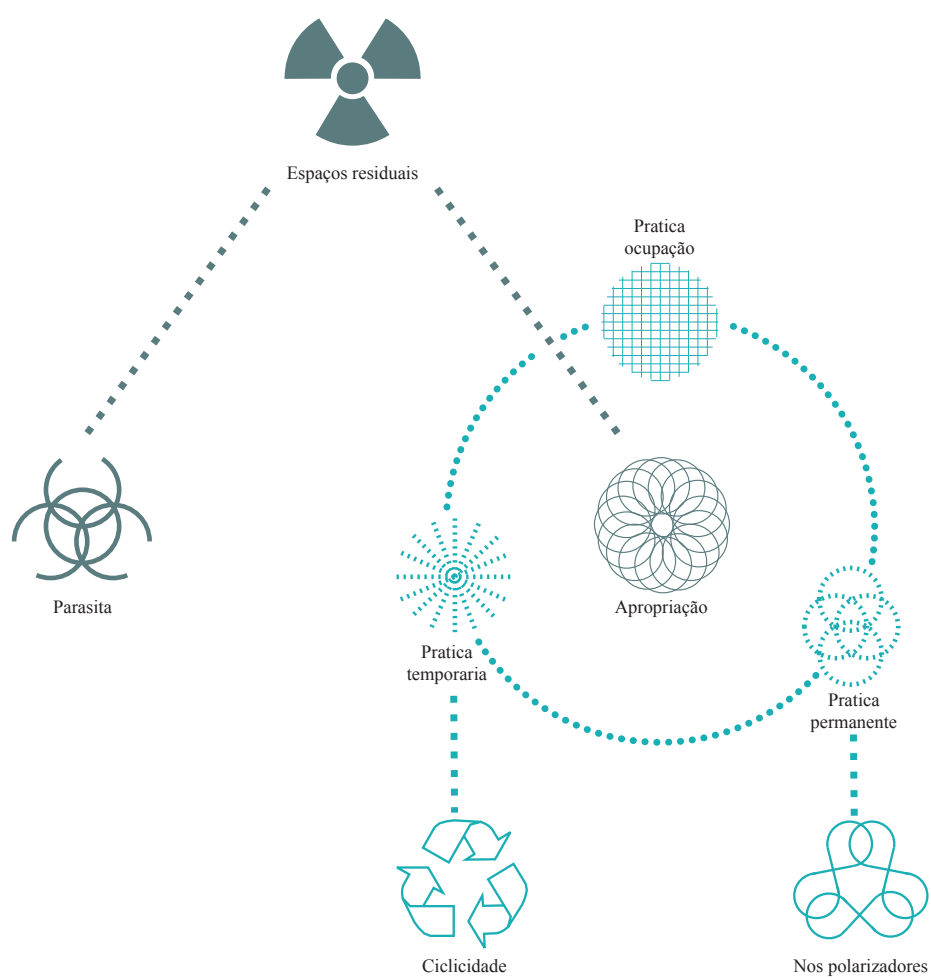


Diagrama interpretativo sobre a metodologia de intervenção nos espaços residuais

Una specie di nave in balia delle onde, che inspiegabilmente non sempre naufraga... Non metto a dura prova le tavole delle nostre navi, almeno in alto mare. Gli eccessi le mandano in pezzi. Studio le correnti, i mulinelli, cerco le insenature prima di rischiare. Posso esser visto passeggiare solo in coperta. Ma tutto l'equipaggio e tutti gli attrezzi stanno lì, il capitano è un fantasma.

Non oso metter mano al timone, quando appena si intravede la stella polare. E non indico una via chiara. Le vie non sono mai chiare.

3.1 Projetar o residuo

Começamos com um axioma: o projecto implica uma escolha; a escolha produz um resto; então o projeto produz resíduos.

Na arquitetura projetar significa desenhar, e no processo de estratificação de vários desenhos, frequentemente certas partes são excluídas sem serem ligadas a eles um senso.

A ação do projecto pode ser entendida como o ato de colocar ordem nesse espaço.

Como o projeto é composto por várias etapas, então fragmentado, e cada fragmento deve ser controlado e, portanto, sujeito a regras; ordenar o desenho, junto no respeito e ao controlo das regras estão o caminho para lidar com o projeto desde o papel até ao lugar.

Para Le Corbusier, no “*Vers une architecture*”, o projecto está relacionado com uma modalidade de colocar ordem nos lugares e na matéria.

As normas sejam as armas estratégicas de um conhecimento racional, que se impõe sobre a prática que não controla. A sua aplicação determina, em primeiro lugar, a exclusão e só depois a integração.

Durante o de curso de um projecto, uma das principais dificuldades é o controle de todas as fases, ou seja de um todo, uma vez que as necessidades globais colidem inevitavelmente com os de cada uma das peças.

Um exemplo é a modificação da escala de referencia. Durante o desenvolvimento de um projeto, a necessidade de especificar cada parte determina uma descida inexorável da escala; mas a verificação necessária da homogeneidade lexical e da integridade do projeto leva-nos a olhar para trás, em movimento constante.

Mais uma vez, é essencial o rigor da ordem, a única ação que pode ajustar e assim verificar o projeto.

Mas a visão da estrutura do todo é, no entanto, um pouco caótica, composta por diferentes ligações que alternam ou que se sobrepõem ou combinam. Parece-me inevitável a perda, o esquecimento, a falta de regras e regulamentos para gerenciar todo o ciclo do projeto, e daí resulta a consequente exclusão de certas partes, ou seja, a produção de resíduos.

Seria necessário no mínimo a integração das peças individuais, de modo a dar origem a um conjunto. Talvez, seria conveniente não falar mais do todo, em quanto retorna a ideia de uma fusão dos elementos individuais, mas utilizar termos capazes de representar um conjunto.

Che cosa è progetto?

Il progetto è il modo con cui tentiamo di mettere in atto la soddisfazione di un nostro desiderio. Esiste tuttavia implicito, nella parola progetto, un senso di distanza tra il desiderio e la soddisfazione, il senso di un tempo riempito dallo sforzo di organizzare una serie di fenomeni ad uno scopo, in un momento preciso della processualità storica. Tale scopo deve realizzarsi come punto

concreto, che diviene presenza e significato, per passare poi ad essere materia da risignificare per la soddisfazione di un nuovo desiderio.

Pur tuttavia non possiamo dimenticare che il progetto architettonico non è architettura, ma solo un insieme di simboli coi quali noi cerchiamo di fissare e comunicare la nostra intenzione architettonica.

L'ambiente si costituisce come materiale, come unico campo di possibilità all'azione dell'architetto ed esige da esso un contributo di proposte che sono a loro volta materiale per la strutturazione dell'ambiente.

V. Gregotti, *Il territorio dell'architettura*, Feltrinelli, Milano 1998

Outro aspecto central parece ser a relação com a componente temporal. O significado etimológico do termo projeto é ir em frente, é projetar para a frente uma determinada realidade.

Para Gregotti, em seu “*Il territorio dell'architettura*”, o projecto é a estruturação do território. Existe sempre uma forte referência ao espaço.

A arquitetura e a cidade, o projeto em geral são chamados a responder ao movimento contínuo do habitar; já não é suficiente fornecer funções. O objetivo é informar a disponibilidade do objeto construído para evoluir com e como a estrutura cultural da civilização.

O território tem um tempo, de fato, traz com ele outros tempos, fragmentados, os quais podem ser definidos de trilhos; o trilho é a presença e o sinal de uma ausência. Esta memória pode ser encontrada em todas as partes da cidade e permite informar da sua existência. Tendo isto em conta, o habitar terá que evoluir e medir a velocidade e complexidade da sua mudança contínua. Mas terão que ser capazes de gerir e lidar com as mudanças existentes e então desenvolver ações para fortalecer as competências individuais e de grupo. Portanto é necessário ser-se capaz de ler o sistema em toda a sua complexidade física, económica, social e política. Da mesma forma, a atenção constante previne a degradação. O cuidado é uma ação que evolui com o tempo e leva em conta a evolução dos acontecimentos.

Curare rappresenta il modo in cui si cerca d'indirizzare e seguire i processi di trasformazione nel tempo di un oggetto, quindi, si propone non solo come strumento per ricomporre una struttura, oggetto di trasformazioni indesiderate ma anche per trasformazioni di tipo evolutivo, esattamente come nel caso delle cure materne.

M. Di Sivo, *La cura e la manutenzione del paesaggio*, In *Conservare mantenere e valorizzare il paesaggio*. Contributi di cultura tecnologica, Alinea, Firenze 2012

A arquitetura é colocada no âmbito do ciclo de produção e sofre as regras deste; consequentemente está a confrontar a sua relação com o fator tempo, ou seja, a decadência futura. O projeto deve levar em conta este

aspecto e então interagir com a fase futura, a que estará sujeito.

In “*Vita delle cose*”, Bruno Munari mostra-nos como projecto e resíduo parecem marcados por um destino comum: projecto - construção - uso - resíduos - descoberta - fragmento de uma história para reconstruir.

Se deixasse de observar o projeto no seu estado atual, e se o interpretasse como fóssil, então tornr-se-ia um objeto de estudo para os arqueólogos.

De acordo com Bruno Munari o processo teórico / metodológico realizado pelos arqueólogos podem ser transferidos na arte como um processo criativo / construtivo

Tem-se de ler o projeto, em relação ao território, como um palimpsesto, em que é preciso trabalhar em corte transversal, de modo que seja possível controlar, e verificar as relações, entre as várias camadas.

Bisogna imparare a deperire piuttosto che investire nell'eterna giovinezza.

K. Lynch, Deperire. Rifiuti e spreco nella vita di uomini e città, Tradução de V. Andriello, Cuen, Napoli 1992.

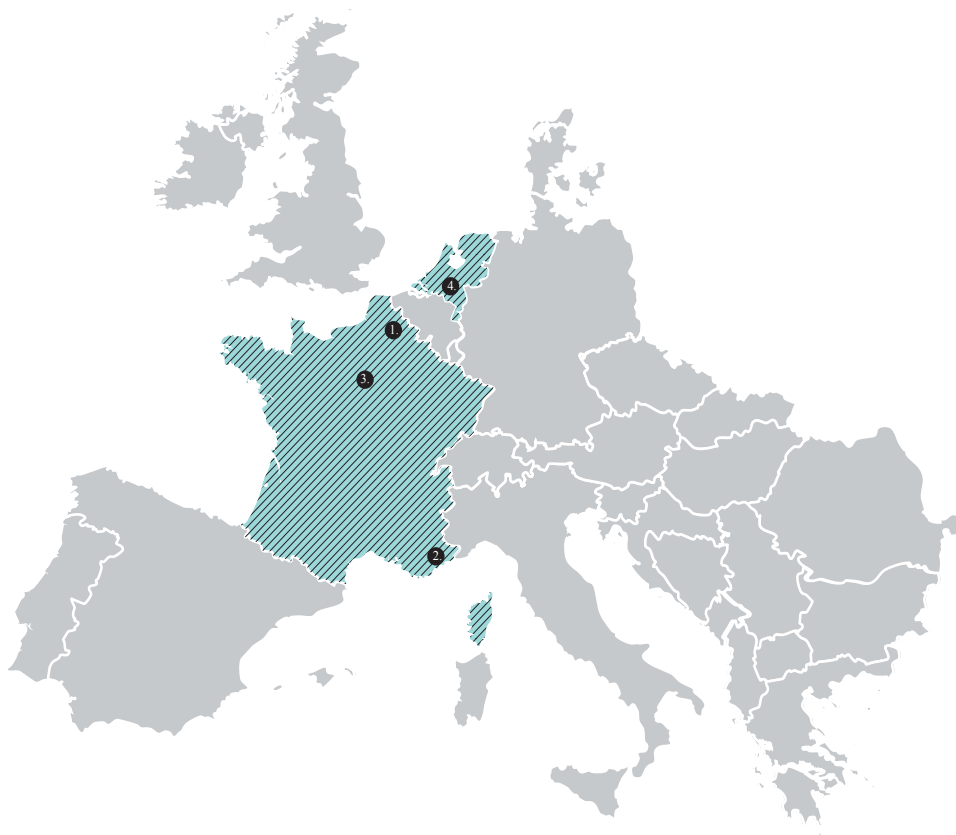
No “*Deperire*” Lynch aborda o problema da vida dos objectos e dos lugares, da acção do tempo e a perda de utilização e de sentido das construções. Põe em causa o papel do projetista e o fato de que ele deve realizar não só o projeto, mas também demonstrar a flexibilidade de uso, onde a energia utilizada deve abranger todos os aspectos, como social, cultural, económica e ambiental.

Projeto e resíduo parecem inseparáveis. O projeto não funciona como criação da matéria, mas como a sua transformação, alteração. O projeto deve ser visto como um processo, onde o ciclo de vida deve ser: o que morre, o seu resto, cria outro. Assim, o resto já não é eliminado, mas é reaproveitado e vai participar da transformação urbana, oferecendo maior liberdade de uso. Temos de constituir novas abordagens projectuais capazes de adquirir o resíduo como um recurso e como uma matéria de projecto, aproveitar as adicionais oportunidades em continuidade com o que persiste. Saber ler o traço do lugar, a memória local, trabalhando como um arqueólogo, examinando as muitas camadas, a fim de relacionar as várias partes para retornar um espaço íntegro. Permitir ao projeto uma transformação ao longo do tempo, conversando com os eventos. Todas as áreas em suspensão, na pendência de esclarecimentos, marginalizadas, representam zonas onde se pode prefigurar novas formas de urbanização e onde é mais fácil a troca.

Algumas das estratégias disponíveis são a reciclagem, a participação, principalmente para eventos temporários, auto-construção.

Projetar o residuo

Casos de estudo



Considerar a questão dos resíduos como matéria do projeto pode envolver práticas processuais diferentes:

- Dialogar (1. Lagunages, Paysages ad Harnes, Harnes, Francia, 1993)

Prever uma utilização do resíduo em relação com o sistema encontrado no território; então a partir do contexto e dos eventos a ele relacionados, tentar obter um funcionamento mais virtuoso, sem mudar completamente a lógica dos lugares. Esta ação tem a ver com as transformações que ocorrem no território, e a conseqüente relação temporal com o projeto, com o fim de presumir um ciclo do processo. O dialogar está mais relacionado aos projectos da paisagem natural. O terriotrio tem memória; dialogar com essa.

- Densificar (2. Polo intermodale, Marc Barani, Nizza, Francia, 2001)

A partir da leitura do espaço onde se coloca o resíduo, densificar o território, a fim de dar espaço às novas realidades. Aproveite o espaço, a sua posição em relação ao contexto urbano para colocar funções adicionais bem relacionadas com todo o território. São espaços não edificados. Uma forma de densificar o existente. O terriotrio não tem memória; colocar uma nova realidade.

- Limpar (3. Lle Seguin, Michel Desvigne, Parigi, Francia, 2001)

Também, a fim de introduzir novas realidades no terreno, com base no contexto em que está inserido descreve a relação resíduo / projecto. O projeto inserido apaga a memória do resíduo. O território tem memória; limpar a memória do território e colocar uma nova realidade.

- Não terminar (4. Agronica, Andrea Branzi, Eindhoven, Olanda, 2000)

Neste caso, deixamos a porta aberta a alterações; prever um projecto do resíduo que podem participar nas futuras mutações do sistema em que está inserido, a fim de evitar uma produção ulterior.

- Incrementar

Fazer o abandono uma estratégia projectual. Um exemplo são as teorias expostas por Gilles Clement no Manifesto da Terceira Paisagem, onde ele propõe a regulamentação e investigação dos limites no espaço e no tempo, entre as várias partes da paisagem.

1.

Lagunages - Paysages ad Harnes

Harnes - Francia - 1993

Com o objetivo de transformar uma área de mineração em uma lagoa para purificar as águas do Deule. O projeto torna-se uma oportunidade para mudar uma área abandonada em uma reserva ambiental também produz energia alternativa.

Três fases: concurso europeu no 1993; projeto 1996 requalificação da área 1996; 2006 estruturação do sistema de purificação de água.

Projetar com o subsolo e com a dinâmica idrica. O projeto é totalmente processo. O residuo tem assumido o papel de oportunidade; o novo projeto introduzido, no trabalhar de apoio de todo o sistema de água, no dedicar-se ao serviço da estrutura existente ambiental, é realizado como remendação, evitando uma nova produção de outros restos. A área está completamente curada, com a implementação de novos mecanismos virtuoso e, ao mesmo tempo, silencioso.



44.

2.

Polo intermodale - Marc Barani

Nizza - Francia - 2001

Aproveita a oportunidade oferecida por espaços cortados de infra-estrutura para dar lugar a uma máquina que coloca em comunicação vários serviços da infra-estrutura e da cidade. A transformação de um vazio desprovido de lógica, e de uso e de ligações em um nó vê o planejamento de ações para considerá-lo como um grande artefato.

Basicamente a re-significação do solo ocorre: a multiplicação de níveis, a construção de um stratigraphic ditada por fluxos de passagem, a partir de diferentes velocidades de ser e de diferentes meios de transporte. Seis anos de estudo e trabalho, 2001-2007, foram necessários para realizar este projeto que reúne habitação, estacionamento para um total de 2,7 hectares de superfície fechada entre a auto-estrada e outras estradas principais. O projeto do Barani ganhou Equerre d'argent 2008, prêmio promovido pela revista "Le Moniteur" que indica cada ano a melhor arquitetura francesa.



45.

3.

Lle Seguin - Michel Desvigne

Parigi - Francia - 2001

É um jardim, em uma ilha nos subúrbios de Paris, também chamado jardim de prefiguração, já que é um tipo de fundação que evolui gradualmente, apoiando o desenvolvimento contínuo. O seu designo joga com as memórias do lugar. A ilha é na maior parte artificial, construída como base de betão para a fábrica Reanult. O projeto é baseado em retângulos simples de betão e areia estabilizada que articulam a seqüência espacial em níveis diferentes com campos e plantações de pioneiras. A vegetação temporária será subseqüentemente substituída por plantas perenes adaptadas ao ambiente urbano novo. A área já está a funcionar como um centro de atividades para a área circundante, passando por um processo de transformação. Desvigne nesta ocasião foi chamado a responder a um programa de transformação que não está especificado para uma ilha artificial, um terraço de betão. O projeto então passa por duas vias: a conquista deste espaço pela vegetação e o desaparecimento gradual da indústria.



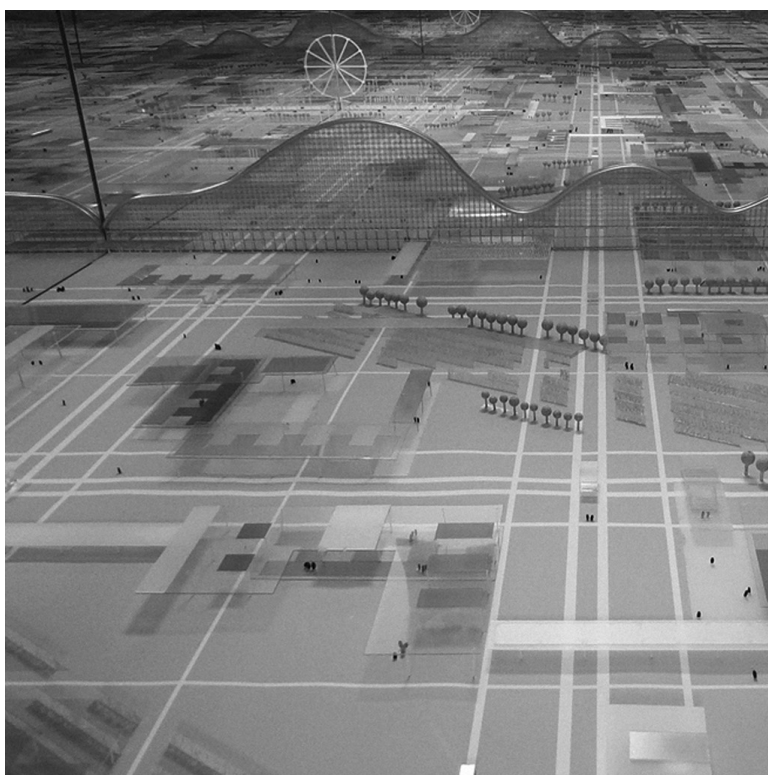
46.

4.

Agronica - Andrea Branzi

Eindhoven - Olanda - 2000

Trata-se de uma área desactivadas. Branzi define Agronica utopia parcial, uma forma de urbanização precária, que deve ser de interesse para a cidade e os territórios vizinhos nos sistemas existentes para dar origem a uma espécie de reserva agrícola. Os pressupostos, sobre os quais estrutura-se o projeto, são derivados de alterações efectuadas ao sistema económico e social contemporâneo, e traduzidos em questões arquitetónicas. A cisão total que estabeleceu-se entre forma e função, a possibilidade de realização de qualquer atividade em qualquer lugar, a erradicação ditada pela rede virtual são as questões que fundamentam este modelo. O solo está completamente liberto de possível construção e é utilizado para atividades agrícolas; uma infraestrutura precária ditada por uma malha repetida indefinidamente permite dotar o território de presença arquitetónica levantada, móvel e facilmente transformável. A malha não é concebida como uma fundação, mas como uma escrita neutra e expansível que Branzi considera justaposta ao território. Agronica afirma uma maneira instável de ocupar solos.



47.

Abbiamo costruito più di tutte le generazioni precedenti messe insieme, ma per qualche ragione non possiamo essere misurati sulla stessa scala...

Ogni teoria sulla produzione dello spazio si basa su una preoccupazione ossessiva per il suo opposto: la sostanza e gli oggetti, ovvero l'architettura...

Non lasciamo piramidi...

Nulla è stato aggiunto, solo riconfigurato...

Il cambiamento è stato staccato dall'idea di miglioramento. Il progresso non c'è più; la cultura barcolla di lato senza sosta...

3.2 Reciclar

Reutilização e reciclagem são termos antigos, estão constantemente presentes nos diferentes modos de produção económica e da vida social.

Na arquitetura, a reciclagem é vista como uma forma criativa que permite experimentar novas modalidades e manter juntas a memória e a inovação, então preservar, ou seja, a mudar.

L'architettura e la città si sono sempre riciclate. Esempi come spalato, teatro di marcello, duomo di sicacusa sono dei manifesti. Non si tratta di restauro. L'idea della conservazione tende ad imbalsamare l'immagine dello spazio architettonico o urbano attribuendo valore all'immutabile.

Il riciclo deve produrre cultura della città, bellezza e qualità urbana.

Il concetto di riciclo implica una storia e un nuovo corso. (1.)

L'architettura agisce come una macchina per ricordare, soprattutto nelle sue manifestazioni monumentali, e questo valore costituisce generalmente ragione specifica della sua conservazione, sia fisica che di immagine.

(2.)

L'architettura dovrebbe quindi dedicarsi a ciò che sa fare meglio, come ragionare su questioni come: che cos'è un ambiente, come si fa a determinare quali aspetti di ogni ambiente siano degni di conservazione o riutilizzo, che tipo di riutilizzo è tollerabile e quale no e, infine, quali tipi di materiali possono attraversare lo stato di natura, la produzione, la sovrapproduzione, il degrado, fino a tornare di nuovo disponibili come agenti grezzi. (3.)

Se si assume la prospettiva che il progetto debba necessariamente tornare a riflettere sull'esistente, su quello che c'è già per non consumare inutilmente altro suolo e per non abbandonare altrove brani di urbanità disegnando un sistema che ragiona non certo virtuosamente a macchia di leopardo, si accoglie sostanzialmente la tesi che la città possa essere ripensata a partire dai suoi elementi più anonimi. (4.)

Il riuso non riguarda solo gli edifici o i luoghi di rappresentanza... La riflessione non coinvolge solo infrastrutture o fabbriche ma potrebbe riguardare presto anche molti monumenti contemporanei (spazi espositivi, stadi, complessi commerciali) messi fuori gioco dalle necessità dell'innovazione o dell'adeguamento normativo, spesso immobilizzati nella condizione del non finito, e resi insostenibili, in tempi di crisi, dall'onerosità della costruzione e dei costi di manutenzione. (5.)

Riciclare significa rimettere in circolazione, riutilizzare materiali di scarto, che hanno perso valore e/o significato. È una pratica che consente di ridurre gli sprechi, di limitare la presenza dei rifiuti, di abbattere i costi di smaltimento e di contenere quelli di produzione del nuovo, riciclare vuol dire, in altri termini, creare

nuovo valore e novo senso. Un altro ciclo è un'altra vita. (1.)

Riciclare implica la moltiplicazione dell'utilizzo dell'oggetto, la sua aspirazione ad una sorta di ossessiva possibilità di recupero perenne attraverso la ripetizione di una sequenza fissa di eventi o l'istituzione di diversi processi. (6.)

Riutilizzare non è semplicemente prendere e usare in modo altro o spostare, è sostanzialmente commentare quello che c'è e costruire corrispondenze tra l'oggetto e il sistema; la semplice dislocazione dell'oggetto non è sufficiente a mutarne il senso. (4.)

Molto semplicemente, si possono individuare due processi di riciclo, assimilabili a una sorta di metempsi-cosi (trasferimento dentro l'anima) materiale. Quando vi è una valorizzazione verso forme di vita oggettuali più elevate, attraverso il reimpiego creativo e a basso dispendio energetico di scarti non rilavorati o con lavorazioni molto semplici, si parla generalmente di up-cycle.

Altro approccio (down-cycle) vi è quando si reinseriscono nelle sequenze produttive semilavorati grezzi ricavati da scarti o materie esauste, disponibili a impieghi industriali diversificati, come nei cicli di plastiche, carta, vetro e metalli. Queste ultime, infatti, sembrano più simili al modello del vuoto a rendere, in quanto valorizzano l'attitudine delle architetture a contenere nel tempo anche funzioni diverse, rispettando la continuità con le caratteristiche tipologiche e distributive dei manufatti (una bottiglia rimane una bottiglia indipendentemente dal liquido che la riempie).

Riciclare in architettura significa ripensare il nostro rapporto con la memoria. (7.)

Una visione dell'architettura e della metropoli come corpo organico.

Viene introdotto nel pensiero sull'architettura e la città un principio nuovo, quello di durata.

Riciclo e rigenerazione, termini in qualche modo simili e opposti: entrambi presuppongono il riavvio di una sequenza temporale di vita, ma il primo induce una sostanziale modifica dei caratteri di questo ciclo di vita, mentre il secondo ne propone il ritorno allo stadio nativo, ma ad un livello superiore. (8.)

Re-inventarci un nuovo ciclo di vita di quel manufatto e di quel luogo.

Diviene pertanto indispensabile selezionare componenti ancora di qualità da ri-valorizzare, in termini di possibile nuovo ciclo o inventare nuove modalità compositive che possano prevedere l'aggiunta di nuove componenti, il montaggio, la sincronizzazione delle varie parti e dei vari pezzi per riformare un nuovo sistema che nel suo nuovo stato possa trovare un posto significativo e necessario nel mondo. (9.)

Il riciclaggio architettonico, così come ogni forma di riutilizzo in virtù di uno spostamento di materia, di senso, di posizioni relative, costruisce sostanzialmente una storia, un racconto in progress. (4.)

Se una parte importante del lavoro degli architetti futuri consisterà nel correggere ciò che ha già avuto una prima vita come espressione di un certo tipo di progresso, allora diventa necessario sapere quali debbano

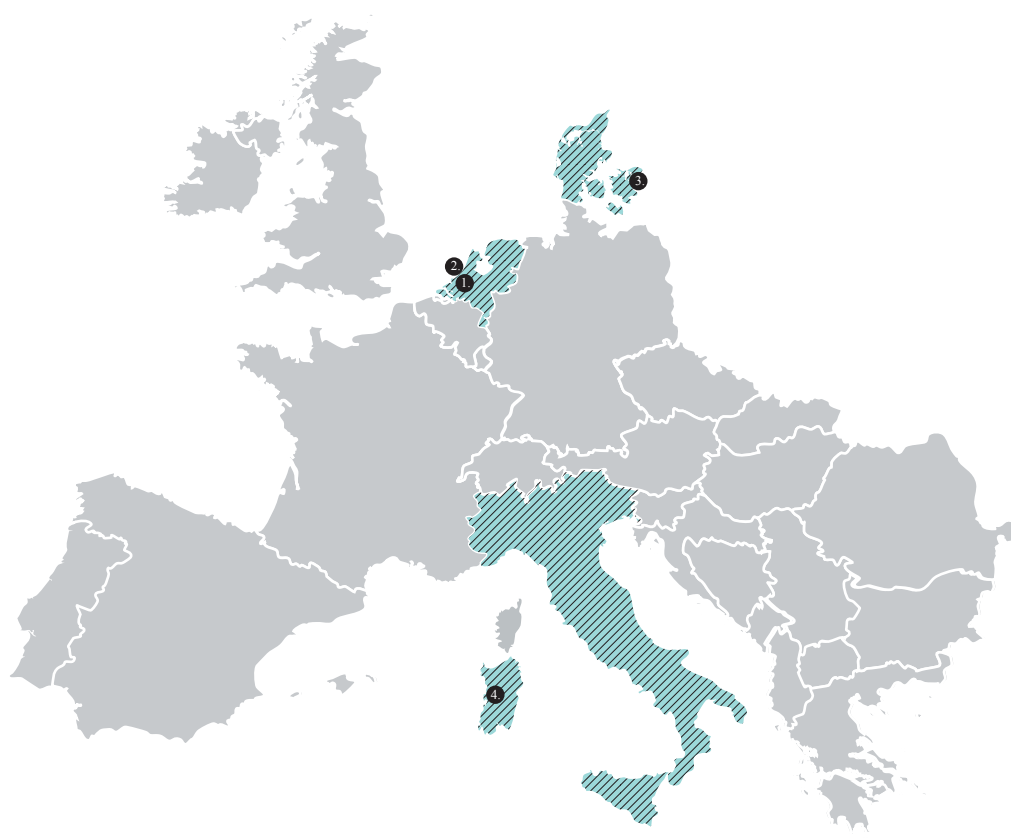
essere le finalità di questa attività di correzione, quali gli strumenti da usare perché essa possa dare origine a qualità condivise, ma soprattutto essere in grado di leggere la reale natura dei nuovi contesti ai quali l'azione dovrà applicarsi e le dinamiche che la caratterizzano. (5.)

Il progetto di riciclo non può dirsi virtuoso o malvagio in sé, si distingue per logos (dialettica), pathos (incisività), ethos (credibilità): alla base del suo ruolo politico e culturale vi è dunque un problema morale. (10.)

1. M. Ricci, Nuovi paradigmi: ridurre riusare riciclare la città (e i paesaggi), Em Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta, Electa, Milano 2011
2. G. Corbellini, Riciclare l'immateriale in sette film, Em Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta, Electa, Milano 2011
3. S. Lavin, Il crudo, il cotto e gli avanzi, o l'accumulo come scienza dei materiali, Em Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta, Electa, Milano 2011
4. S. Marini, Effetto farfalla. Puntuali perturbazioni architettoniche per radicali cambiamenti urbani, Em Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta, Electa, Milano 2011
5. A. Ferlenga, Ricicli e correzioni, Em Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta, Electa, Milano 2011
6. S. Marini, Post – produzione, Em Recycland, 04 Re-Cycle Italy, Aracne, Roma Settembre 2013
7. G. Corbellini, Progettare l'amnesia, Em Recycland, 04 Re-Cycle Italy, Aracne, Roma Settembre 2013
8. U. Cao, Il riciclo dell'evento, Em Recycland, 04 Re-Cycle Italy, Aracne, Roma Settembre 2013
9. O. Carpenzano, La post-produzione in architettura, Em Recycland, 04 Re-Cycle Italy, Aracne, Roma Settembre 2013
10. R. Fanoni, Recycle come atto politico, Em Recycland, 04 Re-Cycle Italy, Aracne, Roma Settembre 2013

Reciclar

Casos de estudio



A reciclagem como estratégia criativa investe todos os campos, desde a paisagem até à arte, passando pela arquitetura.

Aqui eu estou interessado em estudar formas diferentes de abordar o tema da reciclagem, através da análise de exemplos concretos.

Principalmente constato quatro campos:

- reciclar objetos 1; a vontade e a capacidade de interpretar as ferramentas, máquinas e qualquer objeto que completaram o seu ciclo de vida, vendo neles um potencial intrínseco, a fim de inventar e projetar um novo uso possível, na base de um projecto já existente; é o projecto que determina a escolha do objecto;
- reciclar objetos 2; sempre tendo como elemento de estudo o objeto/ lixo, abandonado, conceber um projeto arquitectónico a partir do mesmo material; é o objeto que determina a escolha do projecto;
- reciclar edifícios; interpretar o edifício como um invólucro; desliga-lo do seu conteúdo e usar a estrutura de apoio como coluna sobre a qual conceber nova utilidade;
- reciclar terrenos; transformar terrenos, que perderam ou terminaram a sua função anterior, salvá-los da sua possível utilização como aterro e integra-los no contexto urbano.

1. Migro, Collettivo Refunk, Rotterdam, Olanda, 2013

Reciclar objetos 1.

2. Espressobar, 2012 Architekten, Delft, Olanda, 2007

Reciclar objetos 2.

3. Gemini Residence, MVRDV, Copenhagen, Dinamarca, 2002-2005

Reciclar edifícios.

4. Parco dei Suoni, Pierpaolo Perra Alberto e Antioco Loche, Oristano, Italia, 2007

Reciclar terrenos

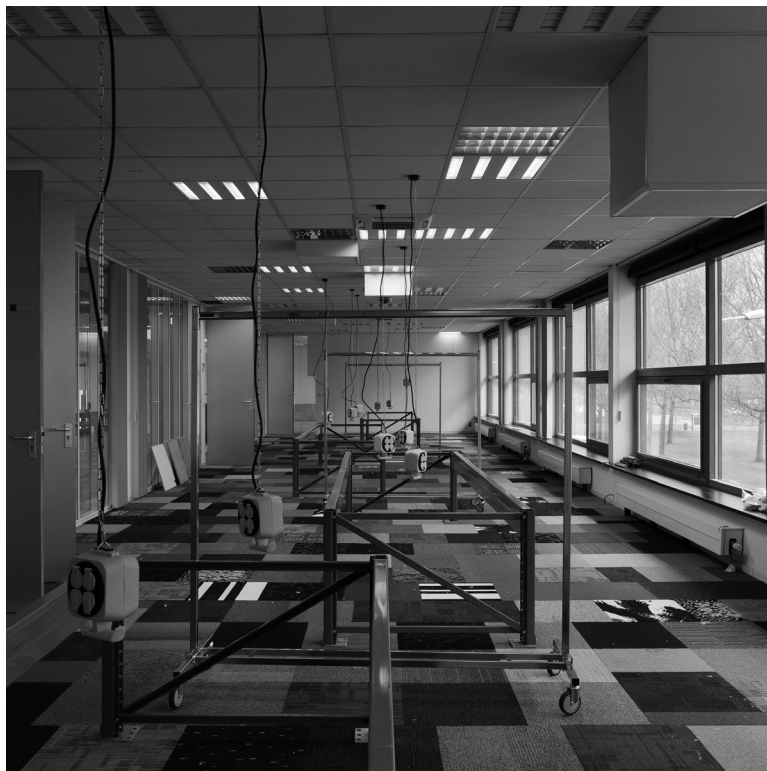
1.

Migro - Collettivo Refunk

Rotterdam - Olanda - 2013

O projeto envolve a concepção e construção de mobiliário para os espaços interiores de uma empresa de consultoria. O coletivo Refunk, na figura dos arquitetos Denis Oudendijk, Jan Korbes, concebe um jogo real a aplicar em conjunto com seus diretores. Através da recuperação de objetos que se tornaram lixo, produz móveis e organiza os espaços da empresa. O coletivo trabalha entre o design, a criação da arte e da arquitetura, produz objetos, instalações de autoconstrução, de reciclagem e reutilização de materiais residuais. Refunk foi convidado a participar e expor na Bienal de Arquitetura de Veneza 2008. «Damos nova vida a objetos e materiais abandonado, esquecido, jogado fora. A origem do projeto é inerente ao próprio objeto, em sua alma, ouvimos os objetos, sua história e desejos que os criou ou utilizou e a partir deste descobrimos uma nova maneira de usá-los». Jan Korbes

O lema deles: the world without a manual



48.

2.

EspressoBar - 2012 Architekten

Delft - Holanda - 2007

É um dos primeiros projetos do grupo em 2012 Architekten, que mais tarde tornou-se Superuse.

O tema é aquele de projetar o novo bar na Faculdade de Arquitetura em Delft.

A proposta do grupo é absolutamente futurista e bem aceita. A partir do lixo comum e objetos a serem desmantelados, concebem uma cápsula em estilo espacial a ser colocada no átrio da Universidade. Utilizam máquinas de lavar e tubos de aço para a estrutura, os elementos da barra e da cozinha são feitos a partir de painéis, os puxadores são tomados a partir dos cintos de segurança dos aviões, e as placas de circuito são utilizadas como revestimentos. Por fim os assentos são projetados para serem colocados ao redor do bar; são tomados assentos de aviões e montado por cima da estrutura interna das máquinas de lavar roupa, de modo a rodar.



49.

3.

Gemini Residence - MVRDV

Copenhagen - Dinamarca - 2002

O grupo holandês é o autor da conversão de dois silos por sementes, abandonados. Com base na estrutura nua dos silos, pensa-se em uma intervenção que pode aproveitar o espaçoso volume interior formado pela alma cava dos edifícios. Tendo que lidar com as limitações estruturais, sabendo a impossibilidade no criar aberturas grandes e numerosos nos anéis dos silos, são imaginados planos projetados para fora, aumentando metros quadrados e transformando problemas em vantagens. De facto é possível obter o máximo de pontos de vista e a máxima flexibilidade dos edifícios. Ambos os núcleos têm uma tampa transparente que torna o átrio um espaço futurista, onde as pessoas se movem para cima e para baixo.



50.



4.

Parco dei Suoni - Pierpaolo Perra Alberto e Antioco Loche

Oristano - Italia - 2007

A recuperação de pedreiras desactivadas de Su Cuccuru Mannu, por muitos anos destinadas a aterros e local de marginalidade, permitiu o resgate da área, sua reapropriação e sublimação, passando do antigo estado de degradação aquela de Parque Temático.

O projeto utiliza uma múltipla estratégia de reciclagem: espacial, formal, sde enso. O que foi roubado ou que deveria restabelecer-se, volta à vida, estimulando novas atividades. O tema sonoro é a espinha dorsal da intervenção, e é articulado em um conjunto de caminhos sonoros que atravessam a caverna e as áreas circundantes. Ao ar livre, as acomodações são projetadas para alcançar ambientes evocativos através do efeito especial de eco.



51.



Be utopian !

We want to build new worlds where fiction is reality and games are new rules for democracy. If space is made by dynamics of exchange, then everybody can be the architects of our world and encourage creativity, reflection and to renew social behaviours.

Experiment !

3.3 Práticas Temporários

As práticas temporárias são definidas como dispositivos de reativação, principalmente de áreas residuais, espaços marginais, de interesse coletivo ou não coletivo. O objetivo é acionar as transformações territoriais, ou seja constituir atividades para a comunidade, todos com uma vida delimitada, num tempo limitado, entre uma utilização anterior e uma futura. Por isso tratam-se de práticas de transição, com poder de interação com o ambiente, com base em ações como abrir e limpar, projectar e mudar, adaptar-se, para preparar o espaço residual ao uso de uma nova configuração urbana e, ao mesmo tempo, animar o ambiente cultural e social. Isso vai surgir para vontade pública ou por grupos de indivíduos; tratam-se de práticas participativas, onde a integração com a comunidade e o meio ambiente são prioridades.

Em muitos casos, essas atividades são capazes de revitalizar os espaços onde se realizam e combater os fenómenos de degradação da cidade.

Basicamente tratam-se de atividades criativas que envolvem habilidades organizacionais e interpessoais dos atores; também, normalmente, os resultados das práticas temporárias são incertos.

Geralmente os projetos de atividades temporárias são estruturados em várias fases, mas todos eles têm uma startup compartilhada; as actividades expalha-se no contexto urbano, cada prática precisa de tempo de ativação, o que acaba por morer ou desabruchar.

O processo de apropriação pode dar tempo para praticas temporarias deixarem raizes, e as muitas e diversas ações relacionarem-se. Enraizamento é uma condição prévia para um cuidado constante.

Em muitos casos, as atividades de reutilização temporária dão-se em edifícios ou terrenos abandonados e nascem pela vontade de uma associação sem fins lucrativos.

Essas práticas podem ser de vários tipos e podem exercer diferentes atividades: eventos públicos, assim como instalações e performances de natureza artística, mercados, ocupações ilegais de habitação temporária, até que as iniciativas começam a sensibilizar o público sobre a degradação urbana causada pelos espaços em abandono.

A ativação de um evento é semelhante a uma onda de novos usos.

Normalmente, essas ações criam eventos não relacionados ao contexto urbano, ou seja, são práticas incomuns, mas curiosas, quando projectadas no sistema social em que se encontram, com o fim de atrair e envolver a população, tudo num período temporário estabelecido, por vezes cíclico.

Os eventos podem ser organizados legalmente ou não, estar num lugar uma noite ou uma semana inteira, o que deixam é um sulco no imaginário dos lugares, a memória de um espaço público usado espontaneamente embora temporário.

Os lugares públicos ideais para eventos temporários são todos aqueles de fácil acesso, localizados num contexto urbano bastante denso e construído, e apropriam-se de espaços como parques de estacionamento, jardins, fábricas abandonadas, alargamentos de estradas e pequenos espaços residuais.

Festas rave e incursões divertidas nos territórios abandonados, são a versão extrema de uma tendência para a formação de lugares coletivos temporários e móveis.

Isso mostra que a natureza de um evento temporário é muito diversificada; pode-se assistir a noites de cinema ao ar livre num parque ou a leitura de poesia com sessão jazz entre os pátios de casas abandonadas, promovidos por associações culturais. Ou participar em grandes festas rave em fábricas abandonadas, publicitadas pelo “boca a boca” espontâneo dos jovens e através da internet, ou ainda assistir a performances de artistas de rua, malabaristas e cuspidores de fogo que iluminam os sonhos dos transeuntes numa rua para uma noite.

Concluindo, o evento temporário é um dispositivo que pode colonizar espaços, deixando uma lembrança na memória local. Por outro lado pode tornar-se uma prática pioneira quando as atividades temporárias são capazes de se estabelecerem no local, para durar ou servir de exemplo e, assim, pôr em marcha um ciclo de usos e práticas sócio-culturais.

A ocupação representa uma outra forma de activação temporária.

Ocupar é uma ação ilegal que resulta, na maioria dos casos, do desejo de expressar e denunciar problemas, a fim de torná-los visíveis para a cidadania.

Deseja-se que as questões levantadas estejam no centro da atenção de todos, e ao mesmo tempo sejam reivindicados aqueles espaços esquecidos.

A reclamação e ocupação do espaço segue a implementação de atividades que devem servir não só para continuar a desenvolver os seus princípios e para informar o público, mas também para construir um consenso sobre o trabalho. Essencial é constituir rede com outras organizações para encontrar assim também o apoio dos meios de comunicação.

Se for bem implementado, este processo consolida-se e pode abrir acordos judiciais com as instituições e com os proprietários.

Essas iniciativas são principalmente artística e culturais, são organizadas por grupos independentes e associações sem fins lucrativos que se estabelecem em prédios abandonados, decadentes, e reestruturam os espaços por meio de projetos e iniciativas de auto-construção.

Importante é a imagem que estas actividades comunicam; sem matar a memória e a energia do lugar, devolvem novas paisagens, deixando a impressão de uma atividade paralela. O poder dessas imagens encontra-se em evocar, informar, registrar algumas situações, ativando a atenção do espectador.

A espontaneidade é a riqueza para essas práticas.

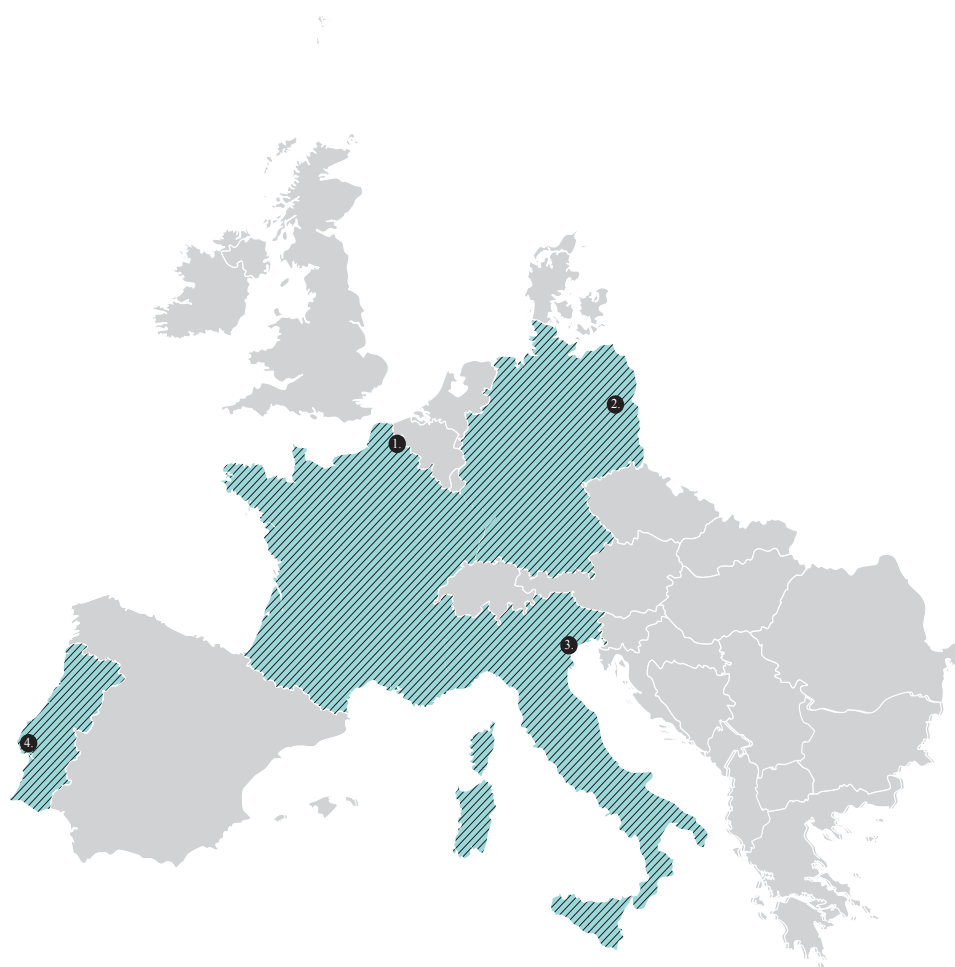
A arte contribui para o reforço da valorização urbana.

Precisamos encontrar um equilíbrio entre eventos temporários e atividades de longo prazo.

A seguir vou analisar quatro exemplos, escolhidos na base da experiência pessoal.

Práticas temporários

Casos de Estudo



1. Republique Ephemere Roubaix	 	 	 	 		
2. Tacheles Berlino	 	 	 	 	 	
3. Laboratorio Morion Venezia	 	 	 	 	 	
4. LX Factory Lisboa	 	 	 	 	 	

	 attivo	 non attivo			
Finanziamento	 auto	 pubblico	 privato		
Area - proprietà	 pubblica	 privata			
Transizione proprietà	 occupazione	 affitto	 donazione		
Ristrutturazione immobile	 autonoma				
Struttura	 associazione	 società			
Servizi	 atelier/lavoro	 concerti	 mostre	 drink	 eventi/spettacoli
	 commercio	 food	 living/ospitalità	 teatro/cinema	 laboratori

1.

Republique Ephemere

Roubaix - Francia - 2004

Em agosto de 2004, perto da cidade de Roubaix, foi realizada a reunião anual da EASA, que teve a participação de 450 estudantes de 40 países. Precisava-se de um lugar e de um edifício que pudesse acomodar. O projeto foi proposto pelo grupo EXYZT que, em conjunto com a organização EASA decidiram implementá-lo. Finalmente constituiu-se um jogo baseado em experiências criativas e informais. Consistiu no organizar e no educar cada aluno, a fim de construir uma parceria para auto-construção de um espaço para acomodar os próprios alunos. Encontrado um edifício industrial de 4500m², tornou-se um laboratório experimental. Cada aluno recebeu um kit, que inclui um manual de construção e segurança, tecidos e preservativos. Assimatravés da cooperação, os vários meninos criaram suas unidades habitacionais; para cada três alunos um cubo constituído de estruturas metálicas com paredes formadas por tecidos. A equipe de projeto forneceu estruturas adicionais comuns: cozinha, banheiros, laboratórios.



52.

2.

Tacheles

Berlino - Germania - 1990

O termo “Tacheles” é derivado dall’Yiddish e significa “texto livre”. Em 1990, a iniciativa artística Tacheles toma posse de uma propriedade danificada pelo bombardeio, um edificio bastante famoso e conhecido dentro da cidade. Iem poucos anos, o complexo desenvolve um grande centro de arte, eventos e comunicação; sua vai fama para além das fronteiras do estado, derivado dos vários artistas que entram em contato com a iniciativa. Já é uma etapa obrigatória no cenário cultural da capital. Em 1998, uma empresa privada de imóveis compra a terra e os locais, e contrata um arquiteto americano para desenhar um projeto. A associação é capaz de negociar um contrate simbólico de locação de cerca de 50 centavos por metro quadrado, até o final de 2008, uma vez que a agência imobiliária não atender investidores. Após o contrato, 80 artistas continuaram a ocupar ilegalmente a propriedade até que, em 2011, foram expulsos. O evento gera uma grande agitação e uma investigação que continua em andamento. Entretanto alguns artistas criaram uma galeria interativa de Tacheles.



53.

3.

Lboratorio Morion

Venezia - Italia - 2008

O Laboratório Morion é um espaço autônomo desde 2008, no contexto da área de San Francesco della Vigna, no bairro de Castello, na Veneza. Propõe-se como uma “Casa dos bens comuns” tentando construir outras formas de sociabilidade através de várias propostas que podem atrair um público mais amplo. O espaço foi identificado e restaurado graças ao projeto de Re-Bienal. Este projecto surge a partir da união de artistas, artesãos, estudantes e arquitetos. Basicamente, foi analisar os vários pavilhões da Bienal de Arquitetura em 2008, recuperar os materiais (mais de 80% vai para o lixo a cada Bienal), e armazená-los no espaço da Morion, no momento não ocupado. Em colaboração com artistas como EXYZT, 2012 Architecten, Stalker ON, Superstudio, foi concebido a recuperação do estável, na base dos materiais recuperados. Foi um trabalho de auto-construção, cada um contribuindo com seus conhecimentos especializados, onde pela primeira vez na Veneza participou uma universidade, IUAV.



54.

4.

LxFactory

Lisbona - Portugal - 2000

Trata-se de um antigo complexo de fábricas na zona de Alcântara adquirido por um grupo de investimentos imobiliários, que não foram capazes de implementar o projeto previsto para a área e vêm assim forçado a ter que alugar o espaço por um preço simbólico para o período mínimo de 5 anos. Assim, os 23 mil m² estão temporariamente doado à cidade, abrindo caminho para o gênio e a criatividade humana. Em breve Lx Factory torna-se um novo símbolo de Lisboa; não só para os artistas, designers e arquitetos, mas também para os jovens. As noites organizadas nos fins de semana atraem um grande número de pessoas. Hoje LX Factory também é visitado por turistas e curiosos; os espaços desenvolvem e enriquecem cada vez mais graças à cooperação e as iniciativas dos vários grupos de trabalho, os quais também permitirão visitar os seus escritórios e os espaços de trabalho. O auge da criatividade é tocado durante o Open Day, quando, uma vez por ano, os moradores são convidados a definir o programa do dia.



55.

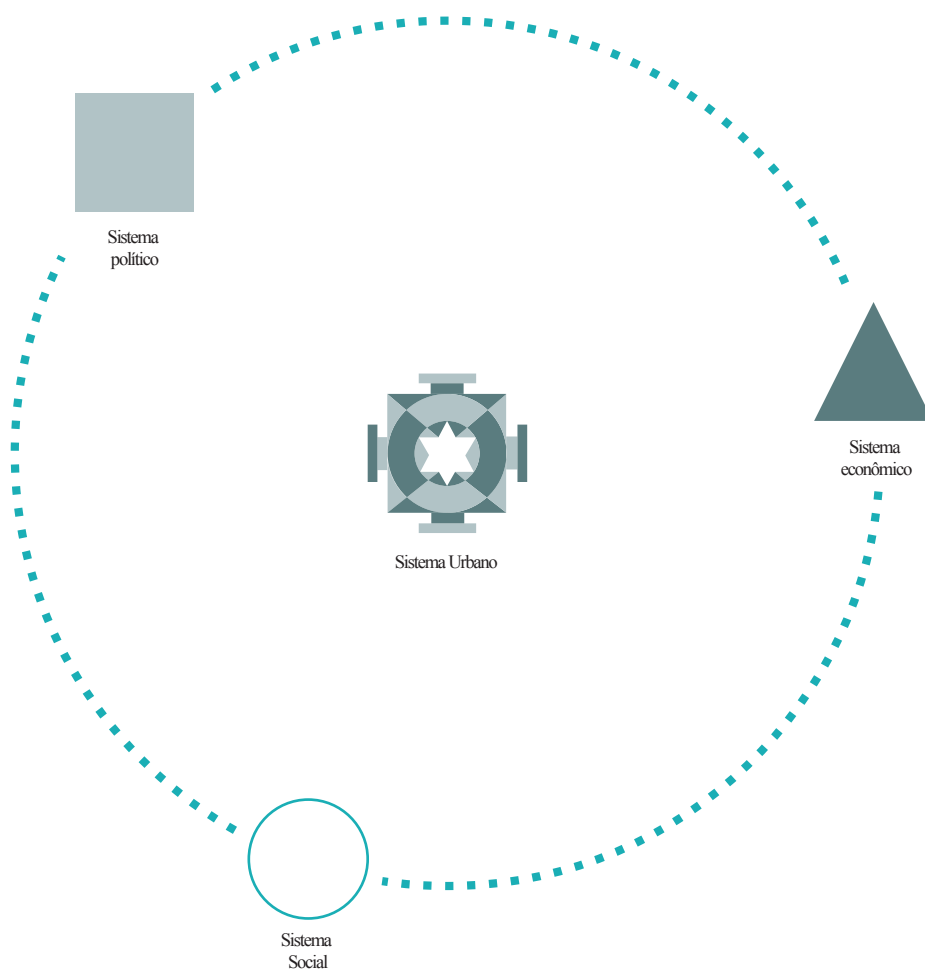


Diagrama interpretativo sobre os elementos que compõem o Sistema Urbano

Índice

179	Introdução
181	Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente <i>Análise da Área de estudo e definição da Estratégia</i>
215	A Rua de Azevedo <i>Estudo da Unidade Operativa</i>
237	A Polaridade coletiva na Rua de Azevedo <i>Pormenorização da Unidade Operativa</i>

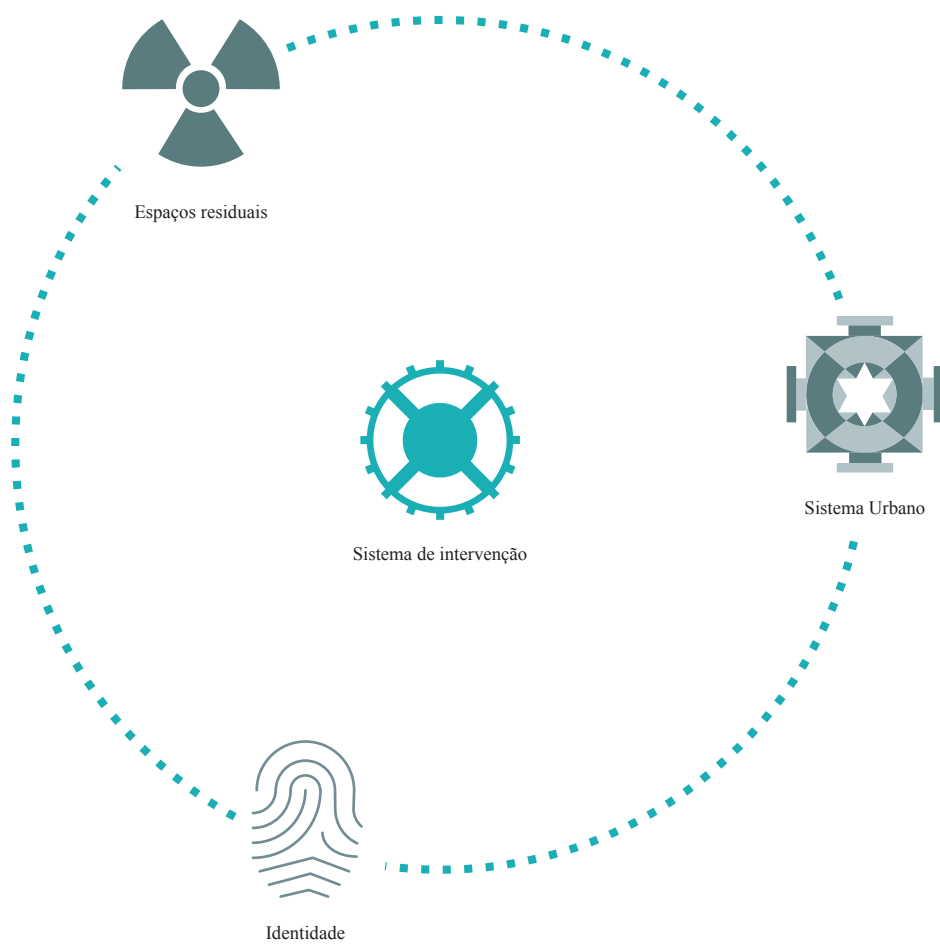


Diagrama interpretativo sobre a tipologia de intervenção

A eficácia e o sucesso do projecto estão estreitamente ligados à própria capacidade de interagir com o contexto em que ocorrem, neste caso sujeito aos fenómenos de marginalização social e ambiental.

Um projecto de regeneração urbana baseia-se na conexão e cerzidura entre varias partes constituintes da realidade urbana, e em particular entre factores físicos, materiais, ambientais, sociais, económicos e imateriais, da cidade.

Como tal, o projecto de regeneração urbana apresenta-se como um programa de intervenção que funciona em vários níveis, perseguindo objectivos múltiplos e activando estratégias diferentes.

A regeneração urbana deve-se compreender como uma pratica de construção de novas conexões de desenvolvimento entre os recursos e os elementos disponíveis (espaços e não só) que suportam novas formas de viver e habitar a cidade.

Não se trata simplesmente de aproveitar áreas desactivadas, devolutas para industrias ou edifícios de habitação, como superfícies disponíveis para introduzir no território novas funcionalidades, mas estabelecer relações com potencial para o desenvolvimento social entre aqueles espaços e o contexto social e urbano.

Parece-me que, por variás razões, os espaços sem aparente destino urbano (abandonados, desactivados, devolutos) se prestam a acolher reais laboratórios para a formação de novas competências sociais e urbanas, nomeadamente domínios dentro dos quais reconstruir o interesse colectivo e, portanto, apoiar o processo de reinvenção da esfera publica.

A experiencia de reutilizar é importante porque facilita a imaginação e permite poupar tempo e recursos.

O objectivo da regeneração urbana é criar novas atitudes sociais e introduzir novas formas de viver na cidade e de utilização do espaço urbano, permitindo assim a sociabilidade.

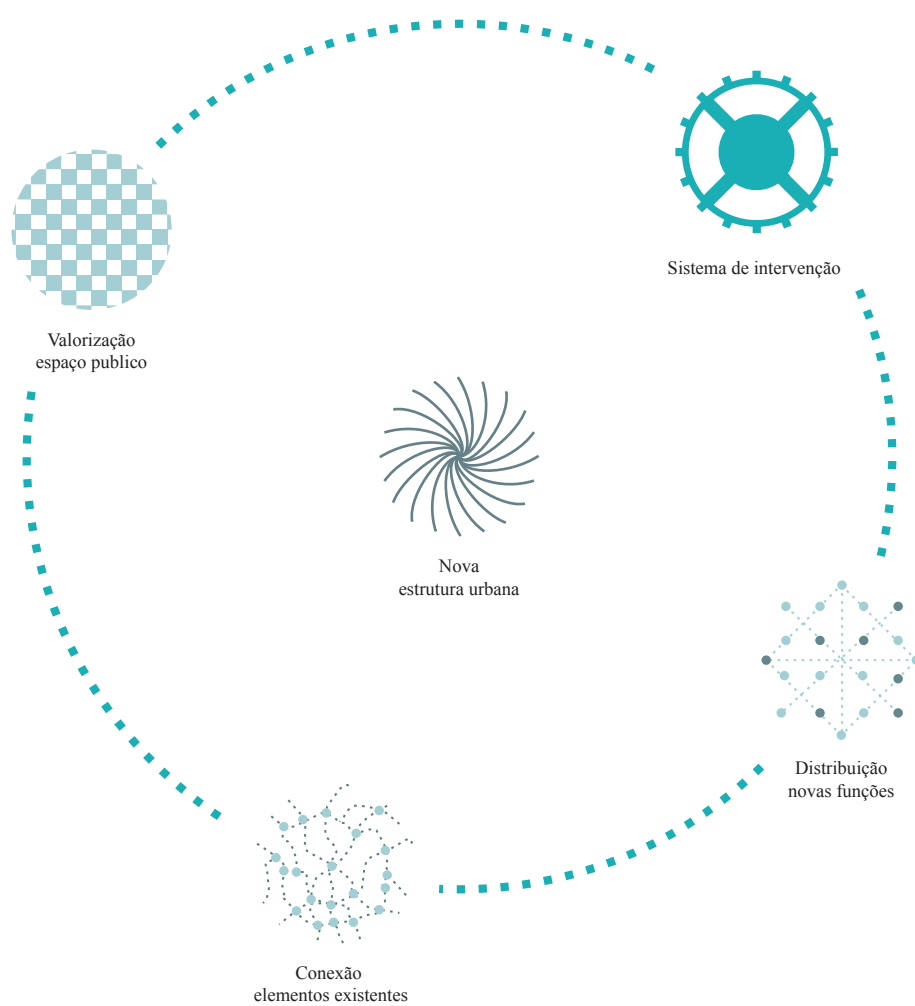


Diagrama interpretativo sobre a metodologia para a criação de uma Nova estrutura urbana

Elementos principais na Área Urbana do Porto

A área de intervenção situa-se na freguesia de Campanhã, a nascente/sul do troço inicial da rodovia A43, no interflúvio dos traços finais dos rios Tinto e Torto.

A sua topografia é bastante acidentada, o que a torna um território de difícil ordenamento e poucas ligações a outros pontos da cidade. Fazendo fronteira com Gondomar, é uma zona com pouca construção, com zonas bastante degradadas e muitos espaços caracterizados por uma vegetação rasteira, sendo que a maior parte estão desaproveitados.

As vias principais localizam-se nos limites Norte, Este e Oeste da cidade. Estas vias não estabelecem uma comunicação clara entre todas as zonas do território.

A linha de comboio tem apenas um percurso pela zona nascente da cidade, parando na estação de Campanhã que estabelece uma ligação ao centro histórico pela comunicação com a estação de São Bento.

O metro do Porto serve essencialmente aquilo que agora denominamos como a área metropolitana, estabelecendo ligações com áreas periféricas como o aeroporto Francisco Sá Carneiro, Matosinhos, Maia, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia e Gondomar. Na cidade propriamente dita o metro serve essencialmente a zona do seu centro histórico concentrando várias estações numa área reduzida da cidade (Trindade, Aliados, Bolhão, São Bento, Marquês, etc).

Estruturas viárias relevantes são também a VCI, que atravessa a cidade comunicando com as principais rodovias para o Sul (através das Pontes da Arrábida e do Freixo), Norte e interior e a Estrada da Circunvalação, que tal como o nome indica, percorre o perímetro da cidade.

A nível de estruturas viárias de comunicação com o restante território, a zona de intervenção está bem servida concentrando ligações com rodovias para o Norte, Sul e interior, com a VCI, Circunvalação e com a marginal do rio Douro, ou seja com praticamente todas as ligações relevantes da cidade do Porto.

Quanto a transportes colectivos, as linhas 205 e 400 de autocarro asseguram o transporte na zona de intervenção, percorrendo toda esta área, deste a zona da marginal do Douro a Sul até ao limite da A43 a Norte. O transporte desde esta área até ao centro do Porto é assegurado pela linha 400. A linha 205 garante a mobilidade até à Foz do Douro passando por pontos de interesse como sejam o Hospital S. João, IPO e Parque da Cidade até à rotunda do Castelo do Queijo. Há ainda a linha ZR que abrange a zona de intervenção e permite

o interface com outras linhas.

Considerando a densidade populacional da área e a escassez de pontos de interesse público, a actual rede de transportes parece suficiente e abrangente o quanto baste.

No entanto, para que seja possível a dinamização da zona com a criação de novos pontos de interesse para toda a população, esta poderá não ser suficiente pelo que importará pensar na criação de novas linhas e meios de transporte que sirvam os programas propostos.

População

Os dados recolhidos sobre a população residente na área de intervenção explicitam uma evidente escassez de instrução e educação. A maior parte da população residente na área tem entre os 25 e os 64 anos de idade, com uma instrução que não supera o 1º ciclo. Estes são dados básicos determinantes para a compreensão do sistema urbano presente, no qual é preciso intervir.

A área de intervenção é facilmente localizável no mapa, pela sua condição interfluvial; nela “isola-se” uma tímida mancha habitacional que se estende num eixo sudoeste-nordeste.

Apesar de alguma actividade industrial nas proximidades do interflúvio, a maior concentração dos elementos urbanos principais, como as zonas industriais, as comerciais, os hospitais, localizam-se no litoral do Grande Porto.

Assume forma a ideia de que a área de intervenção parece localizar-se já fora da cidade, identificando-se mais com o interior, como Gondomar, pela sua baixa densidade de edificação, à prevalência habitacional.

Assim começamos a perceber o cariz segregado desta zona da cidade.

Aglomerado Urbano

A área apresenta uma condição marginal, e podemos observar que não há aqui praticamente investimento algum. As vias de tráfego acelerado criam uma fronteira entre a área de intervenção e a restante cidade, isolando-a face à(s) realidade(s) urbana(s) circundante(s). Dentro desta fronteira o território urbano define-se pela presença de duas ruas entrelaçadas, quase perpendiculares: a Rua de Meiral, sentido norte - sul, e Rua de Azevedo, sentido poente - nascente. São estas duas ruas que articulam o espaço e distribuem os edifícios

no formar de diferentes aglomerados urbanos.

O edificado no sul da área articula-se à volta das ruas da marginal do Rio Douro que põem em comunicação o centro do Porto com a próxima Gondomar.

Apesar da existência de vias de dimensão considerável, o local não tem movimento e tráfego significativo, não se verificando também uma grande fixação demográfica.

Assim sendo, as ruas de calibre mais ou menos elevado, apesar de garantirem o acesso a toda a zona, não influenciam significativamente um investimento na zona, não contribuindo de forma efectiva para o surgimento de uma estratégia de expansão urbana. Na área essencialmente habitacional, as vias são sobretudo de tráfego moderado, baixo e local.

Em relação às tipologias existentes no edificado podemos constatar uma vasta diversidade morfológica, explicada pela falta de estratégias e planos de intervenção urbana que pensem o território na sua globalidade, interação e integração.

Observamos então pequenas construções dispostas em núcleos, provavelmente as mais antigas, e que parecem ir-se dispondo à volta de um ponto central onde se encontra a igreja.

As construções ao longo da rua de Azevedo surgem linearmente, “penduradas” com relativa continuidade a este eixo estruturante .

O bairro do Lagarteiro é implantado com aparente lógica dispositiva entre si, mas fechado e desconexo com a sua envolvente próxima, não se percebendo relações com o pré-existente o que também contribui para a sua segregação.

A pequena urbanização de habitações unifamiliares “pendura-se” no eixo da rua do Meiral mas desenvolve-se em cul-de-sac isolando-se assim da realidade em que se insere. Junto à marginal e à marina verificamos construções mistas com edifícios de carácter habitacional, empresarial, comercial e industrial, concentrados em quarteirões contíguos.

Actividades

Mesmo em relação à sua envolvente mais próxima, a zona de estudo encontra-se bastante isolada e desprovida de equipamentos ou serviços. Apenas se verifica alguma actividades industriais e comerciais na proxi-

midade da frente do Rio Douro e a oeste da ponte do Freixo, estabelecendo ligações frágeis, pela presença de estruturas como a A43, a VCI, a Marginal e a Estrada da Circunvalação.

O estudo sobre os serviços existentes na área de intervenção permite observar a escassez de equipamentos com potencial dinamizador da população.

Estes serviços resumem-se a algumas lojas, cafés/restaurantes, farmácia, centro de saúde, posto dos ctt, Equipe da Polícia, campo desportivo (desactivado), EB1 do Lagarteiro e edifícios religiosos; todos estes serviços são distribuídos exclusivamente ao longo das ruas do Meiral e de Azevedo, que representam os eixos relativamente mais consolidados do terreno.

Salientamos a ausência de serviços de cariz culturais, educativos e recreativos bem como desportivos. A básica instrução da população tem como reflexo uma alta percentagem de desemprego, cerca de 22%; o trabalho mais praticado é de operário.

Edificação

O edificado, que se articula ao longo das ruas do Meiral e de Azevedo, seguem uma linha de expansão relativamente lógica, fixando-se ao longo destas principais vias estruturantes; quase na sua totalidade os edifícios que pertencem a estas ruas são anteriores à segunda metade do séc. XX.

Os edifícios de habitação em banda que se dispõem perpendicularmente à rua do Meiral, e os edifícios de planta livre que formam o bairro do Lagarteiro representam as principais excepções. Estes edifícios ainda que sendo de habitação unifamiliar são construções de baixo custo.

O bairro do Lagarteiro e a EB1 do Lagarteiro são as outras construções relevantes que surgem na segunda metade do século passado.

O estudo da altimetria do edificado na área de intervenção espelha a fraca densidade da construção.

Quase toda a construção é anterior a 1945 e apenas em casos pontuais ultrapassa os dois pisos. As excepções são os edifícios mais recentes e alguns localizados na zona da marina fluvial.

A pequena urbanização de habitações unifamiliares em banda é toda construída em 3 pisos e apenas encontramos construções que ultrapassem esse número em dois edifícios igualmente recentes na proximidade do referido conjunto habitacional, no bairro do Lagarteiro e num edifício recentemente concluído localizado na

marginal do rio Douro.

Na cidade do Porto existem diversos bairros e ilhas, estes locais de habitação social estão, na maior parte dos casos, relacionados com problemas de inserção social agravados pelo isolamento que estas construções promovem.

Estas configuram-se em núcleos espalhados por várias áreas da cidade e na qual convivem pessoas das mais variadas etnias, religiões e faixas etárias que partilham a realidade da vida em habitações sociais que na maior parte dos casos não respondem com eficácia às suas necessidades.

Este processo contribui para o agravamento da incoerência do tecido urbano da cidade pelo que observamos, na implantação destes conjuntos, surgirem organismos impermeáveis, “cinturados” por uma via que percorra o seu perímetro, isolando-se da cidade e excluindo-se da realidade em que se insere.

Vegetação

A análise e compreensão dos espaços verdes, ou espaços da clorofila, é bastante relevante para a proposta de intervenção.

Como se pode verificar, é uma das zonas da cidade do Porto com menos área construída pelo que a intervenção a propor será voltada para um reaproveitamento dos resíduos urbanos, requalificação dos espaços públicos e para o incentivo do uso dos espaços verdes livres para se proceder à produção agrícola.

Relativamente ao tratamento e ordenamento destes espaços, constata-se que não existe uma organização clara e que a maioria se denomina como vegetação descaracterizada, situação em que a vegetação cresce sem controlo.

Este crescimento vegetal arbitrário é consistente com a situação topográfica peculiar do local. Sendo a área de intervenção marcada pelos vales dos Rios Tinto e Torto e sendo próxima do Rio Douro, as diferenças de cotas são bastante acentuadas tornando algumas zonas pouco acessíveis e consequentemente pouco tratadas. A maior parte das construções situam-se portanto na linha de fecho – zona mais elevada – sendo que os espaços verdes se encontram nas encostas, dificultando o seu acesso e uso para actividades agrícolas.

Nas margens dos Rios Tinto e Torto, verifica-se a existência de alguns espaços de produção, sobretudo próximo do Rio Torto.

Ao longo do Rio Tinto, há a proposta para o Parque Oriental que, na intervenção a desenvolver, será designado Parque Urbano da Biodiversidade. Neste parque pretende-se conjugar zonas de crescimento de espécies autóctones com as áreas de cultivo já existentes. Esta medida visa diminuir a expropriação de terrenos assim como grandes alterações no curso natural do crescimento das espécies vegetais.

Posto isto, pretende-se criar um espaço que é tratado e controlado, mas que o crescimento e desenvolvimento dos espaços verdes não sejam condicionados pela ação do Homem.

A grande parte das áreas da clorofila no território são relativas à vegetação rasteira, à massa arborea e aos terrenos agrícolas.

A norte do Parque Oriental existem zonas de produção agrícola de médias dimensões, a nordeste existe cultivo em estufa e nas margens do rio Torto existem hortas privadas de menores dimensões.

Na zona predominantemente habitacional as áreas de cultivo são mais fragmentadas e de menores dimensões ocupando, por vezes, os espaços intersticiais entre construções chamados vazios urbanos. A sul, perto do rio Douro, as maiores áreas de verde são referentes às quintas e jardins privados.

A maioria de espaços verdes existentes no território a intervir são descaracterizados, devido ao crescimento aleatório e sem qualquer tratamento da vegetação. Apesar de se encontrarem terrenos agrícolas destinados a cultivo nas margens do rio Torto, a grande maioria das zonas associadas aos rios Tinto e Torto não têm qualquer programa e por isso são consideradas áreas verdes descaracterizadas.

Cinco Unidades

Estabelecem-se cinco zonas principais na área de intervenção:

- a Oeste, o Território do Rio Tinto, uma área principalmente não edificada, que está destinada ao projecto do Parque Oriental da Cidade. Há espaços agrícolas, geralmente associados a construções, e espaços de vegetação rasteira descaracterizada.
- a Este, o Território que abrange as margens do rio Torto, com muita pouca construção caracterizada pela alternância de áreas agrícolas, vegetação rasteira e massa arborea.
- a Sul, a Marginal do rio Douro, que engloba a Marina do Freixo, o Museu da Imprensa e a Pousada do Freixo, e alguns estabelecimentos industriais e comerciais de média e pequena escala. É a zona mais desen-

volvida do ponto de vista económico e com maior potencial aparente. É a área que apresenta as melhores conexões com o envolvente e o centro do Porto.

Esta área representa uma das duas Polaridades.

- a Norte, o Bairro do Lagarteiro, englobado no conjunto edificado de cariz habitacional que se situa entre as duas faixas verdes. O Bairro tem maior destaque devido aos seus problemas, tanto sociais como de degradação. No entanto, toda a zona residencial está bastante degradada, com pouca exploração comercial. É o ponto mais densamente habitado.

Esta área representa a segunda Polaridade do território.

- ao Centro, situam-se os Aglomerados urbanos, que se articula em cima das ruas de Meiral e de Azevedo, acrescentados por novas edificações. Nesta área regista-se o maior numero da população, apesar da escassez de serviços, e o maior numero de resíduos dentro da malha edificada.

Resíduo

Os resíduos urbanos existentes resultam de erros de princípio na organização territorial e urbana da zona de intervenção.

Como já foi evidenciado, não há uma malha que ordene o território, o que provoca espaços intersticiais que não são aproveitados adequadamente, transformando-se rapidamente em espaços residuais no tecido urbano. Apesar das novas edificações não seguirem a articulação dos aglomerados já existentes, e viverem vida própria independentes do sistema urbano, o que conduz a uma errada distribuição no território e à consequente formação de espaços residuais.

A diminuída evolução demográfica da zona, e a baixa propriedade de edificios dos moradores, levou ao constante abandono das construções e ao aumento do número de prédios devolutos, que lentamente estão a tornar-se inabitáveis.

Por outro lado, existem espaços residuais agrícolas que surgem devido à topografia do terreno e à dificuldade de cultivo nessas zonas. Assim, os terrenos agrícolas agrupam-se em zonas de acesso e cultivo mais fáceis, criando espaços residuais agrícolas fragmentados. O elevado número deste tipo de espaços na área de intervenção transformam-os numa das principais características de identificação do terreno.

Estratégia

As vias de trânsito automóvel elevado, como a Via de cintura interna e a autoestrada A43, surgem como barreiras, que delimitam o terreno face à sua envolvente urbana, prejudicando assim uma melhor ligação com a restante cidade do Porto.

Outro factor que aumenta o isolamento da zona de intervenção face às áreas circundantes é o relevo bastante acidentado, devido à sua proximidade com os três rios.

Considerando as diversas análises realizadas à área de intervenção podemos encontrar, em alguns pontos de análise mais do que noutros, uma carga de “energia oculta” de potencial ponto de partida para um processo de regeneração, explorando as riquezas particulares do terreno.

Considerando os elementos da análise efectuada podemos dividi-los em duas categorias distintas, as características que dotam o terreno de potencial e as que provocam a sua condição problemática. Reconhecemos nos rios Tinto e Torto, e em espaços com diferentes caracterizações dos espaços verdes, um forte potencial de exploração: áreas sem uso, muitas vezes inacessíveis, ou utilizadas em casos pontuais e fragmentados que, por força destas suas condições, crescem de modo não programado.

Os elementos problemáticos pertencem ao tecido edificado. O valor negativo deve-se à sua inadequação ao uso actual originando problemas de ordem social ou, pelo seu abandono, contribuindo para a degradação de vários edifícios.

O propósito da estratégia de intervenção é alterar a condição marginal da área, através de medidas que potenciam a ligação e dinamização dos diferentes pontos do território, unificando-o e evidenciando as potencialidades detectadas. A partir da identificação dos diferentes tipos de espaços residuais são propostos três sistemas.

Um constitui-se pelas áreas verdes que acompanham os rios e as conexões transversais que atravessam a malha edificada, aumentando a sua permeabilidade. A área ao longo do Rio Tinto é tratada como um parque urbano com o propósito de preservar e incrementar a bio-diversidade existente, pelo que permanecem os espaços naturais existentes e os cultivados, equipando-a com caminhos, pontos de observação e actividades desportivas, reaproveitando os espaços residuais identificados.

A área ao longo do Rio Torto é utilizada como parque agrícola, os terrenos abandonados, ou ilicitamente ocupados para uso privado são reabilitados e revitalizados, tornando-os espaços para actividades agrícolas através de uma rede de caminhos existentes relacionada com o tecido urbano.

Os terrenos abandonados são cedidos para uso de pessoas individuais ou colectivas em situação de dificuldade ou desvantagem social. Além destes, propõe-se a recuperação de alguns edifícios para a implementação de programas complementares a esta ideia de parque, como centros de formação agrícola, laboratórios, pontos para aluguer de bicicletas e a supracitada rede de caminhos que pretende integrar estas actividades numa lógica de rede entre os espaços verdes e o construído e relacionando igualmente outros equipamentos como os desportivos, parque infantil, zonas de estar, e serviços para os moradores.

O outro sistema é composto por duas centralidades localizadas na zona ribeirinha e no Lagarteiro. Ligadas por três vias, duas delas existentes e que continuam a ser as principais vias de ligação, com maior fluxo de tráfego e uma terceira que percorre o limite nascente do parque e que serve principalmente os equipamentos propostos nessa área.

A centralidade localizada a sul procura estabelecer nexos mais distantes, com a restante cidade do Porto, quer pelos programas que aí se concentram como o museu, a marina fluvial ou a pousada, bem como pela expectativa de se poder criar um interface entre as linhas de transportes colectivos como os autocarros, a possibilidade da passagem de uma nova linha de metro até Valbom e também da continuação de uma linha de eléctrico que percorra toda a marginal da cidade.

Aqui é também proposta uma ciclovia privilegiada pela sua excepcional condição ribeirinha. Neste espaço prevê-se ainda a criação de novos espaços que privilegiem actividades de lazer que contribuam para a sua requalificação.

A centralidade localizada a norte, no Lagarteiro, caracterizar-se-á como ponto de referência, não só para os seus moradores como para todos os habitantes da área intervencionada elevando o nível de prestação de serviços públicos como, equipamento para ATL/centro de juventude, centro de dia e apoio domiciliário para os inúmeros idosos que ali residem sozinhos, equipamentos desportivos, extensão do centro de saúde e requalificação da EB1 do Lagarteiro.

Com isto pretende-se tornar a zona do bairro um ponto de excepcional importância para todos os habitantes

da área em estudo, procurando eliminar a condição de isolamento que caracteriza o bairro que já se encontra numa zona fortemente marginalizada.

O ultimo sistema representa uma intervenção mais pontual. A área inclui o território com mais moradores, ou seja as aglomerações formadas pela Rua de Meiral e a Rua de Azevedo.

Na base do estudo dos resíduos identificados quer-se cozer a malha e densificar o edificado. Não so a nível habitacional mas sobretudo oferecer serviços públicos que incluem actividades sociais e espaços de lazer para os moradores.

Aproveitar dos espaços e edifícios que já existem para devolve-los aos cidadãos, onde cada elemento seja bem relacionado e de fácil e rápida utilização. Para isso acontecer, o projecto tem que se basear na forte ligação entre o existente o que vem inserido, seja a nível social, seja a nível do desenho urbano.

As intervenções nos edificios devolutos procurarão também tornar a comunidade um elemento participativo na recuperação desses espaços pela realização de inquéritos e workshops.

Regulamentar, Incentivar, Projectar, Prioridades

A complexidade dos diferentes espaços, com diferentes usos e proprietários e o poder de decisão e do planeamento que nos pertence, resultou no desejo de compreender as diferenças entre regulação e plano de incentivos.

Ao regulamentar impoem-se normas que gerenciam os vários espaços, a fim de não comprometer o projeto, a vida diária, a natureza presente, numa perspectiva de futuro.

Então incentivar qualquer coisa que possa ter um uso que afetaria o território com o objectivo de melhorar e implementar o nosso projeto.

Projetar é representar todos os espaços nos quais é possível uma intervenção direta; ou seja, é materia de trabalho e sobretudo desenho.

Finalmente, as prioridades são o resumo dos três e a conclusão do nosso estudo em questão; representam o conjunto de tudo aquilo que é principal para a realização básica do trabalho. Uma vez realizado pode permitir a continuação e o desenvolvimento do processo de regeneração urbana.

Índice gráfico

Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente

Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

192 - 193	Elementos principais na Área Urbana do Porto
194 - 195	População
196 - 197	Aglomerado Urbano
198 - 199	Actividades
200 - 201	Edificação
202 - 203	Vegetação
204 - 205	Resíduo
206 - 207	Cinco Unidades
208 - 209	Estratégia
210	Regulamentar
211	Incentivar
212	Projectar
213	Prioridades



Representação da Area Metropolitana Porto

Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente

Analise da Area de estudo e definição da Estratégia

Elementos principais na Area Urbana do Porto

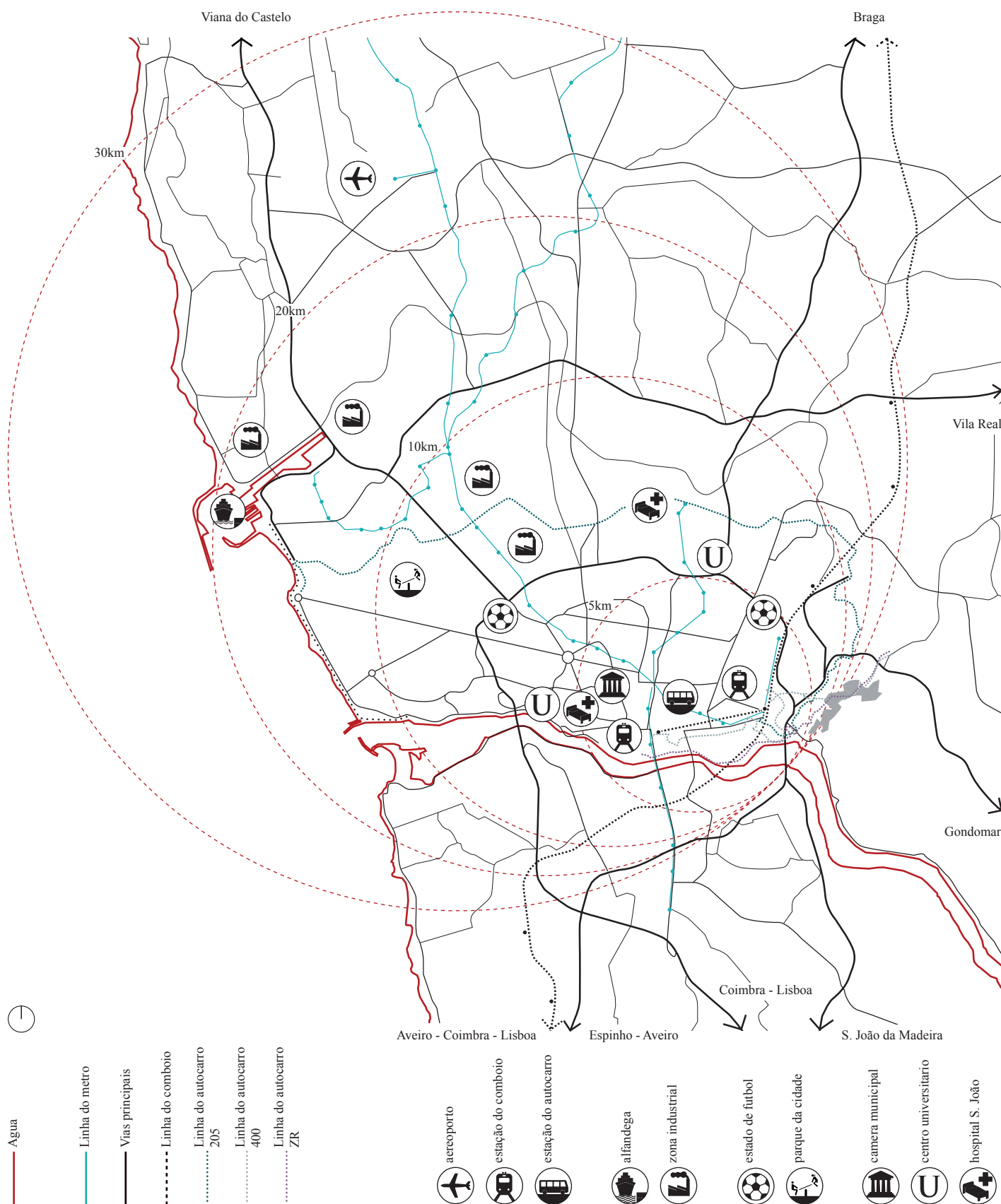


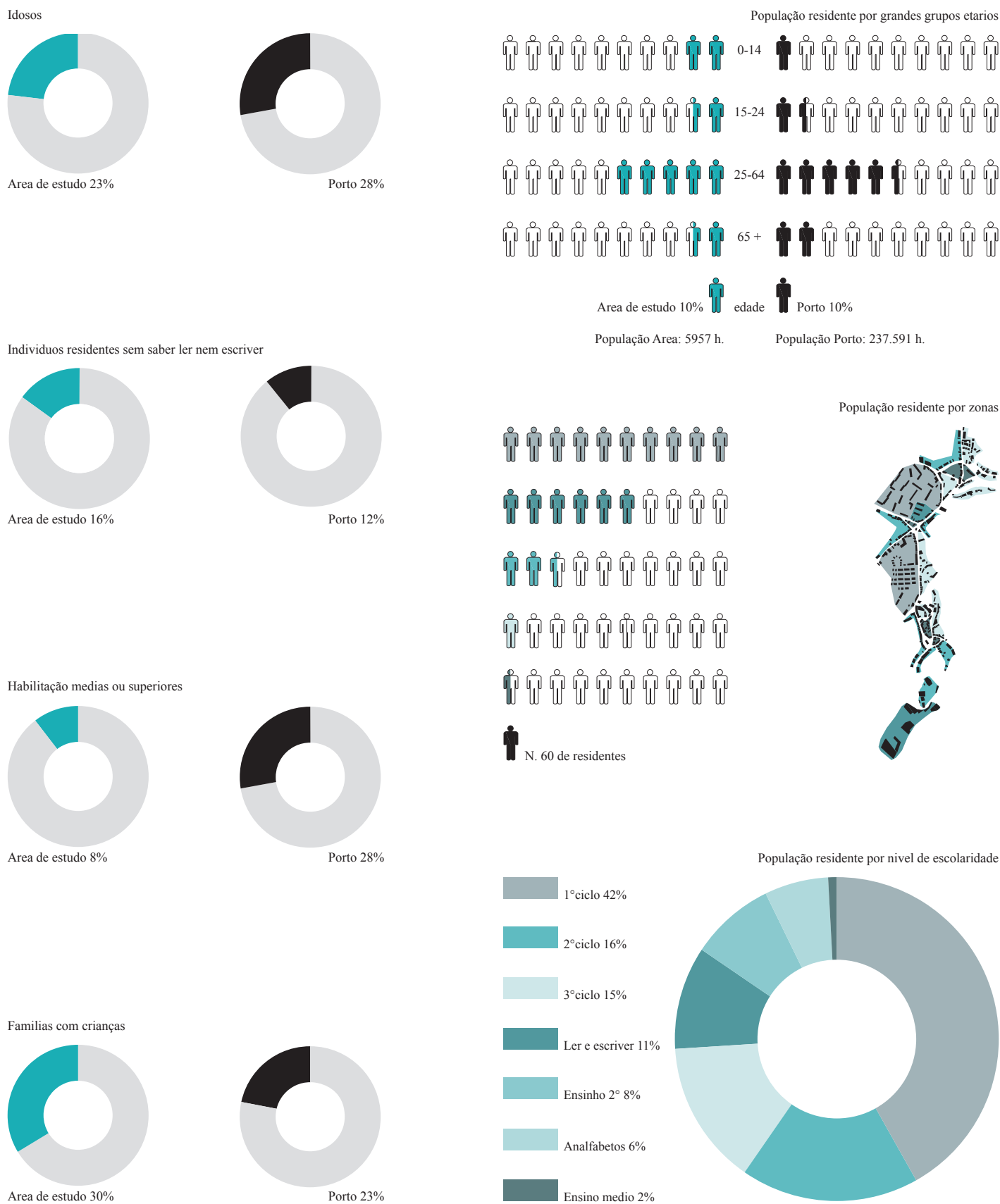


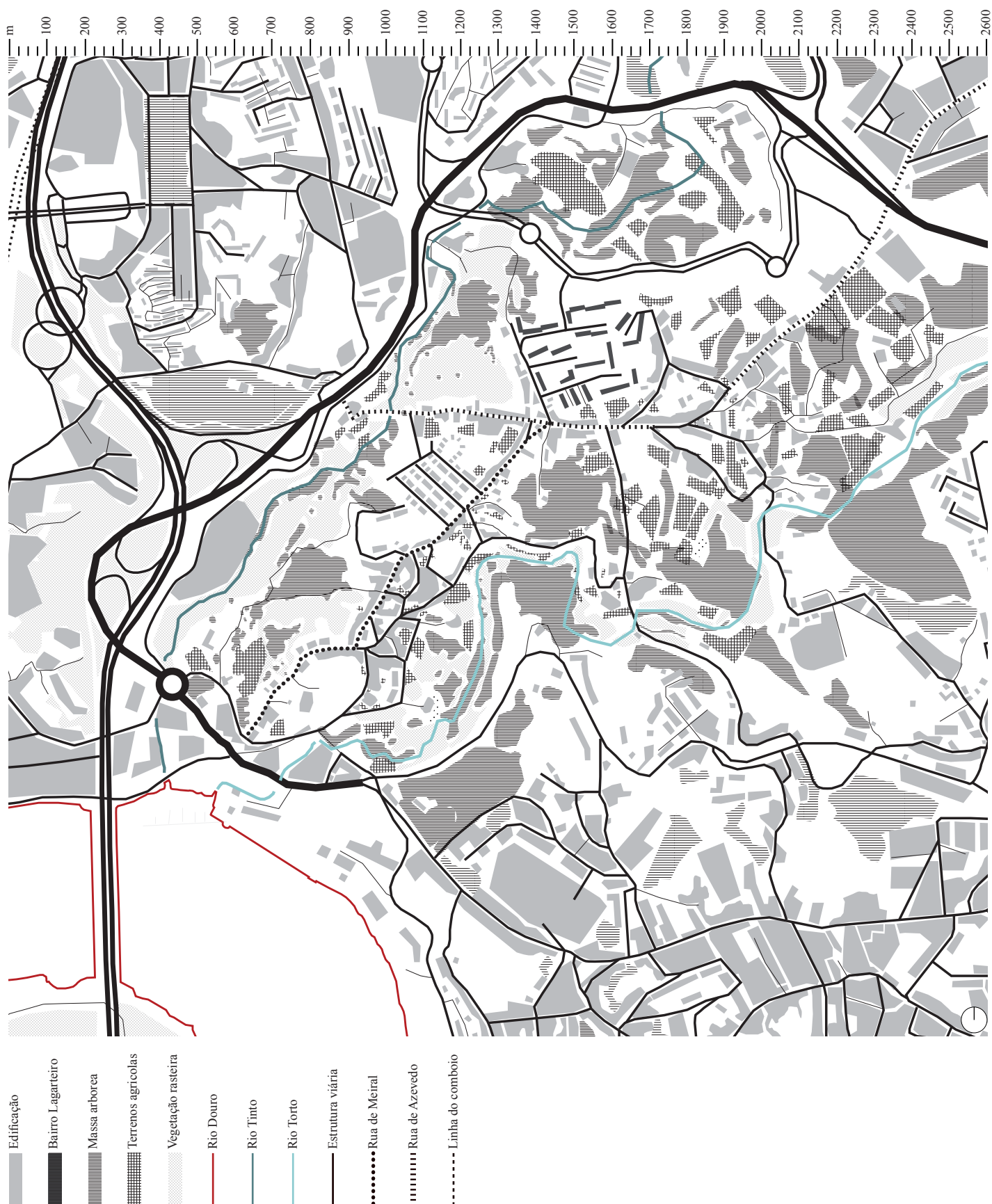
Imagem por satélite da Área Metropolitana do Porto

Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente

Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

População



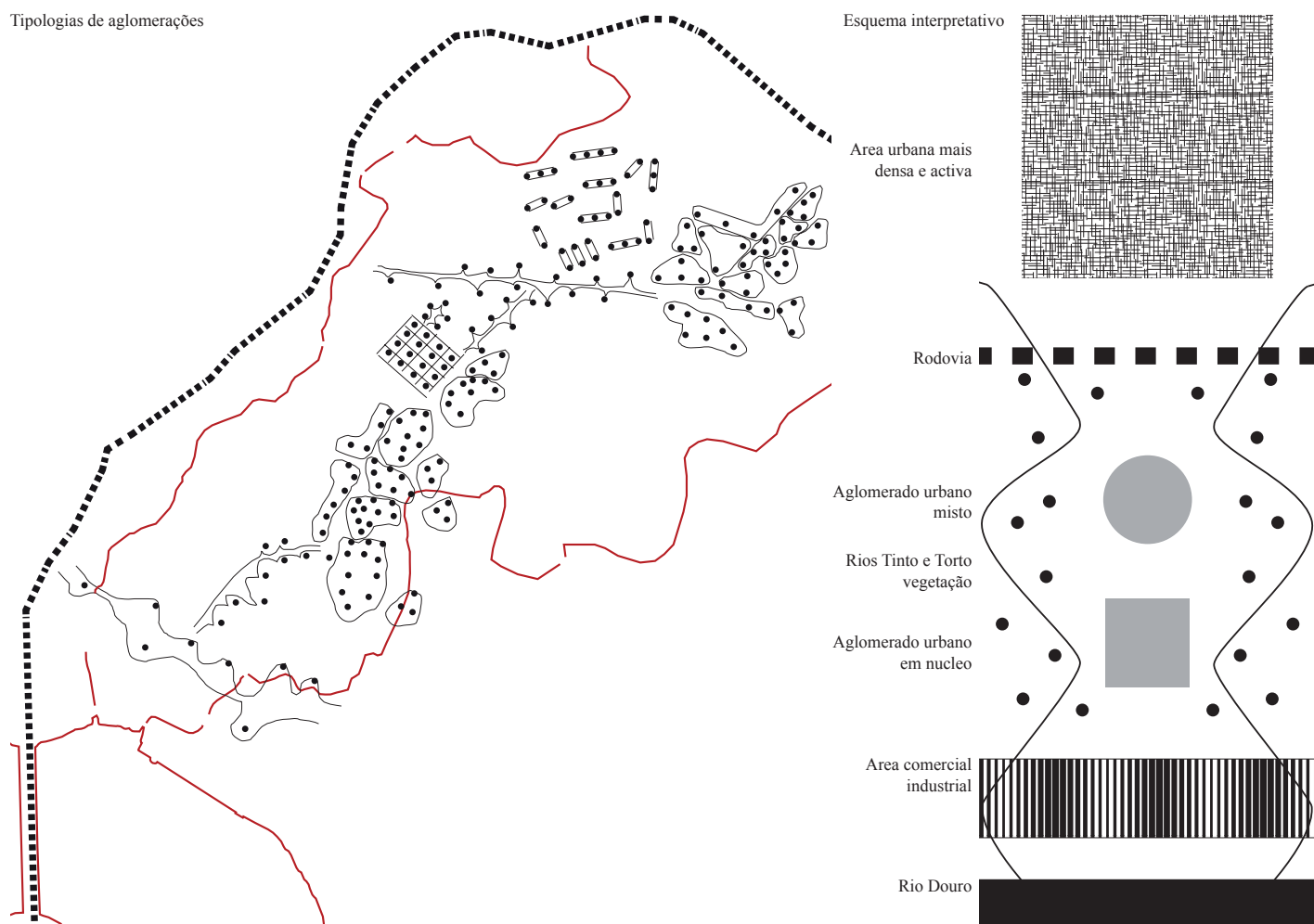


Porto, interfluvio dos rios Tinto e Torto e territorios adjacente

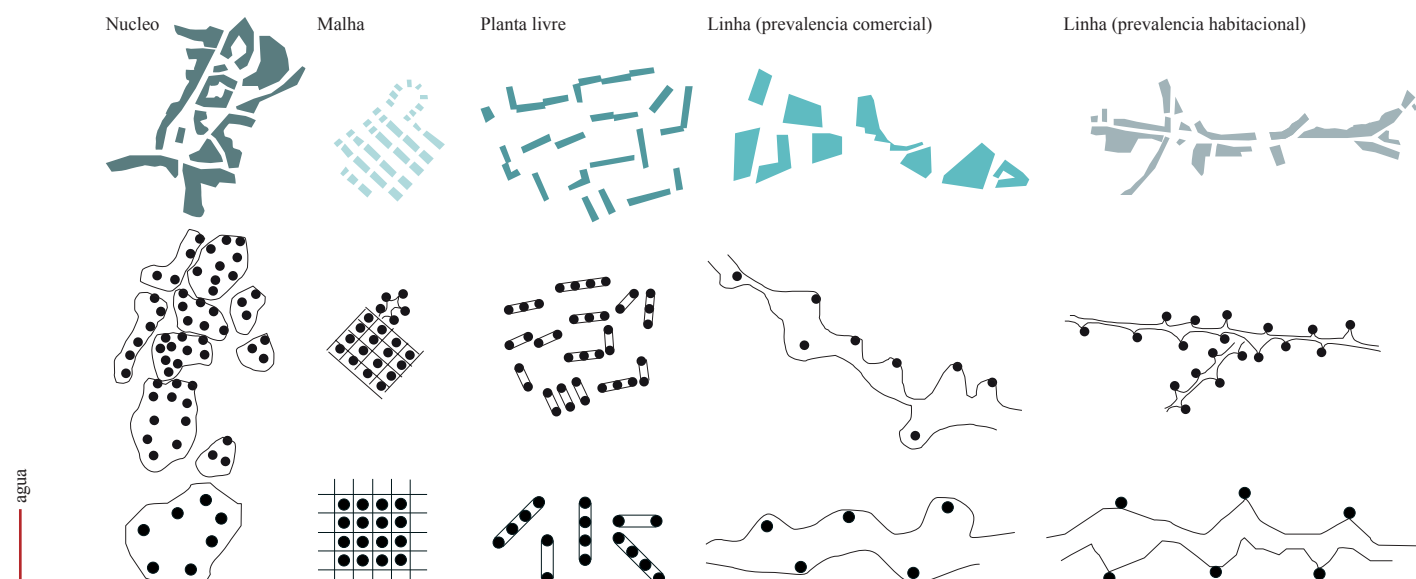
Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

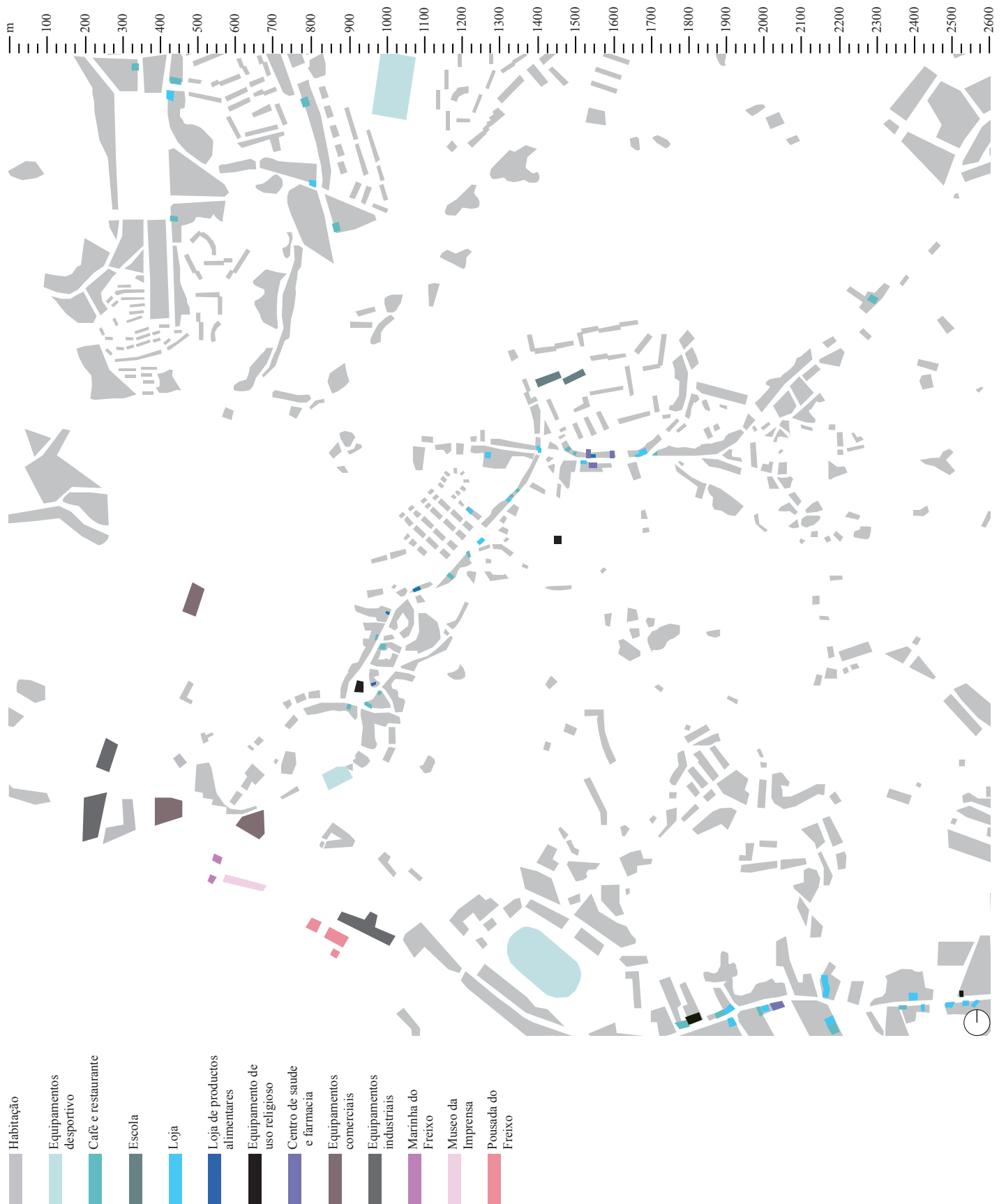
Aglomerado Urbano

Tipologias de aglomerações



Tipologia de aglomerados urbanos





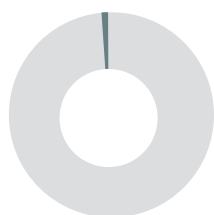
Porto, interfluvio dos rios Tinto e Torto e territorios adjacente

Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

Actividades



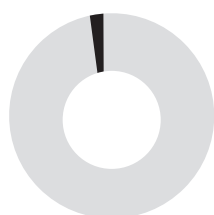
8 lojas



1 escola



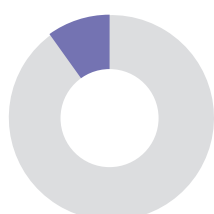
2 equipamentos desportivos



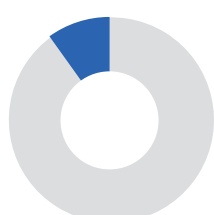
2 igrejas



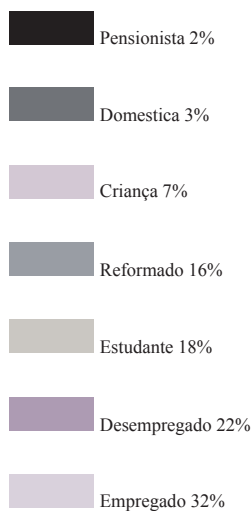
13 cafes e restaurantes



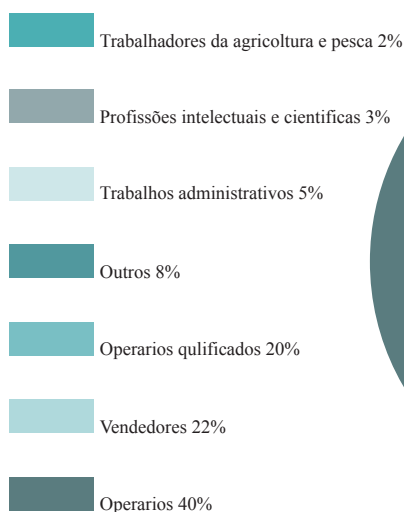
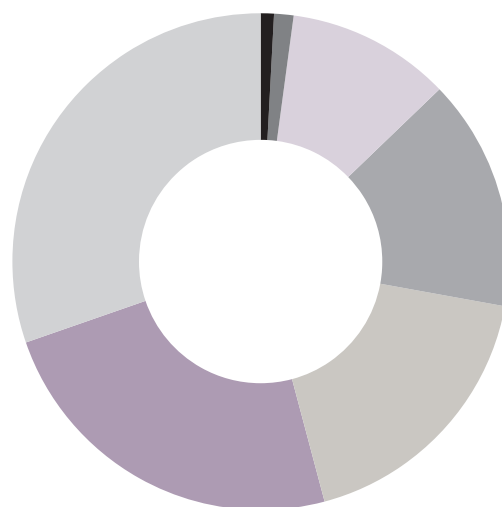
3 centro de saude e farmacia



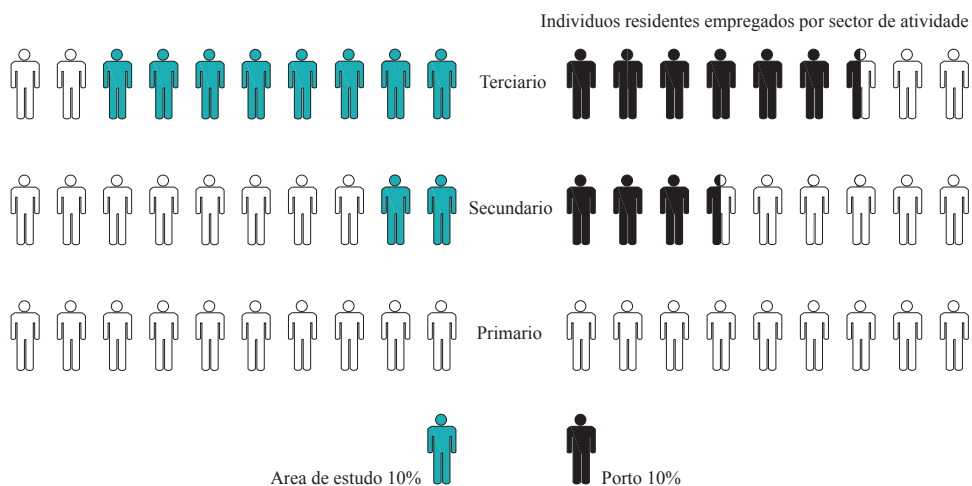
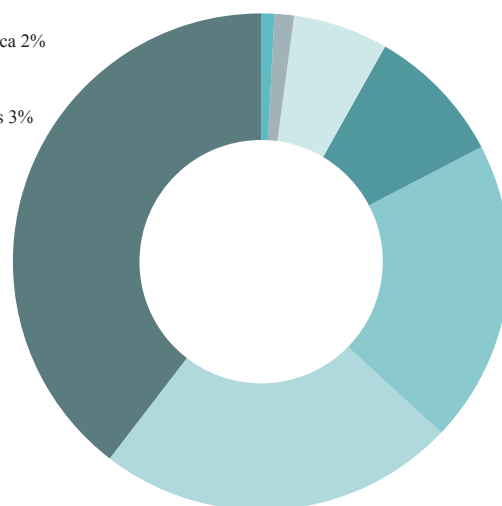
3 mercarias

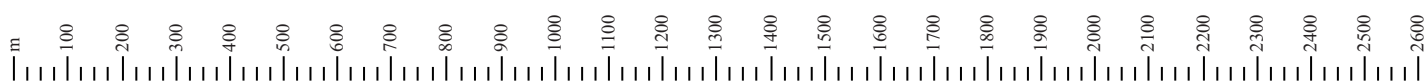


Situação perante o trabalho da população residente



População activa por profissão





Entre 1981/2001

Entre 1945/1980

Antes 1945

+4 pisos

3/4 pisos

2 pisos

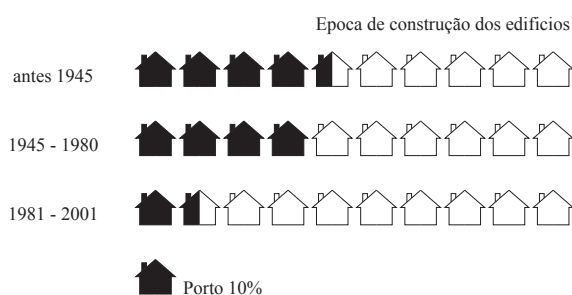
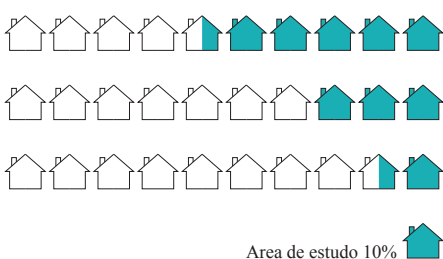
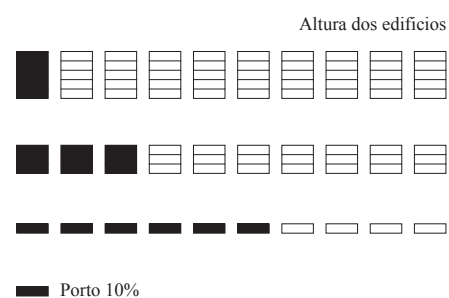
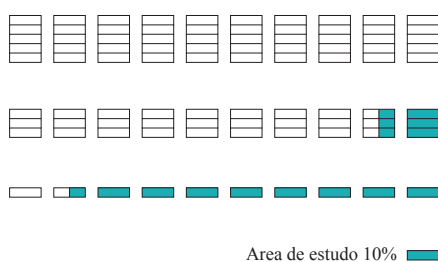
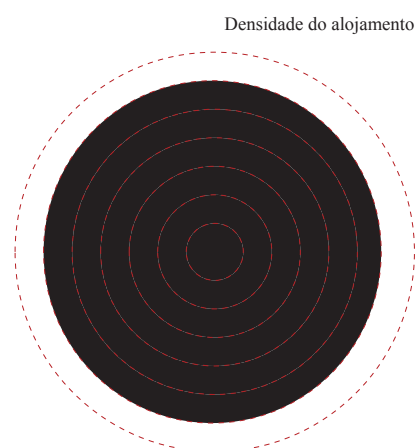
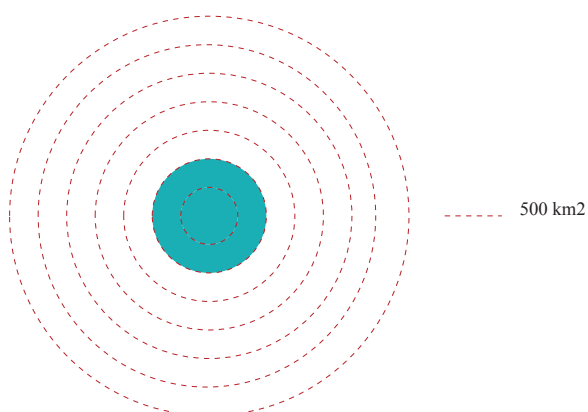
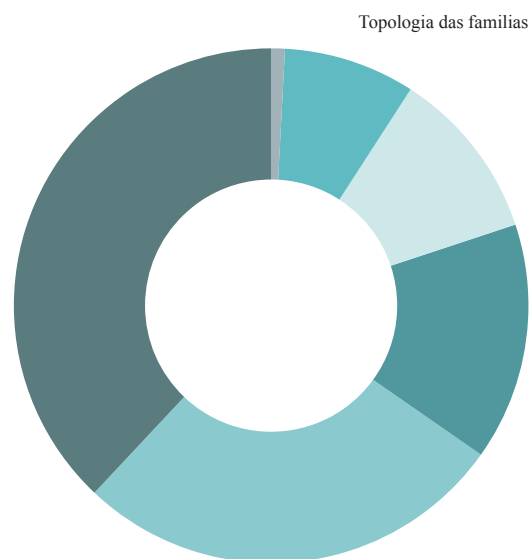
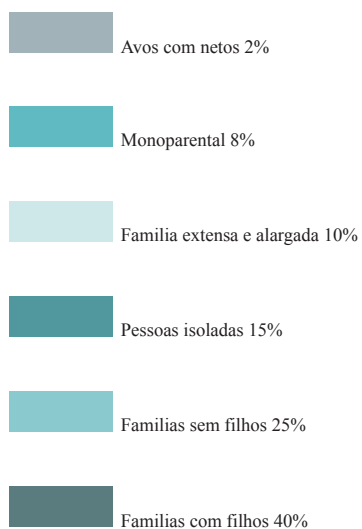
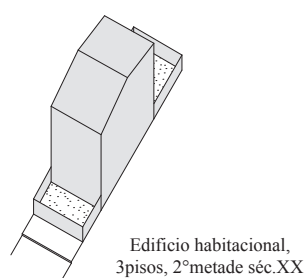
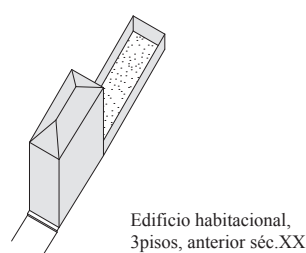
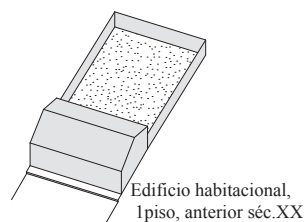
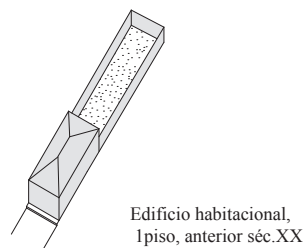
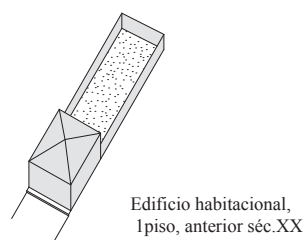
1 piso



Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente

Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

Edificação

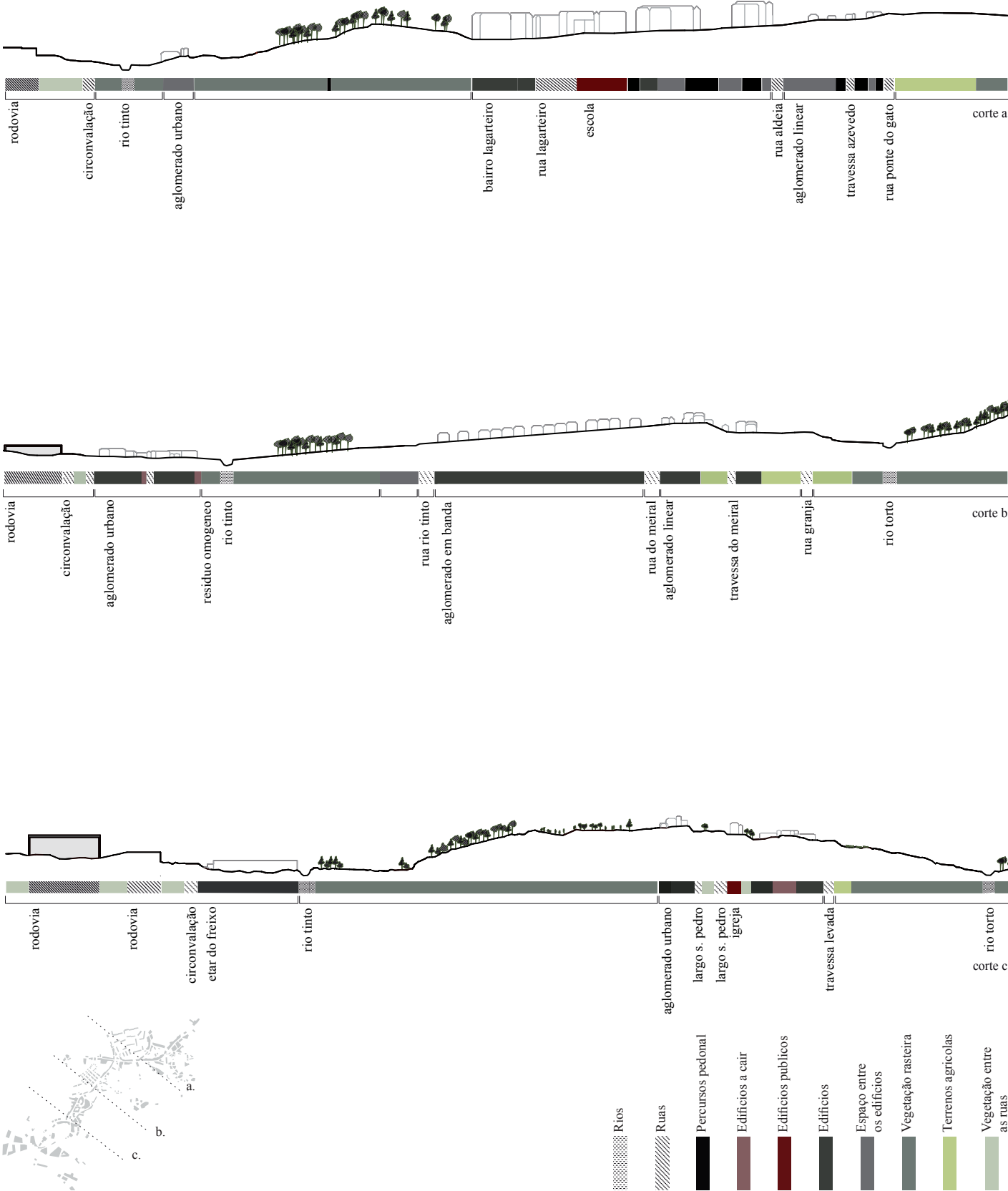


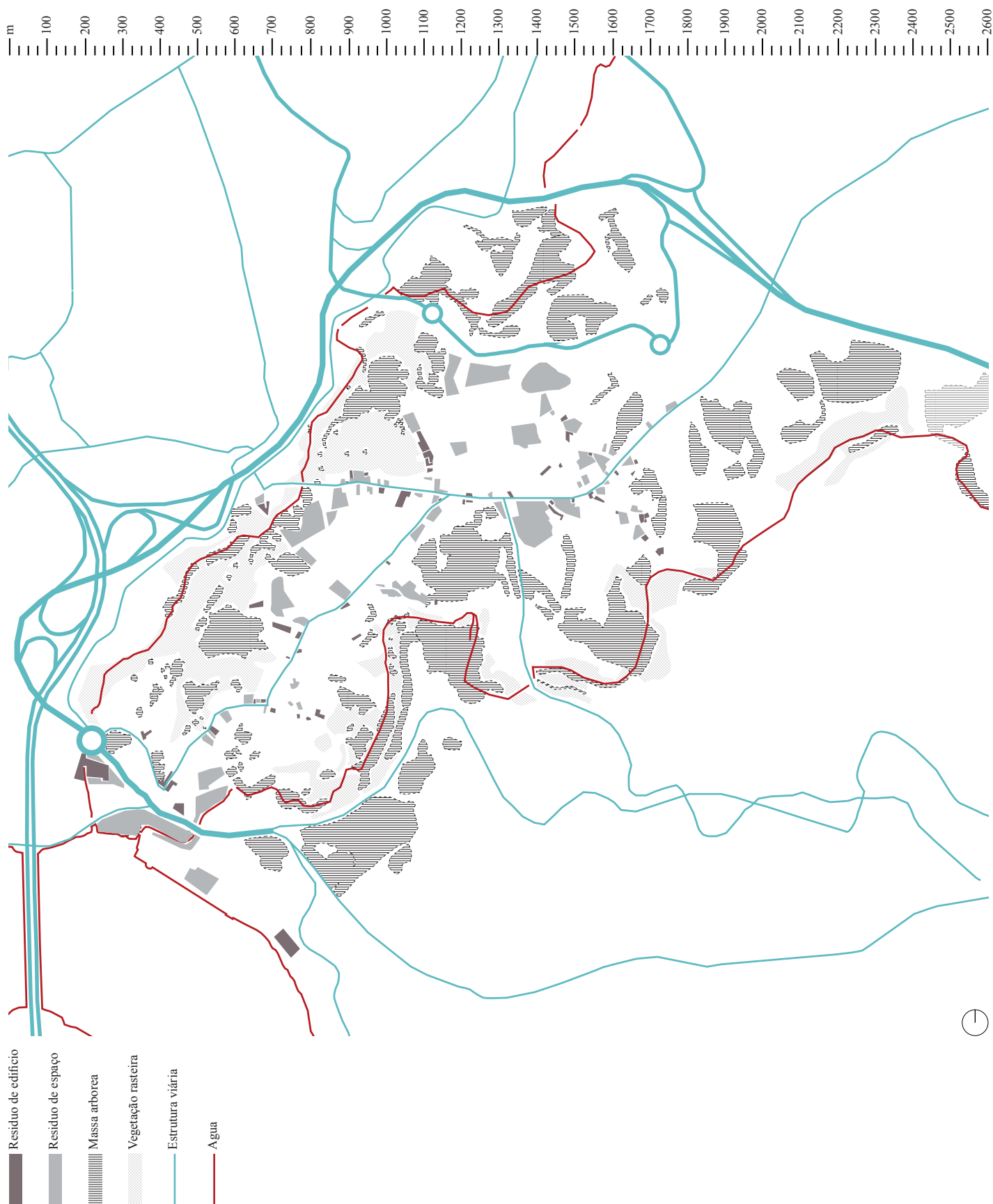


Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente

Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

Vegetação

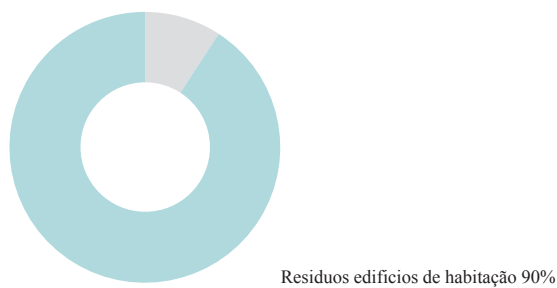
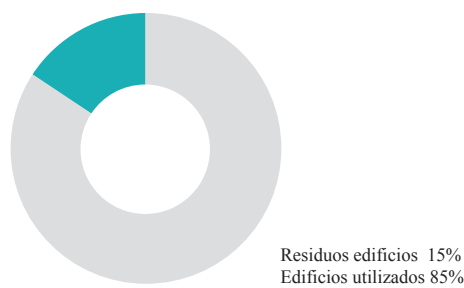
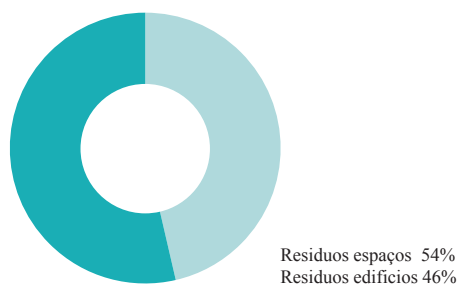




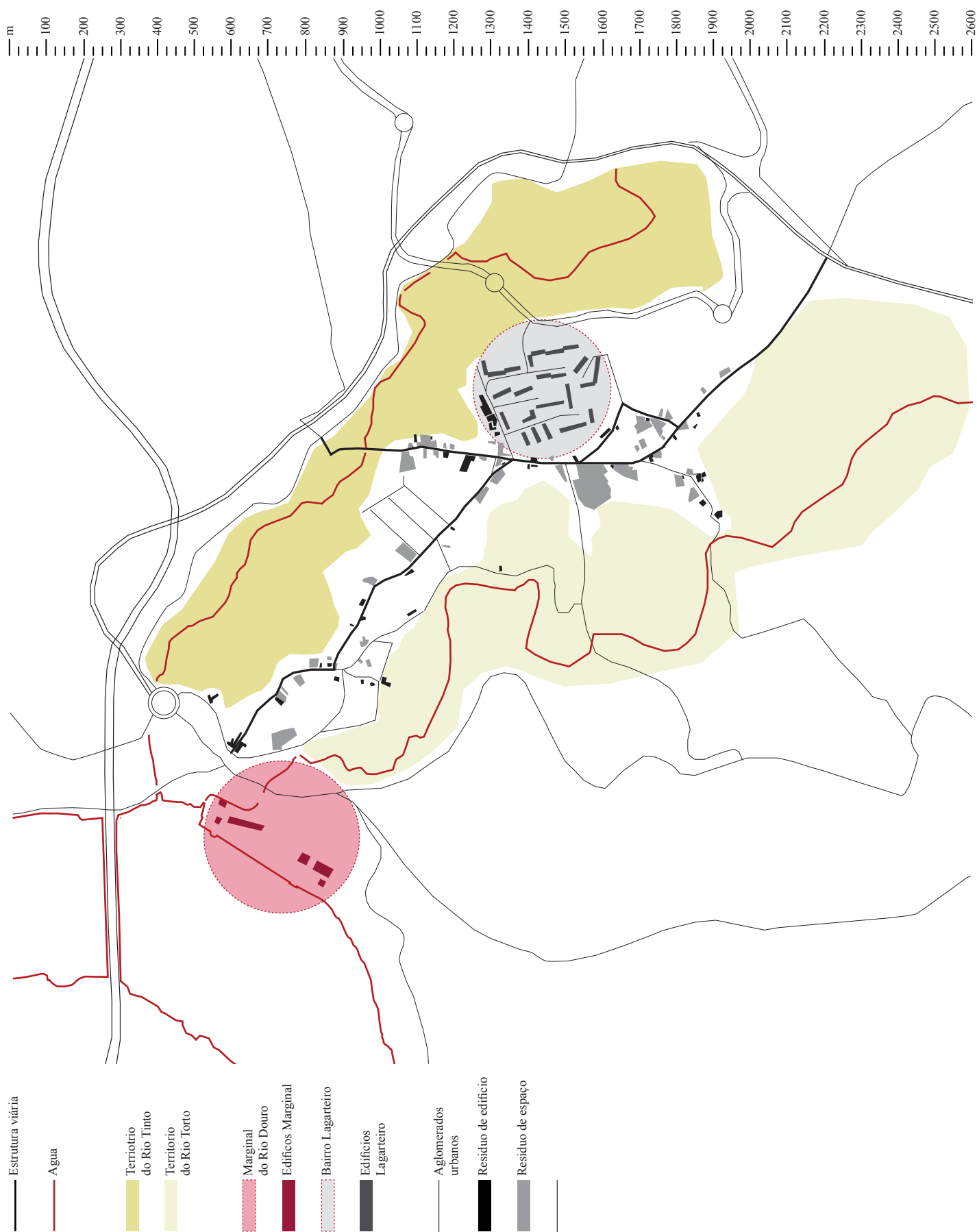
Porto, interfluvio dos rios Tinto e Torto e territorios adjacente

Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

Resíduo



Fonte Pessoal interpretação dos dados encontrados



Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente

Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

Cinco Unidades

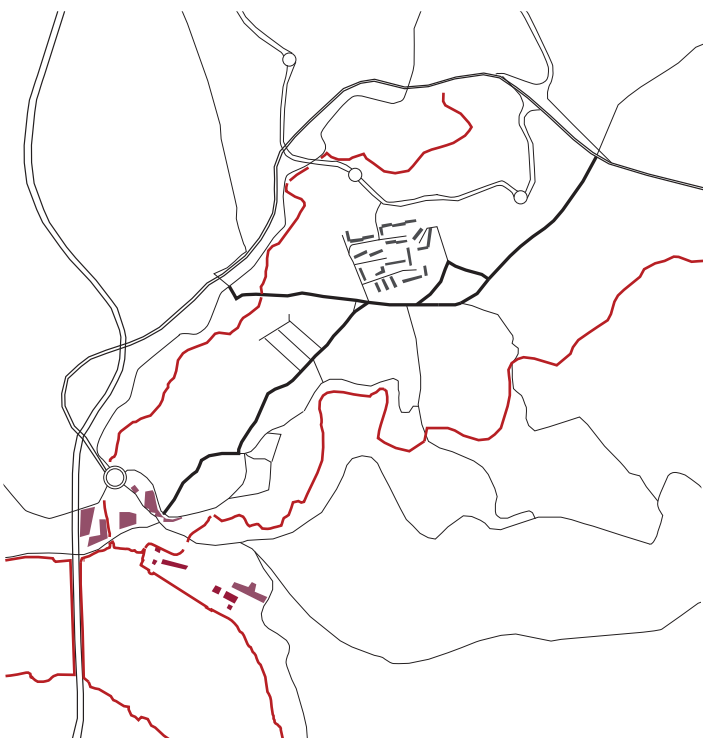
O Território do Rio Tinto - Sistema da massa arborea, vegetação rasteira e terrenos agrícolas



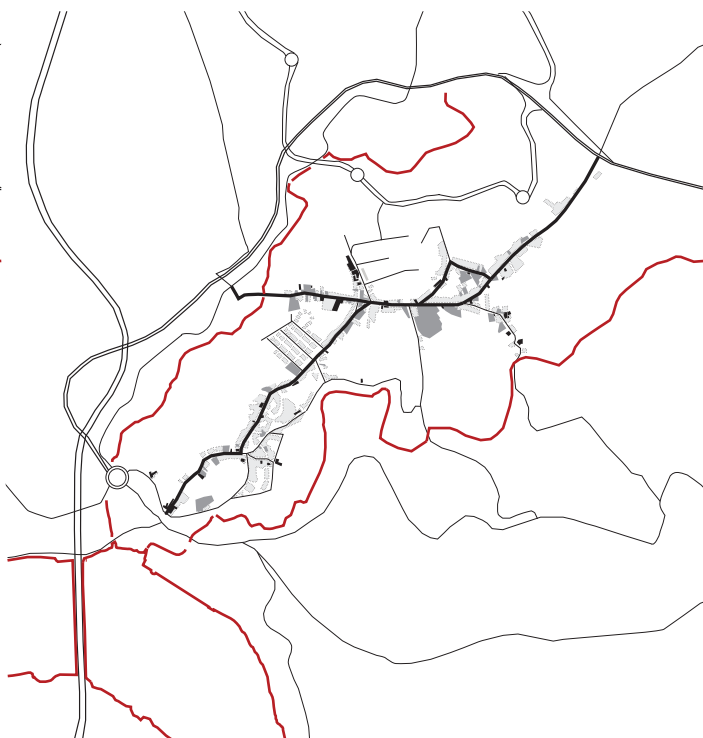
O Território do Rio Torto - Sistema da massa arborea, vegetação rasteira e terrenos agrícolas



A Marginal do Rio Douro e o Bairro Lagarteiro - As duas Polaridades



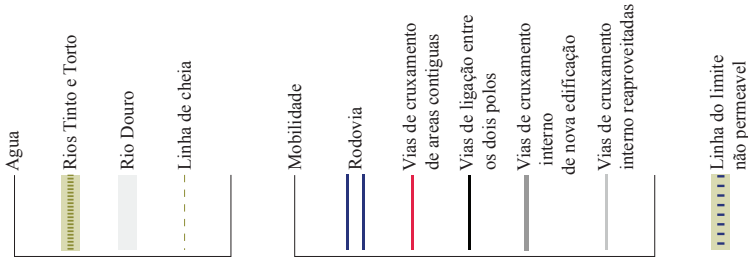
Os Aglomerados urbanos



Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente

Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

Estratégia



Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente
Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

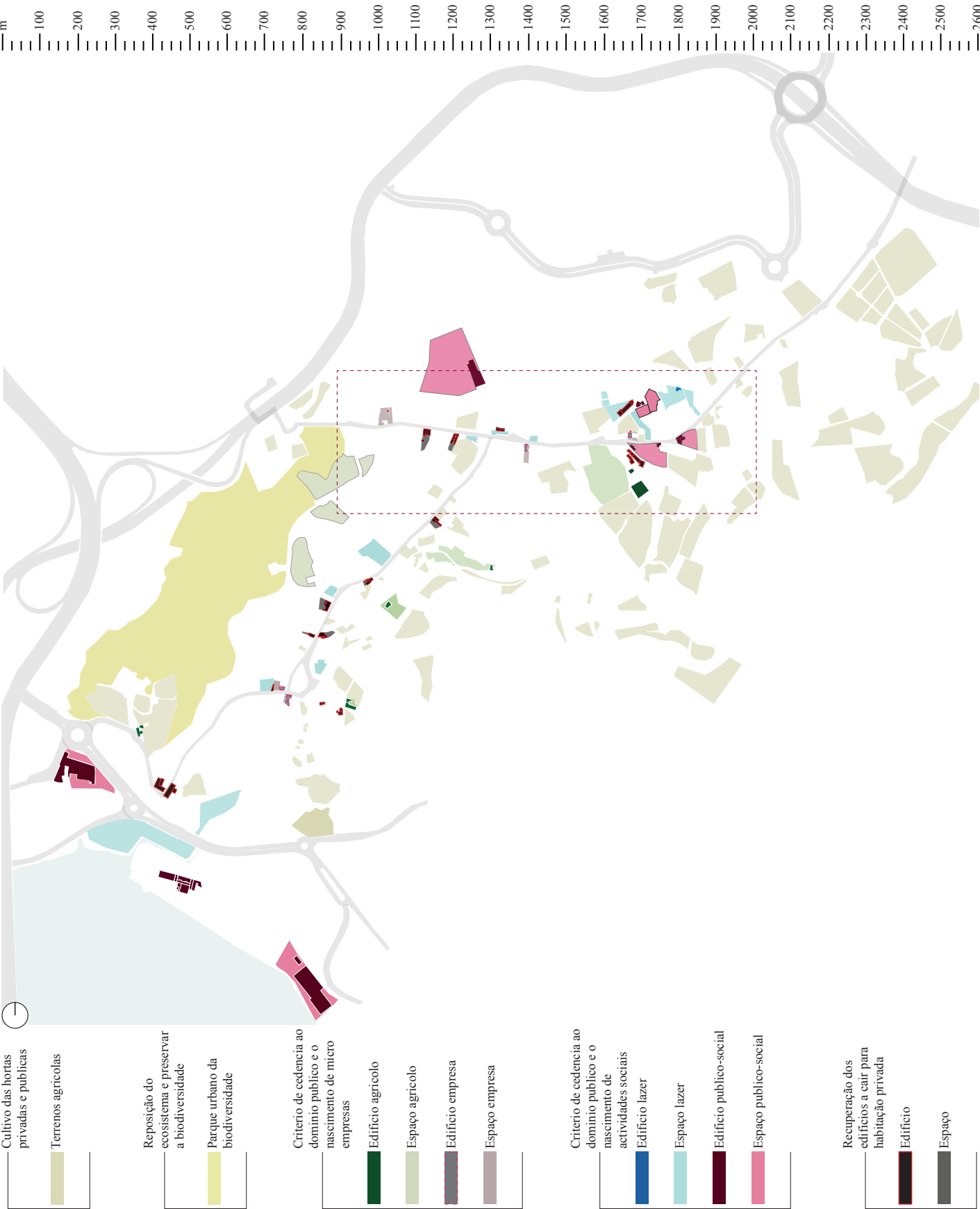
Regulamentar



Porto, interfluvio dos rios Tinto e Torto e territorios adjacente

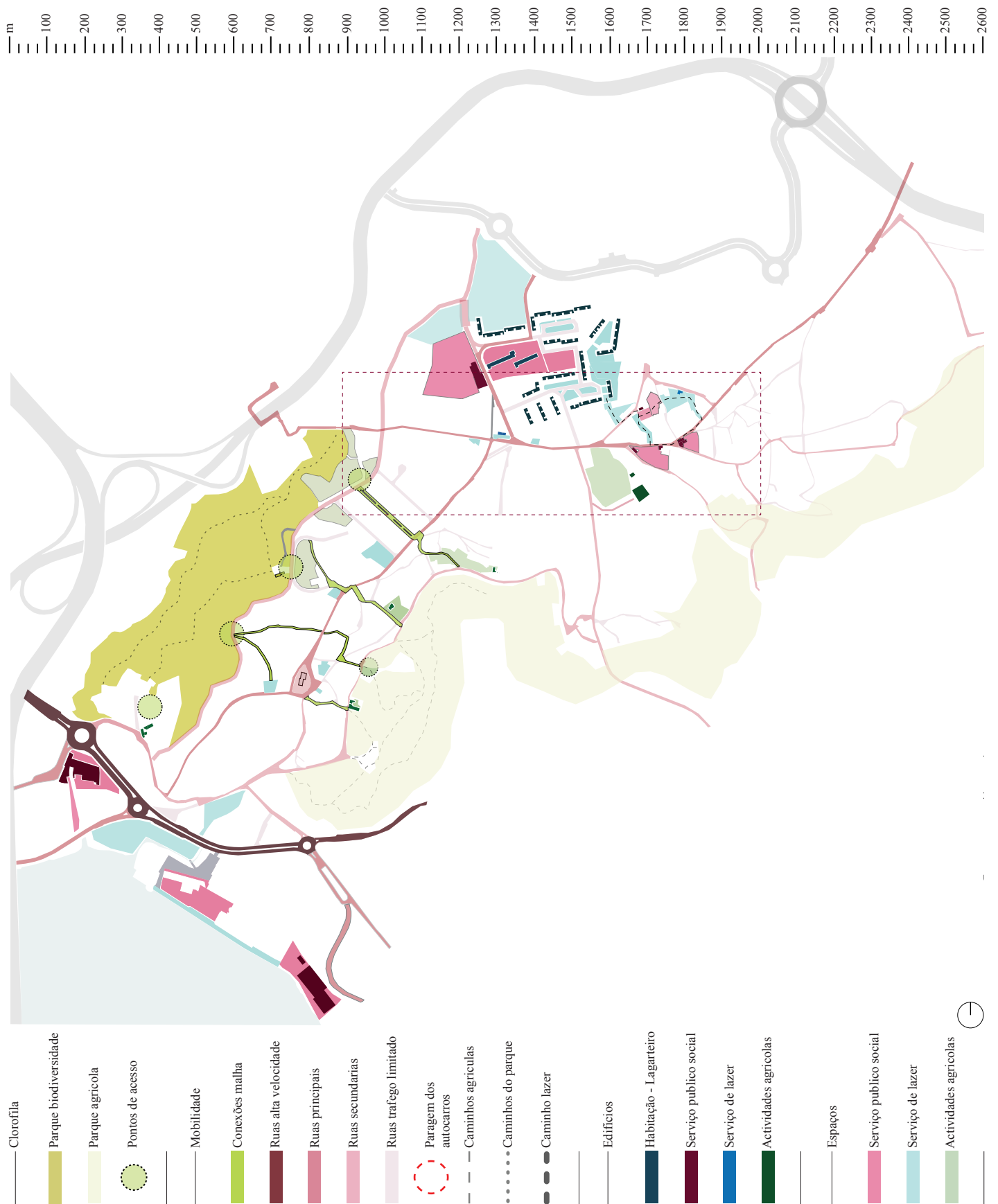
Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

Incentivar



Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente
Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

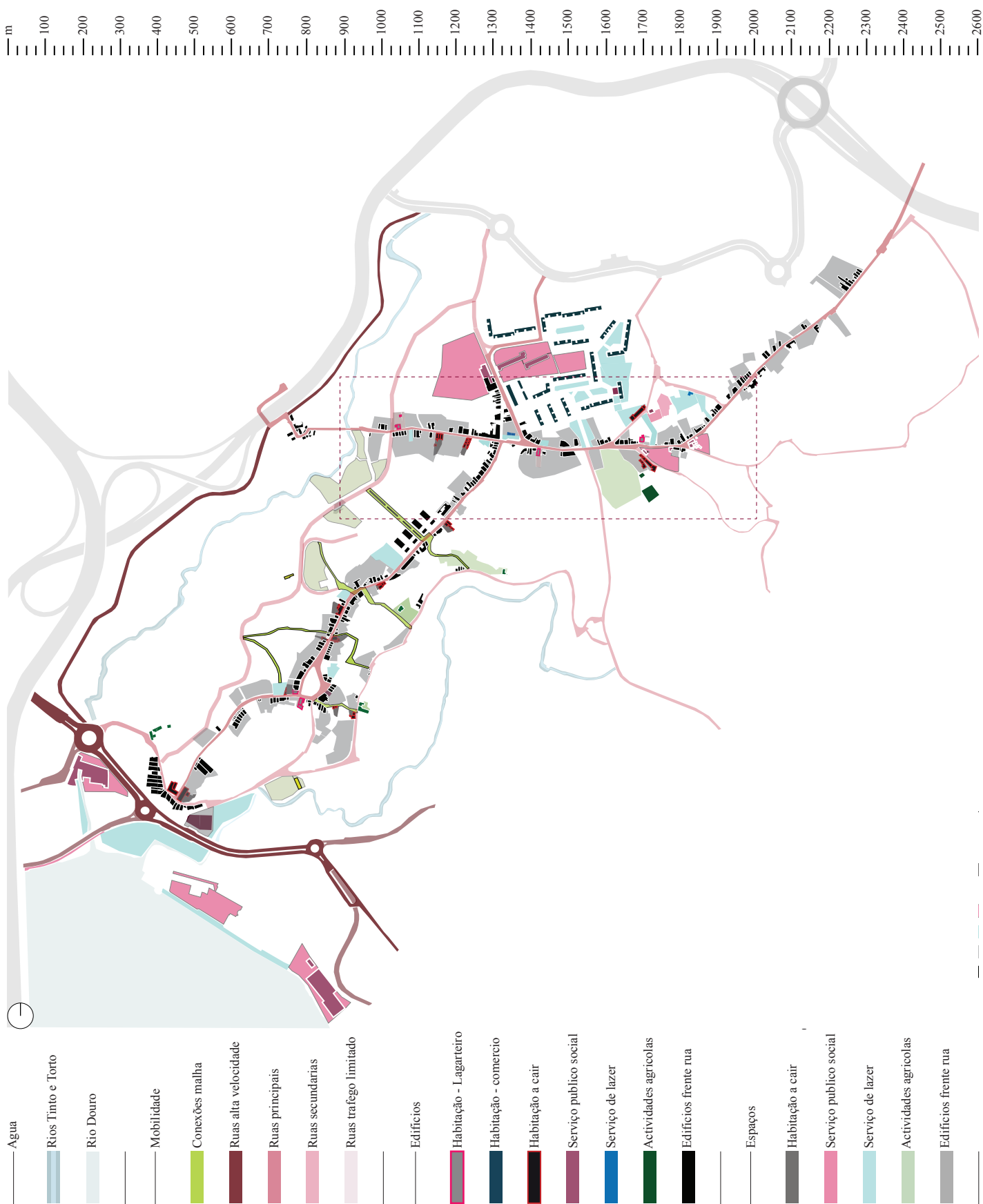
Projectar



Porto, interflúvio dos rios Tinto e Torto e territórios adjacente

Análise da Área de estudo e definição da Estratégia

Prioridades



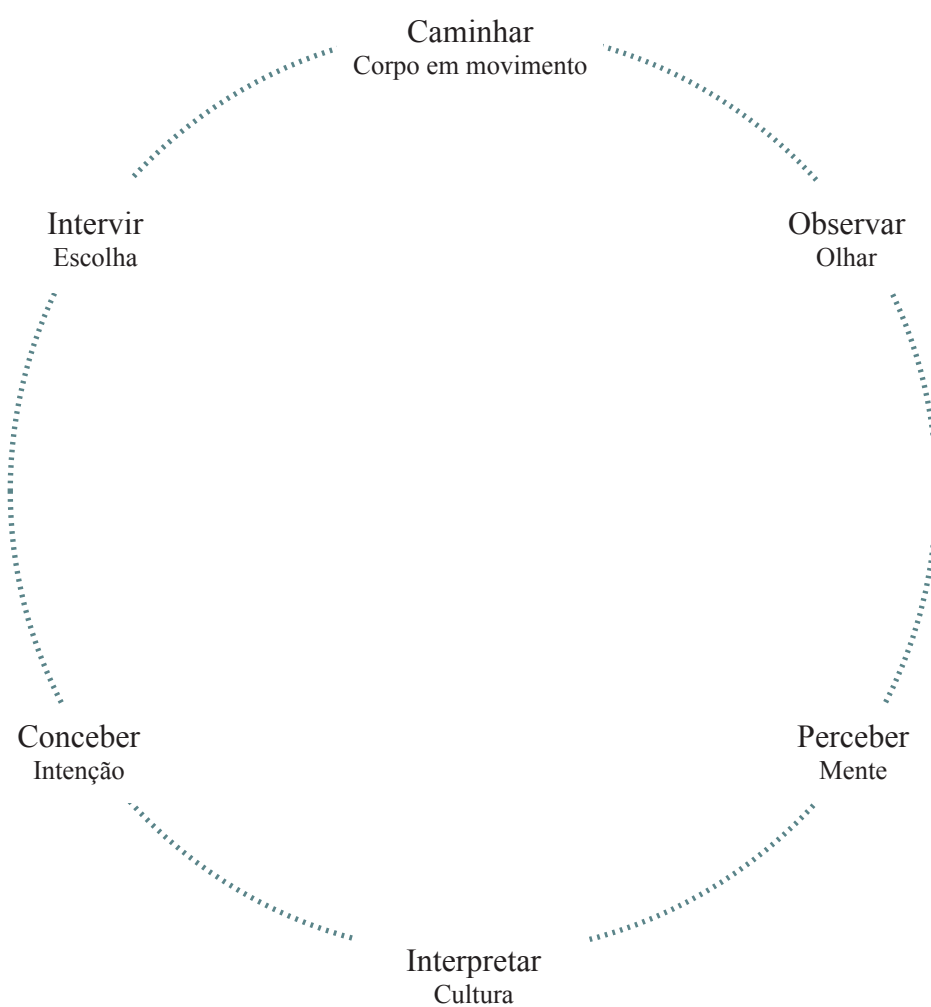


Diagrama interpretativo sobre o Metodo Projectual

Promover dinâmicas de respeito, de apropriação e do bem comum.

Precisamente nesta perspectiva, devemos enfrentar a concepção dos espaços que não só procuram melhorar a qualidade desses, dos equipamentos e do mobiliário urbano, mas que também tendem a facilitar as oportunidades de contacto e socialização, de conhecimento recíproco, de compreensão das exigências dos outros e de esclarecimento entre os diferentes sujeitos usuários do espaço.

É necessário favorecer a formação de uma identidade local entre os moradores, em que serão os mesmos cidadãos a tomar conta dos espaços.

A regeneração urbana deve contribuir para criar novos planeamentos urbanos, para introduzir novas modalidades de habitar a cidade e de emprego do espaço urbano que permitam a socialização. A estratégia foi trabalhar por meio de ações espalhadas pelo território. Ações que se pretendem mínimas.

Ações de reapropriação de áreas vazias para serem oferecidas à colectividade, distribuindo no seu interior funções capazes de interagir entre eles e com o contexto urbano; funções que se tornam os pontos de referência, que estimulem uma identidade local.

Uma coesão espacial e social que seja a base para uma vida melhor.

Análise da Unidade Operativa

Reestruturação dos percursos, das ruas e do espaço público:

- incentivar critério de cedências ao domínio público para a realização de novas ruas;

- incentivar o transporte público na Rua de Azevedo (número de Transporte por dia);

- projectar a cobertura das infra-estruturas necessárias para o nascimento de novas empresas e

 - o reutilização dos edifícios (rede elétrica, rede da água, tratamento dos resíduos);

- projectar as novas paragens dos autocarros com bancos e coberturas;

- projectar soluções de equilíbrio (prioritarizar as ruas e os percursos);

- projectar pelo menos um passeio contínuo e suficientemente largo em todas as vias principais e secundárias;

- projectar controles da velocidade para permitir a coexistência de carros, bicicletas e peões nas ruas principais e secundárias;

projectar soluções de desvio de tráfego, estacionamento e novas ruas;
projectar o espaço público com particular atenção à circulação dos peões dentro do edificado urbano, tendo em conta um bom estudo da iluminação e das matérias que vem compor o espaço dos percursos, das calçadas, dos passeios etc.

Análise, estudo e recuperação das frentes urbanas:

incentivar o critério de cedências ao domínio público de todos os espaços e edifícios para actividades público-sociais e de lazer;
incentivar e premiar o nascimento de micro-empresas;
incentivar e premiar o cultivo das hortas privadas ou/e públicas ao longo da frente urbana;
incentivar e premiar a reutilização de edifícios habitacionais degradados segundo uma lista de ganhos da diminuição do impacto urbanístico/ambiental;
restritivo – regulamentar (desincentivar novas cargas funcionais polarizadoras na Rua de Azevedo, dentro da nossa área);
restritivo – regulamentar (não permitir a construção de edifícios com mais de três pisos; o lote tem que ser face à via para dar continuidade à frente existente);
restritivo – regulamentar (proibir o licenciamento industrial e de grande comércio, limitado a micro-empresas);
expropriar e projectar edifícios e as próprias áreas para tornar os centros de actividades sociais (centro de dia, centro de saúde), com o desenho dos respectivos estacionamentos no lote ou na proximidade;
projectar as áreas por agregação social, espaços de lazer (jardim, jogos, percursos, sentadas, ecc.) adentro do projecto do espaço público.

Resíduo

Um ato fundamental foi executar uma deambulação (citando Stalker ON, um querido grupo) ao longo dos principais eixos rodoviários da minha área de projecto, Rua de Azevedo, Campanhã. O objetivo era tornar-me consciente do lugar, para compreender o seu sistema de vida, ou seja as suas qualidades; a qualidade

significa o que escorre da relação entre o físico (o construído, com todas as suas características, incluindo a vegetação) e o social (os vários tipos de pessoas que se estabeleceram nesta área). Fragmentado é o adjetivo que melhor identifica este espaço. Em resposta a esta primeira constatação, o próximo passo foi catalogar todos aqueles espaços que são, até ao momento, os fragmentos significativos da Rua de Azevedo. O método é a observação direta, acompanhada por conversas com os moradores; os registos relativos à área em questão são respeitantes a uma breve identificação que me permite definir uma proposta inicial do projeto. A análise é sensorial, o ponto de observação é o espaço público, ou seja, a estrada. Penetrar no território para participar de sua dinâmica, sem tentar definir os objetos encontrados, uma pesquisa nomada. Então preparar-se para ouvir, perceber o ambiente, a fim de assumir uma consciência do território. Este é um ato criativo, construir as relações entre mim e o que me envolve, compor as contradições do espaço num único percurso de conhecimento para entender o território.

Olhando para o tecido da cidade a partir da estrada, percebe-se uma falsa densidade, uma vez que além dessa frente construída dominam os campos agrícolas, as massas arbóreas, a vegetação rasteira.

As áreas identificadas são principalmente propriedades privadas, num estado de abandono; para a maioria tratam-se de edifícios residenciais ou comerciais e parcelas agrícolas de reduzida dimensão. Quase todos os casos remontam a uma organização do território anterior ao século XX.

Os prédios encontram-se num estado prolongado de degradação, são de tamanho pequeno, com um máximo de dois andares, e têm a entrada principal voltada para a rua. Além disso cada prédio possui um jardim na sua parcela de terreno. Apropriar-se de espaços abandonados, limpá-los e renomeá-los, estabelecer usos temporários, são atividades com um resultado incerto, mas muitas vezes fecundo. Implica, por parte dos atores habilidades organizacionais e relacionais.

O diálogo entre as várias figuras, organizadores e usuários, é indispensável; é exigida a participação dos utilizadores, direta ou indireta, que é a base do sucesso do projeto.

A ativação de um evento desta ordem determina novos usos e novos cenários fora do contexto, mas que surgem pela vontade e reclamação da população; seja qual for a durabilidade do evento, temporária ou permanente, o ato de apropriação dos espaços residuais determina e exige cuidados constantes dos lugares em questão.

Análise Limites e Espaço publico

O espaço publico é a coluna vertebral ao longo da qual se articulam e se distribuem as funções inscritas no território dado; ao mesmo tempo o espaço publico passa a ser tema do projecto.

A concepção do espaço publico está directamente relacionada com o estudo e tendo em conta a regulamentação de todo o território privado. Estudar os limites permite-nos compreender as relações entre os diversos elementos que compõem o territorio físico e urbano, e que pertencem principalmente a dois conjuntos: um público e um privado. Atravessa-se o espaço público, a fim de observar a sua articulação e seus limites.

Com base no ensino a partir do estudo de desenhos de K. Lynch, interpretar o espaço de estudo, através da construção de mapas esquemáticos que representam a relação entre a esfera pública e privada; então eu não me importo de desenhar o edifício privado na sua totalidade, mas apenas representar a sua posição em relação à estrada e, claramente, o seu uso.

Os elementos determinantes são todos os limites, ou seja os pontos de transição entre o domínio publico e privado, como as frentes edificadas, os muros, as cercas, os portões, as redes, a vedação.

Torna-se necessário distinguir entre um limite visual e um físico, ou um que inclui ambos, as diferenças de cota, a tipologia de espaço atravessado.

Estratégia

Ações mínimas ou de acupuntura.

Foram identificados, e subsequentemente analisados dez espaços residuais, ou seja, todos esses espaços desprovidos de um uso aparente, tais como edifícios devolutos, abandonados e áreas vazias, incultas, geralmente de pequenas dimensões; espaços resíduais que se encontravam em posições estratégicas e não nas franjas do tecido urbano, designadamente na proximidade de cruzamentos e ao longo da rua principal, para maior facilidade de acesso e influenciar um desenvolvimento futuro do território, de forma a cerzir a malha urbana.

Estes espaços estão equipados com novas funções, com o objetivo de tornarem-se pontos importantes e influentes no território. As principais atividades são três: lazer, social, agrícola. Cada uma responde às necessidades identificadas.

O projecto consiste em integrar num único sistema todos estes elementos de modo a que eles possam interagir entre si e com o contexto, mantendo ao mesmo tempo a sua finalidade e a sua autonomia.

O mau funcionamento de uma atividade não deverá bloquear o sistema, mas ao mesmo tempo as suas relações são essenciais. Portanto, essencial é o estudo e a hierarquização do espaço público, ou seja, as ruas, os caminhos, os largos, para tornar o espaço público coeso e acessível a todos.

O espaço público é a estrutura que articula os diferentes elementos.

Projecto Unidade Operativa

A vontade é a de construir novos espaços públicos onde os residentes participam activamente na gestão dos mesmos.

Planear pontos de encontro, ouvindo e ajudando a comunidade, áreas para reuniões e actividades para o público. Estas funções são colocadas naqueles espaços residuais identificados e devem interagir umas com as outras e com o contexto, por conseguinte, elas estarão ligadas entre si através de caminhos públicos e pedestres ramificados, capazes de por em comunicação directa os vários pontos de referencia.

Todas as actividades são distribuídas ao longo da rua principal, como se estivessem penduradas em cima dela; mas, se pelo bar e pelas instalações para o lazer, com as relativas áreas, a única rua principal serve como elemento de ligação, para todas as outras funções, tais como o mercado, o centro de saúde, o centro de dia, os apoios às hortas, as hortas, o centro de ação social, propõe-se um caminho pedonal autónomo, mais ou menos circular, para constituir uma segunda ligação de forma a fortalecer o tecido urbano e ampliar o espaço urbano.

Projecto Resíduo

Projetar com o resíduo. Como foi descrito anteriormente, são várias as modalidades de intervenção.

Limpar, ou seja introduzir nos espaços identificados, germes de uma nova realidade. Este é o caso em todas as áreas de lazer, onde pequenas parcelas de terreno são ocupadas por estruturas temporárias públicas, enquanto a sua função anterior de jardim e de horta vai-se perdendo. Estes são os lugares para cada evento que visa aumentar a socialização também por meio de atividades culturais.

Noutros casos, decidiu-se dialogar com a diferença, isto significa preservar a riquificação existente, e adicionar novas funções. Exemplos disso são o Centro de saúde, o Centro de dia, Centro de Ação Social, os suportes às hortas e o Jardim de Azevedo.

Outro método é não terminar; no caso do mercado, a intenção é criar uma nova cobertura sem definir o espaço interior, deixando o edifício inacabado para abrir espaço para a participação e a mudança.

Finalmente, o resíduo pode ser incrementado, ou seja a decisão de não intervir em certas partes do território, mantendo o espaço tal e qual.

Projecto Limites e Espaço publico

A dimensão íntima da maioria das ruas e a reduzida altura dos edifícios levou ao desejo de controlar e redistribuir o tráfego de veículos e reduzir a velocidade para permitir uma maior segurança dos peões.

Optei por limitar o tráfego aos moradores ao longo das ruas mais íntimas, e para eliminar a diferença entre os passeios e a calçada em todas as ruas com velocidade controlada, de forma a fazer ressaltar a importância pedestre.

Projectamos diferentes largos com acesso livre de forma a estabelecer pontos de encontro e espaços de lazer. A fim de uma melhor gestão do território e dos serviços introduzidos nele, decidiu-se condicionar o acesso do público, em horário fixo, para todos os espaços com funções bem definidas, como o mercado, o centro de dia, centro de saúde, centro de ação social, hortas, apoio às hortas.

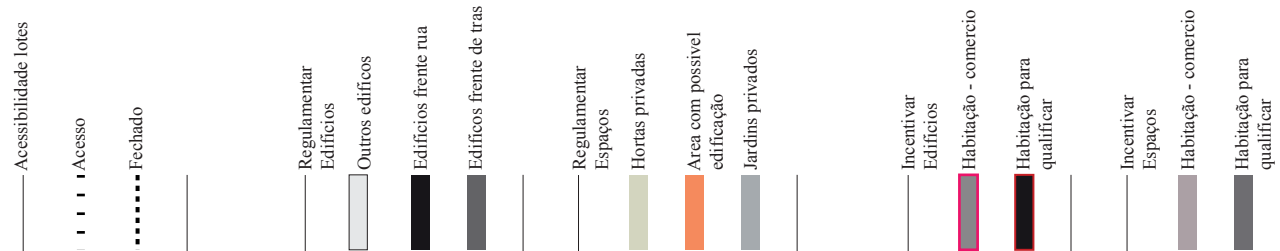
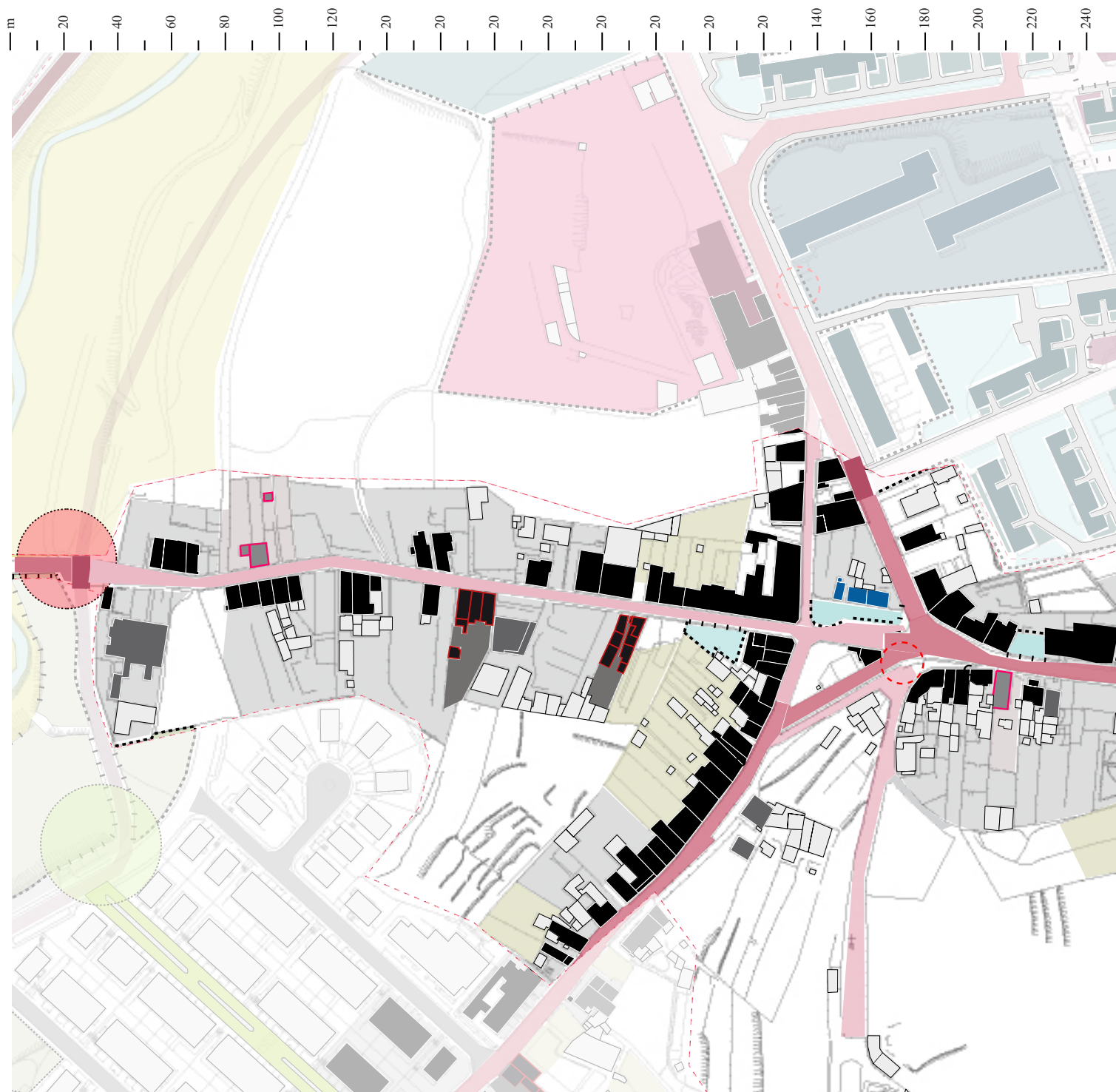
No nosso caso, este estudo levou-me para a vontade de incentivar o transporte público na Rua de Azevedo; incentivar o nascimento de micro-empresas; incentivar o cultivo das hortas privadas ao longo da frente urbana; incentivar a reutilização de edifícios habitacionais degradados segundo uma lista de ganhos de diminuição de impacto ambiental; não permitir a construção de edifícios com mais de três pisos; incentivar a unidade formal da frente edificada existente.

Índice gráfico

A Rua de Azevedo

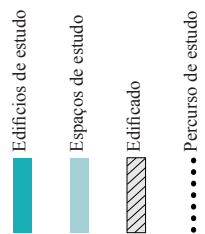
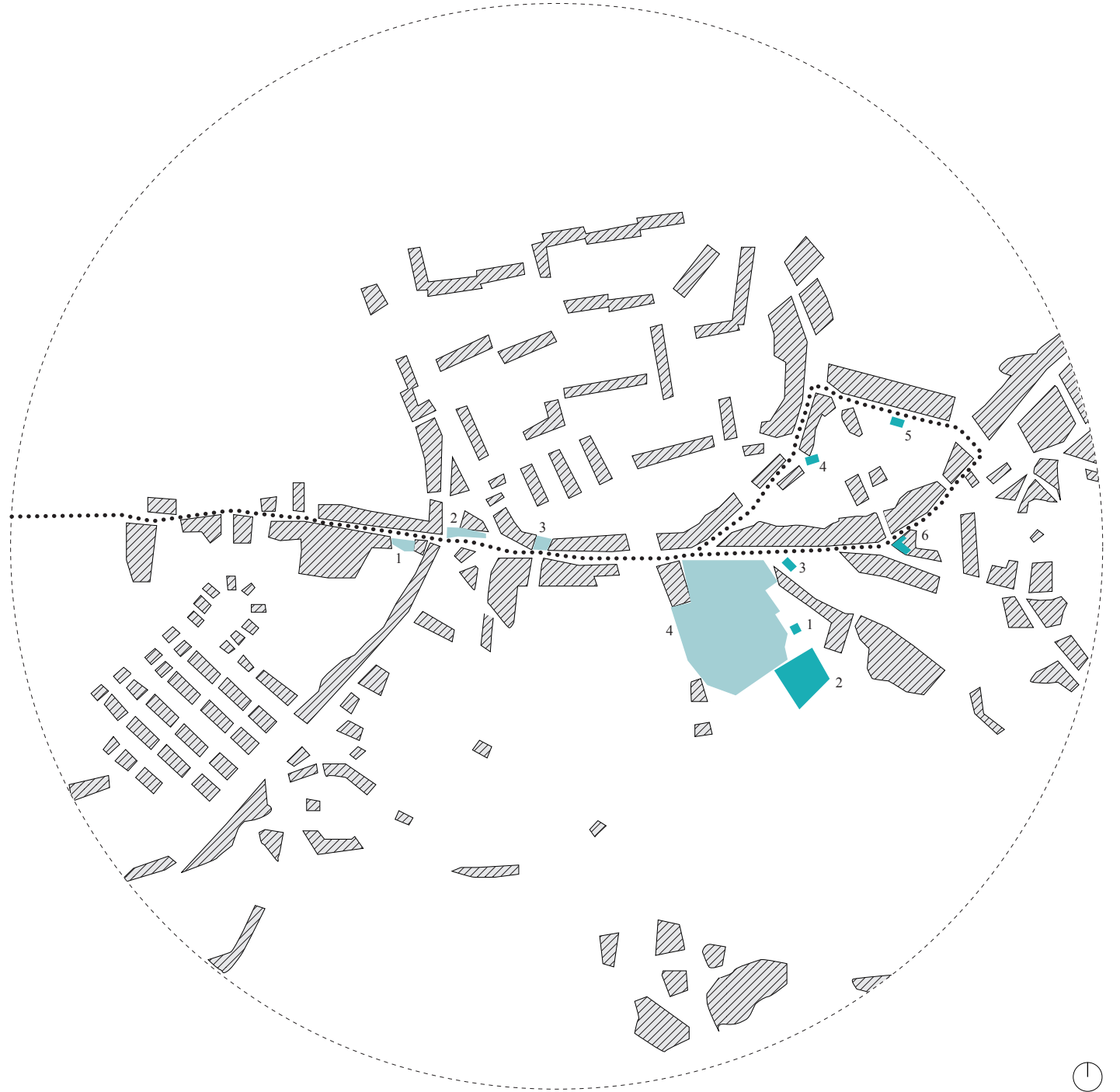
Estudo da Unidade Operativa

222 - 223	Analise Unidade Operativa
224 - 225	Analise Resíduo
226 - 227	Analise Limites e Espaço publico
228 - 229	Estratégia
230 - 231	Projecto Unidade Operativa
232 - 233	Projecto Resíduo
234 - 235	Projecto Limites e Espaço publico



Analise Unidade Operativa





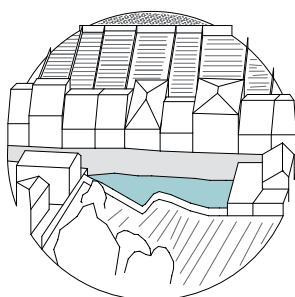
A Rua de Azevedo

Estudo da Unidade Operativa

Análise Resíduo

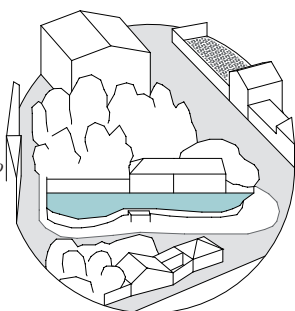
Espaço 1.

Utilização actual *nenhuma*
 Utilização passada *cultivo*
 Envolvente *habitação*
 Acesso *privado*
 Vegetação *rasteira*
 Uso Possível *espaço de lazer*



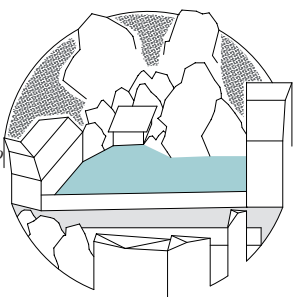
Espaço 2.

Utilização actual *nenhuma*
 Utilização passada *cultivo*
 Envolvente *habitação comercio*
 Acesso *privado*
 Vegetação *rasteira - flores*
 Uso Possível *espaço de lazer*



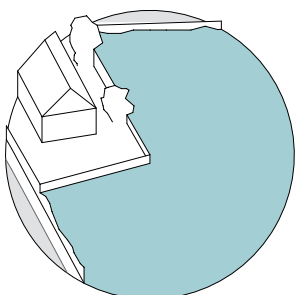
Espaço 3.

Utilização actual *nenhuma*
 Utilização passada *cultivo*
 Envolvente *habitação comercio*
 Acesso *privado*
 Vegetação *rasteira*
 Uso Possível *espaço de lazer*



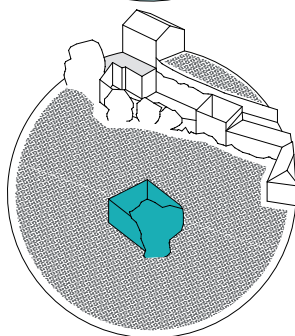
Espaço 4.

Utilização actual *nenhuma*
 Utilização passada *cultivo*
 Envolvente *habitação*
 Acesso *livre*
 Vegetação *rasteira*
 Uso Possível *cultivo publico*



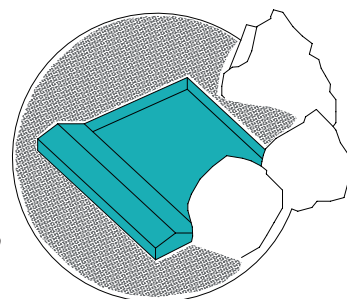
Edifício 1.

Estado de conservação *mau*
 Utilização actual *cultivo*
 Utilização passada *habitação*
 Acesso *livre*
 Período de construção *Posterior 1892*
 Uso Possível *apio ao cultivo*



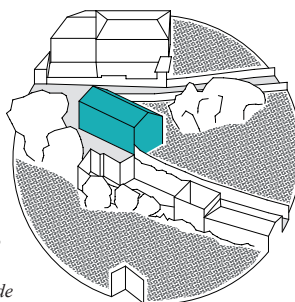
Edifício 2.

Estado de conservação *mau*
 Utilização actual *nenhuma*
 Utilização passada *armazem*
 Acesso *livre*
 Período de construção *Anterior 1959*
 Uso Possível *mercado*



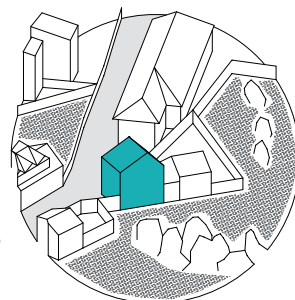
Edifício 3.

Estado de conservação *mau*
 Utilização actual *nenhuma*
 Utilização passada *habitação*
 Acesso *ão r/c unico*
 Período de construção *Posterior 1892*
 Uso Possível *centro de saude*



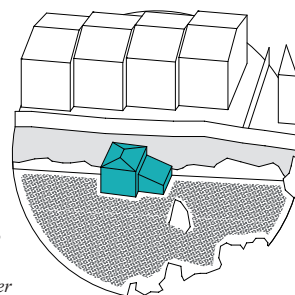
Edifício 4.

Estado de conservação *mau*
 Utilização actual *nenhuma*
 Utilização passada *habitação*
 Acesso *ão r/c unico*
 Período de construção *Posterior 1892*
 Uso Possível *apoio social*



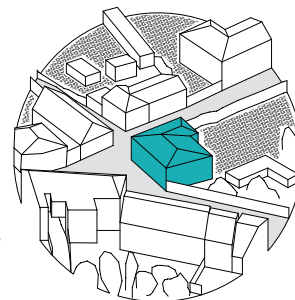
Edifício 5.

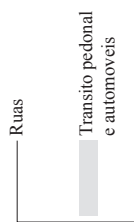
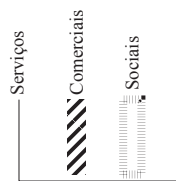
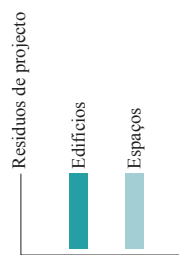
Estado de conservação *mau*
 Utilização actual *nenhuma*
 Utilização passada *habitação*
 Acesso *ão r/c unico*
 Período de construção *Posterior 1892*
 Uso Possível *espaço de lazer*



Edifício 6.

Estado de conservação *mau*
 Utilização actual *nenhuma*
 Utilização passada *habitação*
 Acesso *ão r/c quatro*
 Período de construção *Posterior 1892*
 Uso Possível *centro de dia*

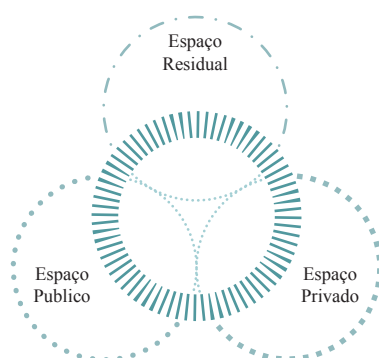


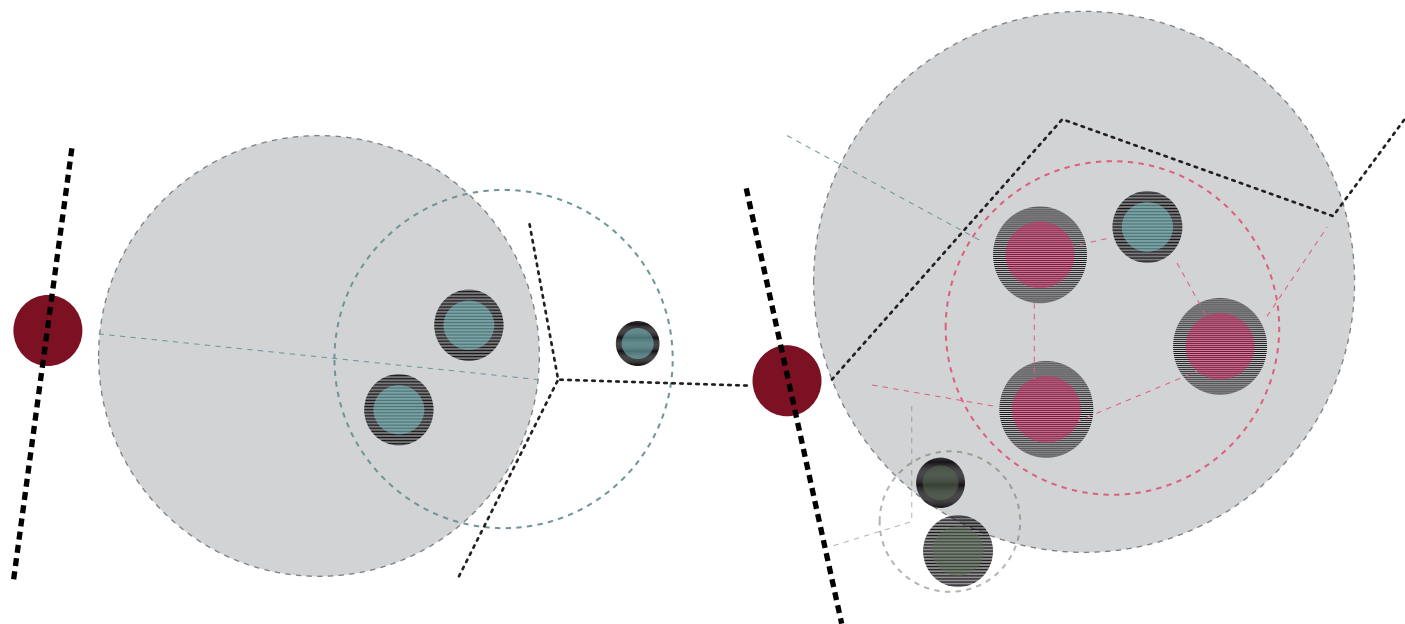
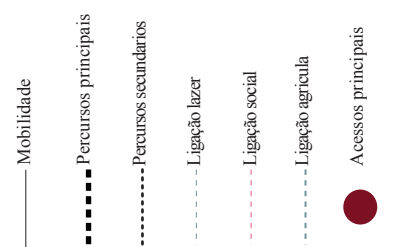
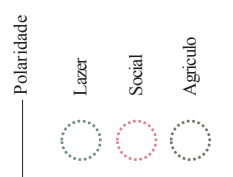
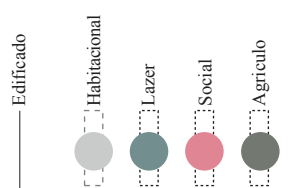


A Rua de Azevedo

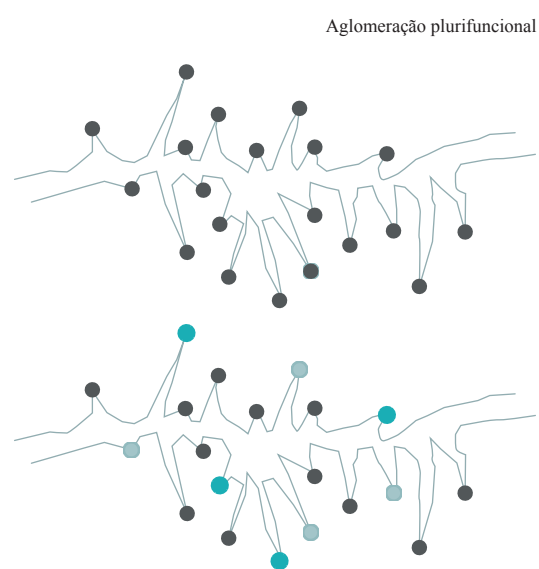
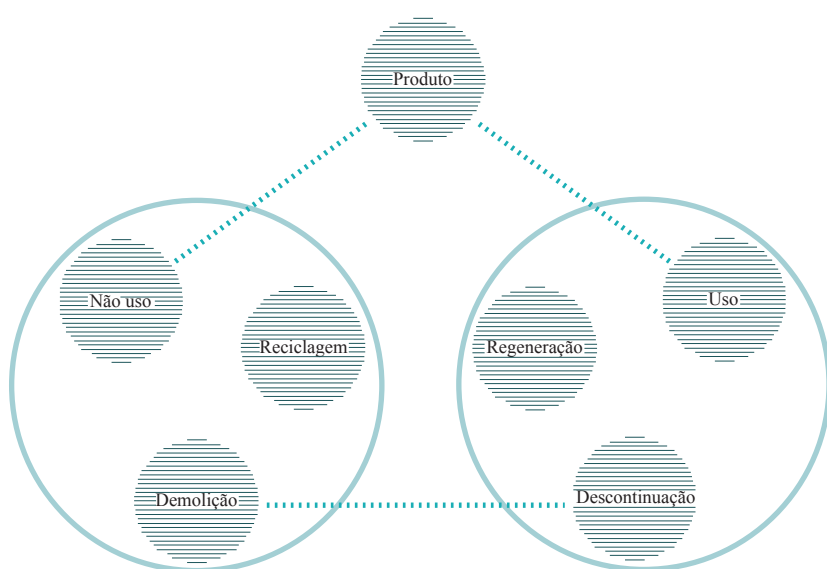
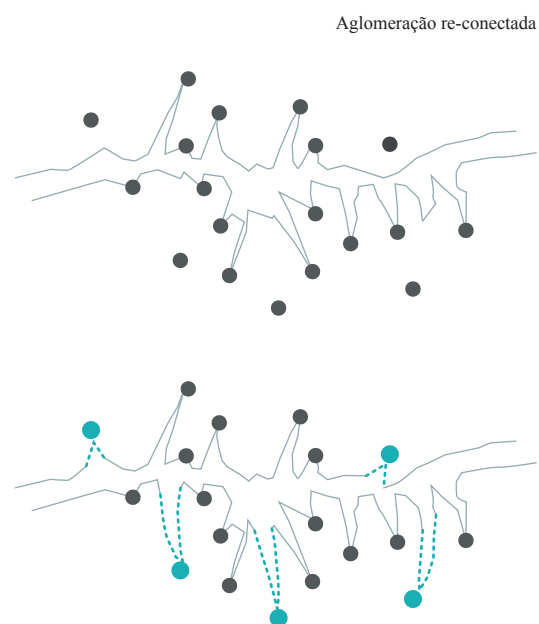
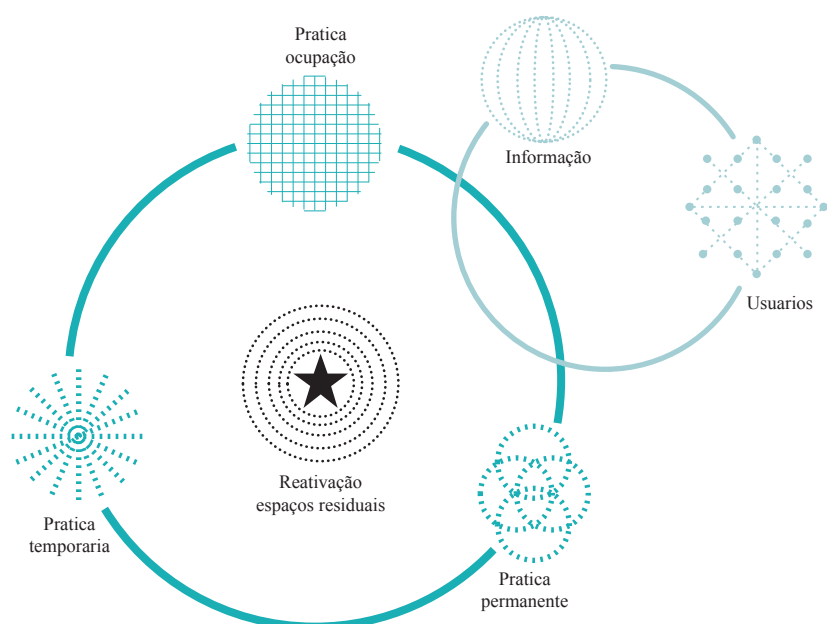
Estudo da Unidade Operativa

Análise Limites e Espaço público





Estratégia





Espaços	
Largos acesso livre	
Amplamento Centro de saúde	
Centro de Dia	
Bar e lazer	
Centro de Ação social	
Centro de Ação social	
Estacionamentos	
Terrenos agrícolas de participação pública	
Entradas	

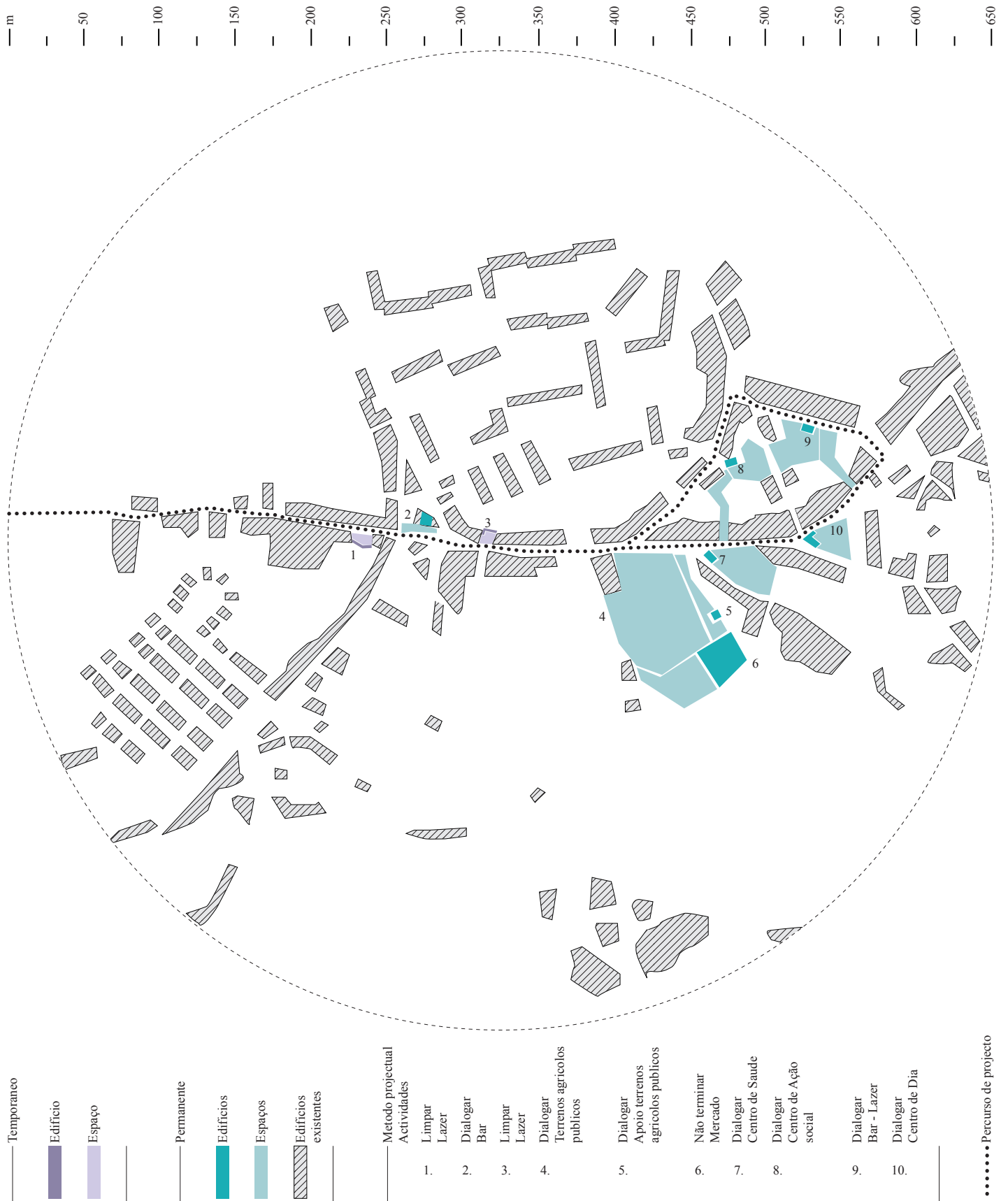
Edifícios	
Existentes	
Centro de Saúde existente	
Projecto	
a. Lazer	
b. Bar	
c. lazer	
d. Mercado	
e. Apoio terrenos agrícolas	
f. Centro de Saúde	
g. Apoio terrenos agrícolas	
h. Centro de Dia	
i. Bar	
l. Centro de Ação social	

A Rua de Azevedo

Estudo da Unidade Operativa

Projecto Unidade Operativa

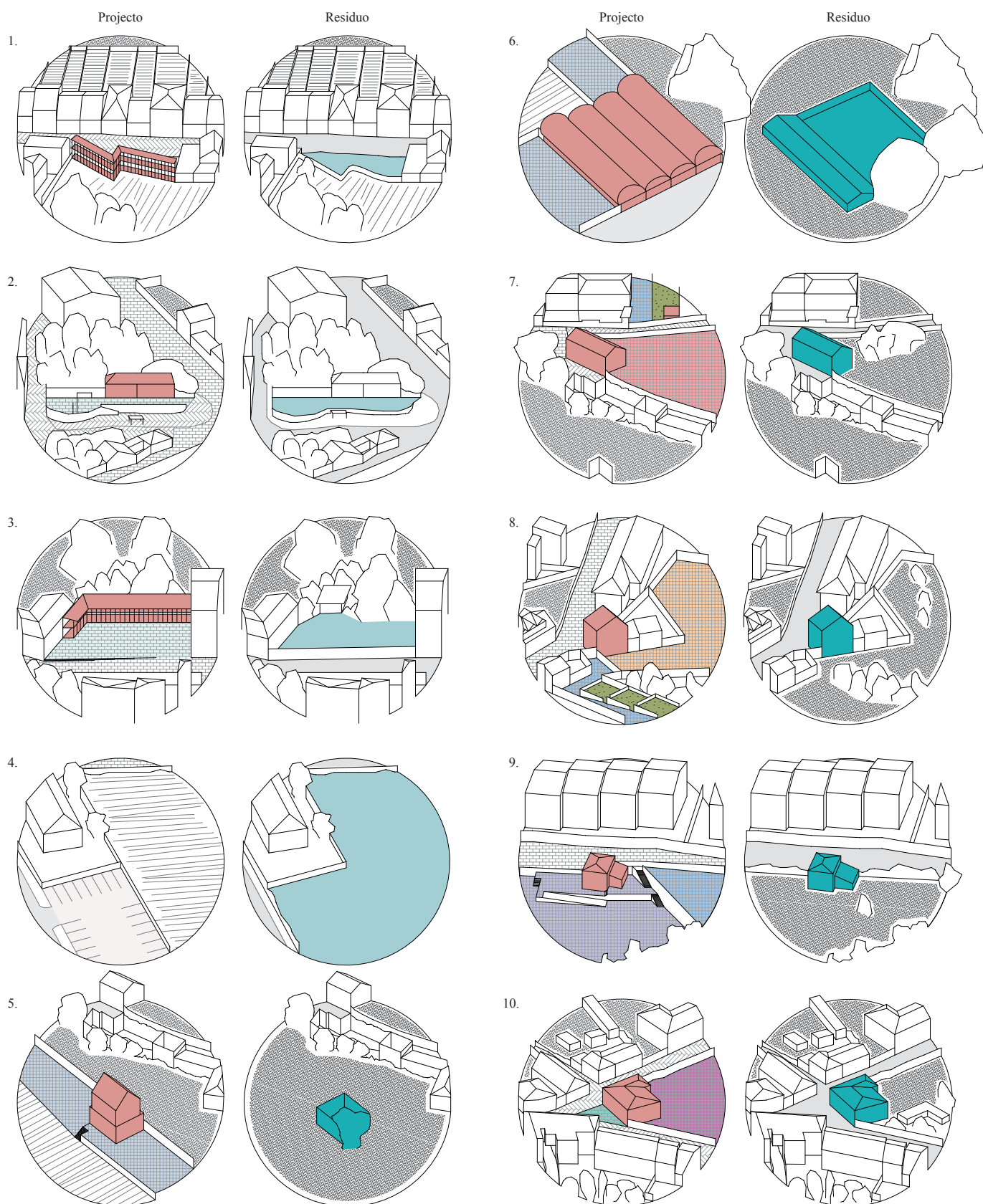




A Rua de Azevedo

Estudo da Unidade Operativa

Projecto Residuo



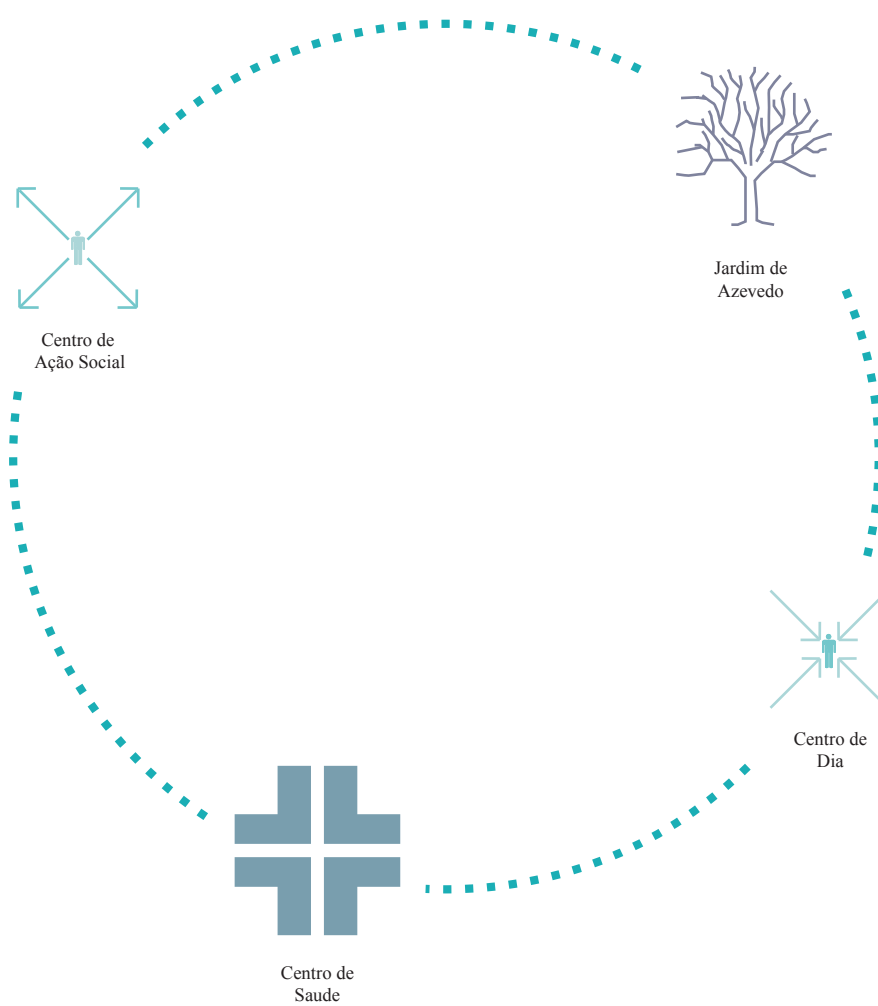


A Rua de Azevedo

Estudo da Unidade Operativa

Projecto Limites e Espaço publico





Esquema da articulação das Polaridades publico - sociais na Rua de Azevedo

A área em questão é um caso especial da Rua de Azevedo, porque a articulação entre mais estradas interrompe a linearidade da frente estradal e oferece à conurbação urbana uma formação circular. Pode ser interpretado como o coração do eixo estradal da Rua de Azevedo. Esta formação determina uma distribuição de edifícios mais densificada relativamente à parte restante da área. Isto envolve a escolha de localizar neste tecido urbano as três actividades mais significativas, de forma a influenciar positivamente os espaços vizinhos e ser alcançado mais facilmente das várias direcções.

Como explicado no capítulo anterior, as funções inseridas são a Extensão do Centro de Saúde, o Centro de Ação Social, o Centro de Dia e o Bar com os espaços de lazer, com o nome de Jardim de Azevedo. Cada atividade tem um edifício principal com acesso para a rua, espaços abertos relacionados, tais como jardins e os relativos edifícios de serviços de suporte. Além de serem colocadas estrategicamente em relação com a área circundante para permitir acesso rápido e multidireccional, as quatro áreas funcionais estão incluídas num sistema de caminhos pedonais circulares. Portanto, há uma rede de estradas reabilitada e hierarquizada (como foi apresentado no capítulo anterior) para atender os diversos espaços e um segundo percurso, fechado e pedestre, que liga as diferentes funções entre eles. Há duas áreas de estacionamento de apoio à estrada de acesso à área nas proximidades das atividades colocadas. O contexto em que estão inseridos os diferentes casos de estudo consiste principalmente em casas unifamiliares, com seus jardins e lojas esporádicas.

Quanto à Extensão do Centro de Saúde, a intervenção foi concebida tendo como objetivo recuperar o edifício e o lote existente. O acesso faz-se através da propriedade, que é distribuída por dois pisos; projeta-se um edifício ulterior como apoio para o jardim, o qual é distribuído por três níveis em diferentes alturas e tamanhos, e a função principal é dar descanso e paz. Mesmo para o Centro de Ação Social a intervenção foi concebida tendo como objetivo recuperar o edifício e o lote existente. A propriedade tem vista para uma reentrância da estrada principal, ligeiramente levantada de um degrau para dar a transição entre os espaços. O prédio tem dois andares e um amplo jardim suavemente inclinado, dividido em duas zonas por um pórtico, ambas fornecidas por um edifício de suporte; a zona norte é relvada e arborizada com carvalhos, enquanto o sul é impermeabilizado por uma calçada de granito. Os acessos são três, respectivamente, um do edifício, e dois do jardim. Um deles abre-se sobre o primeiro caminho público que liga esta área com a ampliada do Centro de Saúde; ao longo deste percurso, há quatro espaços destinados à agricultura pública. No caso

do Jardim de Azevedo, a topografia do terreno permite uma clara divisão do programa. As áreas de menor altitude são utilizadas para jogos e entretenimento, como cestos de basquete pequenos, futebol e boliche. No nível intermediário está localizado o principal acesso à área do bar - restaurante e seu respectivo jardim. O único edifício, que também foi reciclado, distribuí-se por dois pisos, com vista para três espaços diferentes: a estrada fora, e dois pequenos espaços em diferentes alturas. No terraço superior, o segundo caminho público coloca em comunicação esta área com o Centro de Dia. Por fim, o Centro de Dia ergue-se à face de um grande espaço resultante do cruzamento de duas estradas, até hoje sem qualquer qualidade, usado como estacionamento aleatório. Este espaço torna-se área exclusivamente pedestre e, portanto, é levantado um degrau para permitir diferenciar os espaços. O edifício foi projetado para executar as principais funções necessárias para o exercício. Composto por dois pisos, tem três entradas separadas, como cada edifício tratado, tem um jardim traseiro pertencente ao lote. O jardim é dividido principalmente em duas áreas: uma coberta por relva e com três acácias, enquanto o outro é atravessado por um pavimento em granito escuro. Ao lado do muro de separação com os lotes vizinhos está construído um apoio, com funções de cozinha e de lavanderia, e uma galeria para o banquete.

A escolha dos materiais é, principalmente pela sua facilidade de disponibilidade; granito escuro, que é o material tradicional do norte de Portugal; enquanto que o tijolo é um dos principais produtos na área de Aveiro. São materiais que para a variedade de corte e dimensões permitem uma grande liberdade de composição. Placas de granito (120 x 60 x 3 cm) são usados para estradas sujeitas a controle de velocidade; calçada portuguesa do sul (10 x 10 x 10 cm) com granito claro para os percursos pedestres; calçada portuguesa do norte para os percursos agrícolas; tijolos (25 x 12 x 5,5 centímetros) para as ruas com acesso limitado. No final placas de granito escuro (120 x 15 x 5,5 centímetros) moldam a ligação ao solo de cada conjunto edificado. Quanto à vegetação, as árvores foram escolhidos de acordo com a função a ser executada; para acompanhar os caminhos optei por árvores frutíferas, que são sazonais, e tem dimensão íntima. Em suas respectivas áreas de interesse, a alternância entre acácia e carvalho é devida ao fato de que a primeira é uma árvore de tamanho modesto que cresce rapidamente e é sombria no verão; enquanto os carvalhos pela sua majestosidade e grandeza são monumentos naturais.

Índice gráfico

A Polaridade coletiva na Rua de Azevedo

Pormenorização da Unidade Operativa

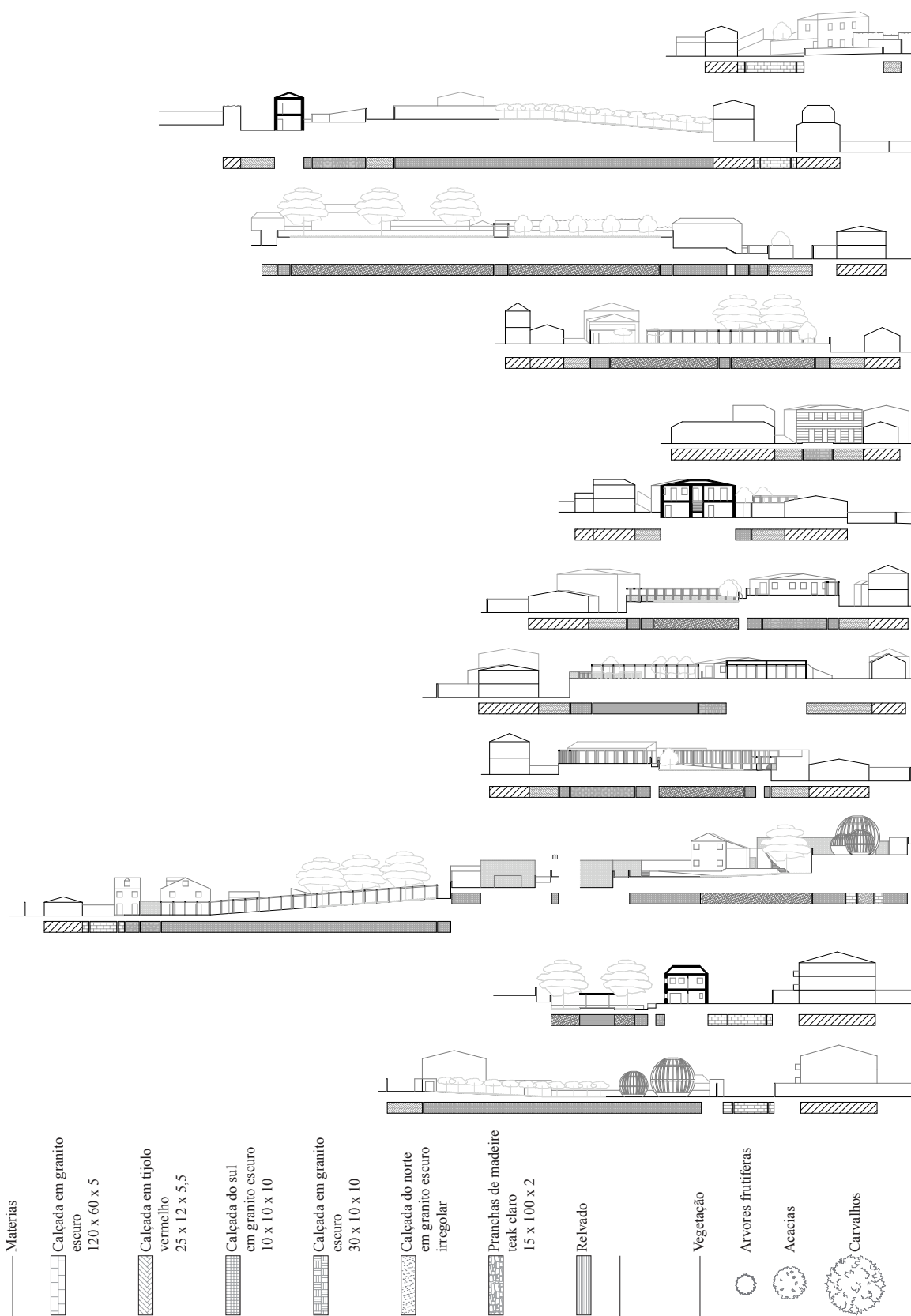
240 - 241	Planta e Cortes
242 - 243	Axonometric
244	Centro de Saude
245	Centro de Ação Social
246	Jardim de Azevedo
247	Centro de Dia

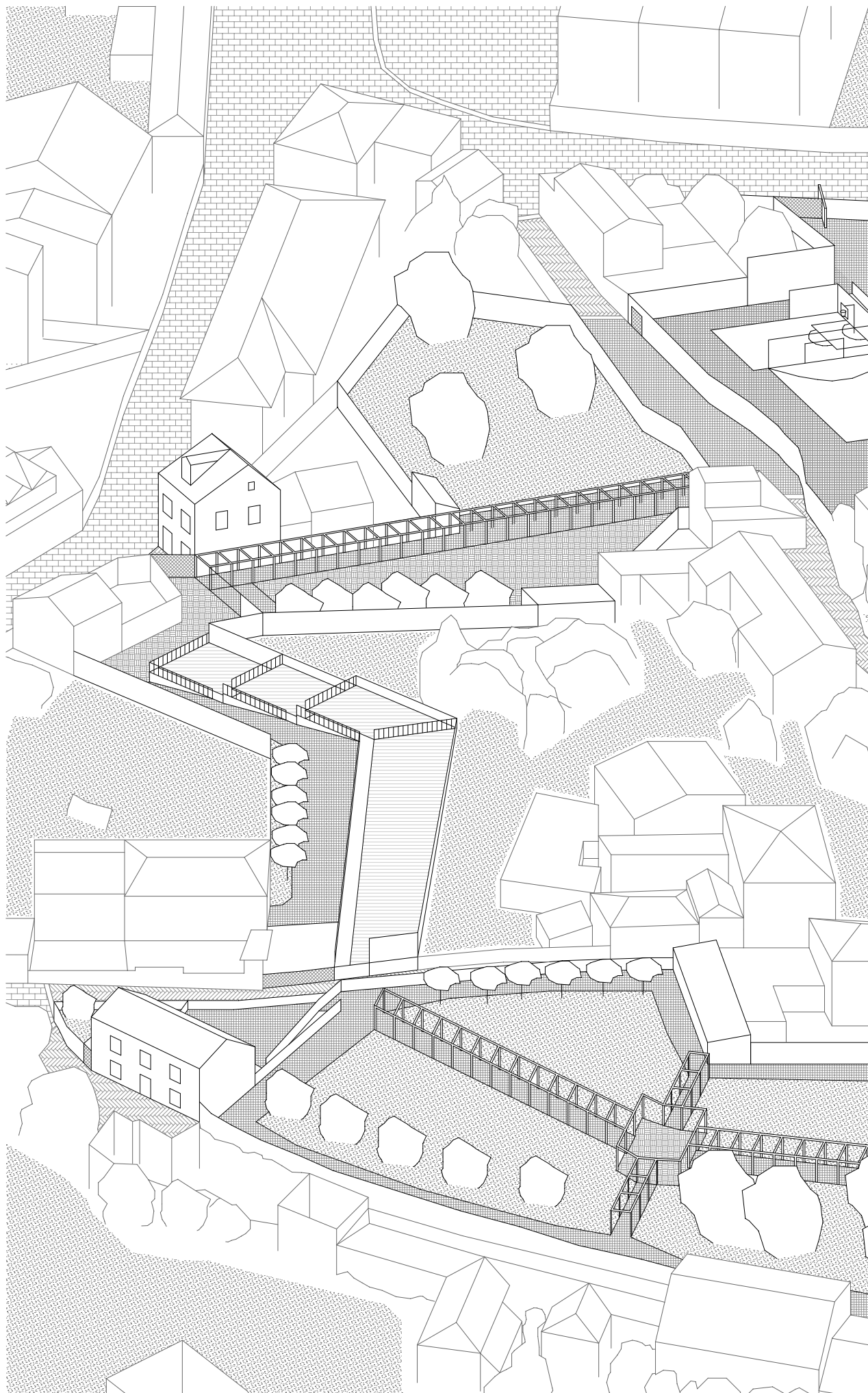


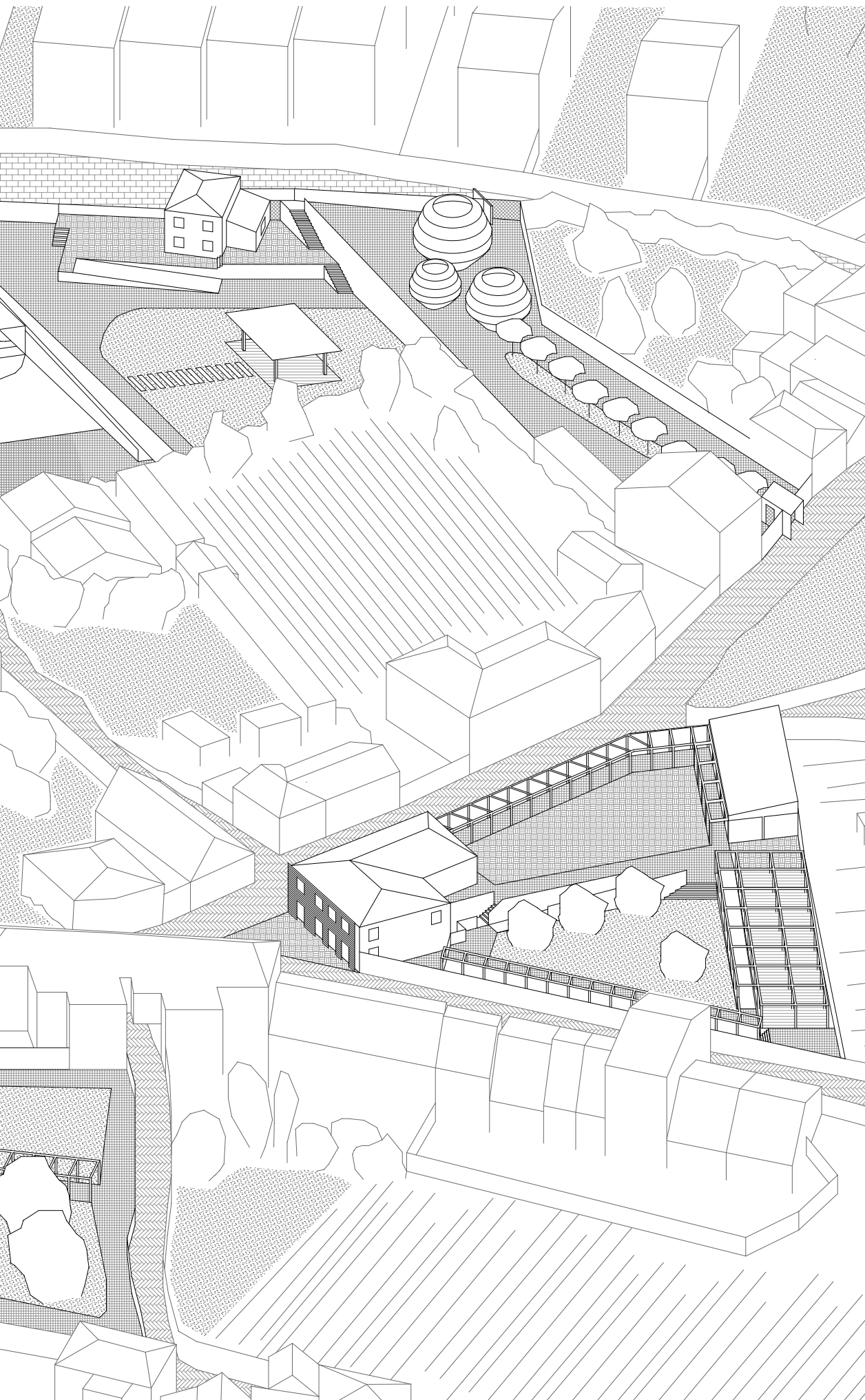
A Polaridade coletiva na Rua de Azevedo

Pormenorização da Unidade Operativa

Planta e Cortes







A Polaridade coletiva na Rua de Azevedo
Pormenorização da Unidade Operativa

Centro de Saude



A Polaridade coletiva na Rua de Azevedo

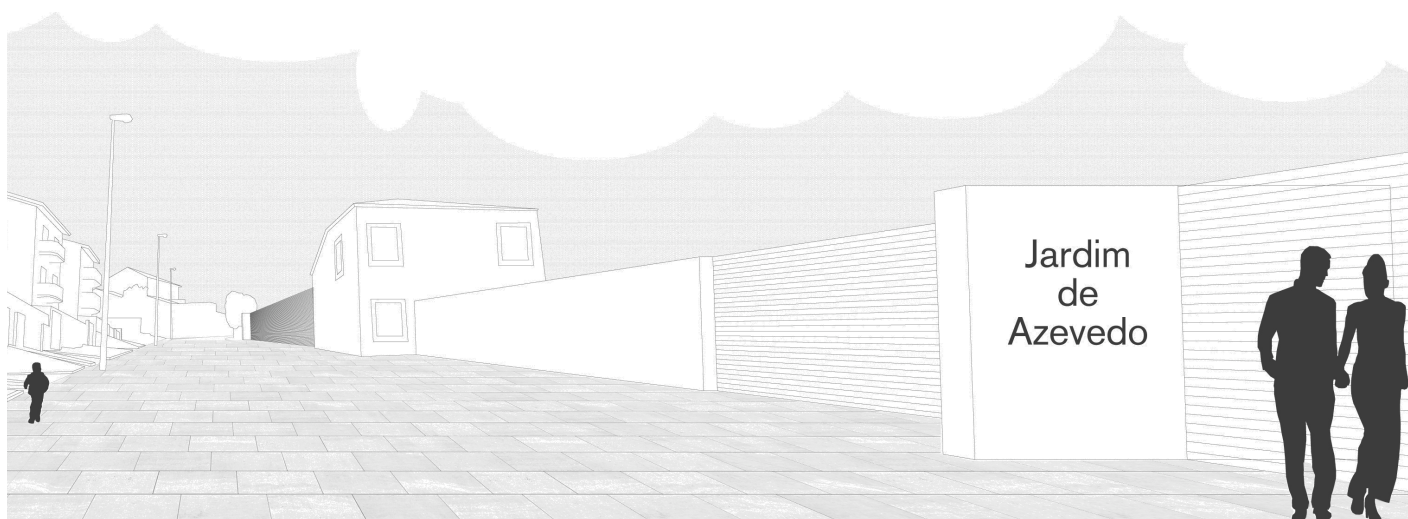
Pormenorização da Unidade Operativa

Centro de Ação Social



A Polaridade coletiva na Rua de Azevedo
Pormenorização da Unidade Operativa

Jardim de Azevedo



A Polaridade coletiva na Rua de Azevedo

Pormenorização da Unidade Operativa

Centro de Dia



Referências bibliográficas

Leituras principais

- P. Ciorra, S. Marini, *Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta*, Electa, Milano 2011
- R. Braz, M. Di Sivo, *Conservare mantenere e valorizzare il paesaggio. Contributi di cultura tecnologica*, Alinea, Firenze 2012
- R. Koolhaas, *Jinkspace*, Quodlibet, Tradução de G. Matrigli, Macerata 2006
- S. Marini, *Nuove terre. Architetture e paesaggi dello scarto*, Quodlibet Studio, Macerata 2010

Leituras Complementares

- A. Branzi, *Modernità debole e diffusa. Il mondo del progetto all'inizio del XXI secolo*, Skira, Milano 2006
- B. Munari, *Da cosa nasce cosa*, Economica Laterza, Bari 1996
- C. Cavalieri, C. Furlan, I. Guida, L. Fabian, P. Viganò, *Extreme City. Energy, Recycling and the Diffuse City*, IUAV, Venezia, Giavedoni editore, Pordenone 2013
- E. Giannotti, L. Fabian, P. Viganò, *Extreme City. Lifecycles, Embodied Energy, Inclusion*, IUAV, Venezia, Giavedoni editore, Pordenone 2012
- F. dal Co, *Alvaro Siza. Tutte le opere*, Electa, Milano 2006
- K. Lynch, *L'immagine della città*, Tradução de Gian Carlo Guarda, Marsilio, Padova 1964
- K. Lynch, *Deperire. Rifiuti e spreco nella vita di uomini e città*, Tradução de V. Andriello, Cuen, Napoli 1992.
- Le Corbusier, *Verso una Architettura*, Tradução de P. Cerri, Longanesi, Milano 2003
- L. Fabian, P. Viganò, *Extreme City. Climate change and the transformation of the waterscape*, IUAV, Venezia, Giavedoni editore, Pordenone 2010
- M. di Sivo, *Manutenzione Urbana. Strategie per la sostenibilità della città*, introduzione di L. Cavallari, Prefação de R. Braz, Alinea editrice, Firenze 2004
- M. C. Tosi, *Spazi del Welfare. Esperienze, Luoghi, Pratiche*, Quodlibet, Macerata 2012
- R. Venturi, *Learning from Las Vegas*, Tradução de M. Sabini, Cluva, Venezia 1985
- S. Marini, *Architettura parassita. Strategie di riciclaggio per la città*, Quodlibet, Macerata 2008
- V. Gregotti, *Il territorio dell'architettura*, Feltrinelli, Milano 1998
- Y. Friedman, *Utopie realizzabili*, Quodlibet, Macerata 2008
- 04 Re-Cycle Italy, *Recycland*, Aracne, Roma Settembre 2013

Artigos

- I. Inti e V. Inguaggiato, *Riuso temporaneo*, Politecnico di Milano, Dipartimento di Architettura e Pianificazione, 2007

- I. Moreira, *Após a fábrica. Novas abordagens à ruína e aos fragmentos pos-industriais*, Arqa, n.112, Março - Abril 2014
- L. Di Nunzio, *Spazi urbani residuali. Studi in corso, Servizio Rigenerazione Urbana e Integrazione*, Città di Torino 2006
- M. Cacciari, *Un ordine che sclude la legge*, Casabella, n.489-499, 1984
- M. Casamonti, *Informal Community*, Area, n.128, Maio - Junho 2013
- P. Cottino, *Usi del Riuso. Rigenerazione e competenze*, Istituto per la ricerca sociale IUAV, Venezia 2013
- R. Mehrotra, *Re-thinking the informal city*, Area, n.128, Maio - Junho 2013
- V. Cavallaro, *Qualità urbana. Approcci minimi*, Città di Torino 2005

Dissertações

- A. C. Freitas Correia, *Projecto Urbano para Campanhã _ Unidades de produção e espaço publico para o Porto*, Prof. responsável M. T. Fonseca, Maestrado em Arquitectura, FAUP _ Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008-2009
- E. Quattrina, *La città [in] attesa. Esplorazioni sul residuo urbano*, Prof. responsável S. Munarin, M. C. Tosi, Laurea Magistrale in Architettura per la Città, IUAV _ Istituto Universitario di Architettura di Venezia, 2012-2013
- G. Calisti, G. Domeniconi, G. M. Laguzzi, *The Unconventional City. Strategie per un progetto di riuso come sperimentazione urbana*, Prof. responsável N. Marzot, Corso di Laurea Specialistica in Architettura, niversità degli Studi di Ferrara, 2012-2013
- I. Inti, *Spazi urbani residuali e azioni temporanee: un'occasione per ridefinire i territori, gli attori e le politiche urbane*, Dissertação de doutorado, IUAV _ Istituto Universitario di Architettura di Venezia, DrPPT _ Dottorato in Pianificazione Territoriale e Politiche Pubbliche del Territorio, 2005-2006
- I. Lopez, O. Mikhaleva, *SHUNYI. Re-Activated productive Urbanscapes*, Prof. responsável E. Castro, Dissertação em Landscape Urbanism, Architectural Association school of Architecture, London, 2011-2012
- M. G. Govoni, C. Mattioli, *Luoghi Comuni Provvisori. Strategie e progetti di animazione del territorio. Il caso di studio del quartiere Bovisa a Milano*, Prof. responsável F. Leder, Dissertação in Pianificazione territoriale, Università degli Studi di Ferrara, Facoltà di Architettura “Biagio Rossetti, 2009-2010
- P. Pagliaro, *Tattiche di Riuso Temporaneo: spazi, tempi ed interventi per la rigenerazione urbana*, Prof. responsável S. Boeri, Politecnico di Milano, Facoltà di Architettura e Società, Corso di Laurea AEI Concentration - Landscape Architecture, 2008-2009
- C. Mossetti, *Abuso Riuso. Strategie responsabili nell'ambiente urbano*, Prof. responsável A. Mela, M. Camasso, Dissertação di Laurea Specialistica, Politecnico di Torino, 2012-2013

Considerações finais de percurso e de perspectiva de trabalho

A intenção foi estabelecer um caminho a partir da compreensão do termo resíduo até às suas possibilidades de projecto. O meu interesse pelo tema levou-me a estudar muitos assuntos, e não foi possível desenvolver uma pesquisa adequada para cada um. Foi essencial ordenar os conceitos, e prioritarizar as várias partes. A compilação do índice ajudou-me na organização do trabalho. Para serem compreendidos devem ser ordenados, e para terem ordem deve-se começar a partir dos conceitos simples e claros. O esquema foi o instrumento adequado para esclarecer as ideias. Além disso, pesquisar a etimologia das palavras permitiu-me construir uma base sólida sobre a qual argumentar a minha tese.

Ao ler a minha tese eu entendo que algumas questões não são desenvolvidas e merecem ser exploradas, sempre com base nos objetivos fixados. No entanto, eu estudei o resíduo nas suas diversas formas e contextos, tentando constituir uma ideia geral, mas completa. Não forneço nada de novo ao tema tratado; eu só examino. Reelaboro leituras e componho-as, a fim de criar uma visão única e pessoal. Importante para mim foi a obtenção de um método de trabalho flexível e aberto, não dogmático. Um método que me permitisse estudar o resíduo em todas as diferentes áreas de estudo e nas várias dimensões do projeto. Eu não podia escolher uma única área na qual realizar o meu estudo. O tema do meu trabalho é o resíduo em todas as suas declinações. O estudo teve início a partir de elementos claros e válidos, como a etimologia das palavras, e chegou a compor uma visão ampla do tema.

A elaboração mais pessoal é o projeto, no qual experimento um aprofundamento da minha tese. O confronto com um caso concreto permite-me o desenvolvimento de questões específicas e verificar as temáticas anteriormente expostas. O projeto apresentado tinha como objectivo experimentar alguns dos tipos de projectos identificados e desenvolver um método de trabalho que permitiria a flexibilidade dos resultados, ou a sua eventual transformação no tempo. Ter que definir cada parte do projeto não permitiu a realização real da minha intenção.

Dito isto, seria bom se essa tese fosse apenas o começo de um longo e intenso processo de estudos que me levaria para desenvolver e aprofundar o tema nas várias áreas abordadas. Por exemplo, seria interessante continuar a verificação em relação às definições dos cinco tipos de projetos de resíduo, Dialogar, Densificar, Limpar, Não terminar e Incrementar; por cada um, identificar um método específico de projeto e compreender bem quais são as várias ferramentas.

Também seria útil desenvolver e expandir o catálogo tipológico dos resíduos do Porto, a fim de ter um instrumento completo para doar à cidade. Então a cidade pode usar o catálogo para acionar uma série de iniciativas e projetos com o objetivo de se regenerar.

Referências bibliográficas

Leituras principais

- A. Domingues, *Cidade e Democracia. 30 Anos Transformação Urbana em Portugal*, Argumentum, Lisboa 2006
- B. Secchi, *La città dei ricchi e la città dei poveri*, Laterza, Bari 2013
- F. Careri, *Walkscapes. Camminare come pratica estetica*, Einaudi, Torino 2006
- G. Clément, *Manifesto del terzo paesaggio*, Tradução de F. De Pieri, Quodlibet, Macerata 2005
- M. Augé, *Rovine e macerie. Il senso del tempo*, Tradução de A. Serafini, Bollati Boringhieri, Gravelona Toce (VB) 2004
- M. Biraghi, G. Damiani, *Le parole dell'architettura. Un'antologia di testi teorici e critici: 1945-2000*, Einaudi, Torino 2009
- N. Portas, A. Domingues, J. Cabral, *Políticas Urbanas II. Transformações, Regulação e Projectos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2012
- P. Ciorra, S. Marini, *Re-Cycle. Strategie per l'architettura, la città e il pianeta*, Electa, Milano 2011
- P. Vigano, *I territori dell'urbanistica. Il progetto come produttore di conoscenza*, Officina Edizioni, Roma 2010
- R. Braz, M. Di Sivo, *Conservare mantenere e valorizzare il paesaggio. Contributi di cultura tecnologica*, Alinea, Firenze 2012
- R. Koolhaas, *Jinxscape*, Quodlibet, Tradução de G. Matrigli, Macerata 2006
- S. Marini, *Nuove terre. Architetture e paesaggi dello scarto*, Quodlibet Studio, Macerata 2010

Leituras Complementares

- A. Branzi, *Modernità debole e diffusa. Il mondo del progetto all'inizio del XXI secolo*, Skira, Milano 2006
- A. Corboz, *Ordine sparso. Saggi sull'arte il metodo la città e il territorio*, Tradução de P. Viganò, Franco Angeli, Milano 1998
- A. Domingues, *A Rua da Estrada*, Dafne, Porto 2009
- A. Domingues, *Vida no campo*. Dafne, Porto 2012
- B. Munari, *Da cosa nasce cosa*, Economica Laterza, Bari 1996
- B. Secchi, *Prima lezione di urbanistica*, Laterza, Roma-Bari, 2000
- B. Secchi, *La città del XX secolo*, Laterza, Bari, 2005;
- C. Cavalieri, C. Furlan, I. Guida, L. Fabian, P. Viganò, *Extreme City. Energy, Recycling and the Difuse City*, IUAV, Venezia, Giavedoni editore, Pordenone 2013
- F. dal Co, *Alvaro Siza. Tutte le opere*, Electa, Milano 2006
- E. Giannotti, L. Fabian, P. Viganò, *Extreme City. Lifecycles, Embodied Energy, Inclusion*, IUAV, Venezia, Giavedoni editore, Pordenone 2012
- F. Indovina, *La città diffusa*, Iuav-Daest, Venezia, 1990
- G. de Franciscis, *Rigenerazione urbana: il recupero delle aree dimesse in Europa: strategie, gestione, strumenti operativi*, Eidos,

- G. Leopardi, *Operette morali, Elogio degli uccelli*, Rizzoli, Milano 1994
- I. Calvino, *Il viandante nella mappa*, Mondadori, Milano 1984
- I. de Solà Morales, *Archeologia del moderno*, Tradução de M. Bonino, Allemandi, Torino 2005
- J. A. V. Rio Fernandes, *Porto. Cidade e comercio*, Camera Municipal do Porto, Porto 1997
- J. Scanlan, *Spazzatura*, Donzelli, Roma 2006
- K. Lynch, *L'immagine della città*, Tradução de Gian Carlo Guarda, Marsilio, Padova 1964
- K. Lynch, *Deperire. Rifiuti e spreco nella vita di uomini e città*, Tradução de V. Andriello, Cuen, Napoli 1992.
- Le Corbusier, *Verso una Architettura*, Tradução de P. Cerri, Longanesi, Milano 2003
- L. Fabian, P. Viganò, *Extreme City. Climate change and the transformation of the waterscape*, IUAV, Venezia, Giavedoni editore, Pordenone 2010
- M. C. Tosi, *Spazi del Welfare. Esperienze, Luoghi, Pratiche*, Quodlibet, Macerata 2012
- M. de Solà-Morales, *La urbanización marginal*, Laboratório de Urbanismo - Barcelona : E.T.S.A., Barcelona 1976
- M. de Solà-Morales, *Las formas de crecimiento urbano*, Laboratório de Urbanismo - Barcelona : Ediciones UPC, Barcelona 1997
- M. di Sivo, *Manutenzione Urbana. Strategie per la sostenibilità della città*, introduzione di L. Cavallari, Prefação de R. Braz, Alinea editrice, Firenze 2004
- M. Foucault, *Eterotopia. Luoghi e non-luoghi metropolitani*, Millepiani, Milano 1994
- M. Ilardi, *La città senza luoghi. Individuo, conflitto, consumo nella metropoli*, Costa & Nolan, Genova 1990
- M. Yourcenar, *Memorie di Adriano*, Tradução de L. Storoni Mazzolani, Einaudi, Torino 1981
- P. Brook, *Les trois cultures de l'homme*, in "Cultures", Les Presses de l'UNESCO et la Baconnière, vol 3, n.4, Paris 1976
- P. Viganò, *New Territories*, Officina, Roma, 2004.
- R. Long, *Walking in Circles*, Catalogo della mostra, Braziller, New York 1991
- R. Smithson, *Towards the development of an air terminal site*, Artforum, 1967
- R. Smithson, *Une retrospective. Le paysage entropique*, Seuil 1993
- R. Venturi, *Learning from Las Vegas*, Tradução de M. Sabini, Cluva, Venezia 1985
- S. Marini, *Architettura parassita. Strategie di riciclaggio per la città*, Quodlibet, Macerata 2008
- S. Munarin, M. C. Tosi, *Tracce di città. L'area veneta*, Angeli, Milano, 2001
- S. Richard, *Usi del disordine*, Costa e Nolan, Ancona - Milano, 1999
- S. Freud, *Il disagio della civiltà*, Tradução de E. Ganni Einaudi, Torino 2010.
- V. Gregotti, *Il territorio dell'architettura*, Feltrinelli, Milano 1998
- V. Pizzigoni, *Ludwig Mies van der Rohe. Gli scritti e le parole*, Piccola Biblioteca Einaudi, Torino 2010
- Y. Friedman, *Utopie realizzabili*, Quodlibet, Macerata 2008

Z. Bauman, *Vite di scarto*, Tradução de M. Astrologo, Laterza, Bari 2005

04 Re-Cycle Italy, *Recycland*, Aracne, Roma Settembre 2013

Artigos

A. domingues, *Ruínofilia. Percorso critico pelas imagens das ruínas portuguesas*, Arqa, n.112, Março - Abril 2014

B. Secchi, *La Periferia*, Casabella, n.583, Ottobre 1991

D. Scott Brown, *Il Pop insegna*, Casabella, n.359-360, 1971

I. Inti e V. Inguaggiato, *Riuso temporaneo*, Politecnico di Milano, Dipartimento di Architettura e Pianificazione, 2007

I. Moreira, *Após a fábrica. Novas abordagens à ruína e aos fragmentos pos-industriais*, Arqa, n.112, Março - Abril 2014

L. Di Nunzio, *Spazi urbani residuali. Studi in corso, Servizio Rigenerazione Urbana e Integrazione*, Città di Torino 2006

L. Scarpa, *Spazi urbani e stati mentali: come lo spazio influenza la mente*, 2007

M. Cacciari, *Un ordine che sclude la legge*, Casabella, n.489-499, 1984

M. Cacciari, *Metropoli della mente*, Casabella, n.530, 1986

M. Cacciari, *I frantumi del tutto*, Casabella, n.684-685, 2001

M. Cacciari, *Nomadi in Prigione*, Casabella, n.705, Novembre 2002

M. Casamonti, *Informal Community*, Area, n.128, Maio - Junho 2013

N. Portas, A. Domingues, J. Cabral, *Políticas Urbanas II. Transformações, Regulação e Projectos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2012

P. Cottino, *Usi del Riuso. Rigenerazione e competenze*, Istituto per la ricerca sociale IUAV, Venezia 2013

Planum. The journal of Urbanism, *Urbanistica per una diversa crescita*, Atti Conferenza Nazionale SIU, Napoli 9-10 maggio 2013, n.27, vol.2/2013

Planum. The journal of Urbanism, *Città e crisi globale: clima, sviluppo e convivenza*, Atti Conferenza Nazionale SIU, Roma 25-27 febbraio 2010, n.27, vol.2/2013

P. Pedrocchi, F. Pupillo, I. Cristea, *I vuoti urbani e le infrastrutture dismesse. Un'occasione per la classificazione dei beni demaniali sul territorio*, 2011

R. Ferlinghetti, *Paesaggi minimi e spazi urbani*, 2006

R. Mehrotra, *Re-thinking the informal city*, Area, n.128, Maio - Junho 2013

S. Ferreira de Almeida, M. Saldanha, *Ruína como resistência. Um lugar estranho num promontório de desejos*, Arqa, n.112, Março - Abril 2014

V. Cavallaro, *Qualità urbana. Approcci minimi*, Città di Torino 2005

Varios autores, *Dada*, Catalogo del Centre Georges Pompidou, Parigi 2005

V. M. Ardita, *Nuovi scenari di progetto/nuovi luoghi per la città contemporanea*, Università degli Studi di Catania 2012

Dissertações

- A. C. Freitas Correia, *Projecto Urbano para Campanhã _ Unidades de produção e espaço publico para o Porto*, Prof. responsável M. T. Fonseca, Maestrado em Arquitectura, FAUP _ Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008-2009
- A. Minero, *Architettura Parassita. Passato presente futuro*, Prof. responsável M. Robiglio, Dissertação di Laurea Specialistica, Politecnico di Torino, Facoltà di Architettura, 2011-2012
- E. Quattrina, *La città [in] attesa. Esplorazioni sul residuo urbano*, Prof. responsável S. Munarin, M. C. Tosi, Laurea Magistrale in Architettura per la Città, IUAV _ Istituto Universitario di Architettura di Venezia, 2012-2013
- G. Calisti, G. Domeniconi, G. M. Laguzzi, *The Unconventional City. Strategie per un progetto di riuso come sperimentazione urbana*, Prof. responsável N. Marzot, Corso di Laurea Specialistica in Architettura, niversità degli Studi di Ferrara, 2012-2013
- G. Gallo, *Planeamento em tempo de crise*, Prof. responsável Á. Domingues, Maestrado em Arquitectura, FAUP _ Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012-2013
- J. Gennari Feslikenian, *Territórios marginais : a ilha das Flores*, Prof. responsável N. Travasso, Maestrado em Arquitectura, FAUP _ Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012-2013
- J. M. Amorim Varajão, *Espaço social : reflexão, representação, transformação*, Prof. responsável G. Furtado, Maestrado em Arquitectura, FAUP _ Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012-2013
- I. Inti, *Spazi urbani residuali e azioni temporanee: un'occasione per ridefinire i territori, gli attori e le politiche urbane*, Dissertação de doutorado, IUAV _ Istituto Universitario di Architettura di Venezia, DrPPT _ Dottorato in Pianificazione Territoriale e Politiche Pubbliche del Territorio, 2005-2006
- I. Lopez, O. Mikhaleva, *SHUNYI. Re-Activated productive Urbanscapes*, Prof. responsável E. Castro, Dissertação em Landscape Urbanism, Architectural Association school of Architecture, London, 2011-2012
- M. G. Govoni, C. Mattioli, *Luoghi Comuni Provvisori. Strategie e progetti di animazione del territorio. Il caso di studio del quartiere Bovisa a Milano*, Prof. responsável F. Leder, Dissertação in Pianificazione territoriale, Università degli Studi di Ferrara, Facoltà di Architettura “Biagio Rossetti, 2009-2010
- P. Carvalho Moreira, *O S.A.A.L., as “ilhas” e a Cidade*, Prof. responsável C. Machado, Maestrado em Arquitectura, FAUP _ Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2003-2004
- P. Pagliaro, *Tattiche di Riuso Temporaneo: spazi, tempi ed interventi per la rigenerazione urbana*, Prof. responsável S. Boeri, Politecnico di Milano, Facoltà di Architettura e Società, Corso di Laurea AEI Concentration - Landscape Architecture, 2008-2009
- T. M. Dias Henrique, *A habitação social portuense do processo SAAL. Uma leitura do experimentalismo tipologico a partir de Operadores Projectuais*, Prof. responsável A. Madureira, Maestrado em Arquitectura, FAUP _ Faculdade de Arqui

tectura da Universidade do Porto, 2010-2011

C. Mossetti, *Abuso Riuso. Strategie responsabili nell'ambiente urbano*, Prof. responsável A. Mela, M. Camasso, Dissertação di Laurea Specialistica, Politecnico di Torino, 2012-2013

Referências on line

Escritórios de arquitetura

A12	www.gruppoa12.org
Alejandro Aravena	www.alejandroaravena.com
Andrea Branzi	www.andreabranzi.it
Batlle i Roig architects	www.batlleiroig.com/es
Bernard Tschumi Architects	www.tschumi.com
CVDB Arquitectos	www.cvdbarquitectos.com
Coop Himmelblau	www.coop-himmelblau.at
EXYZT	www.exyzt.org
Feld72	www.feld72.at
Gilles Clément	www.gillesclement.com
Haworth Tompkins architects	www.haworthtompkins.com
James Corner Field Operations	www.fieldoperations.net
Jeanne van Heeswijk	www.jeanneworks.net
Kéré Architecture	www.kere-architecture.com
Lacaton & Vassal	www.lacatonvassal.com
LIN-a	www.lin-a.com
Lüderwaldt Architekten	www.luederwaldt-architekten.de
Michel Desvigne	www.micheldesvigne.com
MVRDV	www.mvrdv.nl
Naumann.Architektur	www.naumannarchitektur.de
OMA	www.oma.eu
Oxalis	www.oxalis.pt

REFUNC the world without a manual	www.refunc.nl
Raumlaborberlin	www.raumlabor.net
Smallab	www.smallab.it
Stalker ON, Osservatorio Nomade	www.osservatorionomade.net
Studio Associato Bernardo Secchi Paola Viganò	www.secchi-vigano.eu
Superuse Studios	www.superuse-studios.com
TYIN tegnestue Architects	www.tyinarchitects.com
Associações, Atelier, Sociedade	
AD Urbem	www.adurbem.pt
Architetti Senza Frontiere ONLUS	www.asfit.org
Atelier Bow-Wow, Group – Tokyo, Japan	www.bow-wow.jp
Atelier d'architecture autogérée, Group – Paris, France	www.urbantactics.org
Atelier-3 / Rural Architecture Studio, Group – Thao Village, Taiwan	www.atelier-3.com
Centre for Alternative Technology, Wales, United Kingdom	www.cat.org.uk
City-Hound	www.tspoon.org/cityhound
Dear Sir, Agencia de fotografia de autor	www.dearsir-agency.com
Elemental, Company, Santiago, Chile	www.elementalchile.cl
Kity, Rigenerazione Urbana	www.kcity.it
KUNSTHAUS TACHELES	www.kunsthautacheles.de
[im]possibleliving	www.impossibleliving.com
La Biennale di Venezia	www.labiennale.org
Lisbon Architecture Triennale	www.trienaldelisboa.com
LX Factory	www.lxfactory.com
Novas Teorias	www.novasteorias.blogspot.pt
Porto Vivo - Sociedade de Reabilitação Urbana	www.portovivosru.pt
Re-biennale	www.rebiennale.org
Temporioso	www.temporioso.org
Wu Zhi Qiao	www.bridge2china.org
Rigenerazione Urbana	www.rigenerazioneurbana.org
Triennale di Milano	www.triennale.it
Urban Promo	www.urbanpromo.it

Urban Barriera	www.comune.torino.it/urbanbarriera
Urban-reuse	www.urban-reuse.eu
Fotógrafos, Artistas	
Alexander Gronsky	www.alexandergronsky.com
Armin Linke	www.arminlinke.com
Bernd and Hilla Becher	www.artnet.com/artists/bernd-and-hilla-becher
Daniel Barter	www.danielbarter.co.uk
Edward Ruscha	www.edruscha.com
Elian Stefa	www.elianstefa.com
Giancarlo Norese	www.norese.tk
Gordon Matta-Clark	www.davidzwirner.com/artists/gordon-matta-clark
Inês d'Orey	www.inesdorey.com
Iwan Baan	www.iwan.com
Maros Krivy	www.maroskrivy.eu
Nina Fischer, Maroan el Sani	www.fischerelsani.net
Richard Long	www.richardlong.org
Robert Smithson	www.robertsmithson.com
Tiago Casanova	www.tiagocasanova.com
Thomas Jorion	www.thomasjorion.com
Yves Marchand & Romain Meffre	www.marchandmeffre.com
Artigos	
P. Di Biagi, <i>La città pubblica. Un paesaggio dell'abitare quotidiano</i>	www.espacionomade.com/es/numero/urbanismo/expo/la-citta-pubblica-un-paesaggio-dellabitare-quotidiano
A. Gabbianelli, <i>Spazi Residuali</i>	www.academia.edu/4788075/SPAZI RESIDUALI
Architetti Senza Frontiere, <i>spazi (in)attesi</i>	www.spazinattesi.wordpress.com/category/spazi-residuali/
kcity, <i>Rigenerazione Urbana</i>	www.kcity.it/rigenerazione-urbana

A. Gabbianelli architetto paesaggista, <i>Spazi residuali</i>	www.spaziresiduali.blogspot.it
Città di Torino, <i>Arredo Urbano</i>	www.comune.torino.it/arredourbano/spazio-pubblico/aree-residuali
A. Dell'Olio, <i>Politiche per il riuso in Europa</i>	www.urban-reuse.eu/?pageID=testo_politiche
R. Ferorelli, A. Cariello, <i>Riuso del paesaggio in abbandono</i>	www.domusweb.it/it/opinioni/2014/01/09/riuso_del_paesaggio_in_abbandono.html
E. Poli, <i>[im]possible living: mappature dell'abbandono</i>	www.domusweb.it/it/opinioni/2011/12/14/-im-possible-living-mappature-dell-abbandono
Paula, <i>Vazios Urbanos</i>	www.novasteorias.blogspot.pt/2009/03/vazios-urbanos_04

Área de estudo

Câmara Municipal do Porto	www.cm-porto.pt
Comissão de Coordenação da Região Norte	www.ccdr-n.pt
Gabinete de Estratégia e Planeamento: GEP	www.gep.msess.gov.pt
Jornal de Notícias	www.jn.pt
Junta de Freguesia de Campanhã	www.campanha.net
Museu Nacional da Imprensa	www.museudaimprensa.pt
Portal do Instituto Nacional de Estatística	www.ine.pt
PÚBLICO	www.publico.pt
Requalificação das Ribeiras Costeiras - Agência	www.apambiente.pt
Território Portugal. Portal do ordenamento do território e do urbanismo	www.dgotdu.pt

Dicionários, enciclopédia

Academia das Ciências de Lisboa, Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Verbo, Lisboa 2001	
Costa, J. Almeida, A. Sampaio e Melo, Dicionario da Lingua Portuguesa, Porto Editora, Porto 1992	
Dictionnaire encyclopédique Larousse, Larousse, Paris 1979	
Grande Dizionario Enciclopedico, UTET, Torino 1992	
Vocabolario della lingua italiana Zingarelli 1922 (1922)	www.archive.org/details/VocabolarioDellaLinguaItaliana

Referencias fotograficas

1. Vista da Foz do Douro, Portugal, 2014, Foto pessoal do avião	10
2. Vista do Território de Gaia, Portugal, 2014, Foto pessoal do avião	12
3. Vista por satélite da Area Metropolitana Porto, Portugal, 2014, Google maps	16
4. Vista por satélite da Area metropolitana Mestre/Venezia, Veneto, Italia, 2014, Google maps	16
5. Vista por satélite do Porto, Portugal, 2014 Google maps	17
6. Vista por satélite de Mestre, Veneto, Italia, 2014, Google maps	17
7. Vista do Nucleo Urbano do Porto, Portugal, 2014, Foto pessoal do avião	22
8. Penisola Iberica, Imagem nocturana por satellite, 2014, Nasa	24
9. Norte da Italia, Imagem nocturana por satellite, 2014, Nasa	24
10. Vista de um cruzamento rodoviario, Gaia, Portugal, 2014, Foto pessoal do avião	26
11. Vista de Porto Marghera, Venezia, Veneto, Italia, 2014, Foto pessoal do avião	26
12. Vista por satélite de cruzamento rodoviario, Campanhã, Porto, Portugal, 2014, Google maps	26
13. Vista por satélite de um cruzamento rodoviario, Mestre, Veneto, Italia, 2014, Google maps	28
14. Vista do Distrito 22@, Barcelona, http://diariodesign.com	40
15. Vista da Base da Ponte Luiz I, Gaia, Portugal, 2014, Foto pessoal	44
16. Vista de um edificio por a A28, Perto de Viana do Castelo, Portugal, 2013, Foto pessoal	46
17. Marvão, Alentejo, Portugal, 2013, Foto pessoal	48
18. Perto de Mirandela, Porto e Norte, Portugal, 2013, Foto pessoal	48
19. Evora, Alentejo, Portugal, 2013, Foto pessoal	52
20. Estremoz, Alentejo, Portugal, 2013, Foto pessoal	54
21. Evora, Alentejo, Portugal, 2013, Foto pessoal	54

22. Mourão, Alentejo, Portugal, 2013, Foto pessoal	56
23. Estremoz, Alentejo, Portugal, 2013, Foto pessoal	56
24. Perto de Porto Covo, Alentejo Portugal, 2013, Foto pessoal	58
25. Parque Natural de Geres, Tras - os - Montes, Portugal, 2013, Foto pessoal	58
26. Perto de Peniche, Estremadura, Portugal, 2013, Foto pessoal	60
27. Perto de Mertola, Alentejo, Portugal, 2013, Foto pessoal	60
28. Thirty-four parking lots in Los Angeles, Edward Ruscha, 1967, Photoartsmagazine	62
29. Saint-Julien-le-Pauvre, Dada, 1921, http://www.jotdown.es	64
30. The Monuments of Passic, Robert Smithson, 1967, Picturediting	64
31. Fake-estates, Gordon Matta Clark, 1973-74, Citymovement	66
32. Gastanks, Bernd e Hilla Becher, 1983-92, http://www.c4gallery.com	66
33. Vista da Area Urbana do Porto, Portugal, 2014, Foto pessoal	68
34. Vista panoramica da area de estudo, 2014, Bing maps	84
35. Vista panoramica da area de estudo, 2014, Bing maps	84
36. Vista panoramica da area de estudo, 2014, Bing maps	96
37. Vista panoramica da area de estudo, 2014, Bing maps	96
38. Vista panoramica da area de estudo, 2014, Bing maps	114
39. Vista panoramica da area de estudo, 2014, Bing maps	114
40. Vista panoramica da area de estudo, 2014, Bing maps	136
41. Vista panoramica da area de estudo, 2014, Bing maps	136
42. Vista da Area Urbana do Porto, Portugal, 2014, Foto pessoal do avião	138
43. Vista da Area Urbana do Porto, Portugal, 2014, Foto pessoal do avião	138
44. Lagunages, Paysages ad Harnes, Harnes, Francia, 1993, http://35mm-compact.com	148
45. Polo intermodale, Marc Barani, Nizza, Francia, 2001, http://www.domusweb.it	149
46. Lle Seguin, Michel Desvigne, Parigi, Francia, 2001, mrfred1013	150
47. Agronica, Andrea Branzi, Eindhoven, Olanda, 2000, http://places.designobserver.com	151

48. Migro, Collettivo Refunc, Rotterdam, Olanda, 2013, http://refunc.nl/	158
49. Espressobar, 2012 Architekten, Delft, Olanda, 2007, http://blog.bellostes.com	159
50. Gemini Residence, MVRDV, Copenhagen, Danimarca, 2002, http://flickrhivemind.net	160
51. Parco dei Suoni, Pierpaolo Perra Alberto e Antioco Loche, Oristano, Italia, 2007, http://www.architetturadi Pietra.it	161
52. Republique Ephemere, Roubaix, Francia, 2004, http://www.exyzt.org	168
53. Tacheles, Berlino, Germania, 1990, http://www.blogville.it	169
54. Laboratorio Morion, Venezia, Italia, 2008, www.venezia in comune.it	170
55. LxFactory, Lisbona, Portogallo, 2000, https://bigcitiesbrightlights.wordpress.com	171

Índice

08	Introdução
11	1. Paisagem Cidade Território
13	1.1 Uma nova escala
20	1.2 O individuo contemporâneo
23	1.3 A imagem da cidade
41	1.4 Cenários
44	Referências bibliograficas
47	2. Resíduo
49	2.1 Etimologia
55	2.2 Vazio Ruína Resíduo
65	2.3 Identificação
71	2.4 Catálogo Tipológico
72	Objetivo
73	Metodologia
76	O contexto do Porto
78	Area urbana de edificação densa
88	Area urbana de edificação densa
100	Area urbana de edificação à baixa densidade
118	Area urbana de edificação porosa
141	Conclusões
142	Referências bibliograficas
145	3. Novas Terras
147	3.1 Projectar o resíduo
150	Casos de estudo
157	3.2 Reciclar
160	Casos de estudo
167	3.3 Práticas temporárias
170	Casos de estudo
177	3.4 Um projecto de Regeneração Urbana
179	Introdução
181	Porto, interfluvio dos rios Tinto e Torto e territorios adjacente
192 - 193	<i>Analise da Area de estudo e definição da Estratégia</i>
194 - 195	Elementos principais na Area Urbana do Porto
196 - 197	População
198 - 199	Aglomerado Urbano
200 - 201	Actividades
202 - 203	Edificação
204 - 205	Vegetação
206 - 207	Residuo
208 - 209	Cinco Unidades
210	Estratégia
211	Regulamentar
212	Incentivar
213	Projectar
213	Prioridades

215	A Rua de Azevedo
	<i>Estudo da Unidade Operativa</i>
222 - 223	Análise Unidade Operativa
224 - 225	Análise Resíduo
226 - 227	Análise Limites e Espaço público
228 - 229	Estratégia
230 - 231	Projecto Unidade Operativa
232 - 233	Projecto Resíduo
234 - 235	Projecto Limites e Espaço público
237	A Polaridade coletiva na Rua de Azevedo
	<i>Pormenorização da Unidade Operativa</i>
240 - 241	Planta e Cortes
242 - 243	Axonometric
244	Centro de Saúde
245	Centro de Ação Social
246	Jardim de Azevedo
247	Centro de Dia
248	Referências bibliográficas

251	Considerações finais de percurso e de perspectiva de trabalho
-----	---

253	Referências
-----	-------------

La vita è un insieme di bischerate prese sul serio.

Guido Corti